

NAS SELVAS DOS VALES
DO
MUCURI E DO RIO DOCE

Exemplar Nº 346

1954

OBRA EXECUTADA NAS OFICINAS DA EMPRESA GRAFICA DA
"REVISTA DOS TRIBUNAIS" LTDA.
SÃO PAULO — BRASIL

P. Fr. JACINTO DE PALAZZOLO, O.F.M. Cap.

NAS SELVAS dos VALES
DO
MUCURI e do RIO DOCE

COMO SURTIU A CIDADE DE ITAMBACURI

FUNDADA POR

FREI SERAFIM DE GORIZIA

Missionario Capuchinho

1873-1952

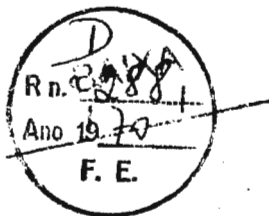
Com apresentação de ALCEU AMOROSO LIMA

SEGUNDA EDIÇÃO

(Contendo amplas notícias das novas cidades de Mantena e Ataléia)

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

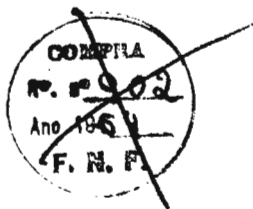
SÃO PAULO



Nihil Obstat quominus reimprimatur
Rio de Janeiro, 15 Maio 1952
Frei Cassiano de Villarosa
Censor O.F.M.Cap.

Nihil Obstat:
Rio, 20 de Maio de 1952
Côn. Cipriano Bastos

Pode imprimir-se
Rio, 24 de Maio de 1952
Mons. Caruso
Pro Vigario Geral



"FREI SERAFIM NÃO É MENOS
MERECEDOR DE UMA ESTATUA DE
MARMORE DO QUE MARCHETTI NOS
ESTADOS UNIDOS. A SUA OBRA
NÃO É MENOS GRANDIOSA DO QUE
A DO PADRE ANCHIETA. SI O BRA-
SIL TIVESSE UMA DUZIA DE TAIS
HOMENS!"

(Dom Joaquim Silverio de Sousa — Do
Tombo da Freguezia de N. S. dos Anjos —
Itambacuri)

"Com o afastamento de Teófilo Otoni,
os selvagens do Mucwi vão esperar trinta anos
pela emocionante ação catequizadora dos pa-
dres Capuchinhos, sob a direção de Frei Se-
rafim de Gorizia e Frei Angelo de Sassofer-
rato, duas nobres figuras do nosso patrimônio
histórico."

(Paulo Pinheiro Chagas — Teófilo Otoni,
Ministro do Povo.)

FAC. EDUCAÇÃO ~~PRIVA~~ BIBLIOTECA

ÍNDICE

Apresentação de Abreu Amoroso Lima	13
ANTELOQUIO	17
Para a 2. ^a Edição	
FONTES	
INTRODUÇÃO (Um pouco de história franciscana)	29
CAPÍTULO I — MISSÃO OFICIAL DOS MISSIONÁRIOS CAPUCHINHOS NO BRASIL	35
I. A Ordem dos Frades Menores Capuchinhos no Brasil — II. Decreto do Governo Imperial chamando os Capu- chinhos da Itália — III. Os Capuchinhos na Catequese dos Selvícolas e na pregação das Missões ambulantes — O que dizem os Relatórios oficiais — IV. Com o Exér- cito Brasileiro na Campanha do Paraguai — V. Um Memorial incompreendido.	
CAPÍTULO II — OS FUNDADORES DE ITAMBACURI	49
I. Encontro providencial — II. Aos pés de Pio IX — III. Rumo ao Brasil — IV. No Hospício do Morro do Castelo — V. Os protagonistas: Frei Serafim de Gorizia — VI. Frei Ângelo de Sassoferrato.	
CAPÍTULO III — A CATEQUESE DOS SELVÍCOLAS (1872)	59
I. Nomeação e incumbência de catequizar os índios do Vale do Mucuri — II. Em Ouro Preto com o Diretor Geral dos Índios — Instruções oficiais — III. Rumo ao campo do apostolado — IV. Filadélfia — Teófilo Otoni — V. Os aborígenes do Mucuri.	
CAPÍTULO IV — EM PLENA FLORESTA	71
I. Os índios do Brasil — II. Os primeiros trabalhos em busca da terra de Canaán — III. Palavras proféticas: "Daqui não saireis mais" — IV. ITAMBACURI!	

CAPÍTULO V — FUNDAÇÃO DO ALDEAMENTO (1873) 85

I. De como os Missionários abriram o primeiro caminho Itambacuri — Filadélfia — II. Sacrificios inenarráveis: a fome, sepultado vivo — III. O flagelo dos mosquitos — IV. Primeira Missa na floresta virgem do vale do Itambacuri — V. Como falou Frei Serafim nessa ocasião aos selvícolas e aos civilizados — VI. Os índios Aranás ameaçam fazer guerra — VII. Os frutos dos primeiros anos através de um Relatório.

CAPÍTULO VI — PRIMEIRO LUSTRO EM PLENA FLORESTA 102

I. Obstáculos encontrados para reunir os índios no novo Aldeamento — II. Índios de diversas tribus acorrem ao Aldeamento — III. Como sustentá-los? Promessas que se não cumprem — IV. Primeiro contáto de Frei Serafim com os terríveis Pojichás — Projetos — V. Viagem de Frei Serafim à Corte — VI. Encontro com D. Frei Vital — VII. Desilusões e contrariedades — VIII. Mais um expressivo Relatório.

CAPÍTULO VII — PRIMEIRA VISITA PASTORAL (1878) 120

I. Luço — II. D. João Antônio dos Santos — III. Primeira visita pastoral no Itambacuri — IV. A Catequese próspera: Encantos da vida espiritual — V. Valioso depoimento de um sacerdote secular brasileiro — VI. O que diz o Diretor Geral dos índios em Relatório ao Ministro da Agricultura.

CAPÍTULO VIII — PERSEGUIÇÕES 138

I. Fazendeiros versus Aldeamento ou Civilização contra Civilização — II. Escasseiam os recursos — III. Expressivo Inventário — IV. Medida acertada e corajosa: "Honra aos caboclos pioneiros"! — V. Uma voz injusta e uma resposta ao pé da letra — VI. Merecidos encomios.

CAPÍTULO IX — A MATRIZ DE NOSSO SENHORA DOS ANJOS (1873-1883) 163

I. Construção da Matriz de N. S. dos Anjos — II. Projetos promissos e falta de verbas — III. Bênção do Templo e do cemitério — IV. Jubileu do "Perdão de Assis e o Breve de Leão XIII".

CAPÍTULO X — OS POJICHÁS 175

I. Quem eram os Pojichás? — II. Odio e sangue — III. O problema das vocações sacerdotais — IV. Grandiosos projectos — Estado do Aldeamento em 1884 — V. Frei Serafim vai ao encontro dos Pojichás — VI. Malôgro do arriscado empreendimento — Traição? Nem tudo está perdido!

CAPÍTULO XI — MASSACRE DOS LINGUAS (1885) 192

I. O fruto da boa semente: os Pojichás procuram o Aldeamento — II. Faltam recursos, apelo ao Imperador — III. Contando com o auxilio da Divina Providencia para sustentar 500 Pojichás — IV. Covarde emboscada dos civilizados contra os indios — Vingança destes e massacre dos "linguas" — V. Rebatendo falsidades.

CAPÍTULO XII — O ALDEAMENTO PROGRIDE 205

I. Considerações melancólicas — II. O Aldeamento progride — Assombrosa atividade dos Missionários — III. Seis anos depois, ainda os Pojichás — IV. Finalmente aldeados.

CAPÍTULO XIII — OS INIMIGOS PLEITEIAM A EMAN-
CIPAÇÃO DO ALDEAMENTO (1888) 214

I. Periodo aureo do Aldeamento — II. A cobiça e a liberdade de comércio — III. Mesquinha vingança: — Emancipação do Aldeamento! — IV. Um Cavalleiro da boa causa — V. Vozes amigas: Justiça!

CAPÍTULO XIV — ESTRADAS 229

I. Expedições Martin Carvalho, Spinoza Navarro — II. As primeiras estradas — III. Estrada Itambacuri-Teófilo Otoni — IV. Frei Serafim, engenheiro? — V. Estrada Itambacuri-Figueira.

CAPÍTULO XV — PRENUNGIOS DE BORRASCA 242

I. A seca e as caravanas de flagelados: Para a mata! — II. Cidadão Ministro, já se morre de fome no norte de Minas — III. Casamentos entre nacionais e indios e seus beneficios — Dificuldades criadas pelo contrato civil.

CAPÍTULO XVI — INGRATIDÃO (1893)	252
<p>I. Causas próximas da revolta dos índios — II. As lágrimas do Pojichá — III. Frechados: "Minha Mãe Santíssima, tomai conta de mim"! — IV. Os socorros e a defesa — V. Um pressentimento.</p>	
CAPÍTULO XVII — SOLIDARIEDADE CONFORTADORA	262
<p>I. Regozijo dos amigos — II. Felicitações e bênção dos superiores — III. A Diretoria Geral restabelece a verdade — IV. Apoio do Governo — V. Veneno Setário.</p>	
CAPÍTULO XVIII — DEPOIS DO FURACÃO	274
<p>I. Retomando a marcha — II. Como Frei Serafim narra a tragédia — III. Denúncia inepta e resposta arrazadora — IV. Confiança no futuro.</p>	
CAPÍTULO XIX — NOVOS RUMOS	291
<p>I. Dois benemeritos: Francisco Sá e Carlos Leopoldo Prates — II. Visita proveitosa — Relatório — III. Reparação e desagravo — IV. Frutos de um Relatório.</p>	
CAPÍTULO XX — ESCOLAS E PROFESSORES	302
<p>I. A Igreja e a Escola gratuita: primeiros professores no Aldeamento de Itambacuri — II. Escola para Meninas e suas primeiras mestras: D. Romualda Orfão de Meira e a índia D. Delfina Bacau de Arana — III. Manoel Pereira Tangrins e Domingos Pacó.</p>	
CAPÍTULO XXI — TRISTEZAS DE UM FIM DE SÉCULO	310
<p>I. Outra vez a seca — II. Um arrojado Bandeirante — III. Restos de Botocudos voltam a assolar as estradas — IV. Sugestões extremas e ação dos Missionários — V. Malevola insinuação e um protesto — VI. Massacre de uma pobre família — Mais uma vez a mansidão cristã desarma os últimos selvagens.</p>	

CAPÍTULO XXII — SENHOR MANDAÍ OPERÁRIOS! .. 328

I. Um grande amigo de Itambacuri: D. Joaquim Silverio de Sousa — II. Um problema vital sem solução e os Colegios — III. Senhor, mandai operários na vossa vinha! — IV. Nova organização hierárquica das Missões Cunchinhas — V. Finalmente chegam os primeiros Missionários.

CAPÍTULO XXIII — O COLEGIO SANTA CLARA (1907) 341

I. Construção do Edifício — II. Inspeção escolar e visita do engenheiro Emílio Schnor — III. As Irmãs Clarissas Franciscanas Missionárias do Santíssimo Sacramento — IV. O Batismo do Colégio — V. Chegada das Irmãs ao Itambacuri e início do seu apostolado — VI. Equiparação do Colégio Santa Clara a Escola Normal.

CAPÍTULO XXIV — APRENDIZADO AGRÍCOLA 359

I. Patriótica iniciativa do Presidente João Pinheiro — II. Frei Vicente de Licolia e o ensino pratico de Agricultura Mecânica — III. Velhas experiencias e oportuno parecer — IV. Do Campo Pratico ao Aprendizado Agrícola — testemunhos insuspeitos — V. Mais uma proveitosa visita do Dr. Carlos Prates ao Itambacuri — VI. O Dr. Pertela e a verdade historica.

CAPÍTULO XXV — EMANCIPAÇÃO (1911) 376

I. Criação e instalação do Distrito e seus limites — II. Continuação da Colônia administrada pelos mesmos Directores — III. Municipio autónomo — Posição geográfica, limites atuais e vias de comunicação — IV. Criação da Comarca — VI. Relação dos administradores de Itambacuri.

CAPÍTULO XXVI — PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DOS ANJOS (1911) 395

I. Decreto diocesano creando a Paróquia — II. Provisão do primeiro Vigário — III. As Paróquias de Malacacheta, Concordia, Poté e a região de Santa Rosa — IV. Paróquia regular entregue à Ordem e seu progresso — V. Relação dos Vigários.

CAPÍTULO XXVII — NOVAS PARÓQUIAS	407
<p>I. De como se cumpriram as previsões dos Fundadores — II. A praga dos latifúndios e a voz da Igreja — III. Desmembramento do antigo território da paróquia de N. S. dos Anjos e criação de novas freguesias — IV. Um Pioneiro — V. Apêndice: Cidade e Paróquia de Mantena — Cidade e Paróquia de Ataléia.</p>	
CAPÍTULO XXVIII — NOVOS TEMPOS	437
<p>I. Novo Convento e Seminário — II. Campo de Pouso e Serviço Especial de Saúde Pública III. Mais Grupos Escolares — IV. Expansão da cidade, novas ruas e loteamento — Fabricas e Bancos — V. Album de nomes illustres.</p>	
CAPÍTULO XXIX — TÚMULOS GLORIOSOS	443
<p>I. Frei Serafim de Gorizia — II. Frei Ângelo de Sassoferrato — III. Frei Gaspar de Modica.</p>	

Apresentação de Alceu Amoroso Lima

Da Academia Brasileira de Letras

Não me cansarei de insistir na necessidade de iniciarmos séria e firmemente a sistematização de nossa historia eclesiastica, a História da Igreja no Brasil. Material temos já abundante; pessoas capazes de realizarem o grandioso empreendimento não nos faltam felizmente e é, graças a Deus, verdade que a história civil do Brasil é, peça por peça, entretecida de sua história eclesiastica.

Em alguns sectores, já está feito o definitivo. Por exemplo, a Companhia de Jesus, com o rigor e continuidade de seus cronistas e, recentemente, com a obra do Padre Mardureira e, agora, do Padre Serafim Leite, preparou sua contribuição de maneira a dar resposta á famosa sentença de Capistrano de Abreu, de que era impossível escrever a história do Brasil, antes de escrever a história da Companhia de Jesus no Brasil.

Não se dá o mesmo, porém, em outros aspectos. Mesmo no tocante á participação das demais Ordens Religiosas na nossa colonização, se muita coisa anda por aí esparsa a exigir e estimular esse trabalho de síntese, muito é ainda preciso fazer para não se cometer a injusta omissão dos que não pouparam sacrifícios e cansaças em benefício da cristianização de nossa Pátria. Nomeadamente convém aqui lembrar a colaboração dos franciscanos, operários de primeira hora, neste apostolado tão conforme ao espirito de S. Francisco, sempre tão sequioso da expansão do reino de Cristo.

Seria desnecessário dizer que começa um belo movimento de recomposição histórica dêsse trabalho. Frei Basílio Röwer e Frei Fidelis de Primerio estão dando conta dessa meritória tarefa ao lado de outros franciscanistas. Mesmo porque começa a haver um movimento franciscanista no Brasil, na singeleza e humildade das coisas animadas por S. Francisco. Discreto mas profundo, silencioso mas eficaz, não quer *aparecer*, quer *operar*, ou melhor, *quer que Cristo opere*. Entretanto, por amor á verdade histórica e para que *a candia não se esconda sob a medida*, a História Ecclesiastica do Brasil está exigindo mais trabalhadores neste sector e neste estágio preparatório. Hoje se pode dizer que a história do Brasil não pode ser escrita antes que se faça a história *religiosa* do Brasil. Antes, porém, que venha o Fortunato de Almeida brasileiro, vamos nos contentando com as contribuições parciais, algumas de alto valor como esta a que me é dada a honra de apresentar ao público brasileiro.

Não tenho dúvida em afirmar que este livro que Frei Jacinto de Palazzolo, Superior dos Padres Capuchinhos do Rio de Janeiro, oferece ao público nacional, é uma obra genuinamente marcada com esse signo franciscano e com esse timbre de valiosíssima contribuição á nossa grande obra definitiva. Duvido, sim, que o ilustre filho de S. Francisco tenha tido esta intenção. A meu vêr quis êle apenas pôr em relevo, na imensa admiração e fraternal amizade pela memória de uma alma maguânima que pertenceu á sua Ordem, a ação, a caridade, o zelo missionário, a sabedoria divina e humana do fundador de Itambacuri. E, na verdade, conseguiu, com mão de mestre, traçar a biografia de um homem, por todos os títulos, notável, apesar da invencível humildade franciscana, e emoldurou esta biografia na história de uma cidade que emerge, para a civilização, do fundo da mata virgem.

Mas, qualquer que tenha sido a intenção, ha neste livro um dos mais legítimos quadros da vida dos filhos de S. Francisco no Brasil. A semelhança de Bonifacio, Columbano e Patrício, abrindo clareiras nas densas florestas para aí assentarem cidades cristãs, conquistando, desta maneira, bênçãos para S. Bento, Frei Serafimi de Gorizia, fixando, nos confins de Minas Gerais, bem no centro de suas matas verdejantes, uma aldeia de índios que se foi transformando, ao calor de sua inexcedível solicitude, em prospera cidade, firmou para os capuchinhos os foros de tão bons colonizadores como os que melhores o foram. Causa emoção ver êste sabio capuchinho, impressionante na sua autoridade moral e no seu porte magestoso, com toda a probabilidade descendente de velho tronco da nobreza austríaca, amigo pessoal de seu imperador, fechar tumularmente o seu passado e dedicar toda a bela existência, da plena fôrça da maturidade ás neves da ancianidade a que atingiu para morrer, á obra salutar mas escondida de trazer à civilização e ao conhecimento do cristianismo os selvícolas de uma então obscura região brasileira. Vale a pena de ser lembrado o fato de advogar êsse *frade estrangeiro*, filho de uma brilhante civilização, junto ao Governo, a preferência de catequese dos selvagens sôbre a imigração de colonos de outras nacionalidades. Vale a pena de ser focalizado o fato de pôr em pratica êsse emérito colonizador a mistura de raças, estimulando, quanto esteve em suas possibilidades, o casamento de índios e civilizados, apressando assim, a assimilação dos nossos aborígenes. Vale a pena de ser salientada a orientação economica dêsse religioso, amante da pobreza, que, sem descurar a formação religiosa a ponto de conseguir dos selvagens que êstes cantassem, na gravidade do canto litúrgico, as cerimônias do culto divino; sem prejuizo da formação moral e civica, sem se esquecer da instrução propriamente dita, chegando a aproveitar no

magisterio os mesmos filhos dos bugres, conseguiu afinal formar um patrimônio municipal muito acima do comum, ao mesmo tempo que estimulou a fortuna particular de seus catequizados.

Sem dúvida, êste livro nos oferece uma expressiva figura de civilizador e um excelente padrão de catequese. O tempo não consegue senão realçar mais a obra de Frei Serafim. Esta obra honra sua Ordem, honra o Brasil, honra a Igreja.

O ilustre historiador mineiro, snr. Paulo Pinheiro Chagas, em trecho tão expressivo que mereceu figurar como uma das epígrafes desta obra, já fez a devida justiça á ação civilizadora de Frei Serafim, vindo retomar trinta anos mais tarde a obra iniciada por Teófilo Otoni.

Seu companheiro de hábito, Frei Jacinto, vem agora tornar pública essa missão, de tantos desconhecida, que liga o nome dessa grande figura esquecida de Frei Serafim, á mais autentica formação civilizadora do sertão brasileiro. Presta com isso um verdadeiro serviço á história religiosa do Brasil; realça os méritos dessa admiravel Ordem de S. Francisco em nossa terra e traz una contribuição preciosa á história da catequese dos nossos selvícolas.

Rio — Maio de 1944.

ALCEU AMOROSO LIMA

ANTELÓQUIO

Entre os diversos aldeamentos indígenas do nordeste de Minas: "Imaculada Conceição do Rio Doce", Entueto, Poaia e Itambacuri, fundados na mesma época pelos Missionários Capuchinhos, o de N. Senhora dos Anjos do Itambacuri foi o único que, vencendo gallardamente provações e obstáculos de todo gênero, atingiu a meta almejada e realizou seu admirável programa.

Itambacuri é, hoje, uma bela e florescente cidade, com um futuro promissor a lhe sorrir.

Naquelas extensas e espessas matas virgens, outrora habitadas por feras e ferozes selvagens, existe hoje, graças ao sacrifício dos seus heróicos fundadores, um dos mais importantes municípios do Estado de Minas, com ubérrimas terras e inesgotáveis recursos.

Desbravada a mata impenetrável, assimilados e incorporados à vida civil milhares de índios, rasgadas estradas em todas as direções, pontilhado o vasto território de pequenas igrejas e de escolas, vive hoje, dentro de suas fronteiras, uma população considerável, laboriosa, morigerada e, sobretudo, cristã.

Ao reorganizar, há tempo, o arquivo da Ordem do Convento de São Sebastião, tive a atenção despertada por velhos papeis, cartas e relatórios que diziam respeito a Itambacuri. Após rápido exame verifiquei a importância do material existente para a história.

Nasceu daí o desejo de conhecer a cidade de Itambacuri e a ocasião se me ofereceu em julho de 1942, quando

preguei na sua Igreja Matriz a novena de N. S. dos Anjos, padroeira do Itambacuri, cuja festa ocorre em 2 de agosto. Regressando ao Rio de Janeiro, externei minha emoção num breve artigo publicado no boletim "O Sino de S. Sebastião". A leitura d'essas linhas despertou, entre os Irmãos Terceiros e amigos, o desejo de melhor conhecerem a história da cidade de Itambacuri fundada pelos capuchinhos, Frei Serafim de Gorizia e Frei Ângelo de Sassoferrato.

Pensei, então, em juntar e organizar todos os elementos e a documentação necessária e, cedendo aos pedidos de amigos, enfeixei-os, sem pretensões nestas humildes páginas, que encerram a HISTÓRIA DE UMA CIDADE MINEIRA — ITAMBACURI.

* * *

A história do Itambacuri pode ser compendiada em duas partes, abrangendo duas épocas distintas. A primeira vai da fundação, 1873, à revolta dos Índios — 1893. A segunda abrange meio século e vai da revolta, 1893, aos nossos dias.

A primeira enfeixa 20 anos, durante os quais os dois apóstolos do Mucuri, P. Fr. Serafim de Gorizia e Fr. Ângelo de Sassoferrato realizaram uma obra imperecível: a fundação, estabelecimento e organização de um aldeamento modelo, lançando, sôbre sólidas bases, os alicerces da atual cidade de Itambacuri.

Encerram êsses quatro lustros de história, sem hipérbole, um poema heróico, entretido de sacrifícios inenarráveis, e de generosas dedicações, que formam a mais refulgente e merecida glória dos abnegados capuchinhos Frei Serafim de Gorizia e Frei Ângelo de Sassoferrato.

Na segunda época, mais dilatada no tempo, ergueu-se o monumento magestoso e magnífico: — Itambacuri. Sur-

giram outras figuras, brilharam outros apóstolos que, guiados pelo exemplo, conselhos e experiência dos fundadores, continuaram a desenvolver a obra já mui bem encaminhada.

Frei Gaspar de Mógica e Frei Vicente de Licodia, entre todos, merecem especial menção. Este último, ainda em plena atividade, no posto de sacerdote, relembra saudoso os primeiros anos de apostolado em companhia dos fundadores de Itambacuri.

Frei Gaspar de Mógica domina, porém, como figura central a segunda época. É ele o herdeiro fiel e o feliz continuador da grande obra. Soube aliar à visão genial e à paixão apostólica de Frei Serafim a incansável atividade e a dedicação ilimitada de Frei Ângelo. Auxiliado por bons companheiros conseguiu realizar os sonhos dos fundadores. Alguns como Frei Boaventura e Arcângelo de Mógica, encanecidos nos longos anos de serviços prestados à vasta paróquia, desfrutam hoje, no declinar da existência, o respeito e a veneração daquele bom povo. Frei Gaspar, quando ainda vivia um dos fundadores, Frei Ângelo, valetudinario assistiu à instalação do município e da Escola Normal e viu crescer, dia a dia, vertiginosamente, o maravilhoso progresso da Cidade de Itambacuri. A morte colheu-o prematuramente, mas o muito que realizou perpetua-lhe o nome na história.

Aos atuais capuchinhos, a cujas mãos moças está confiada a direção espiritual da paróquia de Nossa Senhora dos Anjos, sobeja zêlo e dedicação para manter altas as tradições gloriosas dos antepassados.

Desejamos porém, com todas as véras da nossa fé e com todo o ardor do coração, que à Custódia dos Frades Menores Capuchinhos do Rio de Janeiro conceda Deus, no mais breve tempo, numerosos e bons sacerdotes para o labor apostólico de tão vasta e tão preciosa seara.

É possível que estas páginas caiam nas mãos de estranhos ou curiosos: não será máu que eles conheçam, então, o que fazem os Frades Menores Capuchinhos, além das penitências e orações da sua vida austera.

* * *

Finalmente, lembro ao leitor que a História do Itambacuri está indissolivelmente ligada aos seus dois heróicos fundadores — Frei Serafim de Gorizia e Frei Ângelo de Sassoferrato.

A Providência Divina juntou-os para servirem à mesma causa e realizarem a mesma obra e ambos corresponderam docilmente aos seus planos.

Os fatos aqui narrados o confirmam plenamente e envolvem os nomes dos humildes capuchinhos e a cidade por eles fundada no mesmo nimbo de glória imortal.

Rio de Janeiro, 13 de Setembro de 1954.

P. Fr. JACINTHO DE PALAZZOLO, *O.F.M.* Cap.

AO LEITOR

Solicitados instantemente, resolvemos reeditar esta monografia cuja primeira edição teve a melhor acolhida, exgotando-se em pouco tempo.

Em dois novos capítulos, registamos a marcha vertiginosa do progresso e as notícias históricas das novas cidades de Mantena e Ataléia, surgidas como por encanto nos vales do Mucuri e do Rio Doce.

Agradecemos aos que nos facilitaram as buscas e nos forneceram preciosos informes, notadamente aos srs. Prefeitos municipais de Itambacuri, Mantena e Ataléia.

Nossa gratidão, também, aos eminentes homens de letras, Dr. Alceu Amoroso Lima, que gentilmente fez a apresentação, e aos senhores Luiz da Câmara Cascuda, Oto Prazeres, Assis Memória, Mesquita Pimentel, Frei Pedro Sinzig, ao saudoso poeta franciscano, Durval de Moraes e a outros, que, em revistas e jornais, assinaram artigos, apreciando e valorizando nosso despretençioso trabalho, com o prestígio de seus nomes ilustres.

Rio de Janeiro, 4 de Outubro, Festa de S. Francisco de Assis, 1952.

O AUTOR

FONTES

MANUSCRITOS:

- SASSOFERRATO, FREI ÂNGELO DE — Sinópse da Missão Catequese dos Selvícolas do Mucuri, Estado de Minas Gerais. Formato grande, páginas 70, arquivo do Convento de São Sebastião, Rio de Janeiro.
- PAHOC, DOMINGOS — Uma Pequena Narração ou origem de como foi descoberto o Itambacuri. Formato grande, pag. 12. Arquivo do Convento de São Sebastião, Rio.
- CORRESPONDÊNCIA, OFÍCIOS E RELATÓRIOS — 3 Vol. somando 400 páginas, formato grande, contendo grande parte da correspondência oficial que os Diretores do Aldeamento indígena de Itambacuri enviavam ao Diretor Geral dos Índios em Ouro Preto e Belo Horizonte, ao Ministro da Agricultura, ao Bispo Diocesano e ao Prefeito Apostólico no Rio de Janeiro. Arquivo do Convento.
- CARTAS de Frei Serafim ao Ministro Geral da Ordem e ao Prefeito Apostólico e outros. Arquivo do Convento.
- LIVRO DE TOMBO da Freguesia de Nossa Senhora dos Anjos de Itambacuri. Arquivo do Convento de Itambacuri.
- COMISO, FREI INOCÊNCIO, O. F. M. Cap. — Breves Notícias Históricas das Principais Capelas da Freguesia Regular de Itambacuri. Arquivo do Convento, Rio.
- AVOLA, FREI FIDELIS DE — Livro de lembrança para o governo da Missão do Hospício do Morro do Castelo, Arquivo do Convento, Rio.

BIBLIOGRAFIA:

- PRIMEIRO, FREI FIDÉLIS DE, O. F. M. Cap. — Capuchinhos em Terras de Santa Cruz, São Paulo, 1942.

- FERREIRA GODOFREDO — Bandeirantes Modernos. Teófilo Otoni, 1934.
- TETTEROO, FREI SAMUEL, O. F. M. — Notas Históricas e Corográficas. Município de Teófilo Otoni, 1922, Belo Horizonte.
- ARAUJO AGUIRRE, Em Plena Floresta, 1920, Rio.
- MENDONÇA, J. V. DE — Frei Gaspar de Módica, Itambacurí, 1932.
- CHAGAS, PAULO PINHEIRO — Teófilo Otoni, Ministro do Povo. 1943, Rio de Janeiro.
- ANUÁRIO HISTÓRICO-COROGRÁFICO DE MINAS GERAIS, pelo Dr. Nelson de Sena. Ano III, 1909, Belo Horizonte.
- LICÓDIA, FREI VICENTE DE, O. F. M. Cap. — Quarenta anos de vida apostólica. Artigo na A FAMÍLIA, n.º 34, 12 de abril de 1913.
- CARVALHO, CELSO — DOM JOAQUIM, Petrópolis.
- CASTROGIOVANNI, PADRE GIUSEPPE — Notizie Storiche, 1910, Catânia.
- GENNAIUOLI, PROF. PADRE JOSÉ — A Serva de Deus Madre Maria Clara Serafina do Santíssimo Sacramento, traduzido do italiano por uma religiosa da Congregação.
- PRADO, J. F. DE ALMEIDA — Pioneiros Povoadores do Brasil. Brasileira. S. Paulo, 1935.
- VASCONCELLOS, DIOGO — História antiga de Minas Gerais. História Média de Minas Gerais
- CHIARAMONTE, FREI SAMUEL DE. — Fra i Selvaggi.
- ANALECTA ORDINIS MINORUM CAPUCCINORUM — Coleção, 1884-1943 - Curia Generalis. Roma.
- JORNAIS, "O ITAMBACURÍ", — "A VOZ DO SANTUÁRIO", — Itambacurí, "O MUCURÍ", — "A FAMÍLIA" — Teófilo Otoni, coleções.
- REINALDO OTONI PORTO — Notas Históricas do Município de Teófilo Otoni — 1928 — Tip. S. Francisco — Teófilo Otoni.

CRONOLOGIA

- 1861 — O Governo Imperial solicita a presença de um missionário Capuchinho em Filadélfia para pacificar os Índios que no dia 3 de maio praticaram sérios distúrbios no dito lugar.
- 1872 — Encontro de Frei Serafim com Frei Ângelo em Roma (Janeiro).
- 1872 — Ambos embarcam para o Brasil (Março)
- 1872 — No Hospício do Morro do Castelo (Abril)
- 1873 — Chegam em Filadélfia (Fevereiro)
- 1873 — Fundação do Aldeamento de Itambacuri (13 de abril)
- 1875 — Primeiro encontro com os índios Polichás.
- 1877 — Bênção e colocação da primeira pedra da Matriz e do Cemitério.
- 1878 — Primeira visita pastoral ao Aldeamento pelo Bispo diocesano D. João Antônio dos Santos.
- 1883 — Inauguração da Matriz e bênção do Cemitério.
- 1884 — Segundo encontro de Frei Serafim com a tribo dos Pojichás.
- 1885 — Massacre dos "línguas".
- 1885 — Na fazenda da Liberdade: massacre de cerca de 40 índios Pojichás.
- 1888 — Mesquinha vingança de um negociante (Liberdade de comércio?).
- 1889 — A sêca e os ilagelados.
- 1893 — Revolta dos índios e fechamento dos Padres Diretores (24-5).
- 1895 — Visita do Engenheiro Versiani e Carlos Prates.
- 1902 — Visita Pastoral de D. Joaquim Silvério de Sousa, Bispo Coadjutor: idéia do colégio para meninas.
- 1907 — Chegada das Irmãs Clarissas Franciscanas Missionárias do SS. Sacramento para dirigir o Colégio de "Santa Clara".
- 1911 — Criação do Distrito de Paz e da Paróquia.
- 1911 — Transformação do campo prático de cultura agrícola mecânica em Aprendizado Agrícola.
- 1918 — Morre Frei Serafim (3 de dezembro).
- 1924 — Instalação do Município autônomo (Maio).
- 1926 — Morre Frei Ângelo de Sassoferrato (2 de junho)

- 1932 — Morte Frei Gaspar de Mógica (16 de Maio)
- 1937 — Visita do Exmo. Sr. NÚNCIO APOSTÓLICO, D. BENITO ALOISI MASELLA ao Itambacurí (2 de agosto).
- 1934-942 Construção do novo Convento.
- 1943 — Desmembramento do território do Município de Itambacurí e criação de 3 outros.
- 1943-947 Reconstrução do Santuário de N. S. dos Anjos.
- 1949 — Criação da Comarca (6 novembro).
- 1949 — Criação de novas Paróquias desmembradas da Freguezia de N. S. dos Anjos.
- 1952 — Início das obras de construção do Campo de Pousos.

NAS SELVAS DOS VALES
DO
MUCURI E DO RIO DOCE

INTRODUÇÃO

Narra-se na vida do seráfico Patriarca São Francisco de Assis, que indo êle um dia através do vale de Spoleto, ao chegar perto de Bevagna, encontrou ali reunida uma grande multidão de aves de diferentes espécies. A elas se dirigiu, saudou-as como era seu costume e as convidou a ouvirem a palavra de Deus! As aveziinhas escutaram com atenção o sermão e no fim fizeram grande festa ao pregador, mostrando maravilhosamente sua aprovação. São Francisco, mui satisfeito, despediu-as, abençoando-as e elas, dividindo-se em quatro grupos, rumaram em direção aos quatro pontos cardeais, que o Seráfico Santo lhes apontou.

Alguem viu nêsse lindo e poético episódio, já tantas vezes ilustrado pela poesia e pela pintura, uma imagem e um símbolo do que seria o assombroso desenvolvimento da Ordem por êle fundada e sua rápida propagação sôbre a terra. O espírito missionário que animou e abrasou o próprio São Francisco, comunicou-se aos companheiros e ficou como rica herança transmitida de geração em geração aos seus filhos das várias reformas que se operaram no seio da Ordem no correr dos tempos, constituindo o mais belo traço da Ordem Franciscana.

* * *

A história consagrou São Francisco de Assis como um dos maiores reformadores. Sua ação se fez sentir profundamente na sociedade do seu tempo, fazendo reviver em

todas as camadas sociais o espírito do Evangelho num século dominado pela violência e pelo ódio.

Divinamente inspirado, acudindo às necessidades da sua época, fundou três Ordens religiosas: a dos Frades Menores, (Primeira Ordem); das Senhoras Pobres, (Clarissas — Segunda Ordem); e a dos Irmãos da Penitência (Terceira Ordem).

A Primeira, a dos Frades Menores é formada de três grandes famílias religiosas, que correspondem à tríplice forma de vida franciscana sucessiva e legitimamente introduzida, aprovada e vivida na Ordem Minorítica pelos filhos do seráfico Patriarca, delineada em termos lapidares e solenemente sancionada pelo sapientíssimo Leão XIII.

As três famílias, que compõem a Primeira Ordem seráfica, são perfeitamente e em tudo iguais entre si, tendo a mesma origem, a mesma natureza, idênticos direitos e privilégios. Seus membros, pela natureza das coisas e da verdade histórica, conforme declaram as decisões pontifícias, particularmente as de Pio X, são igualmente Frades Menores "*pari plemoque iure*" e verdadeiros filhos do santo fundador, sem diferença e distinção alguma. Os três respectivos Ministros Gerais são "*dignitate et potestate parcs*" e, para os respectivos súditos, legítimos sucessores do seráfico Patriarca São Francisco. Em virtude de especial concessão do Santo Padre Leão X com a Bula "*Itc et vos*", de 29 de maio de 1517, a primeira dessas três famílias, que formam a Ordem dos Frades Menores, é a que, com caracteres e sobrenome próprio, se ficou chamando Ordem dos Frades Menores, a segunda é a dos Frades Menores Conventuais e a terceira a do Frades Menores Capuchinhos.

A Ordem Franciscana surgiu no seio da Igreja providencialmente, como um grande e destenido exército a serviço da grande causa, na hora de maior necessidade.

Seu santo Fundador, que o Papa Inocência III viu em sonho escorar com os ombros a basílica de Latrão em ruína, era bem o homem de Deus escolhido pela Providência para salvar a santa Igreja.

A história pronunciou já seu definitivo e irrevogável juízo acerca da obra de São Francisco, conhecido como sendo o maior reformador depois de Jesus Cristo.

São Francisco de Assis reformou a sociedade do seu tempo fazendo reviver o espírito do Evangelho através das três Ordens por êle fundadas.

OS CAPUCHINHOS

Este robusto e vigoroso ramo da grande árvore franciscana aparece numa hora sombria e prenhe de trágicas apreensões para a Igreja, justamente quando a Reforma Luterana desfraldava no seio da cristandade a bandeira da revolta.

Corria o ano de 1525. — Mateus de Básccio — “o austero filho das montanhas umbras”, no dizer de Pastor, divinamente inspirado, desejoso de seguir uma vida mais perfeita, norteadá pela observância rigorosa da Regra de S. Francisco, iniciou dentro da Ordem uma reforma, vendo-se em breve cercado de outros companheiros animados pelos mesmos desejos de perfeição franciscana. (1)

Esta nova tentativa de reforma, na qual tomaram parte religiosos franciscanos de reputação ilibada e de esmerada

(1) São Francisco de Assis nasceu na Itália, no ano de 1181, faleceu em 1226 e foi canonizado em 1228. Fundou a 1.ª Ordem, a dos Frades Menores, em 1209, a 2.ª, a das Clarissas, em 1212 e a 3.ª Ordem da Penitência em 1221.

piedade, não foi bem recebida pelos superiores da Ordem que temiam perder os melhores religiosos. Por esta razão, porfiada foi a luta e grandes as perseguições que os bons e santos iniciadores da Ordem Capuchinha tiveram que sofrer. Mas venceram afinal, transpondo todos os obstáculos, até que os romanos pontífices lhes concederam aprovação.

Com a legítima aprovação papal a nova Ordem cresceu prodigiosamente. (2)

O nome "CAPUCHINHOS" não foi por eles escolhido. Deus se encarregou de o fazer brotar da boca das crianças, desta maneira: Narra-se que, aparecendo pela primeira vez os Frades da nova reforma franciscana na cidade de Camerino, as crianças, cheias de curiosidade, cercaram-nos e, em vista daquela estaménha e capuz de forma comprida que os cobria, começaram a gritar, fazendo-lhes festa: "Os Capuchinhos"! "Os Capuchinhos!" (3)

Os bons frades viram nisto uma voz do céu e receberam com prazer o nome que as crianças de Camerino lhes deram, passando, assim, a se chamarem — Frades Menores Capuchinhos.

Que esta reforma foi inspirada por Deus prova-o a sua própria vida de quatro séculos. Os copiosos frutos e a sua qualidade atestam — conforme a palavra de Nosso Senhor no Evangelho — a bondade da árvore.

Basta citar a legião de santos que a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos tem dado à Igreja, como um São Felix de Cantelice, São Lourenço da Brindisi, São Fidelis de Sigmaringa, protomártir da Propaganda Fide e outros, sem contar o grande número de Veneráveis e Bemaventurados.

Os Capuchinhos, com a simplicidade encantadora de sua vida apostólica, ganharam imediatamente a simpatia univer-

(2) Cf. Bula Pontifícia "Religionis Zelus" — 1528.

(3) Da Chiarantone — Memorie Storiche, Modica — 1895 — p. 11

sal dos povos. Nas grandes epidemias, que freqüentemente assolavam a humanidade, elles se distinguiram em todos os países pela heróica abnegação, que custou o sacrificio da vida a centenas deles.

A prodigiosa difusão e a numerosa série de santos, que a illustraram em todos os tempos até aos nossos dias, constituem prova evidente de que lhe não faltou a bênção de Deus.

No anno de 1536 os Capuchinhos eram apenas quinhentos.

Em 1571 a Ordem possuia mais de trezentos conventos, com um número superior a três mil religiosos.

No século XVIII os Capuchinhos atingiram o seu máximo desenvolvimento e o seu período áureo, contando cerca de 32821 religiosos e 63 províncias, sem contar as Missões do Brasil, Congo, Estados Berberes, Grécia, Syria e Egypto.

Presentemente a Ordem conta 54 Províncias e pouco mais de 11 mil religiosos. — A supressão das diversas ordens religiosas em ninitos países, as guerras e outras circunstâncias fizeram baixar o número sem que isso importe em decadência moral.

* * *

A organização hierárquica dos religiosos capuchinhos no Brasil, durante mais de dois séculos e meio, dependeu exclusivamente da Sagrada Congregação da Propagação da Fé.

Os Capuchinhos vinham como missionários e eram recrutados entre os religiosos das diversas províncias monásticas, já constituídas na Europa. Para o governo dos missionários havia Prefeituras e vice-Prefeituras apostólicas e um Commissariado Geral na capital do país.

Em 1896 entrou em vigor, para os capuchinhos no Brasil, o Decreto da S. C. de P. F. de 1893 em virtude do qual eram abolidos o Commissariado Geral e as Prefeituras, ficando estabelecido o princípio de confiar as Missões às Pro-

víncias, sendo governadas por Superiores Regulares nomeados pelo Ministro Geral.

Ultimamente, pelo Decreto da Cúria Generalícia de 30 de Abril de 1937, as missões do Brasil, excetuada a do Alto Solimões, foram transformadas em Custódias, cujo superior se chama Custódio Provincial, subordinado ao superior da Província a que pertence a Custódia. (4)

No Brasil existem, atualmente, as Custódias do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Baía, Pernambuco, Maranhão e Paraná. Desde o fim de 1942 a Custódia do Rio Grande do Sul (5) foi elevada a categoria de Província com o nome Província do Sagrado Coração de Caxias — R. Grande do Sul, tornando-se, assim, independente da Província da Saboia que a gerou e criou até a maioria. A Custódia de S. Paulo foi em 1951 elevada o Commissariado provincial

(4) *Analecta Ordinis M. C.* — Vol. LIII. Fasc. V, p. 110

(5) Em fim de 1942 foi a Custódia do Rio Grande do Sul constituída Província, sendo assim a 1.ª Província dos Frades Menores Capuchinhos do Brasil.

CAPÍTULO I

MISSÃO OFICIAL DOS MISSIONÁRIOS CAPUCHINHOS NO BRASIL

(1612 — 1840)

I. A Ordem dos Frades Menores Capuchinhos no Brasil — II. Decreto do Governo Imperial chamando os Capuchinhos da Itália — III. Os Capuchinhos na catequese dos selvícolas e na pregação das missões ambulantes. O que dizem os relatórios oficiais — IV. Com o Exército Brasileiro na campanha do Paraguai — V. Memorial incompreendido.

I — Os Capuchinhos vieram ao Brasil, em 1612, provenientes da Província de Paris, acompanhando a expedição organizada por Daniel de La Touche, Senhor de Ravardiére.

Dois desses Capuchinhos, Frei Ivo de Evreux e Frei Cláudio de Abeville, deixaram livros de valor, descrevendo a curta vida da Missão por eles fundada no Maranhão. (1)

Em 1642 as forças invasoras holandesas aprisionaram alguns Capuchinhos bretões que se achavam evangelizando na Africa portugueza sob a direção de Frei Colombino de Nautes e os transportaram para o Recife, onde com sua

(1) História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão pelo Padre Claude D'Abbeville — Reprodução Fac-símile, prefaciada por Capistrano de Abreu — Coleção Eduardo Prado — 1922. Viagem ao Norte do Brasil pelo Padre Ivo D'Evreux — Tradução do Dr. Cesar Augusto Marques — Biblioteca de Escritores Maranhenses — 1929.

edificante vida se impuseram ao respeito e à admiração dos invasores e dos portuguezes.

O Conde de Nassau, Governador do Brasil holandês, apesar de hereje, recebeu bem, em Recife, aos Capuchinhos e lhes concedeu plena liberdade de ação. Imenso foi o bem que espargiram ali os Capuchinhos bretões.

Em 1645, cessada a luta entre portuguezes e holandeses, os capuchinhos seguiram o exército português servindo nele espiritual e corporalmente aos sãos e aos doentes com tanto zêlo que, informado El Rei D. João IV, escreveu este ao Mestre de Campo Geral da sobredita Capitania, lisongeira carta a respeito dos Capuchinhos. (2)

Daí os capuchinhos se espalharam pelo Brasil e se dedicaram, de preferência, à catequese dos selvícolas.

Estabeleceram-se no Rio de Janeiro no ano de 1659, "com geral aceitação e agrado do Prelado e Ministros régios". (3)

Cuidaram sempre com especial zêlo e carinho da ingente obra da catequese, da qual ficaram, entre outros, como monumento imperecível da sua heroicidade, a cidade de São Fidelis, no Estado do Rio, e a de Itambacuri, no norte de Minas Gerais.

Na Capital do País tiveram como primeira morada o Hospício (pequeno convento) erigido por êles no tôpo do morro da Conceição.

Em 1742 passaram a residir no Hospício de N. Senhora da Oliveira, construído a mando d'El Rei D. João V, na rua que tomou o nome de "Barbonos", onde permaneceram durante 66 anos cheios de trabalhos e de sacrifícios, no seu afã meritório.

Depois de dois séculos de exaustivos trabalhos, catequizando os selvícolas e pregando missões nas mais remotas

(2) Anais do Rio de Janeiro — Silva Lisboa — Vol. VII — p. 350

(3) Tombo , pág. 1.

regiões, os Missionários Capuchinhos estiveram para desaparecer...

Com a chegada da família real ao Brasil, foragida do tufão napoleónico, no ano de 1808, os Capuchinhos, obrigados a ceder o seu Hospício aos religiosos do Carmo, agasalharam-se nas casas dos romeiros do outeiro da Glória, no cimo do qual se ergue a ermida de N. S.^{ra}, célebre pela devoção do povo carioca. Aí ficaram mal acomodados durante quasi 20 anos, à espera de edificar um pequeno convento, de acôrdo com as exigências da vida religiosa. Durante alguns anos andaram sem tétó, nem pouso certo, do outeiro da Glória à igreja Santo Antônio dos Pobres, na rua dos Inválidos, lutando com a má vontade das irmandades e a ingratição dos homens, até que, pelo ano de 1832, se extinguiu a comunidade dos Capuchinhos do Rio de Janeiro. Uns voltaram para as aldeias dos índios no interior do país e outros regressaram às províncias de origem, na Itália.

* * *

II — Esse eclipse foi de pouca duração.

No ano de 1840 a Missão dos Capuchinhos refloresceu e tornou-se até official, pois o Regente Pedro Araujo Lima conseguiu reatar as boas relações com a Santa Sé, solucionando a agitada questão da recusa das Bulas de confirmação dos novos Bispos propostos pelo Governo. Assim, antes mesmo de proclamada a maioridade de D. Pedro II, por Aviso de 12 de maio de 1840, dirigido a Mons. Fabbrini, encarregado dos negócios da Santa Sé no Brasil, o Governo Regencial se obrigava a pagar a passagem dos Missionários e, a cada um, a diária de \$500. (4)

(4) C. Mendes — Direito C. Ecl., Vol. III. pag. 1152

Foi assim que, em 14 de setembro do mesmo ano, chegou o primeiro grupo de 6 Missionários Capuchinhos, chefiados pelo Rev.^{mo} P. Frei Fidélis de Montesano. Em 1842 chegaram mais 11, aumentando, a seguir, todos os anos, o número dos Missionários que aportavam às nossas plagas.

Finalmente, pelo Decreto N.º 285 de 21 de Junho de 1843, foi o Governo autorizado "*a mandar vir da Itália Missionários Capuchinhos, distribuí-los pelas Províncias em missões*". No ano seguinte, outro Decreto (N.º 373 de 30 de Julho) "*fixava as regras que se devem observar na distribuição pelas Províncias dos Missionários Capuchinhos*". (5)

As divergências surgidas entre o Governo Imperial e a Santa Sé, pela publicação desses decretos calcados no espírito regalista da época e as longas discussões delas originadas, não afetaram o desenvolvimento e o ritmo da constante chegada de Missionários, sua distribuição pelo País e seus trabalhos apostólicos.

No Relatório do Ministro do Império de maio de 1870, encontramos uma declaração, na qual se diz que todas as dificuldades tinham sido aplainadas e havia, então, no Brasil, 45 Missionários Capuchinhos, espalhados em todo o território do Império.

* * *

III — Qual a têmpera e o quilate desses homens de Deus e quais os seus trabalhos, no-lo diz, em documento oficial, o Ministro da Justiça, no Relatório apresentado em 1842, no qual transcreve as expressivas informações fornecidas pelos Bispos. Desse importante documento transcrevo alguns trechos:

(5) Coleção das Leis do Imp. do Brasil de 1843. Tomo V. parte I.

“Admiráveis têm sido, nas Províncias do Maranhão, Pernambuco, Sergipe e entre os rios Tocantins e Araguaia, os fructos colhidos das missões de alguns poucos Missionários Capuchinhos, que um dos meus predecessores mandou vir da Itália. É também admirável a constância e o fervor evangélico com que esses homens da paz penetram em nossos sertões, no meio das maiores provações e trabalhos, unicamente com o fim de converter homens perdidos para a Religião e para a Sociedade.

“Os Bispos do Maranhão e do Pará atestam os relevantes serviços feitos à Religião e ao Estado por esses Missionários, e pedem que lhes sejam enviados mais.

“Não posso furtar-me ao prazer de transcrever aqui alguns trechos de vários ofícios desses prelados.

“Os dois primeiros (diz o Bispo de Maranhão, falando dos ditos Missionários), Frei Doroteo de Dronero e Frei Pedro M. de Blá, chegaram a 20 de maio do ano passado a esta cidade de Maranhão, e depois de annunciarem a palavra divina com grande concurso nesta capital, seguiram para o interior da Província, e têm exercido o seu ministério Apostólico em diversas freguesias, colocadas à margem do Itapicurú. Estou informado que seus trabalhos apostólicos, espalhando princípios de ordem, de justiça, de socialidade, tem servido de grande consolação aos fieis atormentados pelos horrores da anarquia.”

“... Posso assegurar a V. Excia para ser presente ao mesmo augusto Senhor (o Imperador), que os dois Missionários Capuchinhos Frei Doroteo de Dronero e Frei Pedro M. de Blá se têm esforçado na pregação da doutrina evangélica na cidade de Caxias, principal teatro das discórdias civis. Os mesmos estão

determinados a subir para Passagem Franca e Pastos Bons, e, agora, recebo aviso que irão até Vila do Riachão nas vizinhanças do Rio Tocantis.

“Afirma um cônego desta cathedral, o qual ora reside em Caxias, e a quem tenho incumbido algumas cousas relativas à Missão, que os rebledes de Passagem Franca dizem que se hão de apresentar só aos seus Padres Missionários...”

“O Bispo de Pernambuco escreve a 20 de Março último: — “rogo a V. Excia queira apresentar ao Exmo Ministro a necessidade da existência deste Missionário (Frei Carlos de São José do Porto Maurício) nessa cidade, não só pelos bons serviços que tem prestado a esta igreja e ao Estado, como porque já prometi enviá-lo depois da Páscoa para alguns lugares, onde o têm requisitado...”

“Foram tão extraordinários e admiráveis — diz o Arcebispo da Baía em um officio que me dirigiu em data de 21 de Outubro do ano findo, — os frutos da primeira missão que abriu na Província de Sergipe o Padre Capuchinho italiano Frei Cândido de Taggia, que enviei à dita Província, movido das instâncias da respectiva Assembléia Provincial, que não hesitou esta (dá um exemplo...) decretando a ereção de um hospício de iguais missionários e os fundos necessários para o transporte de três Religiosos, que devem dar começo a êsse novo e importante viveiro de missões, etc.

“O Governo Imperial, além dos três pedidos pela referida Assembléia Provincial, mandou vir mais dez para serem empregados naquelas províncias, onde forem mais necessários.” (6)

(6) Primeiro: *Obra cit.*

Cândido Mendes, lembra como a Comissão Eclesiástica da Câmara dos Deputados, em parecer de 1.º de Março de 1843, já fazia realçar os serviços que êsses dignos obreiros do Evangelho, os capuchinhos, prestavam entre nós. Eis alguns trechos dêsse parecer:

“Frei Fidelis de Montesano, missionário Capuchinho e perfeito do hospício de São Sebastião desta Côrte, representa a esta augusta Câmara que havendo o Governo de S. M. I., para augmento da religião, e mais geral ensino da Moral, solicitado a S. Santidade, o augusto chefe da Igreja Católica, uma missão para colaborar na pregação do Evangelho, e recomendar a prática das virtudes cristãs em qualquer parte dêste império, onde parecesse ao mesmo Governo mais necessário. S. Santidade satisfez esta pia católica solicitação do Governo e a Missão acha-se já em exercício em diversas províncias, mesmo em lugares remotos, com grandes vantagens, como consta dos relatórios dos Excelentíssimos Metropolitans e Bispos de mais três Dioceses, e, bem assim alguns atos legislativos de Assembléias Provinciais, estatuindo em suas províncias Missões da mesma Ordem”.

No Relatório do Ministro da Justiça, de 1850, lemos, ainda, êste eloquente testemunho, que altamente honra os Padres Missionários Capuchinhos:

“Não terminarei sem vos referir um fato que muito honra os Missionários residentes no Hospício da Côrte (Morro do Castello). Na invasão da epidemia, que tanto terror infundiu a esta população, por pouco acostumada a presenciar tais calamidades, a Santa Casa de Misericórdia estabeleceu logo um Lazareto na Ilha S. Bom Jesús, e procurava Sacerdotes que

alí fossem levar as consolações da religião aos míseros enfermos, quando Frei Fabiano de Scandiano, prefeito dos Missionários Capuchinhos, me comunicou que, CONFORME O COSTUME DA SUA ORDEM EM SEMELHANTES TRISTES CIRCUNSTÂNCIAS, TODOS OS RESIDENTES NO HOSPÍCIO DO MORRO DO CASTELLO, ESTAVAM PRONTOS PARA PRESTAR GRATUITAMENTE O SERVIÇO ESPIRITUAL, ONDE FOSSE PRECISO. O Governo aceitou e agradeceu tão caridoso oferecimento.” (7)

O relatório de 1854, diz:

“Continuam a prestar bons serviços... Ainda no ano próximo passado, sua palavra prestigiosa concorreu muito no Páo d’Alho, Nazareth, Limoeiro, para prevenir os devaneios que a credulidade nesses logares no ano de 1851 produziu”.

Quanto valiam os Missionários Capuchinhos, ainda nessa época, na catequese dos selvícolas, firma-o êste trecho do discurso pronunciado por Bernardino J. Quiroga, ao passar a presidência do Estado de Minas, a 4 de Novembro de 1848, a José Idelfonso Soares:

“Tambem tem merecido a especial solícitude do Governo a catequese e civilização dos Indígenas. Ultimamente me tenho convencido de que o melhor meio de chegar a êste grande fim, consiste em mandar Missionários Capuchinhos, que se encarreguem com desvelada assiduidade dêste penível trabalho. Estes Padres, QUE COM POUCO SE CONTENTAM, HABILITAM-SE COM FACILIDADE NO NOSSO E NO

(7) Frei Fidelis — Obr. cit.

IDIOMA SELVAGEM, INSINUAM-SE, FAZEM-SE AMAR E RESPEITAR, CONSEGUEM PELA BRANDURA O QUE POR OUTROS MEIOS NÃO TEMOS PODIDO REALIZAR. (Jornal do Comercio — 22 de Novembro — 1848).

Com a chegada do segundo grupo de Missionários, reorganizou-se a Missão da maneira seguinte: As três Prefeituras existentes — Rio de Janeiro, Bahía e Pernambuco — foram acrescentadas cinco novas Vice-Prefeituras: as de Goiaz, Mato-Grosso, Paraná, São Paulo e Minas Gerais, ligadas à Prefeitura do Rio de Janeiro; a de Sergipe adstrita à Bahía. A Prefeitura de Pernambuco abrangia as Províncias de Alagôas, Rio Grande do Norte e Paraíba. As demais Províncias dependiam da Capital do Império, Rio de Janeiro, onde se constituiu a séde de todas, sob a direção de um Commissariado Geral, que era ao mesmo tempo Prefeito e Commissário Geral.

O primeiro Commissário Geral tomou posse em 1846 e foi o Padre Frei Fabiano de Scandiano, que governou com rara prudência durante 13 anos. Foram seus sucessores os não menos insignes missionários Frei Ceatano de Messina, Frei Salvador de Nápoles e Frei Fidelis M.^a d'Avola. Pode afirmar-se que foi êsse o período áureo da Missão Capuchinha no Brasil. Tomou ela admirável incremento, quer na pregação de missões de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, como também na catequese dos índios.

* * *

IV — Há, porém, um fato que é preciso lembrar e dar-lhe o merecido relevo: durante os cinco anos que durou a guerra do Paraguai, sete Capuchinhos acompanharam como capelães militares o Exército Brasileiro: P. Frei Fidelis M.^a

d'Avola, capelão Mór, P. Frei Salvador de Nápoles, P. Frei Gabriel de Barra, P. Frei Jerónimo de Montefiorito, P. Frei Gregório de Prato, P. Frei Joaquim de Canicatti e P. Frei José de Montefiorito.

De Frei Fidelis e de seus companheiros escreveu ao Imperador o Conselheiro João Pessoa Paranaguá, em 1867:

“Cumpro o grato dever comunicando-vos que os Padres Capuchinhos, em serviço no Exército, desempenham com verdadeira dedicação os seus deveres; vão mesmo além. Junto ao leito dos enfermos, a todos êles transmitem a fé e as consolações da palavra de Deus; servindo muitas vezes de enfermeiros, ministram ao mesmo tempo, aos moribundos, os socorros da Religião, pensam as feridas e tratam dos enfermos com tanta humanidade quanta caridade, quer nos hospitais fixos e de sangue; quer mesmo durante o ardor dos combates, afrontando as balas e a metralha inimiga.

“Entre êles muito se tem distinguido Frei Fidelis de Avola, o primeiro que seguiu para o teatro de guerra, onde se tem conservado há dois anos, muito estimado e venerado por todas as praças do nosso exército. que na ocasião do perigo o vêm por toda a parte.

“Foi êle por muito tempo coadjuvado pelo seu companheiro Frei Jerónimo de Montefiorito, depois transferido para o hospital de Montevidéo, onde bons serviços está prestando, conjuntamente com Frei João de Montefiorito.

“No hospital de Saladero era o Capuchinho Frei Gabriel de Barra, que, pela docilidade de seu carater, tem angariado a estima e respeito de seus superiores e dos indivíduos entregues aos seus cuidados.

“No exército se acha hoje coadjuvando o serviço de Frei Fidelis de Avola o capuchinho Frei Salvador de Nápoles, que, como aquele, tem sido infatigável

no cumprimento de seus sagrados deveres e é por isso muito estimado no exército.

“Prisioneiros do inimigo estão os Capuchinhos Frei Mariano de Bagnaia e Frei Ângelo de Caramónico, surpreendido o primeiro nas proximidades de Miranda, e o segundo na Colónia dos Dourados, quando as hordas paraguaias invadiram, devastando a Província de Matto Grosso. Ambos animando os índios, resistiram quanto foi possível”. (8)

“E o glorioso Patrono do Exército Nacional, Duque de Caxias, costumava dizer: “Tirem-me tudo, exceto Frei Fidelis”, o que sobremodo atesta os elevados serviços à terra brasileira prestados pelos inolvidável frade. (9)

Dêssas poucas citações é fácil formar uma idéia clara acêrca dos trabalhos e da dedicação com que os Capuchinhos sempre se portaram no múltiplo desempenho do seu ministério apostólico e amor ao Brasil.

Animados pela chama do apostolado católico, só buscavam servir a Deus e espalhar o bem entre os homens.

No decorrer dos anos que vão de 1840 à proclamação da República, os Missionários Capuchinhos constituíram talvez o maior exército espiritual do Brasil, a serviço da causa de Nosso Senhor.

Surgiram entre êles figuras destacadas de apóstolos de primeira grandeza, a traçarem páginas imortais na história eclesiástica brasileira.

* * *

V — Poderiam, é certo, ter feito mais e melhor, mas é também certo que não lhes cabe culpa.

(8) Fr. Fidelis, obr. cit.

(9) Primeiro Obr. cit.

Efetuarão tudo quanto estava em seu poder, e, assim procedendo, fizeram muito.

A êsse respeito um dêles, chefe de visão ampla, que ocupou durante largo período o cargo de Comissário Geral, escreveu expressivo documento, "MEMORIAL DIRIGIDO A S. M. O IMPERADOR", no qual assegura que os missionários todos trabalham com grande ânimo, bôa vontade e fruto no ministério apostólico, tanto nas missões entre civilizados, como na catequese dos índios e aponta as causas que se opõem à prosperidade da Missão, assim escrevendo:

.....
 Mas Senhor: Há causas que muito se opõem à prosperidade da Missão e eu vou apresentar as principais com toda a confiança de que hei de acertar.

1.º) A dispersão dos Missionários fóra de toda a proporção com o número deles. São uns 60 e estão assim dispersos: Pará 3 — Maranhão, 3 — Piauí, 1 — Pernambuco, Alagôas e Ceará, 7 — Sergipe, 3 — Bahía, 11 — Espirito Santo, 5 — S. Paulo, 5 — Minas Gerais, 6 — Matto Grosso, 2 — Rio de Janeiro, 4 — Côrte, 5 — Total — 59. Seguem-se disto, inconvenientes muito graves: 1.º) Uma quasi impossibilidade de arrematar qualquer emprêsa, pois, querendo abraçar tudo com tão poucos, faltam as forças para tudo. É uma queixa de quasi todas as Províncias, que pedem mais missionários e é por isso que estão dispersos em todas elas. — 2.º) Uma dificuldade suma em provêr às necessidades mais urgentes da Missão e dos missionários, pois estão tão longe uns dos outros, distâncias de duzentas, trezentas e quatrocentas e mais léguas, sem meios, sem lugar intermédio para, com acêrto e necessária prontidão, socorrerem-se.

2.º) Falta de competente liberdade nos superiores para regularem a distribuição e destinação dos mis-

sionários. Os missionários não têm todos as mesmas qualidades, e também os diversos lugares têm diversas necessidades; portanto só os superiores é que, conhecendo os indivíduos, os podem convenientemente distribuir. Em vez vêm a própria autoridade cortada a respeito dêste ou daquele missionário. Disto saem inconvenientes muito graves e já houve consequências tristes.

3.º) Impõem-se aos missionários a obrigação de residir em alguma freguesia, entre gente civilizada. Muda-se, com isto, a natureza do seu ministério. Limita-se a sua ação entre confins muito restritos. Causa dano à catequese dos selvagens, expõe os Missionários às intrigas e inimizades dos partidos políticos, etc.

4.º) O desamparo em que se acham os missionários entre os indígenas, faltos de todos os meios de primeira necessidade para aldeá-los, sem os vestir, sem lhes dar de comer, até que a terra não comece a produzir, pois já não podem comer ou viver só de pesca, sem lhes dar os instrumentos necessários para a lavoura...

Opina o egrégio autor de "Capuchinhos em Terra de Santa Cruz", ter sido enviado êste memorial no ano de 1850, mas apesar da clareza da exposição, veracidade das razões, da importância das sugestões e da gravidade dos interesses do país afetados pela falta de providências em corrigir as falhas, as cousas continuaram na mesma. Um memorial incompreendido, apesar das sãs razões que o ditaram.

Se outras provas não existissem, a história do aldeamento de Itambacuri bastaria para demonstrar como os mesmos entraves impediam o progresso e desenvolvimento da catequese e, por isso, em muitos casos, vimos inutilizado o

esforço heróico dos missionários, que, logo nos primeiros anos, tiveram de abandonar a insana tarefa encetada.

Se o Aldeamento de Itambacuri prosperou, vencendo todos os obstáculos que ameaçaram os seus primeiros passos, deve-se à bênção de Deus e à capacidade genial do seu fundador, que além de ser uma figura de apóstolo, pelas suas condições sociais, trouxe consigo da Europa alguns recursos em ouro... Mesmo assim, toda a correspondência oficial que Frei Serafim, como Diretor do Aldeamento, trocou com o Governo nos primeiros anos, os mais difíceis sem dúvida, nos relatam as fases angustiosas por que passou o Aldeamento de Itambacuri.

Era êsse o clima histórico e religioso do Brasil, no qual respiravam os Missionários Capuchinhos, quando, em 1873, Frei Serafim de Gorizia e Frei Angelo de Sassoierato, incumbidos pelo Governo Imperial, iniciaram a catequese dos Selvícolas nas matas do vale do Mucuri.

CAPÍTULO II

OS FUNDADORES DE ITAMBACURI

I. Encontro providencial. — II. Aos pés de Pio IX — III. Rumo ao Brasil — IV. No Hospício do Morro do Castelo — V. Os protagonistas: Frei Serafim de Gorizia — VI. Frei Ângelo de Sassoferato.

I — Setenta anos decorridos, não se pode admitir que o encontro dos dois homens de Deus, Frei Serafim e Frei Ângelo em Roma, no Colégio “São Fidelis”, fosse obra do acaso. A providência aproximou os dois futuros apóstolos do vale do Mucuri como elementos necessários da grande obra, para a qual era indispensável a cooperação de um e de outro, que, na diversidade do gênio, do talento e das aptidões, formavam, entretanto, um só coração e uma só alma animada pela mesma fé e pela mesma caridade.

Esta convicção torna-se cada vez mais firme no espírito do analisador; estudando a vida e a obra dos dois missionários, se nos afigura evidente que Deus, por meios diversos, guiou êstes dois homens na terra brasileira.

Frei Serafim pediu aos Superiores para ser incorporado aos Missionários que iam partir para o Chile, e os Superiores determinam seu embarque para o Brasil. Frei Ângelo não tinha destino certo e aguardava que a vontade de Deus se manifestasse...

Frei Serafim, aos 43 anos, era um sacerdote experimentado; Frei Ângelo, aos 27, não conhecia senão o silêncio e a paz do convento. Por isso, recordando o passado, cos-

tumava dizer que “não tinha sido a esmô que a Providência lhe tinha dado, na pessoa de Frei Serafim, um guia experimentado”.

Era uma manhã de Janeiro. Frei Serafim, já destinado às missões do Brasil, passeia pelo claustro do Colégio “São Fidelis”, onde se preparavam os futuros missionários, quando vem a seu encontro um religioso. Ao vê-lo, sente qualquer coisa de insólito dentro de si. O coração lhe diz que aquele pode ser, ou é mesmo, o companheiro que procura para a sua obra. E quanto mais êle se chega, mais imperiosa e nítida se faz ouvir a voz do pressentimento. A dois passos um do outro, sem nunca se terem visto, parecem dois velhos amigos.

Trocam-se palavras de ocasião; Frei Serafim pergunta-lhe o nome.

— “Frei Ângelo de Sassoferrato”, responde o jovem frade.

— Para onde está destinado?

— Não sei ainda, espero que Deus me indique o caminho.

— Iremos para as selvas do Brasil, se me quiser acompanhar.

Frei Ângelo, que vê em tudo a mão de Deus, não vacila: com simplicidade e firmeza responde que sim.

— Chamo-me Frei Serafim de Gorizia, diz; e, levando-o à presença do Superior Geral da Ordem, apresenta-o com estas palavras: “Encontrei o companheiro que desejava”.

E na verdade a história o comprovou.

* * *

II — A 6 de Fevereiro de 1872 ambos recebiam das mãos do Superior Geral as “letras obedienciais” em virtude

das quais estavam nomeados Missionários Apostólicos para as missões do Brasil.

Antes de deixarem a Cidade Eterna, os futuros missionários, conscientes das responsabilidades que acabavam de assumir, em um ato de fé e piedade prostraram-se em profunda oração diante do túmulo de São Pedro e São Paulo, pedindo a Deus, pela intercessão dos gloriosos príncipes dos apóstolos, as graças necessárias para o êxito da Missão que lhe era confiada. Recebem, em seguida, a bênção apostólica do Santo Padre. Pio IX os acolhe com paternal afeto, conversando com êles durante alguns minutos, e despede-os com estas palavras, que Frei Ângelo guardou escritas no seu caderninho de lembranças: — “Ide, filhos caríssimos, evangelizai os indígenas e trazei-os ao aprisco do Senhor. A bênção de Deus e a Nossa Apostólica vos anime, vos fortaleça e vos ampare!”.

Frei Ângelo, no mesmo caderninho, com muita graça e singeleza, assim comentaria a bênção apostólica: “Com essas palavras tão cheias de amor paternal, despedimo-nos do Vigário de Jesus Cristo, e, se tivéssemos asas, teríamos voado para o nosso campo de trabalho, pois nada mais nos prendia à terra pátria, nada mais nos detinha... Embora um se chamasse Serafim e eu Ângelo, não nos era possível voar...”

* * *

III — No dia 19 de Fevereiro os dois missionários partem para Civitavecchia, onde embarcam em pequeno navio costeiro, que os levará até Gênova. Nêsse porto encontram o vapor “Poitou”, de Compania Francêsa, e, a 10 de Março, seguem rumo ao Brasil. O “Poitou” fazia a sua primeira viagem à América do Sul, aliás a primeira e a última, porque não chegou a regressar, por ter naufragado nas aguas

argentinas. A viagem iniciou-se sob os melhores auspícios. O "Poitou" aportou em Marselha e São Vicente, demandando, em seguida, diretamente, para o Rio de Janeiro, onde chegou após 25 dias de navegação.

* * *

IV — Ao Hospício do Morro do Castelo chegam os novéis missionários de surpresa, mas são recebidos com grande alegria e fraternal cordialidade, pelo então Comissário Geral, Rev.mo Frei Caetano de Messina e pelos demais religiosos da comunidade.

Estamos a 7 de Abril de 1872.

Hoje, não mais existe nem o Morro do Castelo nem o célebre e histórico Hospício dos Capuchinhos. Em 1922 começou o arrasamento do Morro do Castelo, que desapareceu para dar lugar à atual Esplanada do Castelo.

A Igreja de São Sebastião da Antiga Sé, restaurada pelos Missionários Capuchinhos, com as suas preciosas relíquias históricas, quais o marco da fundação da Cidade, as cinzas de Estácio de Sá, seu fundador, e a venerável imagem de São Sebastião, foram trasladadas solenemente para a Capela provisória da rua Conde de Bonfim, em 20 de Janeiro de 1922, em memorável cortejo cívico-religioso e, finalmente, em 1931, a 15 de Agosto, levados definitivamente, em solene procissão, na qual tomaram parte o Exército, a Marinha e as autoridades do País, ao novo, magestoso e monumental templo erguido à rua Haddock-Lobo, o qual constitui verdadeiro panteão nacional, sob cujas abóbadas demoram aquelas preciosas relíquias e seculares tradições.

* * *

V — Nasce Frei Serafim em Gorízia, em 29 de Maio de 1829, de pais ilustres e piedosos: Antônio Madon e Anna Maria Gomesck.

Na pia baptismal, sinal de predestinação do futuro missionário, dão-lhe o nome do precursor de Jesus Cristo: João Batista.

Recebe educação carinhosa e esmerada, e, nêsse ambiente sadio, a sua alma se abre como linda flor aos carinhos da luz e do calor, revelando, desde então, indícios certos de piedade. Desde os primeiros anos da sua infância manifesta possuir uma alma precocemente compassiva, tolerante e generosa. A virtude da docilidade e a da obediência enfloram-lhe a alma saturada dos exemplos dos pais e mestres, por êle assimilados sem grande esforço.

Não o atraem os folguedos próprios da sua idade, mas inclina-se para as coisas sérias e mostra-se precocemente refletido e sisudo.

Partilha com os companheiros, generosamente, os brinquedos e as dádivas que recebe.

Tudo na sua infância éra prenúncio de porvir radioso, pois inteligência e coração marchavam por igual, assimilando êste as lições morais e aquela as noções preliminares da ciência.

Aos vinte anos de idade completa os seus estudos, distinguindo-se particularmente nas ciências sociais e letras filológicas e matemáticas.

Por essa ocasião vence difícil e disputado concurso para chefe de uma secção de contabilidade do ministério do Império Austro-Húngaro.

Nêsse lugar de destaque trava relações com o jovem imperador Francisco José, que vendo em João Batista Madon um moço de talento e carater, nunca mais o perdeu de vista. E o próprio Frei Serafim, tão parco em falar de si, referindo-se a êsse período de sua vida, contava que o impe-

rador mais de uma vez o mandava chamar e com êle se entretinha em amável palestra.

Senhor de uma ótima preparação científica, esplendidamente colocado na sociedade, portador de nome ilustre e, finalmente, possuidor das melhores qualidades morais, mais de uma jovem goriziana da melhor aristocracia ambicionava dividir com êle as alegrias e as agruras da vida, na sagrada união do matrimónio.

Conta-se que, demorando a escolha, organizaram os parentes e os amigos uma caçada espetaculosa, onde tomaram parte dezenas de damas e cavalheiros, mostrando seus fofosos ginetes, à correrem pelos lindos bosques dos arredores da cidade, atrás das matilhas que perseguiram a caça. Após movimentada luta e porfiada perseguição às lebres, camurças e veados, os alegres caçadores se refazem em redor de lauta mesa. O momento é solene e tudo está habilmente calculado e previsto. Aproveitar-se-á aquele momento para arrancar de João Batista o compromisso de casamento com certa jovem, escolhida pelos parentes e amigos. João compreende, vê o laço armado e dêle se salva elegantemente: fere-se na mão direita com uma garrafa. Aquele imprevisto derrame de sangue, fóra de programa, desorienta os convivas... Cada um trata de acudir ao ferido e não mais se fala em casamento.

Em Janeiro de 1858 é mandado, em comissão, à Lombardia. João Batista conhece Giuseppe Garibaldi e é por êste convidado a fazer parte da Carbonaria, convite repellido desassombadamente.

Na capital da Lombardia tem êle ocasião de conhecer de perto os filhos de S. Francisco, e tempo para melhor pensar na vocação já manifestada. Desde muito êle sentia que não era feito para as glórias do mundo; em outra seára deveria ceifar os louros que haveriam de beijar-lhe a fronte predestinada,

Naquele mesmo ano, em 4 de Maio, ingressa na Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, na Província de São Carlos, tomando o nome de Frei Serafim de Gorizia.

Em conversa, referindo-se êle, na intimidade, às dificuldades da vocação, contava que “ao saber o Imperador da sua resolução, enviou ao Convento do noviciado um médico para verificar se João Madon estava sofrendo das faculdades mentais, e, se assim fosse, com ordem de o tirar de lá e o tratar convenientemente.” — Ao médico responde Frei Serafim: “Agradeço penhorado os cuidados do Soberano, a quem dirá que estou gozando perfeita saúde e a paz, que só Deus sabe dar. Lamento, apenas, não ter conhecido antes este tesouro”.

Aos 30 de Maio de 1859 faz a profissão simples e, decorridos os três anos prescritos, em 31 de Maio de 1862, a de votos solenes.

Aos 13 de Janeiro de 1861 recebe, na cidade de Brescia, Lombardia, o presbiterato.

Por mandato do Revmo Ministro Geral da Ordem em 18 de Maio, passa ao convento generalício de Trieste, sendo-lhe conferido o munus da pregação nas linguas eslavas, alemã e italiana.

Abrasado de zelo pela causa de Deus, inicia, então, o seu ministério, pregando a divina palavra com grande eficácia, proveito e prazer das multidões que o ouviam.

Tal foi a fama e o renome que, em poucos anos, ganhou, quer pela sua exuberante eloquência, quer pelas virtudes evangélicas de que era eloquente exemplo, que o mesmo Geral da Ordem, com carta obediencial de 1868, o envia como pregador e confessor à província dos Capuchinhos da Stiria, Iliria, ao Império da Áustria.

Nêste posto de responsabilidade, fica por alguns anos, desenvolvendo atividade admirável e tornando-se o apóstolo de todas as classes, pois tanto sabia descer à casa humilde

do indigente como transpor os umbrais do mais opulento palácio, afim de levar sempre a qualquer lugar a consolação do Evangelho e o bálsamo da caridade exteriorizada na esmola do coração e do pensamento, da qual quasi sempre necessitam os abastados dos bens terrenos.

Mas o seu sonho não era êsse: desejava transpôr as fronteiras da Europa e levar o seu apostolado mais longe, onde maior fosse a necessidade. Assim, a 18 de Janeiro de 1871, o Revmo Procurador Geral, Frei Roque de Cesinal, chama-o a Roma, onde o encontramos, a seu pedido, para se preparar melhor, e seguir a seu tempo, para as Missões do Chile.

* * *

VI — Quanto ao companheiro de Frei Serafim, era magrinho de corpo, ossudo e forte, de estatura regular, com uma longa barba, de olhos pequenos e vivos, testa larga e andar vagaroso. Ostentava, quando o conheci, algo do vigor juvenil, amortecido embora pelos anos e pela separação do companheiro que a morte lhe havia arrebatado.

O seu nome de batismo fôra Afonso. Nascera a 10 de Abril de 1846, em Col della Noce, pequena freguesia de Sassoferrato, a cinco leguas da cidade de Ancona. Foram seus pais Lourenço Censi e Balduina Garofali, casal pobre, mas muito piedoso, conforme acentuava o próprio Frei Ângelo.

Na região das Marche d'Ancona, a piedade era naquella época, o apanágio de quasi todos os habitantes. A prova, têmo-la nas suas igrejas e na sua história. Raras são as igrejas que não tenham a felicidade de guardar o corpo de um mártir ou de um santo, naquelles ermos recantos.

Afonso Censi, educado cristãmente, tem a bôa semente lançada desde cedo na alma, como em terreno mui propi-

cio. Sente-se bem nas igrejas que frequenta diariamente. Compraz-se em respirar o ar místico dos conventos, que frequenta a miudo, em visita a dois tios: um franciscano da Observância e outro Capuchinho. Nessas visitas o seu coração aprecia cada vez mais a vida austera dos filhos de S. Francisco.

Estuda humanidades com o Padre José Bartolotti, Vigário dos mais ilustres e zelosos de Col della Noce, sendo um dócil e aplicado discípulo, manifestando, desde logo, os dotes peregrinos que lhe acrisolam a inteligência e lhe enfeitam o carater.

Ao completar 16 anos, Afonso Censi ingressa na Ordem dos Menores Capuchinhos, vestindo o burel de S. Francisco no dia 21 de Novembro de 1863, e inicia o noviciado no célebre convento de Camerino, com o nome de Frei Ângelo de Sassoferato, sob a direção daquele santo homem, que foi o P. Frei Francisco de Loreto.

Nessa época, a Itália aspirava ao conseguimento da sua independência e unificação, e, aproveitando-se do ensejo, como sói acontecer, nesses instantes de crise, as seitas secretas desencadearam tremenda perseguição às Ordens Religiosas e, em geral, à Igreja.

Frei Ângelo faz os votos perpétuos no dia 21 de Novembro de 1864 e, no ano seguinte, devido às convulsões revolucionárias e à supressão das Ordens Religiosas, é obrigado a deixar a sua pátria e transpor a fronteira, abrigoando-se nas ciências filosóficas e teológicas, sob a escla-
Aí, durante seis anos, continúa os seus estudos, aperfeiçoando-se nas ciências filosóficas e teológicas, sob a escla-
recida direção do capuchinho italiano Frei José Fidelis, ex-Definidor da Ordem.

No dia 2 de Abril de 1870 recebe a unção sacerdotal. Muda-se, então, para Grenoble e, depois, para Lucerna. Nos poucos meses que aí fica, aprende os elementos da lingua

alemã. Entretanto, na Itália, o vendaval do ódio maçónico cerrara os conventos e os religiosos, uns desterrados pela política como sêres perigosos, e outros, vivendo em casas particulares ou de parentes, arrastavam uma vida das mais tristes. Foi nêsse ambiente que nasceu no coração de Frei Ângelo o desejo de consagrar a vida às Missões. O seu próprio diretor, Frei José Fidelis, conhecendo-lhe as boas qualidades morais e físicas, animou-o no nobre e louvável intento.

Daí, no ano de 1871, o encontrarmos em Roma, no Colégio S. Fidelis, onde se preparavam para partir, os futuros missionários. Rumo à Cidade Eterna, passará por Sassoferrato e Col della Noce, onde, depois de oito anos, revê sua santa mãisinha. Esse encontro, o primeiro depois de religioso e sacerdote, foi tambem o último, foi uma despedida! E, por isso, ficou-lhe para sempre gravado nalma.

Era, então, Geral da Ordem, o Revmo P. Roque de Censuale, ao qual, ao chegar em Roma, Frei Ângelo se apresenta com uma carta apenas do seu Mestre. — Corre o ano de 1871 e é o mês de Outubro.

CAPÍTULO III

A CATEQUESE DOS SELVÍCOLAS (1872)

I. Nomcação e incumbência de catequizar os Índios do vale do Mucuri — II. Em Ouro Preto com o Diretor Geral dos Índios — Instruções oficiais — III. Rumo ao campo do apostolado — IV. Filadélfia, Teófilo Otoni — V. Os aborígenes do Mucuri.

I — Pouco tempo demoraram no Rio de Janeiro os novos missionários; apenas o tempo necessário para se orientarem acêrca da missão que lhes era confiada e aprenderem os primeiros elementos da lingua do país. O Governo tinha pressa em resolver o problema do Mucuri, mandando para lá missionários afim de chamar os índios daquêlas matas ao convívio da civilização e acabar com os repetidos massacres e incursões que espalhavam o terror.

O Ministro dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, Barão de Itaúna, por portaria de 7 de Junho de 1872, encarregou ao Revmo Frei Serafim de Gorizia, da catequese dos indígenas nas colônias do Mucuri, na Província de Minas Geraes. (1)

Ao mesmo tempo communicou ao Revmo Commissário Geral dos Missionários Capuchinhos, Frei Caetano de

(1) "Nº 4 — 5 Secção — Rio de Janeiro Ministério dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, em 7 de Junho de 1872.

De acôrdo com Frei Caetano de Messina, Prefeito dos Missionários Capuchinhos nesta Côrte, nomeio V. Revma. para encarregar-se da catequese

Messina, a nomeação e requisição dos dois novos Missionários. (2)

Por sua vez, o Revmo Commissário Geral e Prefeito Apostólico, Frei Caetano de Messina, entregou-lhes as cartas obedienciais, discriminando as respectivas atribuições e confortando-os com a sua paternal bênção.

* * *

II — Dias depois estavam os dois missionários de viagem para a cidade de Ouro Preto, então capital da Província de Minas Gerais, onde receberiam instruções do Diretor Geral de proteção aos Índios, Snr. Brigadeiro Antônio Luiz de Magalhães Mosqueira, que os aguardava.

A viagem, até Juiz de Fôra, fizeram-na pela estrada de ferro. Em Juiz de Fôra encontraram o sargento Torquato Donato de Sousa Bicalho, que, por ordem do Diretor Geral, com bons cavalos, os levou a Ouro Preto.

dos indígenas na colônia do Mucuri, Província de Minas Gerais, com a gratificação mensal de cem mil réis, devendo, SEM DEMORA, partir para a capital da mencionada Província, onde receberá da presidência as competentes determinações. Deus Guarde a V. Revma — BARÃO D'ITAUNA. Snr. Frei Serafim de Gorizia"

(2) "N.º 2 — 3ª Seção — Rio de Janeiro, Ministério dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, em 7 de Junho.

Tendo de partir para a Província de Minas Gerais os religiosos Capuchinhos Frei Serafim de Gorizia e Frei Ângelo de Sassoferrato seguindo V. Comuniquei e em virtude de requisição deste Ministério afim de serem empregados na catequese dos indígenas no Mucuri, mandei dar-lhes transporte até a cidade de Ouro Preto e abonar a cada um uma gratificação mensal de cem mil réis, que receberão na província onde vão servir, sendo-lhes cometida a direção dos Aldeamentos, que fundarem e postos à sua disposição, neste caso, um sacristão e dois carpinteiros.

Deus Guarde a V. Revma.
BARÃO d'ITAUNA

Frei Caetano de Messina"
(Do Arquivo do Convento do Rio de Janeiro)

No seu sucintó manuscrito, Frei Ângelo registra com manifesta gratidão, a satisfação e carinho com que o Diretor Geral os recebeu e a bondade com que os distinguiu, dando-lhes fidalga hospitalidade em sua própria casa.

“As instruções que nos foram dadas, escreve Frei Ângelo, em resumo, consistiam em nos estabelecermos nas matas do Mucuri, no lugar mais apropriado para reunião de múltiplas tribus selvagens. Devia ser quanto possível um ponto central, que deparasse belo horizonte visual, e onde se pudesse formar uma aldeia, uma freguesia e até uma cidade. Aconselhou-nos que procurássemos terras férteis, que produzissem com abundância toda sorte de cereais; que tivessem grandes mananciais de agua potável e êstes tivessem boas quedas ou cachoeiras capazes de fazer funcionar quaisquer maquinismos”.

Além destas sábias recomendações de viva voz, o Diretor Geral de Ouro Preto, ao ser informado pelo Governo Provincial que os dois capuchinhos tinham sido nomeados para a catequese das matas do Mucuri, em data de 5 de Agosto do predito ano, escreveu o officio seguinte, dirigido a Frei Serafim:

“Tendo sido V. Rev.ma pelo Governo Imperial nomeado Diretor do Aldeamento Central do Vale do Mucuri, e como Vice-Diretor, Frei Ângelo, como me foi comunicado pelo Governo Provincial; e sendo conveniente que em todos os aldeamentos indianos desta Província se observem as disposições do Decreto N.º 426 de 24 de Julho de 1845, bem como as instruções que, por ordem do mesmo Governo Provincial, dei a Frei Virgílio de Amblar, Diretor do Aldeamento Central da Imaculada Conceição do Rio Doce, inclusas

achará V. Rev. duas cópias dêstes documentos para sua direção e regimem. Outrossim, devo prevenir que em qualquer impedimento ou ausência de V. Rev.ma do Aldeamento, deve ser substituído pelo Vice-Diretor.

Significando a V. Rev.ma o meu contentamento por vêr que se vai iniciar a grande Obra da Catequese dos Indígenas do Mucuri, tenho toda a esperança de que os esforços de V. Rev.ma e de Frei Ângelo, auxiliados pela proteção divina, hão de corresponder aos desejos do Governo Imperial e aos desta Diretoria.

O Diretor Geral

A. L. de Magalhães Mosqueira"

Frei Serafim e seu companheiro permaneceram dois meses na cidade de Ouro Preto, durante os quais se puseram a par da situação e hauriram os conhecimentos indispensáveis para o bom desempenho da árdua missão que lhes era confiada.

O Brigadeiro L. A. de Magalhães Mosqueira teve ensejo, durante êsse tempo, de conhecer, de perto, a alma apostólica de Frei Serafim, seu talento e raras virtudes cristãs, além da dedicação, e piedade e santos propósitos do seu companheiro, Frei Ângelo. Entre êle e os Missionários firmou-se sincera amizade e mútua admiração, como resulta da correspondência oficial e particular mantida durante muitos anos.

* * *

III — Frei Ângelo em sua "Sinopse" (3) lembra a despedida com estas palavras: "... com muitas recomen-

(3) Sinopse da Missão Catequética — arq. do Convento

dações, depois de apertados abraços e sinceras manifestações de profundo reconhecimento, partimos de Ouro Preto”.

Acompanhados pelo sargento Torquato e mais dois mestres, providos de bôa cavahada e do necessário para a longa viagem, puseram-se a caminho, seguindo o itinerário mais prático e aconselhado: Mariana — Morro do Pilar — Santa Maria de São Félix — Capelinha e, finalmente, Filadélfia.

A época do ano não era a melhor e as chuvas tornavam difícil e penosa a viagem. Frei Ângelo, ao narrar mais tarde aos companheiros as peripécias dessa primeira viagem a cavalo, de 20 longos dias, através de caminhos primitivos, entre atoleiros e rios sem pontes, ria-se e despertava em todos hilaridade, pondo em evidência os episódios humorísticos, calando e ocultando os sacrifícios e sofrimentos inevitáveis desse genero de viagem, ao qual êle e o seu querido companheiro não estavam afeitos.

Da narração oral feita aos companheiros ainda em vida, destacamos o seguinte episódio, que nos parece um feliz presságio:

“A viagem chegava quasi ao seu termo, quando, num sábadó, ao cair da noite, chegaram os viandantes a uma importante fazenda; foram bem recebidos pelos bons mineiros, cuja hospitalidade é assás conhecida, apesar da surpresa causada pelos viajantes, nunca vistos naquelas paragens. Em breve, porém, a estranheza cedeu lugar à admiração e ao respeito, ao saberem que os dois viajantes de veneráveis barbas e austero hábito franciscano, eram sacerdotes católicos.

A fazenda tinha capela e, para o dia seguinte, domingo, foi anunciada a celebração da santa missa. Para os moradores da fazenda e da redondeza foi um dia de festa.

Frei Serafim, à hora marcada está ao altar celebrando o santo sacrifício da missa. A numerosa assistência,

encantada pela figura veneranda do celebrante e do seu companheiro, no meio daquele ambiente feito de piedade e de recolhimento, presenciou um espetáculo inédito: Uma branca pomba entra, capela a dentro, descreve em redor do altar largos círculos e, finalmente, em vôo sereno, prendendo a atenção de todos os presentes, pairando alguns instantes sôbre o celebrante, delicadamente vem poisar sôbre a sua cabeça, com enorme maravilha e espanto da assistência e do próprio celebrante...

Foi acaso?

Embora acaso não deixa de ser um episódio gentil e um feliz pressagio.

Dias após estavam na terra que a Providência Divina lhes apontava: — Filadélfia do Mucuri.

* * *

IV — Filadélfia, hoje Teófilo Otoni, (4) era, então, um pequeno povoado, fundado há uns trinta anos atrás pelo grande e benemérito político mineiro Teófilo Benedito Otoni, cognominado — “o último bandeirante” (5), que obtivera do Governo Imperial concessão para explorar uma estrada de rodagem de Minas Novas à Santa Clara do rio Mucuri, afim de favorecer e dar maior incremento comercial a todo o nordeste de Minas.

Teófilo Otoni é, atualmente, uma linda cidade, cuja importância grangeou-lhe nas alterosas, o título de “*Princesa do Norte*”. Possui ruas bem traçadas e otimamente calçadas, belos prédios, espaçosas praças e jardins e, sobretudo, é centro de considerável movimento universal.

(4) O Governo da Província, em 1878, com a lei n.º 2480, de novembro, criou o município de Filadélfia com sede no antigo arraial do mesmo nome, elevado a cidade pela referida lei e que tomou, então, o nome de Teófilo Otoni.

(5) Paulo Pinheiro Chagas — Teófilo Otoni — pag. 169

Colocada no vale do Mucuri, na divisa com os Estados da Bahia e Espírito Santo, cortada pela estrada de ferro Bahia — Minas, desfruta uma posição privilegiada, quer pelas riquezas de suas matas, quer pela vastidão de seu ubérrimo território, regado de caudalosos rios, como o Mucuri e Todos os Santos.

O fundador de Filadélfia, homem de raro talento e singular intrepidez, anteviu a importância, as maravilhas e fecundidade dessa região inexplorada, quando, patrioticamente, ideou e organizou a *Comp. de Comércio e Navegação do Mucuri*, destinada a “descobrir o nordeste de Minas e colonizá-lo — Valorizar sua riqueza, cortando-o de estradas. Comunicá-lo com o Rio de Janeiro, através do rio Mucuri e do Oceano, criando, assim, um porto de mar para a província central”. (6) Grandioso e vasto projeto que a nós, que nos demoramos a estudar a obra sobrehumana dos desbravadores do nordeste mineiro, se nos afigura de tamanha e tão considerável relevância e utilidade, que não podemos compreender como a maldade humana e a paixão política ousasse obstar sua realização. De início, destinava-se a *Comp. do Mucuri* a ligar, utilizando canoas, o povoado de Santa Clara ao porto de mar de São José de Porto Alegre. (7)

(6) Paulo Pinheiro Chagas — Ob. cit. pag. 166

(7) A paróquia de Santa Clara do Mucuri foi criada em 24 de Outubro de 1881 (lei n.º 2829) e pertence ao município e comarca de Teófilo Otoni. Fica neste distrito a Cachoeira de Santa Clara. Este lugar fica próximo à estação de Aimorés (Km. 142) da E. de Ferro Baía & Minas, na nossa fronteira com a Baía e à margem do rio Mucuri, navegável desse ponto à foz, em São José do Porto Alegre (E. da Baía). O grande mineiro senador Teófilo Benedito Otoni, mandou rasgar excelente estrada de rodagem, desde o porto de Santa Clara às matas de Filadélfia (Minas), nos meados do sec. XIX. O porto de Santa Clara, situado à margem direita do Rio Preto cerca de duas léguas acima da sua foz no Mucuri, fica acima da cachoeira de Santa Clara. Das 80 léguas do curso do rio Mucuri da nascente em Minas (Mun. de Teófilo Otoni) à sua foz no Atlântico, aos 18.º 6' 43" Lat. Sul., em São José do Porto Alegre, ele corre 50 léguas em território mineiro da ant. com. de Filadélfia até a cachoeira de Santa Clara, recebendo vários afluentes mineiros: à dir. Todos os Santos e Urucú; a esq. o Ame-

Quantos embaraços e obstáculos não teve, porém, que vencer! Outro que não tivesse a coragem e a tèmpera adamantina de Teófilo Otoni, teria, sem dúvida, desistido, logo de início, e relegado o grandioso projeto às utopias... (8) Basta pensar que de Santa Clara as mercadorias eram transportadas ao interior de Minas por meio de tropas ou carros de bois que, apenas para atingirem Filadélfia, tinham que percorrer a distância de 180 Km., através de mata virgem, habitada por selvagens e animais ferozes.

* * *

V — Mas o obstáculo maior não eram os animais ferozes e sim os selvagens...

“Constituida a Companhia do Mucuri — afirma Godofredo Ferreira — e encetados os seus trabalhos de exploração, aberturas de picadas, estradas de rodagem e, em seguida, a colonização — foi na não interrompida hostilidade que se projetaram rubras até os nossos dias — que encontrou ela a maior dificuldade a vencer, afim de levar a bom termo a sua finalidade civilizadora e, portanto, um dos mais sérios entraves aos seus esforços, pois que, nem o policiamento por soldados, protegendo os trabalhadores e viajantes, evitou a flecha traiçoeira do índio” (9)

ricano e o Pampau, entre os principais. — O Mucuri se divide em duas partes Rio de Pedras (alto Mucuri) e Baixo Mucuri (desde Santa Clara a São José de Porto Alegre) — A região do rio Mucuri foi cientificamente estudada em princípios de 1866 pelos geólogos americanos HARTT e COPELAND, que subiram o rio em barco a vapor, desde São José do Porto Alegre, na foz (costa baiana) até perto de Santa Clara na divisa mineira, navegando assim, facilmente esse trecho de 80 milhas. — A geologia, a flora, a fauna, as tribus selvagens, as riquezas da bacia do Mucuri, tudo HARTT descreveu, em traços nitidos e gerais em sua obra (pag. 160) por nós já citada neste Anuário. — Ao seu curso total, desde as nascentes a oeste no município de Teófilo Otoni deu Carlos Hartt 150 milhas; e diz o assonbro que lhe causaram as florestas do Mucuri, com suas matas de copaiba, cacáu nativo, plantas medicinais de toda a sorte.

(Do Anuário de Minas Gerais — Dr. Nelson de Sena — 1912 pag. 1054).

(8) O Município de Teófilo Otoni — I. S. [Petteroo, O. F. M. pag. 13.

(9) Os Bandeirantes Modernos — pag. 24

O próprio Teófilo Otoni, a quem os bugres dedicaram depois afeição, teve interrompidos os trabalhos de abertura de picadas nas cabeceiras do rio Urucú, em 1853, por um ataque dos selvagens que lhe feriram dois homens e uma besta. Depois d'este fato, Teófilo Otoni entrou decididamente em contato com os Índios e até foi estipulado um tratado de paz... Todavia, os ataques, as mortes, e as vinganças dos índios contra os civilizados continuaram. A colônia militar de Urucú — relata G. Ferreira — sofreu sério ataque durante a administração do Tenente Mamoré. Uma das primeiras vítimas dos botocudos Pogichás, localizados, com seu aliado João Ima, ao longo da estrada de Santa Clara a Filadélfia, foi o engenheiro Roberto Schlobach, encarregado dos consertos da referida via". A 33 Km. distante de Santa Clara, no lugar denominado Jucupemba, massacraram uma família portuguesa. O chefe dessa família era negociante. Os bugres saquearam a casa comercial, espalhando toda sorte de objetos pela mata, e roubaram o dinheiro encontrado. Uma das filhas do desgraçado comerciante, com os intestinos à mostra, rasgado que lhe fôra o ventre pelos selvagens, viajou, assim, uma légua em busca de socorro. Causava imenso dó o seu estado horrendo a todos que a viam. Horas depois falecia, presa de cruciantes sofrimentos. A fazenda do Sr. Antônio Dias Araújo, na Planície, a poucos quilómetros de Filadélfia, foi atacada diversas vezes.

"Para cada um desses ataques, havia sempre uma forte reação. Reuniam-se os vizinhos da vítima, seguiam ao encaço dos botocudos, fazendo em suas fileiras verdadeiras hecatombes" (10)

Não ha dúvida, como confessa em seu manuscrito o próprio Frei Ângelo, a selvageria dos índios, excitada ainda

(10) Obr. cit.

mais pela maldade e imprudência de certos nacionais e portugueses, era causa de cruenta guerra entre as duas partes. Os índios matavam com suas terríveis flechas, viajantes e animais carregados de mercadorias; roubavam tudo; em seguida, se retiravam para o centro das matas, onde se lhes deparava a segurança de inexpugnável fortaleza natural. À vista de tão lamentáveis acontecimentos, viu-se o Governo obrigado a estabelecer alguns postos militares ao longo da estrada; esta providência não deu resultado algum, pois, quando os soldados acudiam ao ponto em que se davam os crueis assaltos dos selvícolas, êstes, consumado o ato, já se haviam metido pelas suas conhecidas brenhas, onde, sem receio, zombavam de tudo e de todos. As praças davam tiros a êsmo, pela estrada em fóra, para espantar, e voltavam aos quarteis, aguardando novo e inútil apêlo.

“Com êsse tão prejudicial modo de viver, os Pogichás se tornaram o terror dos passageiros daquela estrada. Para ir a Santa Clara, já não se viajava de dia: em certos pontos mais arriscados, aproveitava-se do escuro da noite, pois, nessas horas, os selvagens se abstinham de atacar os viandantes”.

E as palavras de Frei Ângelo não são em nada exageradas. Os Pogichás eram, na verdade, o terror do vale do Mucuri e anulavam, com suas emboscadas, os benefícios da estrada aberta à custa de ingentes sacrifícios pelo benemérito Otoni, entravando, assim, o progresso e a civilização daquela zona.

Os índios preparavam e executavam as emboscadas de forma inteligente sem que podesse por êsse modo escapar sequer um animal ou uma pessoa, logo que fosse avistado por entre a brecha. “De dez em dez braças, pouco mais ou menos, ao longo da estrada, estavam estabelecidas as to-

cáias, com as suas respectivas brechas entre o massiço de cipó e, por trás delas, um grupo de índios seus ocupantes.

“Correspondente a cada uma das seteiras ou brechas circulares, fincavam uma estaca em forquilha, sobre a qual o índio da frente apoiava a sua flecha, o seu imediato apoiava a flecha no ombro do da frente e o terceiro no segundo, de forma que, daquele ponto, partiriam pela mesma seteira três flechas ao mesmo tempo para ferir o mesmo animal.

“Ao passar a vítima pela primeira tocaia nenhum mal lhe acontecia, pois que, por mais destro que fossem, não lhe sobraria tempo para entesar o arco e arremessar as flechas; porém, esta do vigilantes, logo que avistava, dava aviso aos seus companheiros das outras trincheiras, que esperavam a sua passagem pela seteira e, então, não podia escapar. Se escapasse da segunda, teria que ser ferido pela terceira; o único meio de passar incólume seria baixado, sendo necessário que o viajante conhecesse a organização das tocaias.

“O sinal convencionado entre elles era o pio da jacutinga, que imitavam perfeitamente”. (11)

Verificada a inutilidade dos postos militares, e meios violentos, o Governo resolveu fundar nas imensas matas do Mucuri a catequese religiosa dos índios, reunindo-os em aldeamentos, como único meio de acabar com êsse lastimável estado de cousas e assegurar a tranquilidade aos habitantes da região. (12)

(11) Em Plena Floresta” — Araujo Aguirre, pag. 75

(12) Desde 1861 o Governo Imperial apelara para os Capuchinhos a fim de pacificar os Índios do Mucuri que com a retirada de Teófilo Ottoni perderam um pai e um protetor. Por falta de pessoal disponível sómente onze anos depois foi possível enviar para aquelas matas, e lhes confiar tão nobre e humanitária tarefa, os dois Missionários de que nos ocupamos. José Antônio Saraiva, Ministro dos Negócios do Imperio assim se dirigiu, no estilo da época, ao Snt. Prefeito dos Missionários Capuchinhos:

“E essa árdua missão — escreve Frei Ângelo — tão grande, tão perigosa e tão complexa, era a que se confiava aos dois Capuchinhos. Só auxiliados pela graça divina é que poderiam realizar tão difícil e arriscadíssima empresa”. (13)

6.º 1.º — Ministério dos Negócios do Imperio

Rio de Janeiro em 17 de Junho de 1861

Sendo de indeclinável necessidade a presença de um Missionário em Filadélfia, na Província de Minas Gerais, para promover a paz entre os Índios que a 3 de Maio último praticaram graves disturbios no dito lugar, muito convém, que V. P. me indique qual o Missionário disponível que possa destinar-se áquella Missão, afim de ser posto ás ordens do Ministério dos Negócios da Agricultura, Commercio e Obras públicas. Deus Guarde a V. P. — Ass. José António Saraiva.

A esse Aviso respondia o Padre Prefeito não dispor no momento de nenhum Missionário, replicando o Ministro:

Rio de Janeiro 25 de Junho de 1861

Acuso a recepção do Officio de V. P. Rma comunicando-me que não tem presentemente Missionário algum disponível que possa seguir para Filadélfia em Minas Gerais; mas que havendo três dêsses Religiosos empregados em diversas comissões naquella Província, ia V. P. Rma pedir ao respectivo Presidente, que lhe inculcasse algum dêles que se pudesse prestar a solicitação deste Ministério constante do Aviso de 17 do corrente; e em resposta tenho de dizer a V. P. Revma. que fico inteirado do conteúdo do mencionado officio, e outrossim que o Governo Imperial espera que V. P. Rma. não se descuidará de concorrer para tão humanitário fim. — Deus Guarde a V. P. Revma. Ass. José António Saraiva. Documentos do Arquivo do Conv. de Schastião - Rio)

(13) Sinopse — Fr. Angelo —

CAPÍTULO IV
EM PLENA FLORESTA
(1873)

I. Os Índios do Brasil — II. Os Primeiros trabalhos em busca da terra de Canaã — III. Palavras proféticas: “Daqui não sairei mais”! — IV. Itambacurí

I — A origem dos índios do Brasil ainda hoje é desconhecida.

As pesquisas dêstes últimos tempos não chegaram a fazer maior luz. A opinião geralmente seguida admite a imigração asiática.

Na época do descobrimento habitavam o Brasil, como é sabido, numerosos índios divididos em Tapuias, moradores do sertão e Tupis localizados no vasto litoral.

“Do nomadismo dos Tupís e Tapúias — explica Almeida Prado — e das suas lutas veio a extrema divisão das tribus. Não paravam nem socegavam, nem mesmo entre os do mesmo grupo mantinham harmonia. Pareciam ter a psique do Judeu Errante, acrescentando-se-lhe, para mais, a coragem física. Em geral os índios no início da imigração esgalhavam-se em numerosas hordas, dividindo-se e subdividindo-se para com maior facilidade se locomoverem. Pelo trajeto desalojavam outros indígenas e, no fim de alguns anos, a agitação de uma tribu punha em movimento todo o gentio do interior, das serras e do litoral” (1)

(1) F. J. Almeida Prado — Primeiros Povoadores do Brasil, pag. 135

Desde tempos imemoriais numerosas tribus da nação Botocuda refugiaram-se nas florestas dos rios Jequitinhonha, Mucuri, Doce e São Mateus, justamente a vasta região designada como campo do apostolado dos Rev.mos. Padres Frei Serafim de Gorizia e Frei Ângelo de Sassoferato.

Contiguo ao Rio Doce — informa importante manuscrito do ano 1817 (2) — havia Botocudos, Bororós, Nacnanuc e outros índios divididos por continuas intrigas e rixas, mas todos pareciam pertencer à Tribu dos Botocudos em vista dos seus usos e costumes mais ou menos semelhantes.

O coronel Guido Tomaz Marliere, Diretor Geral dos Índios de Minas Gerais ao ter conhecimento que nas vizinhanças de Godowal, na Aldeia de Geião-menda se festejava uma vitoria dos Coroados contra os Purís tratou de negociar a pacificação dos irreconciliaveis inimigos. Os coroados numa das suas periodicas excursões encontraram-se com os Purís, deram-lhes combate, batendo-os e sacrificando muitos deles. Regressaram trazendo arcos e frechas, a orelha e o braço de um chefe inimigo, dos mais velhos e conhecido, e cantaram e dançaram diante daqueles despojos macabros. O Diretor Geral por intermedio do índio Cipriano conseguiu ajustar a pacificação. No ano seguinte foi possível aos Purís, sem serem molestados, virem até às fazendas de José Garcia de Melo, no Ribeirão Preto, no Ribeirão dos Borges e na fazenda do Furriel José Lucas, passando pelas aldeias dos Coroados, ficando no eque-

(1) ALDEIA DA PEDRA — COPIA DE MANUSCRITOS DE 1817 — INDÍGENAS DO BRASIL — N.º 1847 — Neste Manuscrito se encontram sucintamente descritos costumes, crença, lingua, viagens, a vida nas Aldeias, os encontros e visitas amistosas dos indios Coroados e Purís. Faz parte dos documentos pertencentes a Frei Tomaz de Cibrá di Cadello que auxiliou a fundação de São Fidelis e fundou Aldeia da Pedra, depois São José de Leonissa e hoje Itaócara, Estado do Rio. Arquivo do Convento de São Sebastião.

cimento as desavenças passadas... “Vindo pouco depois Constantino José Pinto a procura de *poaia*, para negócio, abriu estrada para Muriaé, por onde transitaram tropas com mantimentos para sustentança dos Coroados que *poiavam* conjuntamente com os Purís, a qual estrada o mesmo dito Diretor com os Cassadores a augmentou até onde estabeleceu um quartel onde presentemente é a povoação de S. Paulo”.

Godofredo Ferreira (3) enumera e especifica as diversas tribus localizadas no vale do Mucuri. “Recuando — escreve êle — do litoral os Machalis, os Nak-Nanúks, os Gíporóks, os Macunés, os Aranás, os Urucús, os Pojichás, os Crisciúmas, os Ta-Monhecs, os Potés, os Patachós, etc... se fixaram na extensa faixa de terra que se encontra situada no vale do rio Mucuri, estendendo-se ao N E. e N O. até alcançar o Jequitinhonha, até o rio Doce e Suassui Grande. Essas tribus, que em sua totalidade integravam a poderosa e tenida nação Botocuda, viveram em contínua e fratricida guerra, que a fome ateou, obrigando-as a se disputarem pequenos territórios, onde encontrassem raizes tuberosas alimentícias, alguma caça e peixe com que manter a própria subsistência. Resultou dêsse ininterrupto e sanguinolento embate entre irmãos, como era fatal — a derrota e absorção dos mais fracos pelos mais fortes.

“Dêste modo, batidos e perseguidos encarniçadamente pelos *Nak-Nanuks*, *Gíporóks*, *Pojichás*, etc., os *Machalis* os *Macunés* e outras tribus, fugindo à sanha dos seus implacáveis inimigos pediram proteção aos brasileiros civilizados no quartel que mantinham no lugar Alto dos Bois, distante cerca de cincoenta e nove quilômetros da Cidade de Minas Novas. Explica-se desta forma o Dr. Victor Renault, quando de sua viagem por determinação do Gover-

(3) Godofredo Ferreira — ob. cit.

no de Minas, em 1839, ter encontrado bugres mansos trabalhando na fazenda do snr. Antônio Gomes Leal.”

O fundador de Itambacurí, Frei Serafim de Gorizia, em relatório oficial ao Governo, assim informa acêrca dos índios encontrados nas florestas do Itambacurí: “A maior força dos Índios aqui estabelecidos em número superior a mil são restos de Botocudos e Aimorés, que, embrenhados no interior das terras, entre o Mucuri e o rio Doce, se tinham conservado selvagens e ferozes, levando ao longe o terror. Eles, em tempo nenhum cobriam o corpo, e pintando-o com tinta vermelha de *urucú* (4) especialmente a cara, o beijo inferior furado, em que traziam um pedaço de pau, e cortando as orelhas em círculo pendente, tornavam-se medonhos e disformes em suas feições; e, como usavam de poligamia, esta os fazia indolentes e moles, mas ferinos e cruéis nas agressões à que os incitavam as mulheres por fome e vingança, obrigando-os a saírem nas estradas e pequenas povoações, onde, se por acaso encontravam alguma resistência, indo no alcance dos vencidos, lhes mutilavam os corpos de muitas formas, cujas carnes, às vezes, levavam consigo para assá-las e devorá-las: as mulheres, sobretudo se distinguíam nesta crueza...” (5)

No tempo da construção — refere Frei Ângelo de Sassoferato — os trabalhos (alude à estrada que Teófilo Otoni mandou rasgar na extensão de 180 quilómetros de Filadélfia a Santa Clara) não eram perturbados porque Teófilo Otoni, além de sua grande ilustração e forte prestígio, era um homem de trato lhano e ameno, sendo, especialmente, benévolo para com os índios: muito os considerava, agradava e presenteava; não consentia que qualquer camarada os ofendesse — até as fêras, costumava repetir, se

(4) O nome urucú significa “vermelhão” (a planta que o produz Bixa Orellana) V. Teodoro Sampaio.

(5) Offícios e Relatórios — Vol. II, pag. 13

amansam com carinho. Além disso proibiu em absoluto o uso de álcool. Com tal proceder e tais providências os transeuntes, as tropas e os carros, empregados na importação e exportação de mercadorias de Santa Clara para o interior da Província e vice-versa, viajavam na maior tranquilidade possível.

“Mas Teófilo Otoni — continúa Frei Ângelo — viu-se obrigado a deixar o Mucuri por motivos políticos, tendo lhe faltado o apoio do Governo, que era seu adversário e até hostilizava.

“Em todos os tempos sempre houve entre os homens o partido do *bem* e do *mal*. — Ordinariamente o mal se propaga mais depressa que o *bem*: antes de conhecer êste, a natureza humana pratica o primeiro. — Parece que os Pojichás na familiaridade que tinham com os civilizados, a êstes pediam naturalmente as cousas necessárias à vida; mas nem sempre eram atendidos, nem podiam sê-lo em tudo; eram, às vezes, tratados com recusas atrevidas e desaforadas, sobretudo as mulheres. Consequentemente, originou-se entre os dois povos tamanha desavença, que degenerou em cruel guerra: os moradores, os tropeiros e carreiros foram atacados e flechados e, muitas vezes, para escaparem à morte, fugiram, abandonando as cargas e mercadorias de que os Pojichás se apoderavam e levavam para o centro das matas. — Até os simples viandantes eram muitas vezes flechados. Tudo isso fazia desesperar os habitantes de Filadélfia. — Que o povo bem armado se reunisse e fosse ao alcance dos ladrões, assassinos e salteadores de estrada para exterminá-los ou, ao menos, afugentá-los! Era o pensamento, o conselho geral.

“Mas assim só podia arrazoar quem não conhecesse as matas do Brasil, que são de tal ordem, que serviam para os índios de fortalezas seguras e inespugnáveis.”

Era essa a situação dos índios do vale do Mucuri e Rio Doce, quando, muito depois do fracasso da *Comp. do*

Mucuri, o Governo resolveu cuidar dos selvícolas e confiar a catequese dos mesmos aos Padres Missionários Capuchinhos.

Na introdução ao Relatório do Diretor Geral, Antônio Luiz de Magalhães Mosqueira, apresentado ao Exmo. Conselheiro José Fernandes da Costa Pereira Junior, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, informando acerca dos serviços da catequese dos indígenas a cargo dos Missionários Capuchinhos, iniciada em meado de 1873, antes de relatar com louvores os primeiros trabalhos e as medidas iniciais, tecendo elogios aos missionários, relembra o passado de sangue, vinganças e ódios entre indígenas e civilizados:

“Para que V. Exa. possa avaliar a sabedoria das medidas tomadas pelo Governo, nesta Província em relação à catequese dos Aborígenes dela, é bastante consultar-se os meus antecedentes relatórios dirigidos ao Governo Provincial, e os officios, cujas cópias devem existir na Secretaria do Ministério a cargo de V. Exa., e, por êstes documentos, se vê, que sem me referir aos acontecimentos havidos durante as administrações dos meus antecessores, nesta Diretoria Geral, e sim unicamente aos ocorridos durante a minha, que teve princípio em setembro de 1869 até Maio de 1872, em que se deu começo a catequese nas margens do Rio Doce, e em setembro do mesmo ano no Mucuri; o número dos indígenas mortos, ora por Nacionais, ora por discórdias havidas entre êles, excede de oitocentos, e isto além de famílias inteiras de posseiros, que, tendo penetrado nas matas com o fim de lá se estabelecerem, fascinados pela uberdade das terras e por se acharem elas devolutas, desapareceram naqueles sertões, sem que ninguém pudesse dizer o que foi feito delas!..

“Uma vez eram os indígenas que defendiam os seus lares, capitaneados por malfeitores que, fugindo aos rigores da justiça, pela justa punição de seus crimes, entre êles se abrigavam e os insuflavam para as correrias; outras vezes, eram êles traídos e surpreendidos à falsa fé e mortos desapiedadamente como em São Miguel de Jequitinhonha e no Ribeirão das Lages, onde não se perdoaram nem os meninos de peito nos braços de suas mães... . . . aqui se extinguíam reciprocamente, ali eram eles reduzidos à verdadeira escravidão e, então, eram tidos como mansos.” (6)

Eram êsses os Índios que, a pedido do Governo, Frei Serafim e Frei Ângelo iam aldeiar, arrancando-os das matas e das trevas para os levar ao convívio da vida civil e ao grêmio da Santa Igreja e eram essas matas do vale do Mucuri o campo de apostolado, que iriam desbravar partindo de Filadélfia.

* * *

II — O bom povo de Filadélfia saudou com respeitosa alegria a chegada dos dois filhos de São Francisco de Assis, na esperança de que ali ficassem. Bem cedo, porém, essa alegria mudou-se em pesar, pois os missionários, cumprindo as ordens recebidas ao saírem da Capital do Império, deixaram o povoado de Filadélfia, retirando-se para a fazenda do Capitão Leonardo Estevens Otoni, distante uns 25 quilómetros. Nesta fazenda, cujo proprietário mantinha relações com algumas tribus de índios, os missionários foram bem recebidos. Ali se demoraram seis meses, colhendo informações, fazendo observações, elaborando pro-

(6) Relat. — Arq. do Convento.

jétos, demorando-se em excursões e explorações em plena floresta, à procura do sitio que melhor correspondesse à fundação de um aldeamento central, para mais facilmente reunir as diversas tribus de índios, que vagavam nas imensas matas.

“Ao europeu — escreve Frei Ângelo — causavam pasmo as árvores seculares do Brasil, de 30, 40 e mais metros de altura e grossura extraordinária. Estavamos rodeados dessas extensíssimas florestas virgens, abrigo de onças e tigres ferozes e de selvagens ainda mais temerosos”. Aliás, não era somente o pobre missionário a experimentar êsse sentimento de espanto diante das matas do Mucurí. O geólogo americano C. Hartt, que, em 1866, estudou cientificamente toda a região do Mucurí, consignou em sua obra o assombro que lhe causaram as florestas, com suas matas de copahibá, cacáo nativo, plantas medicinais de toda a sorte. (7)

Damos a palavra a um filho das florestas, Domingos Pacó, que assim inicia sua narração: “Era esta zona um lugar intransitável, percorriam-no somente índios como: Crakeatam, Mucurim, Nhanhã, Catholés Potão, Nacrechés, Aranãs e as feras bravias”. (8)

Para se achar um sitio conveniente e de acôrdo com as instruções recebidas pelos órgãos governamentais, era preciso estudar a zona, cotejar os elementos, percorrer distâncias dentro da floresta bruta, tarefa por demais difícil, particularmente para os dois missionários, ainda mal aclimatados e nada familiarizados com semelhantes trabalhos. Mas ainda assim, ambos se multiplicavam e trabalhavam sem olhar os perigos, confiantes na graça de Deus, a cujo serviço estavam.

(7) Anuário de Minas Geraes. Ano III, 1909.

(8) Domingos Pacó — Uma Pequena Narração.

Foram-lhes sugeridos diversos sítios como Potão, cujos terrenos ótimos estavam, porém, ocupados pelo Cap. Leonardo E. Otoni, a quem era preciso indenizar; como também Saudades e Planície e Cana Brava, que não possuíam todos os requisitos necessários, exigidos e recomendados pelo Governo Imperial. Essas sugestões vinham da parte de interessados... que mais tarde se declararam inimigos da catequese, que guerrearam sempre com todos os meios e até com a calúnia.

* * *

III — O tempo, entretanto, corria veloz e era preciso decidir. Frei Serafim não descansava. Na margem do rio São Mateus mandou fazer uma derrubada, ajudado nessa tarefa pelos índios Potões, com os quais tinha entrado em relação. Os índios, porém, fizeram sentir a Frei Serafim, que havia outro lugar muito melhor, mais fértil, rico de aguadas e com abundantes caça e pesca... Era justamente o lugar procurado por Frei Serafim que os índios diziam estar ali perto uns 25 quilómetros.

Frei Serafim, abandonando então o rio São Mateus e cedendo às insistências dos Índios, acompanhado pelos mesmos, tomou o caminho indicado, em busca da terra de Canaã. Na tarde do dia 19 de fevereiro de 1873, Frei Serafim, seu fiel companheiro e sua estranha comitiva chegaram ao alto da serra que divide as águas do Itambacurí e Corrego d'Areia. Do alto, dominando as alturas do soberbo vale que se lhe deparava extasiando a vista, como que arrebatado pela beleza selvagem do panorama imponente, compreendeu ser aquele o lugar indicado pela vontade de Deus para plantar o marco da fundação do Aldeamento e a tenda do seu apostolado, inspirado e com acento profético, exclamou: DAQUI NÃO SAIREI MAIS!

* * *

IV — Frei Ângelo descreve assim, o descobrimento da Itambacurí: “Por meio de um intérprete manifestamos aos índios o que pretendíamos fazer, salientando que o Governo nos enviara para que os tornássemos felizes e lhes pedíamos informações sôbre o sítio, em que vagavam. Foi mui satisfatória a resposta, pois até o local correspondia perfeitamente às condições recomendadas pela Diretoria Geral dos Índios de Ouro Preto. O melhor ponto era o sítio do Itambacurí, por êles chamado Encogek, que significa “espinhaço de cachorro”, pela semelhança que achavam na cordilheira de serros que de norte a sul, corre paralela ao rio. Êste, que é apontado nas cartas geográficas, se denomina Tambacurí, no ponto em que se aproxima do Suassuaí, ao qual se reúne para desaguar no rio Doce. Estabelecendo-nos nas suas cabeceiras, no ponto em que, através de cachoeiras empedradas, desce ao vale da colônia, acrescentamos àquele nome a vogal I, e, assim, ficou chamado Itambacurí e foi oficialmente reconhecido pelo Governo. (9)

Com os índios do Potão, já vestidos e bem tratados, e com alguns camaradas (trabalhadores), carregando às costas mantimentos, “trens” de cozinha, algumas foices e fa-

(9) Fr. Angelo-Man. cit. — Segundo interpretou Alfredo de Carvalho o nome indígena Itambacurí (do Tupi itamba-qui-ry) quer dizer “rios dos montes de cascas” de mexilhões ou conchas, vulgo Sambaquis Anuário de Minas Geraes — ano III — 1909 — p. 1056 —

Segundo opinião abalizada do Tenente João Teixeira Lages, então chefe da catequese leiga no município de Itambacurí, conhecedor perfeito dos costumes e língua dos índios Pojichás, em palestras que costumava ter com o Dr. Antonio Firmato de Almeida, o nome “Itambacurí” provem de “Trambaquari”, significando rio correntoso, rio encachoeirado, em linguagem indígena, e que dado era ao maior rio da região em virtude de formar, no curso superior, inúmeros cachoeiras e corredeiras. No correr dos tempos, a tendência natural de suavisar, tirar as asperesas, de tornar mais eufônica a palavra, transformou-a modificou-a até o nome atual.

É razoável a explicação. Idêntico acontecimento encontramos em diversas línguas mortas, como no caso do Latim, legando-nos o Português, o Espanhol, o Francês, o Italiano, pela transformação paulatina, mas continua dos vocabúlos primitivos. — (Serafim da Silva Pereira)

ções, nos metemos pela mata virgem até Itambacuri, que fica distante 36 quilómetros ao sul de Filadélfia. Após alguns dias de caminho por picadas entocadas e mal traçadas, chegamos ao mesmo vale que então buscávamos. Aí se divisa na direção norte a sul um bellissimo horizonte visual, um panorama encantador. As terras são regadas por três cursos de aguas importantes: o já mencionado Itambacuri, que, como fica dito, cai no vale por belas cachoeiras; o Fortuna e o rio Engenho, que vindo ambos do oeste tambem se precipitam no vale de elevadas cachoeiras e, depois, se reúnem ao Itambacuri. Deste tambem se aproxima o São Mateus que, depois, se afasta muito, dirigindo-se para o leste a desaguar diretamente no Oceano. Frei Serafim, ao chegar, percebeu logo ser êste o lugar ambicionado pelo Governo e destinado por Deus para a arena de seus trabalhos apostólicos e exclamou graciosamente: "Daqui não sairei mais!" Profecia que se realizou.

Aí recebeu Frei Serafim a cordial visita do Capitão Pahóc, acompanhado dos seus índios. (10)

Quem era o Capitão Pahóc?

Desde muitos anos algumas tribus do Mucuri tinham entrado em relações com os civilizados. Félix Ramos da Cruz, entre outros, fez amizade com o capitão Pahóc, chefe de numerosa tribu Crakeatan, Mucuri e Nhanhan, casando-se com uma filha dêle de nome Umbelina. Félix Ramos ganhou assim a confiança dos índios, que levava de quando em quando a passear entre os civilizados, servindo de intérprete. A tribu comandada pelo Cap. Pahóc, contava 800 homens em arcos, além de outras tribus de 100 homens localizados nos limites, em pontos estratégicos, para defesa contra possíveis incursões inimigas. Em 1870, os senhores José Silvério da Costa e Casimiro Gomes Leal,

(10) Fr. Vicente de Licodiã — art. na "A Família", n.º 34 — 12-4-1913

diretores civis dos índios com residência respectivamente em Minas e Trindade, receberam a visita de uma centena de índios sob o comando do Cap. Pahóc e conduzidos pelo linguista Félix Ramos e seu genro. No ano seguinte, os diretores civis de Filadélfia, Antônio da Costa Ramos e o Cap. Leonardo Estevens Otoni receberam, também, a visita dos mesmos índios. (11)

A escolha do sítio, onde deveria surgir dentro em breve o aldeamento central da catequese dos índios, não podia ser mais feliz. Este fato é reconhecido por todos os visitantes e é consagrado em documentos oficiais, onde os enviados do Governo exaravam suas impressões. Em 1878, o Dr. Teive de Argollo, em relatório datado de 25 de novembro, assim se expressa a respeito de Itambacurí... “depois, atravessa-se o Itambacurí, continua-se em uma extensão de mais ou menos dois quilômetros por uma grande planície até se chegar à derrubada e admira-se o espetáculo grandioso que apresenta a natureza no ponto escolhido para a fundação do aldeamento, onde *habitam os seus diretores com alguns índios*”... (12) Aí se vê uma vasta planície para onde se despeham o rio Itambacurí e dois de seus afluentes da margem direita, por encantadoras cascatas, sendo a primeira do rio Itambacurí de cem metros de altura. Entre o Itambacurí e o seu primeiro afluente, há uma ponta de espigão com um pequeno platô, no alto do qual foi construída a moradia dos diretores, abrangendo dali a vista um magestoso horizonte, o mais belo que já vi no interior e na região da mata. A planície deve abranger uma área de não menos de 90 hectares, prestando-se,

(11) Domingos Pacó — Manuscrito citado.

(12) Este relatório, no qual o Dr. Argollo reconhece o acerto da escolha e os trabalhos dos Missionários, não deixa de distilar, devido per estranhas influências, umas gotas de veneno: Ele viu só “Alguns índios” entretanto como ficará provado no correr desta história, eram no ano de 1878, data em que Argolo visitou o aldeamento, centenas.

portanto, para a edificação de uma grande cidade, onde a indústria poderia aproveitar a mesma força motora que a natureza pôs à sua disposição nas três cascatas do Itambacurí e seus afluentes, tendo o lugar em que habitavam como que sido destinado ao palácio do seu governador, pois que a vista varre toda a planície e muitos dos pontos mais elevados os quais ficariam dominados por poucas peças de artilharia, que ali fossem colocadas.

A Inspeção de Terras e Colonização apresentando uma relação ao Governo Imperial no ano de 1889, assim louva a feliz escolha feita por Frei Serafim do lugar do Aldeamento: "Tenho feito agora uma visita geral acêrca da importância de vários lugares por mim examinados no município de Teófilo Otoni, não posso privar-me de declarar, desde já, que seus diretores fizeram a escolha mais feliz entre os vários lugares do município".

Em época a nós mais próxima, em 1895, o ilustre Dr. Carlos Prates, Inspetor de Terras e Colônias, visitando pessoalmente Itambacurí, a 20 de janeiro, informou à Presidência do Estado de Minas, com estas palavras: "Do lugar em que está a Igreja (de N. S. dos Anjos) é que melhor se observa a beleza do panorama, que oferece êsse lugar: admira mesmo ao observador, como pudessem os Frades, no meio de frondosa mata virgem, escolher tão bem o lugar, donde observassem o que se ia passar diante dos seus olhos. Rivalizando-se com a sua beleza, está a riqueza de suas terras, as quais se prestam a todas as culturas usadas em Minas, notadamente do arroz, da cana, do milho, do feijão, do cacão e do algodão, possuindo em suas florestas madeiras de construção das melhores qualidades, tais como aroeira, peroba, ipé, brauna, etc.... O clima me parece bom, e esta suposição torna-se em realidade pelo que afirmam os habitantes do lugar".

O Dr. Emilio Schnor, engenheiro civil que, em 1906, fez estudos de uma estrada de ferro ligando Teófilo Otoni-Itambacurí-Figueira do Rio Doce (hoje Governador Valadares), quando deparou com o espetáculo do magnífico panorama do Itambacurí, exclamou: "Não duvido que se Teófilo Benedito Otoni tivesse conhecido este lugar, aqui teria fundado Filadélfia!" (13)

E realmente não há naquela região lugar mais belo!

O desenvolvimento extraordinário do vale do Mucurí e do Rio Doce, nestes últimos anos, tem patenteado ainda mais essa verdade e tem posto em evidência o imenso valor da feliz escolha feita pelo inspirado e benemérito fundador de Itambacurí.

Mas quantos sacrifícios, quantos sofrimentos, quantas lutas e heroísmo não tem custado?

Dêles diremos nos capítulos seguintes.

(13) Fr. Angelo — Manuscrito Citado.

CAPÍTULO V

FUNDAÇÃO DO ALDEAMENTO

(1873)

I. De como os Missionários abriram o primeiro caminho Itambacurí-Filadélfia — II. Sacrifícios inenarráveis: A fome, sepultado vivo — III. O flagelo dos mosquitos — IV. Primeira Missa nas florestas virgens do vale do Itambacuri — V. Como falou Frei Serafim, nessa ocasião, aos selvícolas e aos civilizados — VI. Os índios Aranás ameaçam fazer guerra — VII. Os frutos dos primeiros anos, através de um relatório.

Feita definitivamente em fevereiro de 1873, a escolha do lugar que devia servir como centro da catequese, tornou-se necessária sua ligação com o vizinho povoado, de onde devia chegar o necessário para o seu sustento. Sem perda de tempo, Frei Serafim deu início à abertura de um caminho para tropa, ligando Itambacurí a Filadélfia, aproveitando, tanto quanto possível, a picada antes aberta. Dalí sómente era possível obter mantimentos, sendo essa, também, a única via para a correspondência oficial. Frei Serafim começou, então, a construção da estrada de Itambacurí a Filadélfia; a Frei Ângelo coube fazê-la de Filadélfia a Itambacuri.

O quanto de sacrifícios custou êsse empreendimento, é devéras indizível. Frei Ângelo assim se exprimiu: “Montes e montes de dificuldades. Impecilhos de toda espécie

tínhamos que superar. Fome, sêde, intempéries, falta de tudo". (1)

Frei Serafim, com alguns civilizados e 230 índios, começou a abertura da estrada. Para tanta gente, porém, dispunha de limitados mantimentos e êste fato preocupava-o. Frei Ângelo ficou incumbido, por isso de, chegando a Filadélfia, fazer abundante compra de alimentos e, no mais breve espaço de tempo, remetê-los a Frei Serafim. Levou consigo dois soldados e, chegando a Filadélfia, comprou mantimentos em quantidade suficiente, carregou dois burros e a toda pressa os confiou aos soldados para os levarem ao seu querido companheiro, pois sabia serem de grande necessidade. Contento por ter enviado o necessário, Frei Ângelo, auxiliado por trabalhadores, iniciou, por seu lado, a construção da estrada de tropa, lançando pontilhões, improvisando boeiros, derrubando mata, enfim o suficiente para dar passagem aos burros cargueiros. Sob sua direção e no meio de infinitas dificuldades os trabalhos progrediam, ganhando distância, sem descanso, num fervor de entusiasmo e de hũa vontade, vencendo galhardamente indizíveis dificuldades.

Do lado oposto, porém, a fome fazia-se sentir, alarmante. As provisões tinham-se esgotado e a situação de Frei Serafim tornava-se cada vez mais crítica e desesperadora. Os índios, habituados a viver na mata e a tirar dela o necessário, iam se acomodando, mas assim não acontecia com os "camaradas" e companheiros de Frei Serafim. Êste, também, não se sentia tranquilo e estava apreensivo quanto à sorte do seu bom companheiro. A demora da remessa dos víveres era de todo inexplicável. Frei Ângelo não se podia esquecer do estado em que os tinha deixado. Que lhe teria acontecido? Os perigos eram tantos! Os

(1) Frei Ângelo — Man. cit.

ferozes Pojichás, que eram considerados o terror da região, ou as feras, as serpentes, as febres?... Esses pensamentos amarguravam e torturavam a Frei Serafim, muito mais que a própria fome. Sua confiança em Deus e em N. S. dos Anjos era, porem, grande. Não, Deus não o abandonaria logo assim, aos primeiros passos. Esta obra era de Deus, êle e companheiro estavam ao seu serviço e tinham abandonado tudo para cumprir sua santa vontade, portanto não lhe poderia faltar o divino auxílio. Assim raciocinando, Frei Serafim, quanto mais escuro via o horizonte em redor de si, mais confiava em Deus e a Êle dirigia interiormente sua prece. Os dias, entretanto, passavam. Havia tambem um limite para a resistência, para a economia e para o racionamento. Frei Serafim tinha chegado já ao jejum rigoroso, privando-se do necessário em benefício dos outros... Naquela tarde, porém, exausto pelo pesado trabalho no qual era sempre o primeiro, atormentado pelo calor asfixiante de fevereiro, dentro da mata, vergado ao peso de tantos pensamentos tristes, sem notícias do companheiro, sentiu de repente, faltarem-lhe as forças e tombou desfalecido com grande consternação dos que lhe estavam ao lado. O sargento Torquato acudia-o imediatamente, conseguindo, depois de algum tempo, reanimá-lo. Acorcando como de um máu sonho, Frei Serafim lembrou-se de ter guardado no bolso um vidrinho com um resto de café da manhã. Esse gole de café foi providencial em reconfortá-lo. Recuperando os sentidos, sua força de vontade reagiu valentemente e fé religiosa infundi-lhe novo vigor, encontrando, assim, novos recursos para esperar... Horas depois chegou Frei Ângelo, que, nada suspeitando do ocorrido, trazia mantimentos e víveres em quantidade suficiente. Ficou, porém, espantado, quando soube que os dois cargueiros, com tanto cuidado, enviados com os dois soldados logo ao chegar a Filadélfia depois de tantos dias não tinham ainda aparecido... Três dias depois chegaram

eles com os dois burros cargueiros, mas sem carga... pois tinham consumido os mantimentos na longa viagem. Contaram, então, que tendo chegado no lugar chamado Noreth, onde acabava a estrada, tentaram entrar pela picada que os deveria levar ao Itambacuri, mas não o conseguiram. Os obstáculos que se lhes apresentaram eram insuperáveis e, como num inteiro dia tinham andado apenas quilómetro e meio, considerando que a distância que os separava da meta era de quatro léguas, resolveram voltar pelo mesmo caminho, esgotando nessa viagem as provisões que levavam.

* * *

II — Não foi êsse o único incidente e contratempo que assinalou a abertura da primitiva estrada de Itambacuri a Filadélfia, outros e muitos vieram marcar-lhe o roteiro. Um entre outros pôs em perigo a vida de Frei Ângelo.

A turma de trabalhadores, sob sua direção, teve necessidade de abater um alto e grossíssimo ipé. Frei Ângelo, ignorando o perigo, aproximou-se dêles justamente no momento em que a gigantesca árvore estava para tombar na sua direção. Os "camaradas" percebem a iminência do perigo e, alarmados, gritam para Frei Ângelo: "Salve-se, Padre Mestre!" Mal, porém, acabavam de dar o alarma e a enorme árvore, abalada pelas fundas feridas do machado, estremece, perde o equilíbrio e inclina-se; de início, lentamente, para, repentinamente, se precipitar como um furacão, arrastando com imenso estrondo, na queda, quebrando, despedaçando e destruindo em redor de si, outras árvores de inferior tamanho. Frei Ângelo, que num relance compreendeu a extensão do perigo, não perdeu a calma e o sangue frio habituais. A dois passos avistou enorme e secular gameleira com suas vastas "catanas" e, de um salto, meteu-se dentro daquele vácuo. Foi a salvação! A gameleira, embora perdendo os ramos, resistiu ao choque tre-

mendo, resguardando dentro do bojo, o pobre missionário que, no meio daquele fim de mundo, de terço em punho, invocava a proteção de Maria Santíssima. Os trabalhadores, ao ver desaparecer a Frei Ângelo no meio daquele montão de troncos, ramos e galhos, consideraram-no perdido e lastimando-se choravam gritando: “O Padre Mes- tres morreu!” Aos gritos dos trabalhadores, Frei Ângelo respondeu: “Aqui estou!” — Admirados, acreditaram num milagre e, abrindo então com grande esforço uma passagem até onde êle se achava, verificaram nada ter sofrido, nem sequer um arranhão. Em compensação as abelhas, chamadas por lá vulgarmente “botafogo”, incomodadas com o barulho infernal, fizeram a Frei Ângelo “grande festa”, crivando-lhe rosto, cabeça e mão, de ferroadas, e só o abandonaram quando poudé sair daquela sepultura verde.

* * *

III — Quem penetra na floresta virgem encontra tremenda hostilidade até nos mosquitos que, ao primeiro exame parecem insignificantes e desprezíveis do ponto de vista ofensivo. A verdade, porém, é bem diferente. Os mosquitos proliferam e se multiplicam nas matas por tal forma, que chegam a formar verdadeiras nuvens, tão espessas que nem o fogo e nem a fumaça conseguem afugentar. Há momentos que investem, picam, agarram-se às carnes das suas pobres vítimas, entrando ousada e atrevidamente pela boca, nariz, ouvido e até pelos olhos. Uns são de tal modo incômodos que chegam, com suas picadas, a enipolar o corpo e não há meio de afastá-los ou dominá-los. Há mosquitos de diversas espécies: *pernilongos* ou *carapanan*, o conhecido *borrachudo*, o *pium*, grande e pequeno, são “músicos e cantores”, impertinentes e cruéis, cujos zumbidos finos e agudos fazem o desespero das vítimas. — Tanto Frei Serafim como Frei Ângelo experimentaram

muitas vezes o flagelo infernal, que representam os mosquitos na floresta virgem.

Costumava dizer Frei Serafim: “Os mosquitos eram insuportáveis, representavam para nós um verdadeiro martírio, zombando até das fogueiras e da fumaça e nos causavam tão grande fadiga que, em poucas horas, além de nervosos, nos deixavam extenuados”.

Frei Ângelo, atacado violentamente pelos bárbaros insetos, chegou a ficar com o corpo empolado e teve uns dias de febre...

Havia, também, cobras de muitas espécies e dimensões. Eram, porém, menos ousadas que os mosquitos, dizia, brincando, Frei Serafim. Tivemos mais de uma vez que socorrer alguns dos nossos “camaradas”. Um deles, o João, homem de uns trinta anos, que com dedicação nos acompanhou desde os primeiros dias, foi picado por uma cascavel. Acudimos imediatamente com recursos de emergência. Sobre as brasas da fogueira foi colocada uma foice que, em pouco tempo, se tornou encandescente. Enquanto isso, com um cipó amarramos-lhe o pé pouco acima da ferida que tivemos o cuidado de alargar, e, em seguida, aplicou-se-lhe o ferro em braza, causticando e destruindo o veneno da ferida. João, que até então estava desacordado e com estranhos sintomas de envenenamento, despertou, aguentando, porém, firme a brutal operação. A verdade é que escapou da morte, ficando apenas duas semanas com o pé inchado e a lembrança do acontecido para sempre.

* * *

IV — No fim de março de 1873, já se achava aberta a estrada para tropa até Filadélfia. A notícia de que os Frades se achavam já em Itambacuri, centro das matas virgens, onde ninguém jamais chegara, correu célere, espa-

lhando-se por longe. O povo começou a afluir e também os índios, que eram chamados de todos os pontos.

“Como nêsse ano a Páscoa caía em 13 de abril, resolvemos celebrar — narra Frei Ângelo — naquele dia a Santa Missa; pelo que levantamos depressa um rancho e construimos um altar. O rancho era formado de 4 grandes forquilhas, que serviam de estêios e sustentavam a cobertura feita de esteira de taquara. Também as grandes lascas de grossas árvores serviam de cobertura ao rancho. Ao doce alvorecer do precitado dia, o rancho e a grande praça fronteira regorgitavam de gente, que acorreu de todas as partes e até de muito longe: eram civilizados e selvagens.

* * *

V — “A celebração do augusto Sacrifício do Altar comoveu profundamente a assistência: o tempo, o sítio, os diferentes grãos de civilização dos circunstantes, a magestade da natureza virgem, as auras balsâmicas da floresta, o arojo dos Missionários, formavam um conjunto de circunstâncias capaz de produzir o belo, o patético e o sublime. Numeroso grupo de civilizados brasileiros entoou o Offício de Nossa Senhora e suas doces vozes ecoavam no seio da floresta virgem, juntando-se ao gorgoeio da passarada, ao zumbido dos insetos, etc... Frei Serafim, mal sopitando os éstos de sua grande alma, ora comovida, ora entusiasmada, ora contente e jubilosa, proferiu magnífica prédica, em que expôs os alevantados fins de nossa nobre missão; rogou encarecidamente aos civilizados se congregassem com os selvagens; os protegessem e agradassem; travassem com êles sincera amizade e até se lhes prendessem pelos laços do matrimônio, porque os ín-

dios eram tambem gente como nós, tendo a mesmíssima origem e criados tambem por Deus para conhecê-LO, amá-LO, servi-LO, e assim alcançarem a vida eterna. A inauguração da catequese foi um espetáculo tão comovente, que, parece, ficou indelével na alma de quantos o presenciaram.

“Não há expressões com que se possa descrever o efeito maravilhoso que produziu a prédica de Frei Serafim: valeu por uma pregação quaresmal.

“Os civilizados brasileiros muito nos auxiliaram na obra da catequese. Davam aos aborígenes bons exemplos e bons conselhos e nos alimentavam com suas colheitas, retribuindo, assim, os nossos trabalhos e ensinamentos para melhorar-lhes, quer a vida corporal, quer a moral e intelectual.

“Trabalhávamos sem tréguas para chamar, atrair e conduzir ao aldeamento central as diversas tribus, disseminadas pelas matas. Eram umas muito numerosas, mas outras, já bem diminutas. Ao mesmo tempo procedíamos a grandes derrubadas para o plantio de cereais e a escolha de lugares, onde, definitivamente, levantássemos o estabelecimento da colonização e a Igreja.

“Frei Serafim se convenceu logo de que não se devia formar dos indígenas um povo à parte, separado do nacional civilizado, porque isso prejudicaria o fim que nós e tambem o Governo tínhamos em mira.

“Por isso abriu logo escolas para ambos os povos, misturando-os como se formassem um só. Demais disso promoveu casamentos entre ambos, por considerar ser êste o único meio capaz de assimilar a pura raça indígena: isto foi reconhecido pelo próprio Governo.

“O ensino nas escolas consistiu sempre na instrução primária, no catecismo, trabalhos manuais e de lavoura. Três ou quatro anos depois de sua fundação, nossas escolas já regorgitavam de meninos e meninas das duas raças.”

Até aí a interessante narração de Frei Ângelo, que, na sua simplicidade, nos dá realmente a idéa grandiosa do que foi a primeira missa no seio da floresta e das primícias dos trabalhos missionários.

O lugar escolhido para a celebração da primeira missa não foi o topo da colina, onde atualmente se ergue o imponente e belo Santuário, mas a encosta do morro próximo ao Córrego dos Engenhos, onde foi feita a primeira derrubada e foram erguidos os primeiros ranchos, que, por espaço de dois anos, serviram de morada aos missionários, “camaradas” e índios. (2)

Essa primeira habitação construída de madeira tosca, coberta com casca de pau darco, ipé e peroba, ficou conhecida como Igreja de Cavacos. (3)

Nesse pouso primitivo os Missionários aguardavam o momento oportuno para construção de moradas adequadas ao fim que se propunham.

* * *

VI — Estava oficialmente fundada a catequese dos selvícolas no vale do Mucuri. Tornava-se necessário dar-lhe organização segura e garantir-lhe o desenvolvimento material e moral. Impunha-se, em primeiro lugar, a solução do problema da alimentação daquele povo, que au-

(2) Frei Vicente de Licodia — “Quarenta anos de vida apostólica” — “A Família” — n.º 34 — Teófilo Otoni 12-4-1913

(3) Domingos Pacó — Man. Cit.

mentava dia a dia. Não seria possível, por muito tempo, comprar mantimentos em Filadélfia em troca, naturalmente, de bom dinheiro. No intuito de resolver esse árduo problema com a maior presteza, Frei Serafim ordenou que fossem feitas, em lugar apropriado, grandes derrubadas e algumas plantações, destinadas a provêr, em grande parte, o sustento da nascente colônia.

Por outro lado, os ranchos construídos, além de insuficientes, não ofereciam segurança alguma contra possíveis assaltos das feras e de algum índio descontente ou mal intencionado. Razões também de ordem moral exigiam que os sagrados mistérios, a santa missa, fôsem celebrados com toda a dignidade em lugares próprios, pobres, mas decentes. Impunha-se, finalmente, a construção de uma igreja: de acôrdo com as necessidades atuais e as esperanças do futuro.

O mês de junho de 1873 marcava a época das grandes derrubadas e Frei Serafim, sem perda de tempo, deu início às obras. Preliminarmente explorou o outeiro existente, mais para leste do lugar onde estavam os ranchos, verificando estar coberto de espessa mata, rica das melhores madeiras de lei. No cume do outeiro havia uma colina de considerável extensão, apropriada para as construções projetadas.

Concentradas as derrubadas naquele sítio, selecionadas as madeiras necessárias para as futuras obras: estérios, barrotos, táboas das mais preciosas pela resistência e pelo tamanho, Frei Serafim determinou separar o material, preparar o terreno para que, em tempo oportuno, mui próximo, fôsem iniciadas as novas construções.

Nesta altura, Frei Serafim recebe uma carta do irmão Frei Virgílio de Amblar, diretor do Aldeamento da Imaculada Conceição da Poáia, avisando-o que os seus índios da Tribu Aranás se preparavam para ir buscar duas moças da mesma tribu refugiadas em Itambacurí.

Narremos este episódio com as mesmas palavras de Frei Ângelo na sua "Sinopse":

"Já havíamos reunido no Aldeamento grande quantidade de índios oriundos de tribos diferentes. A fama do nosso aldeamento repercutia longe e os índios do malogrado aldeamento da Imaculada Conceição, que Frei Virgílio de Amblar fundara na região do Rio Doce (4), tiveram notícia da prosperidade do nosso. Sem sabermos como, nem porque, apareceram duas jovens indígenas solteiras, fugidas dêsse núcleo, dispostas a se incorporarem ao nosso para sempre. Passados alguns mêses, recebemos carta de Frei Virgílio

(4) Fica no território do distrito de paz de Santa Maria de São Félix o decadente arraial de N. S. da Imaculada Conceição da Poáia, que foi criada paróquia a 24 de outubro de 1881 por lei n. 2831, da antiga Assembléa Provincial.

Carece hoje de importância esta velha e decadente povoação da Poáia, perdida nas matas do Itambacuri e Urupuca (afluentes do Suassui Grande), onde o Governo Imperial, em 1871-72, fundou um aldeamento indígena, confiando os Missionários Capuchinhos Italianos, para a catequese dos selvícolas, e no qual cerca de 80 contos foram gastos, sem proveito, porque o sarampo grassou tão violenta e mortíferamente, ali, que, em breves annos, não houve mais índios nem catecúmenos. Logar pestilento, em certas épocas do anno, por causa das *malcitas*, a Conceição da Poáia é um distrito riquíssimo não só pela raiz medicinal do seu nome, que existe nas suas matas sombrias, como pelos minerais do seu sólo. A célebre e tão decantada Lagôa Preta (a *Vupabuçu*, diferentemente escrita: *Wupabuçu*, *Vapabussu*, *Uapãuca-buçú* — que quer dizer *lagôa* ou *agua grande e escura*) e que tanto se vê citada nos roteiros dos "caçadores de esmeraldas", está ao norte da povoação de N. Senhora da Conceição da Poáia, nos confins desse districto, na fronteira com o município limítrofe de Teófilo Ottoni.

No censo geral de 1890, tinha o território da Poáia 383 habitantes.

Escreve-se *Podya* ou *Poáia* e o nome é derivado da abundância desta raiz medicinal (*ipécacuanha*) nas suas matas.

Teodoro Sampaio (op. cit., pag. 158) diz que *Vupabussu* provém de *Ypab-ucu*, "lagoa grande", em tupi.

O rio Poáia, afluente do Suassui Grande, banha este districto e o arraial (antigo Aldeamento) fica nas suas cabeceiras.

No arquivo do Convento do Castelo (Rio de Janeiro) há interessantes documentos relativos à catequese dos índios da Poáia pelos antigos Missionários Capuchinhos Italianos, que nesse Aldeamento estiveram até 1883. Há escolas públicas e agência do correio no arraial, situado em zona rica (ipéca, cacau, tummalinas, ouro mica, etc.) e próxima à fuzura E. de F. Derrubadinha a T. Ottoni. (Do Anuário Histórico-Cronológico de Minas Geraes — Dr. Nelson C. de Sena — Ano III-1909 — Pag. 779).

lio, avisando-nos que seus índios se preparavam para vir buscar as referidas moças, resolvidos a fazer-nos guerra se fosse preciso, para o que se estavam armando, e que seus conselhos, ensinamentos, promessas e até ameaças não conseguiram demovê-los da intentada agressão. Morávamos ainda no rancho primitivo, porque a casa definitiva estava ainda em construção. Já tínhamos, contudo, feito extensas derrubadas para o plantio de cereais, sobretudo de milho.

“Um dia, por volta das nove horas da manhã, surgem de improviso os índios do Rio Doce, armados de fuzis e flechas, dispostos ao assalto. Frei Ângelo achava-se em companhia de 20 camaradas, atrás de um morro, à distância de um quilômetro, capinando o milharal. Frei Serafim, bem informado do que ocorria, apareceu e dissimulando quanto pôde, e sorrindo, lhes gritou: “Bôas vindas, amigos!” E assumindo ainda maior tranquilidade, acrescentou: “Tendes caçado muito?” Com estas e semelhantes perguntas ia ganhando tempo e excogitando com calma, prudência e critério um plano seguro para a defesa.

Vendo-os, porém, manifestar animos hostis, conseguiu mandar aviso a Frei Ângelo, que viesse ao rancho com todos os camaradas. Entretanto, Frei Serafim continuou a entretê-los, indagando que novidades havia e porque vinham assim armados. Se tinham fome, tivessem paciência de esperar um pouco, pois que o almoço estava quasi pronto e que até Fr. Ângelo já vinha com os trabalhadores para almoçar”.

Alguns, dentre êles, que já falavam o português, responderam com aspecto carregado: “Aqui viemos para chamar e tirar nossa gente” — “Mas aqui não

temos de vossa gente mais que duas moças e nem delas precisamos; para isso não carrecia que viésscis tão armados. Tende paciência, que tudo se arrumará”. Com tais palavras se acalmaram pouco a pouco os ânimos. Chega ao rancho Frei Ângelo com os “camaradas”; êstes estavam todos atamados, porque assim andam habitualmente. Na larga praça fronteira ao rancho havia haucos, onde se lecionava a infância; apontando-os, disse-lhes frei Serafim: “Assentai-vos um pouco, camaradas”; e assim con-temporizando, mandava que nossos índios se armassem secretamente, o que feito e estando tudo já preparado para a resistência, resolveu nosso Diretor pôr termo ao incidente e indagou das jovens fugitivas se queriam acompanhar os da sua tribu. Elas, porém, responderam que sómente arrastadas é que poderiam sair donde estavam. Então Frei Serafim arvorou-se em general e, voltando-se para os invasores, disse-lhes:

“Amigos meus, já vos disse que não preciso de vossa gente; vossas duas patrícias recusam terminantemente acompanhar-vos e afirmam que sómente arrastadas é que sairiam daqui. Mas eu não posso permitir que tal se faça, pois a gente não é como os animais, que se pode levar à força e contra vontade. Portanto, se persistís em vossas más intenções, saíbeí que os “camaradas” e também meus índios, estamos todos dispostos para a guerra, não temos medo. Ai! daquele dentre vós, que der o primeiro tiro, ou arremessar a primeira flecha! Morrerá! Morrereis todos! Não quero, porém, que haja luta; antes quero que a ninguem se faça mal. Se estais com fome, almoçai, conosco e voltaí depois para o vosso aldeamento!”

Atendendo os invasores ao seu pequeno número, desistiram do ataque, recusaram o almoço e se retiraram, ameaçando de que breve voltariam com mais gente. Cessado o perigo e evitada a peleja, voltou o nosso aldeamento à tranquilidade. E a missão continuou a prosperar.

As ameaças, porém, não foram esquecidas por Frei Serafim: "*Breve voltaremos com mais gente*". Eles voltariam de fato. A vingança nêles é instintiva e têm prazer grande em executá-la. Sabia-o Frei Serafim, que voltariam certamente.

Levou, portanto, ao conhecimento do Governo o incidente, pedindo armas e soldados para garantir a catequese e a própria vida. Foi prontamente atendido, tendo sido enviado um destacamento de 20 praças, comandado pelo Tenente Bernardino Dias Monteiro, do qual Frei Serafim enaltece as virtudes e os serviços prestados na 3.^a Circunscrição, quando ia ser retirado e pedia sua permanência, em ofício de 7 de Janeiro de 1875, em T. Otoni e em Itambacuri dos dois soldados que aí tinham sido destacados, Januário Ferreira Carneiro e Camillo Bento dos Santos, o primeiro marceneiro e o segundo, carpinteiro. Estes dois soldados prestaram importantes serviços na construção da casa dos missionários, dos quais, além do soldo, recebiam uma gratificação.

No fim do ano de 1874 a casa estava acabada: toda construída de esteios de aroeira, linhas de bálsamo, barrotes de ipé, táboas de peroba e paredes de grossos "adobes". Uma casa bem sólida e bastante comoda, com 16 metros de comprimento e onze de largura. Uma largo corredor de 3 metros, dividia duas secções de quartos. Os quartos da parte leste serviam para morada dos Padres missionários e secretário; e com os que ficavam a êste, firmavam

uma capela de 8 metros de comprimento e mais cômodos indispensáveis.

Nêsse mesmo ano mudaram-se para a nova casa.

Dois anos, mais ou menos, se tinham passado depois das ameaças dos índios da Poáia e, como haviam prometido, voltaram em número bem maior e armados. Mas encontraram o que talvez não esperavam... Todavia cercaram a casa, ameaçadoramente...

Frei Serafim tomou imediatamente as medidas necessárias; mandou ficarem de prontidão os soldados bem armados; armou também todos os camaradas e índios da casa e ficou esperando os acontecimentos.

Quando os Aranás se aperceberam que pela segunda vez se tinham enganado, diante daqueles homens armados e decididos à luta, mudaram de tática e, humilhados, se apresentaram a Frei Serafim, declarando que tinham vindo passear e que não tinham nenhuma intenção de brigar.

Assim terminou êste grave incidente, que podia ter extinguido em seu nascer o Aldeamento. Pouco tempo depois, com o falecimento do Diretor do Aldeamento de N. S. da Conceição, Frei Virgílio, muito dos seus índios se passaram para o de Itambacuri, incorporando-se-lhe definitivamente e nêle vivendo em bôa amizade.

* * *

VII — Voltando a bonança, o aldeamento tomou um ritmo acelerado de progresso e prosperidade. Vivia-se trabalhando para garantir um melhor progresso.

Os selvícolas afluíam cada vez em número maior e Frei Serafim os acolhia paternalmente.

Uma iniciativa dêle, revela o descortino e ao mesmo tempo os nobres sentimentos de rara bondade de sua alma, verdadeiramente apostólica. Num ofício de 2 de

janeiro de 1875, dirigido ao Diretor Geral dos Índios, Brigadeiro Antônio Luiz de Magalhães Mosqueira, implora e pleiteia o perdão geral para todos os que se abrigam no Aldeamento, afim de recomeçar uma nova vida. — Transcrevemos na íntegra êsse precioso documento:

Illmo. e Exmo. Snr.

Com êste, a par de mais outros officios, não deixamos de pedir a V. Exa. para uma vez formalmente alcançar, e aqui official e publicamente declarar-se aos moradores Indígenas dêste Aldeamento Central, o total esquecimento e perdão de quaisquer crimes ou delitos, que êles em passado tivessem cometido em qualquer lugar desta 3.^a Circunscrição do Mucuri, e fóra da mesma, não excetuando o mesmo Pojichá e tribu dêle; pois convém muito isto fazer-se, não só para o sossego dêle, como também para o nosso, porque a primeira palavra a êles annunciada foi, em nome de Deus e do Ilustre. Governo, a do Perdão Geral a êles todos no que respeita ao espirital e temporal: Aliás, tornar-se-ia comprometida a nossa qualidade de missionários apostólicos e ministros de Deus, e mesmo desmoralizada ficaria a autoridade do mesmo Governo. — Deus Guarde a V. Exa. por muitos anos.

Frei Serafim de Gorizia — Diretor

Frei Angelo de Sassoferrato — Vice-Diretor”.

E o perdão veio.

Sôbre os alicerces morais firmes assentava a obra dos dois humildes capuchinhos e o futuro estava garantido com a bênção de Deus.

Ao findar o ano de 1876 em minucioso relatório apresentado ao Brigadeiro Luiz de Magalhães Mosqueira, Frei

Serafim apresenta os primeiros frutos da sua obra assignando a marcha satisfatória do aldeamento.

Fixa, mais uma vez, o fim da Catequese: a salvação das almas e a civilização do gentio. Enumera os primeiros frutos do ensino e afirma: "...alcançou-se destes meninos, filhos de selvagens, que ha pouco nada sabiam do idioma desta grande nação, de conversarem, alguns deles, quase fossem nela nascidos e educados; e já lêem e escrevem que é uma maravilha, vencendo as dificuldades da sua grosseira e inculta lingua".

Lembra a necessidade da nomeação de uma professora para as meninas e adultas, que lhes ensine tambem a a remendar e cozer.

Os trabalhos agrícolas consignados nesse relatório são variados e numerosos. Ha dados promissores sobre plantações de cafesais, de cana, feijão e mandioca. No paragrafo das obras em construção, fala do Engenho de cana, quase pronto, da colocação de alambique e pilões. O trabalho de derrubadas nessa epoca se estendia por cerca de 80 alqueires. Por último encarece a construção de uma igreja para servir tanto aos indios como aos civilizados que reclamam ardentemente o culto da religião em lugar apropriado! "A construção da igreja dará grande impulso ao progresso material e moral do Aldeamento."

CAPÍTULO VI

PRIMEIRO LUSTRO EM PLENA MATA

I. Obstáculos encontrados para reunir os Índios no novo Aldeamento — II. Índios de diversas tribus acorrem ao Aldeamento — III. Como sustentá-los? Promessas que se não cumprem — IV. Primeiro Contato de Frei Serafim com os terríveis Pojichás — Projétos — V. Viagem de Frei Serafim à Côrte — VI. Encontro com D. Frei Vital — VII. Desilusões e contrariedades — VIII. Mais um expressivo Relatório.

I — Fundado o aldeamento e feita a escolha definitiva com tão grande acerto, tornava-se necessário reunir os índios, atraí-los e ganhar-lhes a confiança.

A tarefa, já por si difícil e cheia de imprevistos, apresentava sérios obstáculos criados pela maldade e ambição humana. Era sabido por todos que fazendeiros e colonos sem escrúpulos exploravam os infelizes selvagens, atraindo-os às fazendas para os empregar no trabalho em companhia dos escravos pela “troca de illusórios objéto e de copiosa aguardente”. (1)

Com a chegada dos missionários para fundar a catequese dos Índios, no vale do Mucuri, o Governo ordenou, sem resultado, que os fazendeiros não prendessem os índios nas suas fazendas e que auxiliassem a catequese. Os missionários, por sua vez officiaram aos párocos vizinhos, ro-

(1) Offícios e Relatórios — vol. I —

gando-lhes que levassem "*seus paroquianos a não entreter os índios nas fazendas e em suas casas, mas que os enviassem ao Aldeamento por sêr essa a vontade do Governo e do Santo Padre, que ali os enviára para ajudar, educar e instruir os pobres índios*". (2)

Os interêsses materiais, a cubiça desenfreada dos fazendeiros, não consentiram, porém, que a voz da justiça, da caridade e do bom senso penetrasse no coração dos interessados e, apesar dos reiterados pedidos, não só continuaram explorando os índios em suas fazendas, viciando-os, mas, por verem nos Padres Missionários um sério obstáculo às suas ambições, iniciaram contra os mesmos e a catequese, forte e insidiosa campanha.

Os dois missionários, homens de Deus, devotados à causa de Nosso Senhor, que lhes apontara uma terra distante e não lhes prometera flores e aplausos, mas tribulações, perseguições e até a morte, não se embalavam em sonhos dourados e não aninhavam no coração ilusões mesquinhas... Sabiam que o apostolado foi sempre erigido de sacrifícios e o seu caminho semeado de espinhos. Nunca, aliás, perderam de vista essa verdade que lhes orientou a longa vida de apostolado nas florestas do Mucuri. Diante das primeiras dificuldades e ameaças se lhes apresentava mais evidente a vontade divina e sentiam, por isso, redobrar o entusiasmo e a coragem para bem servi-la.

Frei Serafim, que era o chefe, sôbre o qual recaía a maior responsabilidade do novo Aldeamento, revelou-se, desde os primeiros passos, homem prudente, talentoso e cheio de caridade. Como medida preliminar, querendo, à semelhança do homem prudente do Evangelho, construir sôbre a rocha viva, obteve do Governo o *Perdão Geral*, oferecendo, em nome de Deus e do Governo, o abraço de paz a todos, esquecendo os erros e os crimes praticados

(2) Offícios e Relatórios — vol. I —

no passado, desde que se recolhessem à sombra salvadora da Cruz, recomeçassem dentro do Aldeamento, sob a direcção dos Padres, uma vida nova, enobrecida pelo trabalho e pela moralidade.

Um vasto campo de apostolado cujas dificuldades e perigos não desconheciam, deparava-se aos missionários.

* * *

II — A primeira consolação foi a de ver reunidos no Aldeamento grande número de selvícolas, cuja identidade encontramos especificada no manuscrito do mestiço Domingos Pacó, da seguinte maneira: Kracatãs, Cujan, Jerunhim e Nerinhim, que eram do Poté, Trindade e Pontaret, em número de 300 homens em arco, que, deixando suas tabas e aldeias, vieram morar em Itambacuri. Outras tribus também vieram: os Hen, Jakjat, Rimré, Kremum, Nhamulham, Camri, Pmacgirum, que habitavam em Crisúma, Potão, S. Mateus, Peixinho, Bananal, Maurício, Catolé Grande e S. João. (3)

No ano de 1875, por intermédio do “língua” Félix Ramos, que, com dois outros companheiros índios, Marçal e Cap. Chopá, passaram além da estrada que ligava a cidade de São Mateus a Peçanha, conseguiram que os Ponchão, Pmac e Nác-Reé, depois de longa viagem, em número de 500 homens, mulheres e meninos, viessem a Itambacuri. Alguns ficaram no Aldeamento, por terem ali parentes e filhos, mas a maior parte com os dois capitães, regressou às matas vizinhas à cidade de São Mateus.

Não foi, pois, difícil ajuntar em pouco um grande número de índios, que, atraídos pela bondade de Frei Serafim e do seu companheiro, eram acolhidos paternalmente.

(3) Domingos Pacó — Man. cit.

Este auspicioso fáto, se de um lado enchia de contentamento o coração dos missionários, que viam dilatar-se a obra iniciada, por outro lado vinha criar sérios problemas materiais, pela desproporção entre os recursos disponíveis e o número sempre crescente de selvícolas.

* * *

III — Como poder sustentá-los?

O índio é exigente; quer tudo o que vê e lhe apraz. Na mata, vive da pesca e da caça como pôde, mas, em companhia dos civilizados, é sumamente exigente e, se não lhe derem o que êle viu e pretende, rouba e se torna até insolente.

O Governo, enviando os missionários ao Mucuri, prometeu-lhes o necessário para fundar um aldeamento central. Essas promessas foram repetidas e renovadas em cartas e ofícios e em virtude da palavra do Governo, Frei Serafim tratou de lançar as bases de uma obra devéras grandiosa, para Deus e para a Pátria.

Mas grande foi sua surpresa, imensa sua dôr e dolorosa a desilusão, quando, no fim de 1874, justamente depois de ter com inauditos esforços e trabalhos, reunido em torno de si centenas de índios, recebeu do Diretor Geral aviso de que, em vista do “estado pouco lisongeiro dos cofres provinciais” cuidasse de tornar independente o Aldeamento, recomendando-lhe que incentivasse a produção agrícola de plantações, afim de bastar a si própria a povoação uascente.

A idéia realmente era digna de aplausos, mas não podia ser de modo algum realizada no incipiente Aldeamento de Itambacuri, pois não se planta e se colhe de um dia para o outro no seio da mata virgem e, mais ainda, para prover um número considerável de bocas e com uma intérmina série de problemas a resolver com urgência.

Frei Serafim, justamente, assustado, em longo e bem fundamentado officio, responde, mostrando ao Diretor Geral o panorama material e moral do nascente Aldeamento, fazendo vêr como não escapava à vigilante atenção dos missionários a ação pérfida de inimigos ocultos a trabalhar contra a obra de catequese. A leitura atenta do documento, que aqui transcrevemos, dispensa comentários:

Illmo. Snr.

Tenho presente o officio de V. Ex., datado de 23 de Novembro do ano ultimamente findo, no qual nos recomenda "que, além dos progressos morais dos nossos Estabelecimentos, tambem se adiantem as obras, e plantações de cereais e do café, para contar êsse Aldeamento com recursos próprios no futuro. *"O estado pouco lisongeiro dos cofres Provinciais me obrigam a insistir nesta recomendação, que é filha da previsão e da prudência."*

Em suas últimas correspondências officiais e confidentiais, assás nos animava na continuação dêste Aldeamento, muito embora já se conhecesse "o estado pouco lisongeiro dos cofres públicos", e em atenção às especiais dificuldades e circunstâncias com que luta êste Aldeamento Central do Mucuri, dignou-se declarar: "que Roma não se fez em um dia e que só devagar o mesmo se efetuará, em três, quatro ou mais anos..."

Agora, dito respeitável officio nos amedronta bastante. Contudo é consolador o progresso moral conseguido, tanto que já temos no Aldeamento alguns meninos que sabem lêr e um pouco escrever, e ajudar a Santa Missa; entre êles conta-se um da tribu Pojichás. Dos adultos, pois, tenho a satisfação, á gloria de Deus, de mencionar que nêstes dias do Santo Natal, a muitos, principalmente pais de famí-

lia, por própria instância, vimo-nos obrigados a conferir-lhes os santos Sacramentos da Penitência, da Comunhão e do Matrimônio, legitimando assim os seus filhos; e já nos rogam mais outros, para conseguirem o mesmo favor. E a respeito do progresso das obras e da cultura, nos é mistér, (mesmo segundo o conselho de V. Ex.^a) atendermos atualmente muito mais a esta última, do que ás primeiras, e, sobretudo, tratar da plantação do café, cana, mandioca, batata, taioba, cará, etc., pois o que já se tem é pouco para esta gente indígena, acostumada a arrancar logo que principia a dar, e a comêr também de noite; e a propósito do café, nutrimos a esperança de aumentá-lo a seu tempo, embora não frutifique senão depois de alguns anos. — Entretanto é mistér comprar todo o necessário de fóra, e, como bem sabe V. Ex.^a, com custo se acha aqui no Mucuri, e achado que seja, adquire-se a qualquer custo e a preços exorbitantes; mesmo porque, quotidianamente, deve dar-se aos Indígenas, também, algum mantimento crú, para êles mesmo aprontarem em suas casas; ao contrário, ficam logo aborrecidos e descontentes e querem voltar para as matas e “pertas fazendas” (fazendas visinhas), onde se acham sempre recursos, e, principalmente, a aguardente em abundância. Agora pois, acudimos a tirar muito do lugar a indispensável água ou rêgo no centro do Aldeamento, que difficilmente poderemos dar por concluido no presente ano; mas muito interessa efetuá-lo, já por sêr sua direção por cima da roça desta cultura que nos convencem e persuadem, sêr de grande proveito para o Cafezal, e já porque é bom colocar-se os engenhos todos perto do mesmo centro, que ficará um dia um dos mais importantes Comércios, se o Exmo. Governo continuar a auxiliá-lo.

Acrescenta-se que, além da falta dos mantimentos e dos preços, como já falamos, exorbitantes, aqui custa achar camaradas, e, que os vizinhos de nenhum ponto ou lado, querem, nem por pronto pagamento, coadjuvar em nada ao Aldeamento e muito menos os que moram mais longe: sem aqui mencionar *as muitas falsidades, máus conselhos e traição, que desde o exórdio até o presente temos sofrido e acreditamos que ainda teremos no futuro de sofrêr*, não havendo atenção aos triplicado pedidos por nós feitos e que a competente autoridade queira, e, em prática realmente execute a ordem governativa, *tirando todos os meninos e adultos indígenas fóra das casas dos Fazendeiros e Colonos, sem lhes permitir de tê-los em suas matas pertas, donde a qualquer hora os podem chamar ao trabalho de suas roças, à troca de illusórios objéto e copiosa aguardente.*

Em dias dêstes ou do vindouro mês, esperamos aqui a grande e muito acusada tribu de Pojichás, e, quer pela chamada, quer pela chegada dêles, V. Ex.^a vê que a despesa vai se fazendo grande; por conseguinte, convem ao Exmo Governo socorrer, e, com todos os meios, coadjuvar esta sua importante obra, e cumpri-la à vantagem e glória de sua Pátria.

Nós, missionários estrangeiros, temos a êste fim até o presente sacrificado, não só as nossas gratificações, mas também as emolas que, pela celebração de S. Missas, temos recebido, e quaisquer outros proventos do nosso Ministério, por conhecermos ser tudo bem empregado e com fruto evidente, em benefício da humanidade indígena e seu grande Brasil — quanto mais se ha de prestar o Exmo. Governo Geral e Provincial, cuja obra sempre a história verídica, não deixará de exaltar no futuro, a Ele, que do universo mundo está conhecido nisto como assás generoso; e, por conse-

guinte, esperamos constância no socorro e até aumento de auxílios, do que falta ou diminuição, por razões quaisquer e de serem vãos os cofres; dizemos aumento de auxílios:

quer pela difícil e mais que importante tirada da água ou rêgo até o centro do futuro Comércio;

quer pela ereção da grande Matriz, evidentemente, não cabendo à povoação indígena uma simples capela;

quer pelos aprestos de dois colégios de tendas e oficinas, engenhos e mais ranchos separadamente por cada uma família indígena;

quer pelas despesas de compra, condução, plantação de mudas, principalmente das de café e de cana; o que tudo custa a se achar, não se falando de serviços e trabalhos;

quer pela condução, brindes e algum vestuário a cobrir a perfeita nudez dos numerosos indígenas de Pojichás, porque possamos devagar acostumá-los a ficarem conosco e a fazerem suas rocinhas;

quer, finalmente, para o necessário grande gasto de mantimentos e objéto quaisquer, que aqui por pronto pagamento mal se conseguem.

Deus Guarde a V. Ex.^a por muitos anos — Exmo. Snr. Brigadeiro Luiz Antônio de Magalhães Mosqueira. M. D. Diretor Geral dos Índios.

(ass.) Frei Serafim — Frei Ângelo". (4)

Esse longo documento patenteia o grande amor e a dedicação dos missionários pela catequese dos selvícolas. O ânimo com que defendem a continuação da obra iniciada, a tristeza em verificar os contratempos e os projéto em vista demonstram a superior orientação, o descortínio amplo

e seguro na solução dos problemas vitais em prol do desenvolvimento da missão.

O documento dirigido ao Diretor Geral é do começo do ano de 1875, quando Frei Serafim, assoberbado pelas necessidades prementes e diante dos compromissos assumidos, se viu ameaçado de ser abandonado pelo Governo, que, poucos mêses antes, o animára com as mais confortantes promessas.

* * *

IV — Em março do mesmo ano dirige-se êle ao Exmo. Ministro da Agricultura, do qual depende o Aldeamento e faz-lhe ver a necessidade inadiável de auxiliar o Aldeamento para o bem da Pátria, visto como a ajuda da Província não é suficiente. Ainda em Maio do mesmo ano volta a fazer novo e caloroso apêlo ao mesmo Ministro e, desta vez com documentos comprovantes das autoridades de Filadélfia, demonstrando-lhe que, havendo recursos suficientes, não seria difícil chamar os terríveis Pojichás ao Aldeamento e textualmente informa: “Da grande e temível tribu Pojichás, que eu, com pouco de minha confiança, em o mês de março fui convidar para êste Aldeamento Central, entrando na mata de sua ordinária morada, tive a satisfação de ver 14 homens e 3 meninos, embora muito desconfiados, aqui chegar no dia 17 de Abril, para pessoalmente se acertarem e verificarem acêrca da fundação do Aldeamento”.

Êsse fato, comunicado assim, simplesmente, sem alarde, ao Snr. Ministro, nos diz da coragem e zêlo de Frei Serafim, que não media sacrifícios no cumprimento do seu árduo dever. Foi êsse o primeiro contáto dêle com os Pojichás, conseguindo levar um grupo dêles ao Aldeamento e foi tambem um grande triunfo, fruto do seu grande tino e do seu

indiscutível prestígio de homem apostólico, que, além dos dons naturais, sabe que pode contar com a graça de Deus.

Sómente quem conhece a história dos assaltos e massacres consumados pelos Pojichás do Mucuri, pode avaliar a temeridade da iniciativa pessoal de Frei Serafim, ao ir à procura deles nas suas próprias matas...

Frei Serafim, entretanto, não vivia preocupado pelos perigos que sua vida e a do seu companheiro corriam, mas unicamente em obter os meios para chamá-los, presentear-los, alimentá-los e mantê-los definitivamente no Aldeamento. Sem os recursos necessários não era possível continuar a obra, tão promissoramente iniciada.

* * *

V — Verificando que os seus apêlos ficavam sem resposta e sem resultado prático e aconselhado pelas autoridades de Filadélfia, resolve arrostar as dificuldades da longa viagem e se dirige, pessoalmente, à Côrte, afim de expôr a situação e defender o futuro da sua querida catequese.

Inúmeras foram as peripécias da longa viagem, que êle arrostou com alegria, para salvar a obra começada, a qual constituia a razão da sua própria vida.

Em meíados do mês de Agosto chegou ao Rio de Janeiro e, no Hospício do Morro do Castelo, encontrou a fraternal acolhida e todo o apoio possível à sua causa no Comissário Geral da Ordem, Frei Caetano de Messina. A época, porém, era má. Os políticos em plena crise ministerial não tinham tempo nem disposição para ouvir e atender súplicas e pedidos de frades. Todavia, não era coisa fácil despedir sem mais nem menos a um homem como Frei Serafim, cuja presença impunha respeito a quem quer que o visse. Seu rosto bondoso, seu sorriso perene, a chama do inconstido zêlo nos olhos, suas barbas abundantes e sua ele-

vada estatura induziam a pensar numa figura profética do Antigo Testamento. O calor e a sinceridade de sua eloquência na exposição das prementes necessidades da obra iniciada, os argumentos por êle aduzidos, convenceram ao Exmo. Ministro da Agricultura do alcance dos auxílios pleiteados pelo Revmo. Frei Serafim. Concedeu-lhe, assim, alguns maquinismos necessários à agricultura, diversos objéto de utilidade e o auxílio extraordinário de 7 contos...

Frei Serafim ficou contente, pois a viagem, apesar de tudo, não tinha sido sem fruto.

* * *

VI — Dessa primeira viagem ao Rio de Janeiro, ficou-lhe gravado para sempre na lembrança o encontro que teve com o Bispo mártir, D. Frei Vital Gonçalves de Oliveria. Frei Serafim, na grandeza de sua alma, aquilatava no seu justo valor o sacrifício e a heróica atitude do grande Antistite da igreja de Olinda, beijou comovido as mãos que o ódio sectário acorrentara, arrastando-o à barra do tribunal. Em 25 de Julho de 1875 caiu o Ministério Rio Branco e foi substituído pelo Ministério Caxias, que concedeu anistia aos dois heróicos Bispos, D. Vital e D. Macedo Costa, que cumpriam pena nas fortalezas de S. João e na Ilha das Cobras. Nessa ocasião, Frei Serafim conheceu D. Vital e mais tarde, ao relatar o episódio aos companheiros, não conseguia dominar a emoção enaltecendo a figura imortal do heróico Prelado, ao qual, no Rio, pedira uma especial bênção para si, para sua catequese e para seu companheiro. (5)

* * *

(5) Este encontro foi relatado pelo mesmo Frei Serafim ao Rev. Frei Vicente de Licédia, que foi o primeiro Vigário de Itambacuri, quando o Aldeamento ficou emancipado e foi criada a paróquia.

VII — De regresso ao Itambacuri, duas más notícias o esperavam: o auxílio de 7 contos, que o Governo lhe tinha concedido pelo aviso de 8 de Outubro, não era, como êle tinha pedido, um auxílio extraordinário para as necessidades claramente apontadas, mas apenas uma adiantamento sôbre os poucos recursos ordinários. Esta notícia muito o amargurou. A outra notícia da qual tomou conhecimento, ao chegar, foi a de que os índios, convencidos por elementos de má fé, interessados na ruína da catequese, de que o Padre Mestre Frei Serafim não voltaria mais e que Frei Ângelo não demoraria a seguí-lo, depois de destruir todas as plantações, abandonaram em grande número o Aldeamento, voltando para as matas.

Em Janeiro de 1876, Frei Serafim, num caloroso apelo ao Ministro da Agricultura, faz-lhe vêr como não é mais possível sustentar o Aldeamento, sem o amparo efetivo dos poderes públicos.

Sabendo, também, que o Deputado à Assembléia Legislativa da Província, José Bento Nogueira Junior, da cidade de Minas Novas, estava de partida para a Capital, afim de tomar parte nas sessões daquela Assembléia, pediu-lhe advogasse a sorte do Aldeamento do Itambacuri, e para facilitar sua tarefa, ofereceu-lhe fartos elementos estatísticos de grande importância, que, “si tomados em consideração pelos legisladores, resultariam em grande benefício e benemerência e fariam jus à perpétua gratidão da Pátria e dos Indígenas”.

Ao esclarecido patriotismo dêsse político representante dos interêsses do nordeste mineiro, confiou Frei Serafim a causa do Itambacuri, corroborando-a com documentos e mapas e com uma clara exposição do programa mínimo a ser realizado quanto antes. Em resumo, pleiteava os meios necessários para estas obras inadiáveis:

1.º — Trazer o rêgo de água potável ao Aldeamento.

2.º — Descampar e derrubar em maior escala êste ubérrimo lugar, que ainda está coberto e cercado de uma vasta mata virgem, no intuito de estender já a cultura por famílias indígenas, assim o exigindo também a higiene.

3.º — Construir no Centro do Aldeamento e fóra do mesmo pequenas casas destinadas às famílias indianas, que deixarão de vagar e já se vão dando à vida doméstica, à lavoura e também abrir estradas e passagens de um para outro morador.

4.º — Continuar as obras e colocação dos engenhos de cana, serra, alambique, despoldador de café, raladeira de mandioca, etc., concedidos pelo Ministro da Agricultura, pois já se deu princípio à mesma.

5.º — “Aldeiar, finalmente, os índios da terrível tribu Pojichás, numerosa, contra a qual as queixas se avolumam e que até agora não foi possível, por falta de recursos, tirar do mato, embora já se dera ocasião no passado e no presente ano, por faltar-nos suficientes recursos, sendo êles excessivamente exigentes, mui falsos e perigosos como poderá V. Ex.^a relevar das unidas cópias oficiais datadas de 11 do mês passado e de 1.º do corrente abril”. (6)

Os resultados dêste novo apêlo e ação do advogado escolhido por Frei Serafim, não produziram os frutos esperados e o Aldeamento continuou sob a ameaça da miséria e da fome, pois à pobreza estavam acostumados.

O ano de 1877 encerrou-se para o Aldeamento de Itambacuri entre sacrifícios sem conta e com a previsão de dias bem amargos. Havia no Aldeamento 570 Índios e, vagando nas matas vizinhas, uns 3 mil.

Aumentando a triste situação sobrevieram, prejudicando as colheitas de anos consecutivos, enchentes e secas.

* * *

(6) Of. e Relat.,

VIII — Frei Serafim não desanima e não cessa de clamar junto aos poderes públicos e com franqueza devéras franciscana, apresentando o relatório ao Exmo. Director Geral, Brigadeiro A. L. de Magalhães Mosqueira, expõe claramente o que se tem feito nos primeiros dois anos e meio, o que se poderia ter feito e o que convem se faça sem perda de tempo. Damos, pois, a palavra a Frei Serafim:

Diretoria do Aldeamento de N. S. dos Anjos de Itambacuri, 8 de Dezembro de 1877.

Ao teôr do officio circular de V. Ex.^a sob a data de 6 de Outubro do corrente anno, temos a honra de respeitosa e responder-lhe nos seguintes termos: Como nos asseguram diversas pessoas de confiança e autoridade, entre as quais o Snr. Tenente Coronel Antônio José da Costa Ramos, director desta 3.^a Circunscrição, o qual mora nesta mata há mais de 20 anos, percorrem a mesma mais de 3000 arcos; porém até agora no Aldeamento têm chegado 570 índios, dos quais no corrente anno saíram em passeio os da numerosa tribu do Potão-Catolé e mais alguns outros que já voltaram, levados por conselhos provenientes da malquerença e inveja de alguns contra um lugar tão sadio e fértil, como êste e da perversa intenção de quem quer ganhar os meninos indígenas e tirá-los consigo, afim de empregá-los um dia como escravos. Tudo isto e mais ainda o vêr-se êste grande Estabelecimento Central quasi abandonado no presente exercicio, sem falar do futuro, faz aqui atrazar não pouco a educação dos meninos, as obras e a lavoura geral e particular e a abertura de picadas e estradas indispensáveis de comunicação e sobretudo a cultura de grandes esperanças da cana e do café. — Êste último fôra sempre recomendado por V. Ex.^a, mas agora não pode ser tratado por faltarem meios pecuniários, precisando-se

sempre de alguns camaradas além dos índios que devemos animar com gratificações e brindes; doutra forma fica o cafezal com muito nosso desgosto, abandonado de capinas e assim continuará até recebermos alguns recursos.

Se o Exmo. Governo considerasse direito o valor dêste Aldeamento, situado no centro da mata quanto o mesmo está influindo a chamar nos arredores os brasileiros cujas moradas estendem-se desde já, maravilhosamente, a partir da extrema do Aldeamento, em certas distâncias, quasi a modo de uma rua comprida de muitas léguas, passando pelo Noreth até Malacacheta, Setubinha e Capelinha, na direção da cidade de Minas Novas e também dos rios Urupuca para o Peçanha, no qual rio fazem barra as águas do Itambacuri, longe mais ou menos sete e nove léguas.

Igualmente, saindo-se dêste Aldeamento para o dito rio de um lado, e do outro para Filadélfia do Mucuri, alguns já entram e devagar estabelecer-se-ão moradores civilizados e mesmo indígenas aumentando-se o número dêles com o regresso moralmente certo, dos que saíram com a chegada de outros novos, e aumento de filhos, que lhes nascem; e, por esta maneira, constituir-se-á um dia uma povoação indígena de 1.000 a 2.000 almas quanto pouco, se no Aldeamento não acontecer *alguma imprevisita contrariedade, e ela não fôr patente e secretamente enfraquecido por adversários*, e se o Exmo. Governo o favorecer de auxiliá-lo extraordinariamente e com exercícios ao menos suficientes e *não menos de um conto de reis mensais, não nos deixando abandonados como agora, neste exercício, que ainda temos recebido dos cofres.*

A quantia de consignações tão linitada que parecemos a receber, a nada há de chegar sem sequer

para cobrir com o mais grosseiro pano a nudez dos adultos que chegam à Catequese, na igreja; e a dos meninos e meninas que deviam sempre freqüentar a escola, mas, por esta causa, muitas vezes, fogem e se escondem. É preciso auxiliar o Aldeamento a bem da moralidade e da civilização e para evitar também, entre outros motivos, além dos já indicados, que os indígenas "tomem zanga" e vão embora, principalmente nas épocas de maiores serviços de cultura. Por falta de suficientes recursos, por vezes, nós, Diretores e os empregados, nos achamos em perigo de sermos traídos e até mesmo de perder a vida, por não se capacitarem os índios de que os meios pecuniários não dependem de nós e que nós mesmos temos bastante-mente tolerado e continuamos a sofrer a falta dêles e as funestas consequências da escassez de colheita dos gêneros de primeira necessidade, causado pelas águas e secas alternativamente aqui havidas por dois anos: em fevereiro, março e abril do corrente ano, por exemplo, se plantou no Aldeamento, não menos de 5 alqueires de feijão, por duas ou três vezes e em maior escala o milho, e, não obstante esta cautela e esforço, do primeiro perdeu-se até a mesma planta e do milho sempre se colheu um pouco.

Esta é mais uma razão de estarmos esmorecidos, pois mesmo os moradores civilizados vizinhos, quasi morriam de fome e nós aqui, por vezes, adoecemos e o P. Mestre, Frei Ângelo de Sassoferrato, só agora melhorou.

Em recompensa de tantas lutas, economias e sacrifícios, reduzidos nós, por amor de Deus e do País, à pobreza e responsabilizados ao pagamento de dívidas, com perigo de sermos até infamados por adversários, vemo-nos constrangidos a suspender tudo, com tanta

gente indígena para socorrer e tantos serviços para se fazerem.

Queira-se, portanto, julgar aqui imparcialmente e providenciar já, pois nós asseguramos ao Exmo. Governo, que devagar há de conseguir-se dos Índios o que dos Colonos se consegue, e que o País não ficará logrado, mas achar-se-á em progresso, porquanto se abrem novas e praticáveis picadas e estradas de comunicação e reduzem-se a melhor estado as já existentes, aumentando-se os braços para a cultura na vastidão da mata, assim, que tudo adiante e vá ganhando cada vez mais o Comércio e a Indústria.

A que serve havermos posto o fundamento de um bom futuro de muitas esperanças em um lugar desconhecido em prol da Província e do País, e de havermos chamado à civilização numerosas tribus como são: as do Noreth, Lagôa, Poté, Mucuri, Bananal, Pojichás, lugares todos que estão ao redor do Aldeamento Central, vendo-se êle agora abandonado em seu nascimento?

Talvêz por se ignorar a sua posição topográfica e se lhe não dar importância ou bem pouca?

Pois bem, nós, Missionários Diretores, sem enganos e hipérboles e sem mêdo de contradição, decididamente declaramos (embora haja, talvêz, quem tenha opinião oposta aos que têm outros fins, e queira Deus não se esforce diréta ou indirétamente por iludir os índios e tirá-los do Aldeamento a vadiar em outras direções), nós aqui damos ao manifesto, que em toda a 3.^a Circunscrição de Índios do Mucuri, não tem, absolutamente, não há outro lugar tão próprio e com todas as condições que exigem as leis e instruções vigêntes, como as possui êste Aldeamento Central. Concluimos êste com as noções exátas no que diz respeito ao progresso de Estabelecimento.”

A seguir fala na necessidade de levar adiante a construção da grande igreja, em redor da qual deve desenvolver-se o aldeamento e da *futura cidade*.

Descreve o progresso do ensino, da sua eficiência e dos embaraços dos trabalhos agrícolas; obras e construções, abertura de novas estradas etc. . . ., e tudo isso conseguido com um numero insignificante de empregados — O pessoal do aldeamento resumia-se num Diretor, um Vice-Diretor, um Professor que acumulava também as funções de secretario e 21 empregados, assim discriminados: um marceneiro, 2 carpinteiros, 2 carregadores de madeira, 4 serradores e 10 empregados no carro de boi, na tropa, na olaria, no Engenho e na cultura, além de 1 ferreiro e um arrieiro.

Em menos de 4 anos quantas realizações!

É realmente assombrosa a atividade de Frei Serafim. Em menos de quatro anos, quantas realizações! Casa, escolas, igreja e casas para os indígenas e largas plantações.

A vida que Frei Serafim e seu companheiro levavam era de rigorosa pobreza franciscana e isto não deixava de ser virtude e necessidade ao mesmo tempo. — Nêsse claro e minucioso documento, Frei Serafim é de uma franqueza absoluta, quando lastima o pouco caso que o Governo faz do Aldeamento do Itambacuri, talvez por ignorar seu valor, sua posição privilegiada e seu futuro certo. Diante de tão bela amostra, os inimigos, contudo, não se desarmam e continuarão a lutar contra o Aldeamento, a desacreditar os Padres Diretores e desviar os pobres selvagens. Mas as obras de Deus não temem o furor da maldade e os ataques dos inimigos. — Elas triunfarão, porque jamais lhes faltará o auxílio de Deus.

CAPÍTULO VII

PRIMEIRA VISITA PASTORAL

(1878)

I. Luto — II. D. João Antônio dos Santos — III. Primeira Visita Pastoral no Itambacuri — VI. A catequese prospera: — Encantos da vida espiritual — V. Valioso depoimento de um sacerdote secular brasileiro — V. Que diz o Diretor Geral dos Índios em Relatório apresentado ao Ministro da Agricultura.

O ano de 1878 apresentou-se aos dois missionários capuchinhos sepultados nas matas do Itambacuri tarjado de luto e, pela primeira vez, “os harmoniosos sinos da igreja de N. S. dos Anjos dobraram a finado” anunciando a morte do heróico Santo Padre Pio IX e do Commissário Geral dos Missionários Capuchinhos, Frei Caetano de Messina. (1)

A notícia chegou a Itambacuri meses depois. Frei Caetano de Messina faleceu em janeiro e, um mês depois, morreu o Santo Padre Pio IX.

Frei Serafim e Frei Ângelo sentiram profundamente o desaparecimento do heróico Pontífice que, à sua partida de Roma, os abençoara; e do Commissário Geral, Frei Caetano, figura de inconfundível prestígio. Com a morte do último acabavam de perder um grande protetor na Côrte, além do superior bondoso e querido.

(1) Frei Caetano faleceu em Montevidéo, a 9 de Janeiro 1878, sendo seu corpo trasladado em Agosto para o Rio e sepultado na cripta. — Pio IX faleceu a 9 de Fevereiro, com 86 anos.

A gratidão e a saudade cristã têm nos sufrágios a expressão mais delicada.

Nos dias 6, 7 e 8 de abril celebraram solene tríduo em sufrágio da alma de Pio IX e de Frei Caetano de Messina. Durante os três dias foi celebrada uma santa missa para cada um. À tarde do primeiro dia foi cantado pelo povo o terço dos mistérios dolorosos, no segundo, a Via-Sacra e na manhã do terceiro dia, depois da missa "nigris coloris", foram rezados, respectivamente, dois responsórios "libera me, Domine" diante do catafalco, que se achava erguido no centro da capela "com o possível gosto e as devidas insígnias", tendo nos lados a seguinte inscrição:

*A ALMA DO SUMO PONTIFICE
PAPA PIO IX, O GRANDE,
E A DO SEU FIEL SACERDOTE,
PADRE MESTRE FREI CAETANO DE MESSINA,
COMISSARIO E PREFEITO GERAL
DOS MISSIONÁRIOS APOSTÓLICOS CAPUCHINHOS,
O SENHOR DÊ O ETERNO DESCANSO.
AMEN.*

Nêsses três dias, que foram de recolhimento e oração, toda a população cristã de Itambacuri ouviu comovida a palavra de Deus, em oportunas exortações e apropriadas instruções.

Era sem dúvida mais um golpe que feria fundo o coração dos missionários. Quando, porém, o cadinho amargo transbordava, Frei Serafim e seu dedicado companheiro, Frei Ângelo reuniam índios e civilizados em redor do altar de Deus, aos pés de Jesus Sacramentado e de N. S. dos Anjos, redobravam as orações e as penitências e desabafavam sua dôr, recobrando, assim, ânimo para as novas lutas.

* * *

II — Deus reservava-lhes, no meio de tantas preocupações e sofrimentos, uma grande e inesperada alegria: — a visita do Bispo Diocesano D. João Antônio dos Santos, a quem conheciam apenas através da correspondência e admiravam pela bondade e benevolência com que os distinguia.

D. João foi o primeiro bispo de Diamantina (2), a cujo território pertencia, então, Itambacuri. Tinha fama de santo e a fama tinha sólido fundamento na sua vida, nos fatos e nos dotes de sua alma de escol. Grandemente ilustrou a séde episcopal de Diamantina.

Quando os dois catequistas capuchinhos, em 1873, fundaram o Aldeamento do Itambacuri, D. João Antônio dos Santos, governava com acendrado zêlo, há oito anos, a nova diocese. Sómente no ano de 1879, a Providência proporcionou o encontro do santo Pastor com os Missionários capuchinhos, seus humildes cooperadores. Conheciam-se, porém, e admiravam-se reciprocamente: da parte de Frei Serafim e Frei Ângelo, profundo respeito e afeto filial; da parte do bispo, benevolência e admiração paternal, sentimentos êsses que transpareciam como perfume de almas privilegiadas através da correspondência por êles mantida.

Os santos têm o condão de conhecer-se à distância. Assim aconteceu com o santo bispo de Diamantina e os dois filhos de S. Francisco das matas do Itambacuri. Quando mais tarde o Pai viu dobrados, a beijar-lhe o sagrado anel os filhos queridos que pela vez primeira encontrava, não houve surpresa de parte à parte, mas apenas explosão de júbilo por ver realizado um desejo há longo tempo acalentado.

* * *

(2) A Diocese de Diamantina foi criada pela Bula "Gravissimum sollicitudinis" de Pio IX, 6 de junho 1854. O Bispado porém foi instalado em dois de fevereiro de 1864 e no ano seguinte, no dia 1 d maio, o seu primeiro bispo recebeu das mãos de D. Antônio Viçoso a sagração episcopal. — Vide Celso de Carvalho — D. Joaquim pg. 60.

III — Para descrever êsse encontro damos a palavra a um dos protagonistas. Frei Ângelo, que, em sua “Sinopse”, assim relata o acontecimento:

“Grande pesar tivemos por não estar pronta a igreja na ocasião em que o Excelentíssimo Senhor Bispo, Don João Antônio dos Santos, Bispo de Diocese de Diamantina, de um zêlo realmente apostólico, visitou, em 1879, as freguesias do norte de Minas.

Ao santo prelado, quando visitava Filadélfia, expediu Frei Serafim cartas e “camaradas” convidando-o com instâncias a visitar Itambacuri.

Embora houvesse quem tentasse dissuadi-lo da viagem, encarecendo-lhe como incômoda e perigosa, Sua Excelência Reverendíssima anuiu; e, em companhia de dois padres, acompanhado de seus auxiliares de visita, escoltado pelos nossos “camadas”, chegou ao nosso Aldeamento após próspera viagem. Demorou-se conosco uma semana; manifestou-se admiradíssimo de já vêr reunidos tantos índios e com grande satisfação crismou-os todos.

Nessa ocasião dois aposentos de nossa casa serviram de capelinha. A visita do Sr. Bispo proporcionou à nossa colônia contentamento e festas que deixaram nos corações de todos vívidas recordações. No dia da partida, S. Ex.^a, num discurso que só um pai amoroso sabe fazer a seus filhos amados, exprimiu o pesar que tinha de nunca mais, talvez, poder visitar aquele centro de civilização cristã nascente, por causa da sua já mui avançada idade. Deus santos e sábios conselhos aos povos das duas raças, ali reunidos; exortou a nós ambos que não esmorecêssemos nos trabalhos encetados daquela santa missão e prometeu visitar-nos todos com suas cartas e pastorais. D. João teve surtos de eloquência, que só da boca dos santos é que se,

ouvem: comoveu tanto, que ninguém pode resistir às lágrimas. Deitou-nos sua bênção e também aos povos e a todo o Itambacuri. Todos os ouvintes, à semelhança dos apóstolos na Ascensão do Senhor, tinham os olhos cravados na pessoa do santo Prelado, até seu desaparecimento por entre as árvores da alta mata, que ainda circundava o Aldeamento. (3) O venerando ancião, chamado unanimemente "Pai dos pobres" e que, com verdadeiro zelo e dignidade episcopal, soube governar a Igreja de Deus, não voltou mais, pessoalmente, ao Itambacuri; mas com suas freqüentes cartas e pastorais nos aconselhava e animava: o que para nós era real estímulo e conforto. Grande recompensa recebida no céu teve ele por certo!"

Quando D. João Antônio dos Santos visitou Itambacuri tinham decorrido apenas seis anos desde a sua fundação e já o milagre estava visível.

O Aldeamento central, entre dificuldades e obstáculos sem conta, falto de recursos materiais, manifestava a pujança inicial das obras de Deus escudadas na fé inabalável de almas apostólicas, que, acima de tudo, colocam a glória de Deus e da Pátria.

O zeloso prelado tinha ouvido falar da obra grandiosa iniciada pelos dois capuchinhos, tinha lido relatórios, mas, ao chegar ao Itambacuri, não esperava encontrar o que o deslumbrou.

Ficou comovido e admirado pelo espírito de sacrificio dos missionários que viviam na maior pobreza franciscana,

(3) No Ribeirão da Pedra d'Água, existe um Cruzeiro, o qual foi ali erigido a pedido do primeiro Bispo de Diamantina, D. João Antônio dos Santos, em comemoração de têr neste ano de 1876, naquele lugar pernoitado ao relento, por ocasião da visita pastoral ao Mucuri e adjacências. — Fr. Tettervo O. F. M. — Ob. cit. pg. 25.

comendo da mesma panela dos índios, vestindo-se com pano de algodão e multiplicando seus esforços em múltiplas atividades. O querido pastor, entre outras recomendações, exigiu dos missionários que melhorassem a frugal mesa para não prejudicar totalmente a saúde tão necessária e preciosa para o bem das almas, entretanto já abalada.

Sua Excelência nunca mais se esqueceu desta viagem e visita ao Itambacuri e, na realidade, o que êle viu não era para esquecer: uma nova comunidade cristã composta em sua maioria de centenas de índios arrancados às trevas do paganismo e à vida selvagem das impenetráveis matas — viu também um vasto campo de apostolado, cujo futuro se lhe apresentou grandioso.

* * *

IV — A visita do Prelado diocesano, suas palavras animadoras, sua aprovação, seus conselhos e sua preciosa bênção de santo, deixaram no coração dos missionários uma grande satisfação que, ao menos por momentos, lhes fez esquecer os sofrimentos e a ingratidão...

Frei Ângelo assim exprime êsse estado de alma: Depois que o Snr. Bispo se retirou, nós, como que impelidos pelo ardente zêlo da caridade cristã que êle nos comunicou, retomámos com mais empenho nossos trabalhos no sentido de fazer prosperar cada vez mais as tribus já aldeias e a trazer novas para o nosso grémio". (4)

Na verdade, os missionários tinham conseguido reunir em redor dêles um grande número de selvícolas que, dia a dia, aumentava. A todos ministravam com afincos e dedicação o ensino religioso e ensinavam-lhes o dever do trabalho e os primeiros rudimentos da vida social. Funcionavam,

(4) Man. cit.

desde o início, duas escolas bastante frequentadas, uma para meninos e outra para meninas. Tão grande foi o fruto que, em breve, conseguiram formar professores para índios, entre os mesmos.

Os que tiveram a felicidade de conhecer e conviver com Frei Serafim atestam, sem discordância, que era grande e fascinador o encanto de sua pessoa, ao mesmo tempo austera e meiga, irradiando simpatia e conquistando os corações. Seu trato fidalgo por natureza e por educação, possuía todos os segredos da paciência e mansidão evangélica. Tinha aspeto magestoso, gestos solenes, mas simples e cativantes e um sorriso perene nos lábios, com o qual sabia tão bem esconder as graves preocupações e as mágoas de que estava semeada a sua obra e a sua vida de apóstolo.

Quem o visse entre os seus caros índios, meninos e adultos, falar-lhes pacientemente, tolerar as naturais imperitências, pensava logo numa daquelas maravilhosas cenas do Evangelho.

O Padre Mestre, como o chamavam, além das horas regulamentares destinadas ao ensino religioso, não deixava passar nenhuma das oportunidades que se lhe apresentavam frequentemente para iluminar, nutrir e edificar aquelas pobres almas.

Nenhuma pena será capaz de descrever aquelas horas solenes, quando, ao sentir aproximar-se o furor da borrasca, ou quando desabava sobre o Aldeamento ameaçando arrazar tudo, Frei Serafim e seu dócil e fiel companheiro, reuniam em redor do tabernáculo, sempre engrinaldado de flores silvestres (5), os seus caros índios e os poucos civilizados, e lhes falava sobre o poder da oração, da graça de Deus, de sua bondade, do cuidado que tem para com seus filhos e das vitórias que conseguem os que n'Ele confiam...

(5) Este particular foi-me referido por uma astiga aluna, que foi depois professora, Maria Tangrins, em 1942.

A capela de Nossa Senhora dos Anjos iluminava-se, então, de luz sobrenatural. Eram essas as horas em que os missionários desabafavam as mágoas do seu coração e confiavam a Jesus Sacramentado seus receios, seus projetos e seus desejos e era nessa fonte de vida eterna que bebiam a força e a coragem que, apesar dos esforços inimigos, os tornavam invencíveis.

À noite, depois dos trabalhos materiais do dia, nos quais os missionários eram os mestres e davam o exemplo prático, sempre os primeiros a manejar a enxada e o machado, reunia-se toda a comunidade cristã ao pé do altar de Nossa Senhora: rezava-se o terço, cantava-se a ladainha e, no místico ambiente, ecoavam comovidamente harmoniosos cânticos, louvando a Deus Todo Poderoso e à sua divina Mãe, Nossa Senhora dos Anjos, que, do alto do trono, erguido por mãos inexperientes de pobres selvagens, sorria, benigna.

Ainda se conserva num dos altares do Santuário a primitiva imagem de Nossa Senhora, que Frei Serafim ganhou de presente no Rio de Janeiro, antes de embarcar para as matas do vale do Mucuri. É obra de arte antiga, bela escultura de madeira ricamente decorada, medindo 50 centímetros. Durante muitos anos essa imagem ficou no altar-mór, mas passando o santuário por diversas reformas, essa imagem foi substituída por outra igual, mas de tamanho natural.

Conta Frei Ângelo que o dia de sábado era destinado ao ensino e à explicação do catecismo, cousas de que se encarregava pessoalmente Frei Serafim, com muita dedicação. Também muito se esmerava em ensinar aos alunos das escolas, cânticos religiosos populares para que os cantassem na Igreja, pois seriam logo acompanhados por todo o povo, que é sempre propenso a tudo imitar.

“A própria missa solene é até hoje cantada pelo povo; e fazem-no com alegria, recolhimento e devoção. Tinha — lembra Frei Ângelo do seu companheiro e chefe — seu quê de gracioso ouvi-lo dar as notas graves do canto-chão”. (p. 15)

“Nos domingos e Festas de guarda havia rezas, catecismo, prédicas e Missas das 10 às 11 horas e, em seguida, Bênção do SS. Sacramento, para favorecer as famílias que moravam longe do centro da Colônia.

“Nas cerimónias religiosas evitávamos tudo quanto podia servir de distração dos ânimos e adotávamos quanto fosse solene, mas de carater santo. Na nossa igreja guardava-se absoluto silêncio. A bênção de Deus estava como que visível sôbre nós e sôbre o povo de Itambacuri”.

* * *

V — O Revmo Padre Benedito Estevens Lima, Pároco de Filadélfia, no jornal de Ouro-Preto, a 12 de Agosto de 1879, deixou exarado, de público, seu valioso e autorizado testemunho que, eloquentemente, comprova o que acima, modestamente, nos disse um dos fundadores de Itambacuri, Frei Ângelo de Sassoferrato.

Transcrevemos na íntegra essa página de sincera homenagem aos heróicos missionários:

“Snr. Redator,

Ainda conservo em minha alma as doces impressões de que me achei possuído nos dias 1, 2, 3 e 4 do corrente. Honrado com o convite dos dois sábios e virtuosos Sacerdotes, que tão dignamente dirigem o Aldeamento Indígena de Nossa Senhora dos Anjos do Itambacuri, Revmos Snrs Frei Serafim de Gorizia, Missionário Apostólico e Vice-Pre-

feito das Missões Indígenas desta Província, e Frei Ângelo de Sassoferrato, Missionário Apostólico e Vice-Diretor daquele Aldeamento, seis léguas distantes desta cidade, afim de coadjuvá-los na grande sonidade do Jubileu de Assis, de 2 de Agosto, concedido pela Igreja Universal; eu tive a felicidade de assistir a uma festa, cujo esplendor, bôa ordem e devoção não vi ainda em parte alguma do extenso Bispado de Diamantina, excepção feita da vossa cidade episcopal. Chegando ali, quando as trevas pressurosas da noite começavam a encobrir a terra com seu véo, no dia 1.^o pois obrigações do ministério paroquial reclamavam aqui minha presença até aquele dia, eu não pude penetrar logo no espaçoso corredor, em demanda do aposento, que me determinaram. É que, naquele momento, se rezava o Terço do Santo Rosário, e a capela de Nossa Senhora dos Anjos, que ostentava a maior riqueza e bom gosto, que o lugar permite, estando literalmente cheia, aquela grande multidão de indígenas e civilizados promiscuamente ocupava o extenso corredor, toda a frente do edifício, e uma grande cobertura, adrede preparada. Foi solene a missa do dia 2, cantada pelo Revmo. Padre Mestre, Frei Serafim, acolitado por mim e o Revmo. Padre Mestre, Frei Ângelo, orando em o Evangelho; e durante ela não pude deixar de comover-me ouvindo cantar os indígenas, de modo admirável e quase incrível, o Gradual, o Glória, o Credo, etc., como testemunhou em Agosto do ano passado o Exm. Snr. D. João Antônio dos Santos. Houve, igualmente, missa solene no dia 3, cantada por mim, acolitado pelos Revmos. Snrs. Missionários. Eis-me chegado à Procissão, com que se terminou aquella grande e imponente festa.

A Natureza do lugar, o mais belo e aprazível, que nestas matas se encontra, ruas formadas de co-

queiros plantados de momento pelos indígenas; a grande profusão de luzes bem dispostas, as alas formadas a capricho por mais de duas mil almas, indígenas e pessoas civilizadas, que concorreram daqui, do Poté, Mucuri, Noreth, Sete-Posses, Malacacheta etc., a riqueza dos paramentos; a disposição das Imagens, a acertada escolha dos cânticos, orações e jaculatórias, que, entoados pelo capitulante, Revmo. Frei Serafim, e repetidos por aquela imensa multidão, arrebatavam os corações, e ecoando por aquele grande espaço em que demoram os edifícios da Missão, a casa do meu Amigo, Professor Ernesto Gonçalves Pereira Filho, iam perder-se naquelas estensas matas, que, ainda há pouco, em 1873, se achavam incultas e desertas, exclusiva mansão de feras e selvagens; tudo, tudo concorria para dar àquele ato um esplendor, uma magestade que minha pena quer, mas não pode descrever condignamente.

Por toda a procissão foi levado o Santíssimo Sacramento precedido do Grande Patriarca de Assis, havendo bênção ao entrar na esplêndida Capela, terminando o ato por um belo, eloquente e suculento improviso, em que Frei Ângelo patenteou, de modo possível, as glórias e grandezas da Virgem Imaculada.

Foi incalculável naqueles dias o número das confissões e comunhões, bastando dizer que os dois missionários e eu ocupamos constantemente os confessionários enquanto duravam as solenidades, e um outro mais. Como era tocante o modo afável e bondoso, assim que aqueles virtuosos e incansáveis sacerdotes recebiam e tratavam aqueles homens que corriam de diversos pontos para ouvirem a palavra de Deus, receberem os Santos Sacramentos e lucrarem a plena Indulgência, e que prostrados diante da ara do Se-

nhor lhe bendiziam por lhes enviar em suas pessoas dois amigos, dois protetores, dois pais, e pedirem e suplicarem sua conservação.

A par de tanto progresso moral vê-se também o material, e posso, sem receio algum, augurar um brilhante futuro àquele lugar, se o Exmo. Governo continuar a lançar para ali suas vistas protetoras.

Não deixemos, Senhor Redator, entregue ao pó do esquecimento ocorrências desta ordem, que tenho a ousadia de corroborar com o testemunho autorizado do Exmo. Snr. Bispo de Diamantina, que, passando alguns dias no Itambacuri, admirou o zelo incansável dos Revos. Senhores Missionários aos quais teceu os maiores elogios". (6)

À vista dêsse precioso testemunho fica-se sabendo qual o grande progresso em que se encontrava o Aldeamento indígena do Itambacuri, cinco anos depois da sua fundação no meio da impenetrável floresta virgem, perdido na solidão de uma região ainda inexplorada e sem comunicações com os centros civilizados. Fica-se sabendo da ordem, brilho e esplendor da festa de N. S. dos Anjos, no ano de graça de 1879, isto é, poucos anos depois de iniciada a obra de civilização no seio da mata virgem pelos missionários capuchinhos.

Duas mil pessoas, entre índios e civilizados tomaram parte na imponente procissão! Duas mil pessoas, em sua maioria arrancadas às trevas do paganismo, incorporadas á vida cristã, pelo zelo inexcedível dos missionários.

Como tudo isso é grandioso e admirável!

Quem, entretanto, nada enchergava de maravilhoso e patriótico nêssa obra incipiente e já cheia de vida, eram os

(6) "A Actualidade".

inimigos ocultos da catequese católica, cegos por mesquinhos interesses de ordem subalterna e inconfessável.

* * *

VI — Em março de 1878, o Diretor Geral dos Índios, Brigadeiro Luiz de Magalhães Mosqueira, que, desde o início, vinha acompanhando o desenvolvimento do Aldeamento do Itambacuri, em minucioso Relatório apresentado a Sua Ex^a. o Snr. Conselheiro João Lins Vieira de Cansação Sinimbu, Digníssimo Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, fala do Itambacuri, nêstes termos:

IMACULADA CONCEIÇÃO DO ITAMBACURI

Êste aldeamento, sob a direção do incansável Frei Serafim de Gorizia e de seu companheiro Frei Ângelo de Sassoferrato, não tem sofrido alteração notável desde o meu último relatório. Da leitura atenta da exposição que êle me fez, em data de 8 de Dezembro, que junto por cópia, se colige, que êle se achava bastante impressionado por não lhe ter chegado até aquella data a primeira prestação correspondente aos mêses de Julho, Agosto e Setembro, e, ainda mais, porque presumia lhe seria diminuida, como foi, a subvenção que era de um conto de réis.

Como V. Ex^a. já terá visto, na distribuição que se fez, tocou a êste aldeamento 800\$000 mensais, quantia esta, em verdade, insufficiente para acudir a tantas despesas, com abertura e conservação de estradas, pontes importantes feitas e por fazerem, obras,

culturas, vestuário e alimentação a famílias indígenas, que ainda não sabem trabalhar, mas, que sobrecarregam o dispêndio em comestíveis, tendo ocorrido, por infelicidade, 2 anos seguidos de bastante carestia naqueles lugares.

A população indígena aldeada, orça por 560 a 570, e a volante por 3 mil arcos, ou homens de guerra na opinião do Diretor Tenente Coronel Antônio José da Costa Ramos, bastante prático e conhecedor daquelas matas.

O Diretor lastima as seduções, principalmente, por causa dos meninos, que ficam privados dos benefícios da instrução, e quiçá da liberdade.

A êste respeito já tive a honra de representar por muitas vezes aos dignos antecessores de V. Ex.^a nos meus precedentes relatórios, que podem ser consultados. Esta Diretoria nada pode fazer, e os Religiosos, igualmente, quando as leis mesmo em presença da administração se executam mais por favor, que por de-vêr! Por ventura até hoje esta Diretoria pôde conseguir que se levassem aos tribunais os autores dos massacres de indígenas em S. Miguel de Jequitinhonha, os do Ribeirão das Lages e de outros lugares?

O véu do tempo, e a prescrição hão de legalizar êstes atentados, que horrorizam a humanidade, pois que não se perdoou nem aos meninos de peito nos braços de suas mães!!!

Houve grande diminuição na frequência da escola, que, de 119, ficou reduzida a 53 alunos, assim mesmo, é número suficiente para não se declinar da necessidade de um professor, que serve ao mesmo tempo de Secretário do aldeamento. O Diretor explica a razão desta diminuição de frequência dos meninos, atribuindo aos pais levá-los consigo, quando vão de

suas digressões para fóra do aldeamento, no que não ha retê-los, e sim deixar, para que eles se não desgostem, e não tomem a resolução de não mais voltarem.

O Diretor assegura um futuro mui próspero para aqueles lugares e mesmo porque, a população brasileira vai se contornando ao aldeamento, procurando também estabelecêr-se ao longo das estradas principais, as quais foram em o ano passado, em grande parte destruidas pelas enchentes, que levaram pontes e pontilhões, interrompendo o trânsito, pelo que o Diretor tomou sôbre si a responsabilidade de mandar concertar, pedindo um auxílio ao Governo Geral, que lhe concedeu 1:000\$000, quantia esta por demais diminuta para a construção de 13 pontes com madeiras de lei, regulando a extensão de cada uma delas de 50 a 180 palmos, serviços êstes, que se fossem feitos por empresários, absorveriam muitas dezenas de contos.

CATEQUESE

O Diretor e seu companheiro, não se têm descuidado da Catequese, como se colige do quadro, haver recebido o batismo todo o pessoal indígena existente no aldeamento, e ligarem seja em matrimónio pelos laços do Sacramento. Além destes, sei que muitos outros, valentes já tem recebido o batismo e algumas noções, relativas ao Ente Supremo.

PESSOAL

Além dos 560 índios aldeados, há o pessoal da Diretoria, e empregados, a saber:

1 Diretor — Frei Serafim de Gorizia.

1 Vice-Diretor — Frei Ângelo de Sassoferrato

1 Professor e Secretário — Torquato Donato de Sousa Bicalho.

1 Marceneiro

2 Carpinteiros

2 Lavradores de madeira

4 Serradores de dita

10 Camaradas, empregados no carro, tropa, olaria, engenho de moer cana.

1 Ferreiro

1 Arreeiro.

CULTURAS

As culturas que se fizeram para este ano, constavam de 10 alqueires de milho, 6 de feijão, intitulado das aguas, e quase todo perdido, 4 alqueires de arroz, terreno de 2 alqueires com cana de assucar, 2 ditos com mandiocal, 3 ditas com batatas, taiobas, carás, 5 alqueires de graminal, mil pés de bananeiras, além de 50 mil pés de café, fóra o pertencentes aos particulares, inclusive de índios, que já possuem suas pequenas charnecas de café, como se pode vêr nos meus precedentes relatórios. Entretanto, cumpre notar-se que os produtos destas plantações são sempre colhidos com grande diminuição, porque não se póde ainda coibir a licença dos indígenas, em lançarem mão de tudo quanto encontram, principalmente de comestíveis. É um hábito adquirido na vida nómade, e que só o tempo poderá modificar.

OBRAS

Compõe-se o aldeamento de 20 casas cobertas de telhas, rebocadas, fóra de muitas outras cobertas de palmitos, de mais de 100 fogos.

Os edificios melhores, reduzem-se a 6, feitos de madeira de aroeira, arco e ipé, inclusive a casa grande, residência dos Directores, com muitas acomodações, destinada para servir de internato.

A igreja matriz em construção, já coberta de telha, com 3 naves, e que virá a ser o primeiro templo do norte da Província — Uma espaçosa casa, onde está acentado o engenho de moer cana, tanques e alambiques, pilões, e outra casa com dois moinhos muito bons.

Ainda se precisa de concluir algumas destas obras, principalmente a destinada ao internato e à matriz.

ORÇAMENTO

Da cópia junta, sob N.º — V. Ex.^a verá que êle pede 19:290\$000, para o presente, e futuro exercício, e demonstra com o orçamento apresentado.

Êstes Religiosos são dignos de toda atenção; identificados com os deveres de seu cargo, tudo quanto recebem de suas gratificações, esmolas de missas, e oferendas applicam para o estabelecimento sem nada guardarem para êles.

CONTABILIDADE

As contas pertencentes ao exercício findo de 1876 a 1877 foram prestadas em devido tempo, e já se acham aprovadas pelo Governo Provincial, por portaria de 13 de Dezembro.

Importaram as do 2.º Semestre de 1876 em
5:451\$881 rs. e no 1.º Semestre de 1877, em
5:732\$352 rs. correndo a despesa sôbre as seguintes epígrafes:

EXERCÍCIO DE 1876 a 1877

	2.º 6me. 1876	1.º 6me. 1877
Alimentação	1:036\$909	1:287\$800
Brindes	208\$700	352\$780
Ede....da nova igreja	\$	\$
Compras de animais e trato	641\$850	187\$020
Jornais e trabalhadores	2:914\$822	2:880\$482
Obras	318\$130	292\$950
Paramentos e guisamentos	57\$290	114\$070
Remédios	18\$800	67\$300
Vestuário	29\$820	112\$870
Utensílios e diversos	225\$560	430\$080
TOTAL Rs.	5:451\$881	5:732\$352

CAPÍTULO VIII

PERSEGUIÇÕES

I. Fazendeiros versus aldeamento ou Civilização contra civilização — II. Escasseiam os recursos — III. Expressivo Inventário — IV. Medida acertada e corajosa: Honra aos caboclos pioneiros! — V. Uma questão de contabilidade e o desassombro dos missionários — VI. Uma voz injusta e uma resposta ao pé da letra — VII. Merecidos encômios.

I — A Catequese de Itambacuri e os seus diretores tiveram amigos dedicadíssimos e inimigos acirrados. Êstes ultimos, cegos pelo ódio e pela cubiça, chegaram a tentar até a eliminação dos dois indefesos missionários, que, naquela triste tarde de 24 de maio de 1893, foram covardamente entregues à sanha dos selvagens, de cujas mãos N. S.^a dos Anjos, milagrosamente os arrancou.

Como explicar tanto ódio contra pacíficos sacerdotes?

Qual a causa das contínuas perseguições de que foram alvo?

O vil interêsse material e a cubiça criaram um certo número de inimigos contra a catequese e seus beneméritos fundadores. Levantemos o véo que cobre essas misérias para ajudar o leitor a compreender o absurdo.

Quando os missionários chegaram ao então povoado de Filadélfia, incumbidos pelo Governo Imperial de fundar um aldeamento central nas matas vizinhas, não faltaram indivíduos perspicazes que vislumbaram imediatamente a oca-

sião de um bom negócio, isto é, a possibilidade de vender, por bom dinheiro ao Governo, as terras que possuíam ou acreditavam possuir, para nelas fundar-se o aldeamento. É o próprio Fr. Angelo que nos diz (1) como, logo após a chegada dos missionários, foram feitas várias sugestões a respeito do lugar onde devia ser fundado o aldeamento. Os missionários, porém, tinham recebido ordens de escolher terras ainda não ocupadas e que possuissem todas as condições exigidas leis e regulamentos especialmente elaborados para esse fim. As *sugestões apresentadas* não se casavam com as condições exigidas e daí o primeiro choque entre os missionários e os interessados, pessoas poderosas e relacionadas naquela região.

Outra causa vinha também acirrar o ódio de alguns fazendeiros contra a catequese dos selvícolas e seus diretores: — a questão da abolição.

Desde muito amadureciam na consciência do povo brasileiro, a repulsa e a revolta contra a escravatura. Era uma mancha, um labéu que muito feria o brio dos bons patriotas, especialmente quando no estrangeiro, e mormente nos países vizinhos, se faziam alusões malévolas a esse triste estado de coisas. Quando a princeza Isabel deu o primeiro passo e quebrou o primeiro elo da aviltante cadeia, percebeu-se que a questão seria rapidamente resolvida, pois o clamor popular redobrava, dia a dia, de intensidade. Os fazendeiros não tiveram mais dúvidas sobre os dias vindouros. Os que tinham à mão índios para substituir os escravos, acreditaram resolver facilmente o caso, pois consideravam o índio como *bicho mau*, que era preciso subjugar e aproveitar para o trabalho ou eliminar. (2)

(1) Fr. Angelo — *Man. cit.*

(2) Tráfico dos índios — Relatório do Diretor Geral dos Índios em Ouro Preto, apresentado ao Ministro — Arquivo do Convento — Rio.

A catequese dos selvícolas, sob a direção dos missionários, era, porém, um sério obstáculo à realização desse desígnio e daí a luta sem trégua e as perseguições dos fazendeiros contra os missionários.

Quanto ao Aldeamento de Itambacurí, desde os primeiros momentos, os missionários esbarraram com a oposição dos fazendeiros e colonos, que, surdos à intimação do Governo, seguravam os índios, meninos e adultos, nas matas vizinhas de onde eram chamados quando fossem necessários ao trabalho das suas roças, “à troca de illusórios objetos e copiosa agua-ardente”. Frei Serafim informou imediatamente desse deplorável estado de coisas ao Diretor Geral dos Índios e, sem illusões, escreveu-lhe em data de 22-2-1879: “Temos sofrido e acreditamos que ainda teremos que sofrer, não havendo atenção ao tríplice pedido por nós feito e que a competente autoridade queria, tirando todos os meninos e adultos indígenas fóra das casas dos fazendeiros e colonos... (3) O zêlo dos missionários contrariava os interesses dos que, abusando da bôa fé e da ingenuidade dos indígenas, os exploravam vergonhosamente, e aos missionários só lhes restava o direito de protestar e de informar ao Governo Imperial. Não podia, pois, haver entendimento entre os missionários e os inimigos e a guerra continuou implacável, ora surda, ora aberta, mas sempre odienta. As próprias dificuldades e má vontade surgidas com o Governo, pois mesmo quando êste alegava “o estado pouco lisongeiro dos cofres públicos”, era, em grande parte, obra dos inimigos, que teciam, sem interrupção, intrigas e calúnias. É certo que os inimigos conseguiram, pelo menos, lançar a desconfiança contra os diretores do Aldeamento de Itambacurí, que se tornou objeto de constantes visitas de fiscaes e inspetores, que, muitas vezes, chegavam de surpresa, sem

(3) Ofic. e Rel. vol I.

contudo poderem articular censuras contra o mesmo ou apontar falhas. Êste fato não deixava de entristecer ao bom Frei Serafim, que, escrevendo ao Ministro da Agricultura, assim se queixa: “Êste Aldeamento tem sido por vezes inspecionado, sem o saber, e, sabendo-o, sem conhecer a causa disso, mas sempre nos causando esmorecimento e desconfiança..”

Era evidente, devido à ação maléfica dos inimigos, o Governo não ajudava na medida que devia e, pior ainda, não mantinha as promessas feitas aos missionários fundadores do Itambacuri.

* * *

II — Encerrando o ano de 1878, em 1.º de dezembro, Frei Serafim queixa-se amargamente pela falta de recursos necessários, oficiando ao Diretor Geral:

“Sentimos bastante, eu e o meu companheiro da Missão, em ver que não foi tomado em consideração e avaliado devidamente o humilde pedido por nós feito com os respeitosos ofícios de 18 e 19 de agosto e 1.º de outubro do corrente, o qual pareceu-nos mui razoável e humanitário e patriótico e de grande utilidade.”

Frei Serafim percebe nisso a influência dos inimigos e esclarece: “os que escrevem mal do Aldeamento são pessoas que moram dentro dêle e que não suportam a vida da mata, desejando viver em cidades bonitas e em casas confortáveis”. Quanto aos missionários, êle acrescenta:

“É uma verdade que todo êste povo pôde atestar como nós aqui temos passado, sofrido durante êstes cinco anos que se foram, toda a sorte de privações, desgostos, incômodos, doenças e sacrifícios imensos. Tratamos sempre os índios com toda a di-

ligência e com êles trabalhamos, não como escravos que são obrigados a estar à ordem dos seus senhores, quer de dia, quer de noite. Graças a Deus, êles já prestam serviços satisfatórios, embora andem de tempo em tempo a caçar e pescar, e alcançamos dêles mais do que podíamos esperar. Conseguimos ver quase estabelecida uma povoação indígena na fôrma de uma paróquia, como interinal e verbalmente a declarou o Exmo. Snr. Bispo Diocesano de Diamantina, em ocasião da visita pastoral a êste Aldeamento.

Os humildes missionários Diretores esperam favorável despacho dos homens de grande inteligência e tino que não faltam ao Brasil, aos quais pedem algum socôrro para fechar e concluir tambem o templo de N. S. dos Anjos, que há de ser aqui um monumento permanente da generosidade e fé brasileira". (4)

Infelizmente, no atordoamento da política agitada da época, a voz do bom senso, a bradar, continuamente, não conseguiu ser ouvida e os auxílios continuaram a faltar e, quando vinham, eram sempre migalhas insuficientes e miseravelmente escassas.

Em 24 de março de 1879, o diretor do Aldeamento de Itambacurí é forçado, mais uma vez, a officiar ao Ministro da Agricultura, documentando sua queixa contra os fazendeiros e roceiros, que seduziam os índios, atraindo-os às suas casas, onde êles encontravam bastante bebida, dando-se, depois, à vadição e perturbando a tranquilidade pública e pede, a respeito, enérgica providência.

Diante da reclamação de Frei Serafim, o Governo tomou algumas providências. O chefe de polícia de Ouro Preto deu ordens ao subdelegado em exercício em Filadél-

(4) Of. e Rel. vol. I.

fia para agir contra os que aliciavam os índios do Aldeamento afim de os empregar em serviços particulares e pessoais, recorrendo, para isso, à distribuição de bebidas espirituosas e outros meios de sedução. As providências estendiam-se também contra os mesmos índios que, vivendo na alternativa da vadiação, ficam, pois, sempre brutos e vagabundos, e, por não se entregarem ao trabalho positivo e permanente, perturbam a tranquilidade pública, semelhantes aos que vivem sem lei nenhuma, quer divina, quer humana. No mesmo documento o chefe de polícia sugere que “presentemente carece, que, com a devida prudência, sejam presos e postos no xadrez uns índios do Mucuri-Boté, sobretudo os da aldeia Cracatã, que costumam seduzir os aldeados nêste Aldeamento Central, igualmente como já se praticou com os índios do Potão em dias do p.p. mês de abril, tendo dado bons resultados.”

Os inimigos da catequese lançavam mãos de todos os meios e, servindo-se dos próprios índios, desencaminhavam aqueles que já se encontravam aldeados e sob o olhar vigilante dos Missionários. Êstes, porém, não desertavam de posto de combate e, como verdadeiros pastores, não abandonavam as ovelhas diante dos lobos vorazes, desafiando até a própria morte.

* * *

III — Não obstante essa guerra sem trégua, o Aldeamento progredia maravilhosamente e representava algo de positivo e real. Com os poucos contos de réis fornecidos pelo Governo e com o trabalho ingente, com dedicação e tino, os Diretores do Aldeamento de Itambacurí podiam apresentar como, a pedido, apresentaram, um Inventário que é eloquente documento e demonstração prática do patrimônio criado para o País, pelos beneméritos Capuchinhos, que o dirigiam.

Transcrevêmo-lo aqui:

Excelência,

Temos a honra de apresentar a V. Exa o Inventário dos objetos, criação e propriedades existentes neste Aldeamento no ano de 1879, exigido em officio de 17 de dezembro de 1878:

N.º 1 — Casa para morada dos Missionários Directores, com escola e anexa igreja grande Matriz, tudo em fábrica, torre com três sinos, paramentos e mobília e pomar de aproximativo valor	Rs.	25:000\$000
N.º 2 — Casa grande de Engenho, dos moinhos, morada, etc. avaliada	Rs.	15:000\$000
N.º 3 — Um engenho a cilindro já colocado para a fabricação de assucar e aguardente, com dois alambiques de cobre e duas tachas para a rapadura, um tacho de cobre para o azeite de mamona, e duas torradeiras para farinha, etc., do aproximativo valor de	Rs.	2:000\$000
N.º 4 — Casa do professor com mobília	Rs.	400\$000
N.º 5 — Armação do despoldador de café e ferragem de um engenho simples de serrar madeira ainda não colocados por falta de alguma peça perdida no transporte e de meios pecuniários	Rs.	500\$000
N.º 6 — Dois bons moinhos em obra avaliados	Rs.	800\$000
N.º 7 — Canos de chumbo para encanamento de água, custo e transporte	Rs.	800\$000
N.º 8 — Um arado americano	Rs.	600\$000
N.º 9 — Ferramenta de Marcineiro, carpinteiro, ferreiro e de agricultor	Rs.	300\$000
N.º 10 — Livros, bancos e mesas de escola	Rs.	350\$000
N.º 11 — Derrubadas e descampamento, grande pasto plantado no centro do aldeamento, em tudo um quarto de légua em quadro, sem con-		

tar as derrubadas feitas fóra do centro; plantações e lavouras, roças feitas em comum, etc. Rs. 10:000\$000

N.º 12 — Da criação tem 14 bois de serviço para puxar madeira e amassar barro, tendo os mais morrido ou se gastado em ocasião de trabalho: o resto do gado que provém da compra particular dos Missionários Diretores e serve serve só para criar, foi já entregue as famílias indígenas de melhor juizo para favorecer este ramo e fundar a criação Rs. 560\$000

N.º 13 — Burros de carga arreitados, em número de 5, havendo morrido também 5 e os mais pertencem aos Missionários para seus serviços espirituais (5) Rs. 500\$000

VALOR TOTAL Rs. 55:870\$000

Os esclarecimentos que acompanham o inventário acima revelam grande valor material e moral. Havia 5 anos que os cofres da Província não gastavam nem sequer um real com o Aldeamento do Itambacurí e, todavia, o que ali estava era realmente extraordinário.

IV — “Tudo quanto está exposto no presente Inventário — esclarece Frei Serafim — foi entregue a êstes moradores e serve para utilidade de todos, sem distinção de índios e brasileiros, como o melhor meio para favorecer a agricultura e o comércio e facilitar o desbravamento desta vasta mata.”

“Depois que a Assembléa Provincial nada decretou a favor da catequese para o próximo futuro exercício 1877-1878, e, em vista da falta de meios pecuniários, tendo decorrido dez mêses sem que aqui se soubesse, se êste Aldeamento ainda tinha ou não de receber alguma quantia relativamente às consig-

nações dêste exercício: julgou-se aqui, por melhor expediente, para não ver perdido o fruto da missão, de deixar entrar bons brasileiros, que tenham coragem para morar na vastidão desta mata virgem, e para as descampar juntamente com os indígenas, surpindo êles a frouxidão dos mesmos e auxiliando-se depois, reciprocamente, na lavoura no mais com certeza de que só assim há de aqui se conseguir um rápido progresso na cultura e com a aliança entre êles (auxiliada pela catequese, mui notável aumento de braços úteis ao país, estabelecendo-se uma grande povoação nêste lugar até agora encoberto, mas de muitas e certas esperanças futuras". (6)

Aproveitando esta ocasião o criterioso Diretor faz ainda caloroso apêlo ao Governo no sentido de tomar na devida consideração as diversas sugestões por êle expostas em ofícios anteriores. Debalde Frei Serafim demonstra, com dados certos, o que será, pois aquela região, do Itambacurí que êle, de inteligência perspicaz via como se fôra presente, em todo o seu deslumbramento futuro.

E o tempo provou o acêrto de sua previsão!

Apesar do desamparo oficial e da absoluta escassez de meios pecuniários, Frei Serafim não desanima e, como êle mesmo nos informou, esclarecendo o conteúdo do Inventário, tomou uma corajosa medida: *Franqueou o território do Aldeamento a bons brasileiros que tiveram coragem de se estabelecer naquela vastíssima mata...* (7)

Há nessa providência a prova cabal do talento e genial descortínio do Diretor do Aldeamento, Frei Serafim, e há, sobretudo, a revelação de um poema heróico que ficará juntamente com os nomes dos protagonistas, sepul-

(6) Of. e Rel. vol. I — pag. 52.

(7) Idem, pag. 53.

tado no olvido... São os nomes dêsses primeiros desbravadores das matas do Itambacurí, os nomes dêsses caboclos destemidos *que tiveram a coragem* de penetrar na floresta e com seu esforço titânico e silencioso prepararam o progresso extraordinário, que hoje desfrutamos.

Glória a êsses heróis desconhecidos! Honra a êsses humildes pioneiros do progresso de Itambacurí!

* * *

V — Em setembro de 1879, apresentando Frei Serafim seu relatório, como sempre, expressão absoluta da verdadeira situação material e moral do Aldeamento, falando da catequese, afirma:

“O maior entrave que tem impedido melhores resultados de cultura e civilização dos índios, provém quasi sempre das seduções de fóra, por uns perversos brasileiros, que os chamam ao trabalho de poucos dias em épocas mais úteis a troco de aguardente, ficando êles depois na mata por muito tempo, antes de entrarem outra vez no aldeamento, e quando regressam voltam depravados e doentes e com muitas aleivosias por conselhos máus que recebem de fora. Isso acontece porque esta mata virgem lhes fornece muita caça e mais víveres e porque muitas vezes falta à autoridade local a necessária energia e boa vontade para conosco, e uma lei mais apropriada e conveniente ao País, que sabiamente ajude os Índios”. (8)

Se o Governo tivesse ajudado na medida conveniente e os fazendeiros tivessem olhado com simpatia o Aldeia-

(8) Of. e Rel. Vol. I — pag. 61.

mento de Itambacurí, outra teria sido a marcha do seu maravilhoso progresso. Todavia, é preciso reconhecer que os heróicos Diretores souberam galhardamente vencer e anular, à custa de sacrifícios e sofrimentos, os golpes desferidos pela maldade humana.

Em 1881, a 1.º de outubro, assim escrevia: “Previno a V. S. que este novo lugar de muitas esperanças, em vista de ser saudável e bonito e talvez por antipatia que alguns têm aos Missionários, foi, desde sua fundação, constantemente invejado e guerreado por fás ou por nefas, e nunca ficou livre de insídias e traições no intuito de vê-lo sem verba acabado ou quanto menos emancipado”. (9)

Nessa mesma época, em carta dirigida ao Revmo. Superior Comissário Geral da Ordem, Frei Serafim estranha a queixa do mesmo por não ter, há muito tempo, recebido notícias do Aldeamento. Frei Serafim e seu companheiro, cujo acatamento, amor e respeito aos Superiores foi sempre grande, responde imediatamente, e justifica-se remetendo-lhe a prova, isto é, cinco recibos de cartas enviadas com assuntos reservados e documentos importantes e explica — “Não sei por qual causa não as tem recebido, porém, conheço que nos cercam inúmeras *falsidades e traições* por uns indígenas sem lei nenhuma, que procuram por fáz ou por nefas acabar tudo ou tirá-lo a si.” (10)

Se os inimigos da catequese não conseguiram de todo entrar o progresso do Aldeamento chegaram, porem, a lançar suspeitas sôbre os seus dignos Diretores e abalar-lhes a confiança junto do Governo da Província.

A Diretoria da Fazenda da Província descobriu uma irregularidades na administração do Aldeamento relativas às contas de junho de 1877 a março de 1878, irregularida-

(9) *Ibidem* pag. 102

(10) *Ibidem* pag. 103

des êssas que determinaram a não aprovação das contas e a suspensão de pagamentos.

Tratava-se, na verdade, de puras formalidades, exigências descabidas e injustas, uma evidente perseguição!

Frei Serafim, profundamente magoado, em data de 6 de outubro de 1879, respondeu ao Exmo. Diretor Geral nestes termos:

“Exmo. Senhor, conforme as ordens dadas pela Ex.^a Presidência no seu respeitoso ofício de 5 de Agosto de 1879 e por V. Ex.^a remetidas com o de 12 do mesmo mês, tenho a honra de lhe devolver as contas e seus documentos relativamente ao período de julho de 1877 a março de 1878, nas quais achará devidamente sanadas umas irregularidades encontradas pela Diretoria da Fazenda da Província, segundo demonstração que se une, e se refere principalmente às expressões de formalidade e corroboradas de testemunhas oculares no que diz respeito a pessoas pagas que não sabem escrever e ao fato de pagamento”. (11)

O Diretor do aldeamento continúa no mesmo ofício a demonstrar a improcedência das censuras e irregularidades apontadas e a evidente injustiça que lhe era feita e ao seu boníssimo companheiro.

Uma das irregularidades apontadas era a despesa de Rs. 65\$000 feita por ocasião da primeira visita pastoral, a qual narramos em capítulo precedente. Outra irregularidade era a diferença encontrada a mais na despesa de \$650 (sic) e uma dúvida sôbre nomes de supostos recebedores...

Frei Serafim responde a êsses pontos com toda a franqueza mostrando, porém, um profundo ressentimento, que

(11) Of. e Rel. vol. I — pag. 62.

na verdade não é incompatível com a virtude, porque a despesa da honra ofendida é sagrada.

“Afinal — escreve Frei Serafim — até esta data não se fez despesa nenhuma que não tenha sido direta ou indiretamente empregada a bem da mesma catequese, quer fosse de roupas, espingardas, e utensílios, quer fôsse de gasto para o sustento ou a título de remuneração aos indígenas mais cuidadosos e diligentes no intento de animar os outros e despertar os mais frouxos e sem vontade de se ocuparem útilmente.”

“É verdade que foi preciso fazer algum gasto e despesa maior do ordinário na ocasião da mencionada visita pastoral, que foi a primeira nêste Distrito do Mucuri, mas tudo isso influiu extraordinariamente sôbre a catequese, como é bem claro; e a despesa de louça não excedeu o indispensável para servir a seis pessoas e aos que aqui chegassem nêste centro de mata virgem sem recurso, como por vezes já succedeu a pessoas de qualidade, principalmente a engenheiros empregados do Exmo. Governo e até a doentes com sezão...” E acrescenta: “Permitimo-nos declarar que o indivíduo Tristão dos Santos Coimbra, nunca foi administrador da Recebedoria do Rio Pardo, mas êle é um dos moradores vizinhos, tem aqui perto outros irmãos ainda vivos e como êle com o mesmo apelido de Manoel Joaquim dos Santos Coimbra, filhos de Antônio dos Santos Coimbra, os quais figuram tambem nos ditos documentos em que está assinado a rôgo dêle uma só pessoa por não saberem escrever nem ler”. (12)

Frei Serafim, em officio de 7 de Outubro de 1879, assim se dirige ao Diretor Geral da Provincia, Snr. Brigadeiro Severino Barbosa de Oliveira.

“Depois que o Procurador, Snr. Te. Pedro Francisco de Toledo Ribas lhe remeteu, há meses, uma letra de saque n.º 173 de 1879 da quantia de 2.600\$000, o Aldeamento nada mais recebeu de consignação e de gratificações, e nenhuma conta certa do mesmo; mas é que não obstante a perpétua incerteza dos recursos do nosso estado e do da Catequese, só exigem dele a toda hora contas e escriturações de um rigor que atemoriza, e resultados grandes e tão prontos de civilização dos Índios, de cultura e de obras num lugar novo na vastidão dêssa mata virgem, embora o seu progresso na realidade seja prodigioso à vista das difficuldades vencidas, do tempo e das circunstâncias todas, em que se obteve; além de que se nos faz responsáveis de todas as quantias vencidas, e não recebidas: o que não póde ser, e nem prosperar uma grande povoação indígena recém-nascida e já abandonada de recurso e sem amparo, e com os Diretores tratados *in vinga ferrea*.

“Chamamos os povos de todo o Distrito do Mucuri a testemunhar os nossos esforços e sacrificios e cuidados tidos com os índios e os trabalhos de lavoura e obras. Portanto, vendo-nos assim desamparados de todo, com gravíssimo prejuizo deste lugar tão importante e com perigo de nossa vida e honra, não sabemos o que fazer.”

[E] acrescentava com sobranceira repulsa, mas com dignidade sacerdotal, que em Frei Serafim era inseparável da inteireza do carater e da admirável delicadeza moral:

“Não há há um só nome de supostos recipientes, e nunca foi meu costume enganar e iludir a ninguém, nem mesmo na minha mocidade, que passei honradamente na Europa, e menos, pois, agora na velhice, chegado ao Brasil por mandado: contudo pôde ser conveniente de me dispensar e substituir por outro melhor e me reenviar para a Europa, se tal for a vontade de Deus e dos Superiores, não me podendo sujeitar às responsabilidades de tantas consequências na honra pessoal e na minha Ordem, que venero e amo.”
(13)

“É necessário saber que até então todos os trabalhos de escripturação se cumpriam aqui de noite, indo-se de dia atrás de serviços e Índios na roça e no mais não se mencionando aqui as outras obrigações da Catequese e do nosso estado sacerdotal acompanhados, às vezes de perigo de vida; e esta chamar-se-ia por cheia de comodidades, vestidos de um hábito de algodão fio grosso, tingido e rasgado, tendo apenas um sofrível para a viagem e comendo como temos comido até a vinda do Exmo. Snr. Bispo Diocesano, da caldeira e panela de barro, com colher e garfo de ferro igualmente como os botocudos os quais com o que recebiam no serviço e se procuravam com a pesca e caça, passavam sem dúvida melhor do que seus missionários Diretores não acostumados a tais alimentos e ao clima? Tratamento este, que nos tinha quasi acabado e o meu companheiro de Missão, embora moço, já o dava por tísico e sem mais remédio”.

“Portanto, depois da visita Pastoral do Diocesano havida no mês de Agosto do ano passado, a caridade exigia que houvesse melhora para nós, que tudo sacrificamos em bem deste vasto lugar de missão, so-

bras de gratificações, *dinheiro não pouco trazido da Europa*, esmolas de missas e de estola de que não pequenas quantias figuram nas contas que se ofereceram ao Exmo. Governo para suprir as despesas; porem muitas não estão registradas, das que foram entregues aos Índios por serviços e brindes para ganhar a Deus e ao Estado, e estabelece-lo aqui em povoação que há de ser grande em poucos anos, se Deus for servido, e o Exmo. Governo não deixar de, convenientemente, socorrê-la com alguma quantia neste lugar tão grande, sadio, e fértil, e de coajuvá-la também as autoridades locais e devidamente ampará-las: aliás a Catequese não espera, senão lutas e provas, terríveis para os pobres Padres Missionários.” (14)

“A desconfiança de uns para conosco é injusta e grave, porem o Exmo. Governo sempre magnânimo e generoso examine a causa melhor e não queira, por isso, desamparar a infeliz humanidade indígena e nos sugerir, a nós missionários, a tanta responsabilidade, exigindo contas de rigor e uma excessiva exatidão de pura formalidade em lugar, circunstâncias e occupações, como são por aqui, sabendo-se que com o nada também nada se pode concluir, mormente havendo apreensão de perigo de nos ver comprometidos a qualquer hora, e faltando-nos a liberdade de dispôr dos negócios da Missão para a desenvolver: o que, pois, não pode causar susto, atemorizar e esmorecer ao mais capaz e zeloso Missionário que haja; e me obrigar a mim também a manifestar-me nestes termos na qualidade de Vice-Prefeito e Diretor, porque podem acontecer excessos e mortandade do lado dos índios, voltando para as matas, por se verem abandonados e deixados sem brinde, com os Missionários desampara-

dos das autoridades competentes com perda do fruto conseguido: por isso auxílio pecuniário da verba catequética, pouco ou muito que seja há de continuar sempre”.

Finalmente, em 1880, a 9 de Maio, Frei Serafim escrevia ao Diretor Geral:

“No mais, havendo-se por nós Missionários apostólicos neste lugar trabalhando com todo o zelo e dedicação e também, olhando de gastar com a mais possível economia e boa aplicação tudo o que se ganhava dos cofres públicos e dos proventos de nosso Ministério, podendo-se ver o fruto e o bom resultado, pois só a escola apresenta 114 alunos; no mais digo estou pronto a tudo até *ad vincula* se tal for a vontade de Deus, em quem confio não menos que no amparo da Virgem Imaculdada, mas não há de permitir que os pobres filhos de S. Francisco paguem para mim dívidas imaginárias insubsistentes dos dois missionários que, fiéis à sua vocação, tudo sacrificam e nada poupam nem mesmo a vida para o bem espiritual e material deste país.”

A burocracia, cheia de formalidades improdutivas, exigia dos dois Capuchinhos, sepultados nas matas, sem recursos, sem conforto, sem tempo, que apresentassem as contas conforme mandam as mais apuradas regras de contabilidade e mais ainda com recibos estampilhados em regra.

Os dois santos homens, suspeitados de se terem aproveitado do que lhes não pertencia, lesando a fazenda imperial, eram, entretanto, os dois filhos de São Francisco, que viviam na mais austera pobreza franciscana, tendo, voluntariamente, renunciado por amor de Deus a todo o conforto e bem-estar de que gozavam em sua pátria. Eram ho-

mens cuja vida simples transcorria entre a oração e o trabalho. Com verdadeiro espírito de apostolado eram sempre os primeiros nos trabalhos agrícolas. Com o exemplo constante, manejavam a enchada, e ensinavam o trabalho inteligente e produtivo, feito também de sacrifício.

Homens como êsses, inteiramente consagrados a Deus e ao próximo, acima das misérias terrenas, mereciam ser poupados pela maldade humana. Serviu a denúncia falsa para, por meio da luminosa defesa, aquilatar-se os incontestáveis sacrifícios dos missionários.

* * *

VI — As terras de Itambacurí, ricas de quedas de aguas, ubérrimas e próprias para todas as culturas, desbravadas as matas, num progresso cada vez maior, despertavam a cubiça dos que, no mundo, vêm unicamente o interesse e o dinheiro.

Houve alguém que teve a coragem de oferecer ao Governo a insignificante quantia de Rs. 25:000\$000 pelas benfeitorias existentes, afim de acabar com a catequese ali e transferi-la para lugar mais distante. (15) Ao ter o Diretor conhecimento dêsse plano diabólico pôs-se imediatamente em viagem para a Côrte, chegando, felizmente, a tempo para anular o golpe de morte dos inimigos, contra o Aldeamento.

A luta continuava implacável contra os Missionários e sua obra.

Até o Conselheiro Cristiano Otoni, um dos maiores vultos da engenharia brasileira, ludibriado, certamente, na sua bôa fé, em 13 de Setembro de 1882, da tribuna do Senado, levantou suspeitas e atirou injúrias contra o aldeamento e seus dignos diretores.

(15) Offícios e Rel. Vol. I

O discurso do Conselheiro Cristiano Otoni não ficou porém, sem resposta. Esta foi dada ao pé da letra, serena, documentada e cabal, pelo proprio diretor do Aldeamento, Rev.mo Fr. Serafim, em officio dirigido ao Diretor Geral dos Índios em Ouro Preto, cuja leitura dará ensejo ao leitor de julgar êste doloroso incidente, tendo, hoje, diante de si a cidade de Itambacurí, monumento de trabalho, dedicação e de verdadeiro patriotismo, erguido pelos seus fundadores, tão injustamente atacados.

Vejámo-lo:

“Aldeamento Central dos Índios do Itambacuri, aos
3 de Dezembro de 1882.

Excelência.

No Diário Oficial da Côrte, n.º 253 de 13 de Setembro de 1882, na parte que se refere ao Senado, e diz respeito a emendas ao orçamento do Ministério da Agricultura, reparam-se no Discurso do Snr. Cons.º Cristiano Otoni de 12 do dito mês, expressões de acusão, injuriosa a nós e prejudicial ao Estabelecimento, a qual muito impressionou a todos, e carece de mentir pelo orgão do ilustrado Diário e como melhor julgar Vossa Excelência.

Assinalando S. Excia. as três origens de pouca segurança no Mucuri ao Norte de Minas Gêrais, por falta de estrada, de um destacamento, e de direção da catequese dos índios, exprime-se, afinal nos seguintes termos: A terceira causa ou terceiro elemento, e talvez o mais importante do que os outros é a falta de direção, que dava o diretor da companhia do Mucuri, à catequese dos índios, etc., etc.

Sua Excia. teria prestado mais outro relevante serviço ao Estado e a cidade de Teófilo Otoni, à empresa da estrada de ferro de Caravelas, a toda população destas regiões, e ao Estabelecimento indígena de

Itambacuri, declarando, no Senado, bem alto e acertado, que é impossibilidade continuar com a catequese e civilização dos índios, como o exigem as necessidades do lugar, por se achar este ramo de serviço público desprotegido pela Assembléia Provincial. Nenhum subsídio foi votado de cinco anos para cá. A nossa obra teria sido esmagada em seu nascedouro, se logo não enraizasse com vitalidade e não fosse amparada pela Divina Providência e pelos homens prudentes do governo. Só assim, pôde resistir aos repetidos e vários golpes dos adversários e se defender até hoje, dependendo, porém, as sobras de nossas gratificações, os sacrifícios de grandes economias, e as espórtulas de missas, como podem testemunhar estes habitantes.

“No dito período de cinco anos, o nosso maior empenho foi obter em favor da catequese e civilização dos índios, dos Legisladores Mineiros, ao menos uma pequena consignação mensal de 2000\$000, quantia assaz insufficiente; mas ficaram sempre baldados tais empenhos, embora o Padre Missionário, diretor do Estabelecimento, fosse pessoalmente, por duas vezes, com documentos autênticos na mão, se apresentar a S. E. Snr. Ministro da Agricultura e aos que presidiam ao governo provincial em Ouro Preto. *Podemos afirmar, que, se tivéssemos sido atendidos, hoje já estariam aqui aldeados por sua escolha e livre vontade os botocudos mais temidos, Crecmuns e Crechês, vulgarmente chamados os Pojichás, que acometem na estrada comercial da cidade de Teófilo Otoni ou Fidaldefia, em cuja companhia se encontram uns negros, e que nós, por vezes, fomos chamados a mandar atrás deles também índios aldeados com o intérprete sem ele, chegando alguns até cá; porém vivem mui desconfiados e com razão...*

“Tal asserção não é infundada, visto se acharem neste Estabelecimento uns filhos, parentes e conheci-

dos deles, por cujo meio podemos pouco a pouco chamá-los, e conseguir de os civilizar com os seus numerosos vizinhos, que vivem em hordas errantes, e são na realidade todos originários de botocudos *Nak* — *Nanuks*, habitantes de montes e falam a mesma língua, e neste momento em que estamos escrevendo nos rodeia uma porção deles: Isto, porém, se poderá conseguir á condição que a Província vote ao menos o pequeno auxilio mensal de 200\$000 para os poder brindar, vestir e sustentar no começo e termos, enquanto vão sendo catequizados, a necessária ferramenta de lavoura para fornecer e guiá-los ao trabalho rural e mais misteres, até tomarem gosto pela vida social e cuidarem das suas plantações. Mas, para isso, e para os poder congraçar com os habitantes, se requer algum sacrifício e demora; pois é assim, que se tem praticado com índios já aldeia-dos, ex. gr. com os do Potóm, a cujo respeito S. E. Enr. Cons.^o Cristiano Otoni declara de não nos occuparmos, por serem os mais bélicos e temidos pela população. Ora, é sabido por todos que estes índios e mais outros estiveram sempre e ainda estão conosco desde o principio. Atrás deles vieram muitos outros bravios e mansos, para, juntos, trabalhar com emulação, e auxiliados tratar de suas roças e plantações cujos produtos eles mesmos gastam, e algum pouco vendem no mercado ou exportam, quando os civilizados exportam os seus.

Ora pois, não sabemos como asseverar se possa, “ocuparem-se aqui os índios, à maneira de escravos nas nossas roças, cujos produtos vendemos à gloria de Deus”, porque mesmo aquelas, que se fizeram na época da fundação, descortinando neste centro a mata virgem, serviram para êles, colhendo e devastando-as, sem nosso lucro, e até com prejuizo e perigo, como é evidente.

Em conclusão, não há quem possa em nossa presença provar, de termos tido ou tratarmos da mais insignificante roça, salvo uma pequena horta, para tirarmos dela lucro do trabalho dos índios, como diz S. E. por mal informado: “Aldeiar os índios, para lucrar com o trabalho de seus braços, não é catequizá-los, é escravizá-los”. Pois bem, é o que praticam uns particulares, seduzindo-os para seu trabalho com aguardente, etc., apadrinhando desordens e imoralidades que temos pejo citar, deixando-os depois outra vez embrenhar no mato, em que vivem sempre nús e perigosos com mui pouca exceção: não falando do mal que fazem tais particulares, pelos máus conselhos que lhes dão, desacreditando a nós e ao estabelecimento, onde os índios recebem todo o auxílio possível e, insensivelmente, transformam-se em cristãos morigeros e úteis ao País, pela assídua presença e animação dos Missionários diretores na habitação, roça, oficina, escola e igreja, até se conseguir o fim almejado, de vê-los catequizados e civilizados, e aliados bravios como os mansos e civilizados, ao mesmo tempo que se põe a base de uma nova população rural de indígenas e nacionais nesta hedionda mata virgem, a qual encobre um saudável e ubérrimo território de centenas de quilômetros em quadro, como dizem os humildes relatórios de 5 e 6 de Julho de 1882 e por todos mui sabido. Deus Guarde V. Excia. por muitos anos.

Ilmo. e Exmo. Snr. Brigadeiro Domingos de Magalhães Gomes, Dignissimo Diretor Geral dos Índios da Província de Itambacuri.

(Ass.) *Frei Serafim de Gorizia*

Frei Ângelo de Sassoferrato. (16)

* * *

VII — O Conselheiro Cristiano Otoni, no seu injusto ataque ao Itambacuri, censurou a “falta da direção que dava o diretor da *Companhia Mucuri*, (seu irmão) à catequese dos índios”.

Na verdade, ninguém, em tempo algum, contestou ou pôs em dúvida o patriotismo, a intrepidez e a coragem do benemérito Teófilo Benedito Otonio. Os próprios Padres Diretores do Aldeamento do Itambacuri se referem a ele com palavras de admiração e respeito, pondo em evidência a maneira humanitária com que tratava os selvícolas que o veneravam. (17)

Quando os Missionários Capuchinhos iniciaram a catequese dos Índios nas florestas dos rios Baixo Mucuri e Doce, Teófilo Otonio tinha abandonado, há tempo, mui desgostoso, o Mucuri, deixando, porém, gravada na lembrança de todos seu nome honrado.

Como é sabido, o grande brasileiro Teófilo Benedito Otoni faleceu no Rio de Janeiro a 17 de Outubro de 1869.

Não chegou a ver, nem sequer no seu início, a obra dos Missionários Capuchinhos. (Ele, cujo patriotismo pairava acima de todo o interesse pessoal, estamos certos, teria dado todo o apoio à catequese religiosa confiada ao talento e à piedade de Frei Serafim de Gorizia.

Teófilo B. Otoni, pela sua grande inteligência e des-cortínio, empreendedor genial como era, teria sido o maior admirador da obra magnífica dos Capuchinhos de Itambacuri, como aliás o foi, até a morte, um outro Otoni, o Dr. Epaminondas.

(17) Fr. Angelo — an. cit., pag. 31.

Não tinha, pois, razão o Cons.^o Cristiano quando afirmava faltar no Itambacuri direção. A direção adotada pelos Padres Missionários na catequese foi a melhor como resulta de documentos insuspeitos.

A Diretoria Geral dos Índios, órgão competente da Província de Minas, com officio datado de 10 de Março de 1884, agradecendo os esforços que os Missionários do Itambacuri tem aplicado em bem da catequese e civilização dos índios, comunicou-lhes, por cópia, o que na mesma data ia escrever ao Ministro da Agricultura, no Rio, por intermédio do Presidente da Província, nos seguintes termos:

“Cada vez mais me convênço dos bons serviços que esses excellentes capuchinhos prestam à catequese, pelo que se tornam credores da estima pública. As notas que os referidos Missionários lançam nos questionários são dignas de se ler, pois mostram que tomam realmente interêsse por este ramo de serviço público”.

“Acompanham tambem a estes dois mapas da frequência das escolas daquelle Estabelecimento (do Itambacuri) que peço tambem a V. Ex.^a se digne fazer chegar às mãos do referido Ministério, e por aí ainda se vê quanto são dedicados êsses Missionários”.

No ano seguinte, em 1885, a mesma Diretoria Geral, pelo seu órgão competente, em data de 29 de Julho, declarava em documento official:

“Nos meus Relatórios e todas as communicações ao Governo sôbre o estado do Aldeamento, que em bôa hora lhes foi confiado, tive sempre o prazer de dizer que VV. RR. com todo o zelo e dedicação ser re promoveram o bom andamento desse estabelecimento o qual tem prosperado, e folgo em repetir, ser isso devido à bôa direção de VV. RR. que dão a cle”.

Já muito antes da fala do Senador, o Aldeamento dos Índios no Vale do Itambacuri possuía uma direção digna de louvores.

O que faltava aos abnegados Diretores, Frei Serafim e Frei Ângelo, não era o tino administrativo, a inteligência, a prudência e a caridade aliadas à coragem e ao heroísmo, coisas todas sobejamente patenteadas em todos os seus atos e atividades, mas lhes faltaram constantemente os meios materiais indispensáveis para manter no Aldeamento a terrível tribu Pojichás.

O Barão da Villa da Barra, no relatório apresentado em 1876, à Assembléia Legislativa da Província, à pagina 130, assim se refere aos Missionários do Itambacuri: *“As dificuldades, com que os religiosos diretores lutam dia e noite nestas missões perigosas, cheias de tantas peripécias, por brenhas até agora impenetráveis, tendo por companheiros os selvagens, os tigres e reptis, e as febres sesonáticas, tudo isto sofrido por homens nascidos e educados no seio da mais apurada civilização européia e na tranquilidade da vida monástica, sem o mínimo interêsse pessoal, não podem ser aquilatados por muitos daqueles que vivem embriagados nas delicias das cidades, onde encontram todas as molezas da vida; razão por que, sublimes dedicações nem sempre são devidamente consideradas por eles, que não podendo imitá-las, julgam impossível tanta abnegação.*

É, entretanto, do meu dever tributar homenagem à verdade, e levá-la respeitosamente ao conhecimento do governo. (18)

Poderíamos ainda respigar na abundante documentação do arquivo, outros elogios, testemunhas irrefragáveis da verdade histórica que consagra para sempre a abnegação sem par dos fundadores de Itambacuri.

(18) Do Relatório apres. à Assembléia Legislativa Provincial de Minas Geraes, 1876.

CAPÍTULO IX

A MATRIZ DE NOSSA SENHORA DOS ANJOS

(1876-1883)

I. Construção da Matriz de Nossa Senhora dos Anjos — II. Projéto, promessas e falta de verbas — III. Bênção do Templo e do Cemitério — IV. Jubileu do Perdão de Assis e o Breve de Leão XIII.

I — Os fundadores do Itambacuri desde o início sonharam com uma bela e grande igreja, centro da futura cidade. Não compreendiam eles a existência de um agrupamento cristão, de um povoado, com vontade de progredir, de viver anos afóra, sem possuir a sua bela igreja, com imponente torre e harmoniosos sinos, como marco histórico, símbolo e expressão de fé e de amor ao Todo-Poderoso.

A capelinha primitiva, testemunha de tantas emoções e preces, de tantas lágrimas derramadas aos pés de Jesus Sacramentado nos momentos de alegria e de dôr, pequeno e delicioso oásis espiritual, onde a alma vezes tantas descansou confiante no meio das nuvens da dúvida, e o coração sentiu-se reconfortado em horas de desalento, três anos depois não era mais suficiente, para, nas solenidades, conter a população do Itambacuri.

Construída às pressas no corpo da casa primitiva e provisória, aguardava a futura construção, que, certamente, se faria mais tarde, de acôrdo com as necessidades futuras.

Impunha-se, pois, a construção de uma bela e grande igreja — a Matriz de Nossa Senhora dos Anjos.

Apresentando Frei Serafim seu relatório, em data de 3 de julho de 1876, sob o título "*Matriz*", assim escreve ao Diretor Geral dos Índios, em Ouro Preto:

"A população indígena queixa-se grandemente em os meses de calor que aqui faz, havendo uma Capela, a qual não é tão pequena, e contudo cabe só a terça parte da população como já se fez ciente a V. Excia: portanto, acorrendo eles muito à Catequese por gostarem do culto divino, muitos ficam fóra, expostos a todas as intempéries. . . Esta razão e mais outra (além de que a Igreja foi sempre animadora, principalmente de um lugar como este, longe dos povoados) exigem o levantamento de uma igreja bastante grande que, embora feita de madeira de lei e taipa com toda a economia, custará não pouco.

Faltam-nos, porem, os meios para acudirmos a essa necessidade e, como aqui perto não há um só morador que possa de algum modo nos ajudar, resta-nos a única esperança do tão necessário auxílio que para esse fim nos dê o generoso e patriótico Governo, o qual, assim, concorrerá para estabelecer com mais brevidade esta nova povoação fadada a se tornar bem grande em vista da riqueza de águas e terras boas. Segundo asseguram pessoas entendidas e declaram os próprios engenheiros empregados pelo Exmo Governo no estudo da estrada Filadélfia — Pessanha, será Itambacuri um importante centro comercial". (1)

O Governo acolheu com agrado a sugestão de Frei Serafim, e, em resposta, remeteu-lhe a planta e o pro-

(1) Of. e Rel. Vol. I, pag. 17.

jéto para a construção da igreja. Nêste gesto viu Frei Serafim a vontade do Governo de levar adiante a construção, tomando-a debaixo do seu alto patrocínio.

O Diretor do Aldeamento, certo do apoio governamental, agradeceu-lhe a planta e o projéto enviados:

“Agradeço-lhe em nome da população indígena a remessa da planta para a igreja que deverá servir de Matriz de N. S. dos Anjos do Itambacuri, pedindo-lhe, em nome da mesma, algum socorro especial para tão precioso fim, o qual em conclusão influi sôbre os selvagens logo que principiam a compreendê-lo, mais que qualquer outro meio; e um especial socorro para a construção desta Igreja Matriz, que deve ser grande, por ser numerosa a população e o clima quente”. (2)

Infelizmente, o auxílio não veio, e o Governo limitou-se apenas a fazer a remessa da planta e do projeto.

No Relatório de 13 de Janeiro de 1877, volta Frei Serafim a fazer sentir a imperiosa necessidade da construção da Matriz, nêstes termos:

“Lamento triplicamente, e com grande instância, a falta de um templo que caiba ao menos toda a população indígena, que, por gostar do culto divino, sempre frequenta a catequese, a qual é (como já disse no último relatório) o principal movente da civilização dos selvagens... (3)

Insiste no pedido de ser auxiliado convenientemente pelo Governo nesta tão util obra, não sendo possível aplicar ou desviar nenhuma quantia das tão pequenas e insuficientes

(2) Of. e Rel. Vol. I, pag. 29

(3) Rel. e Of. Vol. I — pag. 21

destinadas ao sustento e desenvolvimento da Catequese. Ainda desta vez o auxílio não veio. Todavia Frei Serafim iludindo-se na certeza de que o Governo não deixaria de auxiliar suficientemente a construção da Igreja, cuja planta e projéto tão sollicitamente se dignara enviar, não hesitou em pôr mãos à obra e, no dia 29 de junho de 1877, festa de São Pedro e São Paulo, colocou a pedra fundamental do futuro templo.

Iniciou-se, sem demora, o nivelamento do cimo da colina. Rasgaram-se os alicerces conforme o projéto o qual Frei Serafim pretendia executar à risca, na certeza de que não tardaria a chegar uma ajuda eficaz. Em breve, porém, se apercebeu de que devia contar só com seu esforço. Viu-se obrigado, com pesar, a abandonar o primitivo projéto, substituindo-o por um próprio, mais modesto, restringindo as obras às possibilidades com as quais poderia contar. Lançou, para isso, mão de todas as economias e das reservas que trouxera da Europa, dádivas de família; juntou-lhe as gratificações mensais suas e do companheiro, mas, mesmo assim, não conseguiu o que tão ardentemente desejava — erguer em pouco tempo a bela e grande igreja do seu sonho.

O material aproveitado foi o que a floresta oferecia: colossais ipês, páu-ferro, aroeiras e perobas. Com entusiasmo que só Frei Serafim sabia infundir, com o exemplo e com a palavra, cada um dos habitantes, índio ou civilizado, deu generosamente sua parcela de trabalho. Ergueram-se, assim, os esteios da igreja, com as dimensões de 14 X 29 metros; as paredes foram levantadas de taipas, com três naves, duas torres na fachada, podendo o estilo ser classificado de gótico combinado com o bizantino. Era sumamente difícil aos Padres Missionários, que eram ao mesmo tempo os arquitetos e os construtores, dispendo apenas de materiais primitivos, executar a construção den-

tro das exigências de determinado estilo. Todavia, conseguiram realizar uma obra digna de admiração e deram ao Itambacuri uma grande e bela igreja, otimamente colocada sôbre o cimo de formosa colina, dominando o magnífico panorama e o vale ubérrimo, enquanto a seus pés se espria a cidade, com suas ruas bem alinhadas e seus edifícios e casas elegantes e graciosas, emolduradas no verde de seus pomares fecundos.

* * *

II — A construção, com profunda tristeza dos Missionários, foi se arrastando durante seis longos anos, por falta de verba...

Frei Serafim não deixava passar ocasião para pedir e lembrar ao Governo a necessidade de auxiliar a construção iniciada. De todos os pedidos o mais expressivo é o dirigido ao Revmo. Padre Commissário Geral da Ordem, residente no Rio de Janeiro, em um longo Relatório, no qual se ocupa particularmente do malogrado Aldeamento da Imaculada Conceição, cuja inspeção queriam confiar-lhe depois da sua nomeação para Vice-Prefeito. Receiava, porém, Frei Serafim, que este fato viesse a prejudicar financeiramente as obras que ele necessitava concluir no Itambacuri,

“juntamente com a indispensável Igreja Matriz de belo estilo, a qual inspira alento vital à nova população indígena e brasileira, que fica cada vez mais numerosa neste mar de mata virgem, que encobre terras tão bôas e saudáveis; e anima e favorece a recíproca aliança, vivendo os índios sempre mais morigeros e cuidadosos com seus trabalhos rurais, até os mesmos que, ainda há poucos anos, saíram nús do mato, como é entre eles o moço que coadjuva a ins-

trução primária dos meninos, e a moça, sua esposa, a qual se ocupa com as meninas...

É proverbial a generosidade do Governo Brasileiro em concorrer com algum conto de reis para as despesas mais necessárias e importantes matrizes: só aqui a nossa não há de merecer esta honra e assinalado favor?!"

Era realmente para causar estranheza o fato de que somente os abnegados missionários diretores do Aldeamento do Itambacuri, não conseguiam o que toda a gente obtinha com relativa facilidade...

Em data de 15 de janeiro de 1883, Frei Serafim, depois de receber comunicação do Ministro da Agricultura, que, por insuficiência do crédito votado não podia ser atendido o seu pedido neste exercício, relativo à quantia de Rs. 3:000\$000, que se destina à conclusão da Matriz, escreve profundamente magoado ao Diretor Geral, nestes termos:

"Acanhado e desgostoso da inesperada resposta, por não se poder mais concluir e sagrar no corrente ano este templo de reconhecida utilidade, escrevi ao Superior da Ordem, na Côrte, assim: "Parece-me que passou de ano sem poder outorgar de um império tamanho o seu óbulo. Ao contrário, nós lhe damos, pela prosperidade do País, todo o vintem que podemos obter com muito suor e trabalho, e, às vezes, com sacrifício de nossa saúde e vida.

Oficialmente assegurados que seria atendido o nosso pedido relativo à quantia de 3:000\$000 para conclusão desta magnífica e mui influente igreja Matriz de N. S. dos Anjos, mandamos fazer trabalhos, despesas e mais mistéres, que, aliás, deixavamos parada sua fábrica já tão adiantada, que se constroe com toda possível economia; e agora, quem é que pagará? Se nos dessem ao menos o auxílio de 2:000\$000 de réis

altamente diminuto e pequeno, à vista de uma obra tão relevante. Portanto, faça e arranje o que puder V. Reverendíssima". (4)

* * *

III — Frei Serafim, contando com o auxílio de três contos de réis, não só tinha executado trabalhos de acôrdo, mas esperava sagrar a igreja e benzer o novo cemitério, convenientemente cercado. Em vista, porém, da má notícia, encontra-se na dura necessidade de escrever ao Exmo. Snr. Bispo com toda a franqueza filial:

"Excelência,

É sempre com grato ânimo e sumo regozijo, que se recebem aqui seus paternais favores, como o de 8 de outubro de 1882 e de 20 de janeiro pp., em que concede a nós e ao lugar suas graças e suas bênçãos.

Por insuficiência de crédito votado, o Exmo. Ministro da Agricultura, não tendo podido no corrente exercício destinar alguma quantia que lhe foi pedida, para conclusão desta igreja, fiquei muito sentido e desgostoso da inesperada negativa, por me achar na impossibilidade de fazer as mais necessárias e razoáveis despesas, e de acudir no que falta de remate e aprontas para que houvesse a sagração da mesma no dia do Jubileu de 2 de Agosto de 1883.

Considerando, porém, a grande influência que exercê a pessoal presença de um príncipe da igreja nos lugares por onde passa, se as visitas pastorais dêste ano fossem por V. Excia. combinadas em direção de Capelinha etc. . . ., nêste caso me atreveria a pedir-lhe sua chegada até ao Itambacuri, embora faltem de todo

(4) Rel. e Of. Vol. I, pag. 122

os recursos pecuniários para a sua recepção e haja presentemente muita pobreza nas povoações. Aliás, tencionando-se celebrar no mencionado dia 2 de Agosto o incruento sacrificio da missa na nova igreja de N. S. dos Anjos, digno-se V. Excia., no seu bondoso e paternal coração, se fôr possível, ao menos nos dar licença de eu benzer a mesma com o anexo Cemitério devidamente cercado, porque em tal dia se ajuntará muito povo da vizinhança e do lugar, correndo o bato que V. Excia. estará aqui crismando; mas bastante iludido ficaria, quando nada achasse de tudo isto e nem aberta a nova Igreja ao culto divino.

Com a bênção, aguardo ansioso as sábias determinações de V. Excia. etc...

(Ass.) *Frei Serafim de Gorizia.*" (5)

O zeloso e santo Bispo não pode estar presente em Itambacuri no dia da inauguração da Igreja, mas, nêsse dia, seu coração de Pastor sentiu mais perto de si os dois humildes e abenegados apóstolos das matas. Mandou, pois, sua bênção e as necessárias licenças.

Á custa de enormes sacrificios, a inauguração se fez com grande júbilo dos Padres Missionários e da população, testemunha ocular do espirito de abnegação e zelo apostólico dos dois filhos de São Francisco.

O acontecimento ficou lembrado numa simples inscrição, ditada pelo Revmo Frei Serafim, gravada em dois grandes tijolos cozidos e colocada na fachada da igreja. Infelizmente, no correr dos anos, passando a igreja por reformas, não houve o cuidado de retirar e guardar devidamente esse precioso cimélio, representando peça de valor no pequeno museu que o convento de Itambacuri devia possuir. Dessa

(5) Rel. e Of. Vol. I, pag. 123.

inscrição nos fica apenas a lembrança das palavras, registrada no manuscrito do companheiro do fundador:

A. M. D.
 ET SANCTAR MARIAE ANGELORUM
 EIUSQUE SPONSI S. JOSEPH
 ORDO SERAPHICI PATRIARCHAE
 S. FRANCISCI ASS. CAPPUCINORUM
 CONDIDIT ET DEDICAVIT
 ANNO MDCCCLXXXIII

* * *

IV — O esplendor, brilho e santa alegria dessa memorável festa na qual foi publicado o Jubileu concedido pelo *BREVE* do imortal Pontífice Leão XIII, em data de 24 de Abril de 1881, são relatados pelo jornal “O Apóstolo”:

“No domingo 29 de junho do corrente ano os missionários diretores do Aldeamento de Itambacuri tiveram a inesprimível satisfação de benzer o templo, abrindo-o ao culto divino por mandato do Exmo. Bispo Diocesano de Diamantina. Concorreu à solenidade e a ouvir a palavra de Deus, tão grande multidão de fieis devotos de N. S. dos Anjos mesmo para aproveitarem do seu Jubileu ou Perdão de Assis, no dia 2 de agosto, concedido à nova igreja por Breve do Santo Padre o Papa Leão XIII, dia em que houve mais de três mil comunhões.

Causou grande admiração a elegância e asseio do novo templo ainda por concluir, o qual, pela sua forma imponente, inspira respeito e devoção. Não causaram impressões menos favoráveis os cânticos sagrados en-

toados pelos jovens índios educados pelos sábios missionários e respondidos pelos índios adultos, seus devotos e variados cânticos nas missas rezadas e na missa solene, on terço, na Procissão e bênção do Santíssimo Sacramento, louvando e dando graças ao Altíssimo, à Virgem Imaculada e ao Seráfico Patriarca São Francisco de Assis, com arrebatadoras melodias; e embora falte ao novo templo do Itambacuri a riqueza e o esplendor das catedrais das grandes cidades, pode-se contudo afirmar, que uma tal festa religiosa jamais foi vista por estas cercanias..." (6)

Dez anos de esforços inauditos, de lutas renhidas e de ocultos sacrifícios eram finalmente coroados com o maior e consolador êxito. Estava ali erguido não somente o templo material, mas a julgar pelo número de fieis que se chegaram nesse dia à Mesa Eucarística, aí estava formado um grande rebanho de Cristo, milhares de almas arrancadas das trevas da barbaria, para torná-las dignas da Religião e da Pátria.

Em data de 12 de outubro de 1883, o Revmo Diretor do Aldeamento, Frei Serafim, comunica ao Diretor Geral dos Índios da Província de Minas Geraes, em Ouro Preto, Brigadeiro Domingos de Magalhães Gomes, o acontecimento e manifesta-lhe os importantes projéto a serem executados no ano proximo:

"Excelência,

Com o presente respeitoso ofício temos a honra de significar a V. Excia que para o Jubileu ou Perdão de Assis de 2 de Agosto pp. sendo aqui festa titular de N. S. dos Anjos, se procedeu a solene bênção desta

(6) "O APÓSTOLO" — Rio de Janeiro — 28 de setembro de 1883, n.º 110.

elegante Matriz e do Cemitério por ordem do Exmo. Snr. Bispo Diocesano, oficiando-se nela embora lhe falte o remate, e também, pelo mui prudente e acertado modo, com que se digna dirigir e regular os negócios de catequese e civilização dos Índios, manifestamente se vai aqui desenvolvendo o progresso moral e material, sobretudo a agricultura está tomando grandes proporções e estender-se-á ao longe, fora deste centro, se Deus for servido, continuando o Ex.^o Governo a proteger e auxiliar esta Estabelecimento.

Projeta-se, pois, abrir durante a seca de 1884, se o ano der boas colheitas, que geralmente falharam no ano corrente, em que tem havido muita moléstia e morte, via de comunicação por picadas até ao rio Doce e São Mateus, achando-se em direção ao Norte e ao Oeste já abertas, no intuito de dar animação à lavoura e possibilitar o comércio, postando-se em distâncias e sítios mais apropriados na imensurável selva uns índios de combinação livre com os civilizados pobres, porém moralizados, para se formarem povoações pequenas de lavradores por religiosa aliança, misturadas de sorte que acabem de prestar relevantes serviços ao País pelo penoso descortínio e trabalho rural". (7)

O grande templo de N. S. dos Anjos, como se vê, foi bento ao completar o primeiro decênio da fundação do Itambacuri e se nos apresenta como uma pujante manifestação do seu progresso, apesar das hostilidades constantes dos inimigos e o desamparo oficial. Os intrépidos missionários não descansavam; ideavam novos empreendimentos, pois mesmo quando o Governo não os ajudava, eles os levavam adiante, com a visível bênção de Deus.

O primeiro decênio encerrava-se, pois, com um crédito bem grande a favor dos diretores do Itambacuri — Frei Serafim de Gorizia e Frei Ângelo de Sassoferrato.

No correr dos anos até os nossos dias a igreja matriz de N. S. dos Anjos tem passado por diversas reformas, das quais se ocuparam os PP. Frei Eugênio de Módica, Gaspar de Módica e Fr. Clemente de Módica. Frei Arcangelo de Módica tornou-se um benemérito do mesmo Santuário, enriquecendo-o de valiosas e ricas alfaias. Não resistindo à ação dos anos, em 1943, a antiga igreja sofreu radical transformação ganhando em solidez.

CAPÍTULO X

OS POJICHÁS

- I. Quem eram os Pojichás? — II. Odio e Sangue
III. O Problema das Vocações Sacerdotais — IV.
Grandiosos projetos — Estado do Aldeamento em 1884
— V. Frei Serafim vai ao encontro dos Pojichás —
VI. Malogro do arriscado empreendimento — Traição?
— Nem tudo está perdido.

I — Um espinho magoava o coração de Frei Serafim: — a ausência dos índios Pojichás, ainda não incorporados ao Aldeamento por ele fundado.

Quem eram os Pojichás?

Eram das tribus mais numerosa, somando, afirma Frei Ângelo, mil almas, e consideradas como o "*flagelo do Mucuri*."

Não podendo, pelo número, viver juntos, subdividiram-se em 6 núcleos, tendo cada um seu chefe ou capitão, que, por sua vez, obedecia a uma espécie de comandante geral, ao qual ficava subordinado a tribo inteira que, de quando em vez, se congregava toda sob suas ordens.

Habitavam nas extensas matas do Rio São Mateus, que, nas cabeceiras, se aproxima do Rio Itambacuri, do qual se afasta cada vez mais em seu curso, em direção da cidade, bem conhecida nas cartas geográficas da província do Espírito Santo, e que do mesmo recebeu o nome; ainda em território do mesmo Estado, deságua no Atlântico.

“Os Pojichá do Mucuri”, descendentes dos antigos tapuias, são gente agigantada, robusta, forçosa, arcos imensamente grandes, destemidos frecheiros, grandes corredores, sem casa, nem roça, nem aldeia. Dormem na terra, sustentam-se de frutas e de caça, comem crú... Acometem à traição, nunca ao descoberto, andam aos poucos... sem lealdade de uns para os outros, nem mesmo de pais para filhos”. (1)

Araujo Aguirre, que viveu algum tempo entre êles, assim nos informa: — “O índio tem o instinto de edificar suas malocas de preferência em lugares sombrios e planos, livre dos ruidos das cachoeiras, afim de não ser surpreendido pelos seus inimigos ou para ser ouvido com clareza qualquer movimento das feras, das quais êles mostram possuir algum receio, quando atacam de surpresa á noite ou em viagem. O sono dessa gente não é como, em geral, nos civilizados seguido e demorado: êle não conta com policia paga pelo governo, nem com os aparelhos de defesa que usamos, não possuem tambem a certeza do respeito mútuo, que, numa sociedade organizada, um membro tem para com outro; portanto, êle dorme mal e suas precauções são acertadas e constantes, quer de dia, quer de noite, por toda a área ocupada. Uma folha sêca que tomba, um galho que se desprende das árvores, logo que seja ouvido por êle o ruido é com atenção observado, examinado, parando o que está fazendo, fica a escutar, enquanto dura o incidente”.

“O mais velho é o encarregado de vigiar, sôbre êle é atirada toda a responsabilidade de qualquer fato ou surpresa: o jovem índio não pôde ser o guarda noturno, êle já está cansado do trabalho do dia, o cansaço poderia vencer as suas faculdades...” (2)

(1) Vanconcelos — “História Antiga dos Minas Gerais”, p. 197

(2) Araujo Aguirre — “Em Plena floresta”

As tribus nômadeas, afirma Frei Ângelo, ostentam um como instinto natural de valentia e demonstracão de força física: por isso se empenham constantemente em horrôsa guerra por futilíssimos motivos.

“Quando entre êles morre alguém, há sempre pavoroso alvoroço, vinganças estúpidas, brigas e roubos, tudo acrescido do pranto das mulheres, a modo das carpideiras judaicas.”

“Quando alguém morre no mato, abandonam o corpo, que é devorado pelos urubús. Se um indivíduo, por enfermidade ou velhice, não pode mais acompanhar sua tribo, o maior ato de caridade que lhe dispensam os outros, é ajuntar-lhe um pouco de lenha, acender-lhe um fogo, achegar-lhe comida e água; isto feito, desamparam o infeliz que, quasi sempre, é vitimado pelas feras. A Religião, propriamente dita, é quasi nula nesses selvagens. Possuem uma idéia muito material do Ente Supremo, vivendo quanto ao mais numa lastimável ignorância. Quando desencadeia um temporal, acompanhado de fortes trovoadas, dizem que é Deus que está valente... (3) Morrendo um rapaz, já adestrado no manejo das flechas, colocam junto ao mesmo algumas flechas e o respétivo arco, persuadidos de que, na grande viagem que tem que fazer, poderá encontrar alguns inimigos. É isso uma idéia material, que indica, todavia, uma noção da immortalidade da alma. Entre êles a moralidade não pôde existir, senão de um modo natural. Às vezes uma cabana, que chamam “Kigeme”, comprida, arcada de varas e coberta de várias folhas, como palmito, caeté, etc., serve de morada para diversas famílias, sem nenhum compartimento. Nela habitam, promiscuamente, como se fossem

(3) Apesar da frequencia de trovoadas nestes climas carregados de electricidade os Tupis não se tinham familiarizado com os seus terríveis phenomenos; e receavam-se do trovão que consideravam como uma manifestação da ira de Ibag, o do firmamento. Não passava a sua metafisica mais alem deste inato terror — (Vide Visconde de Porto Seguro, Tomo 1, pag. 43)

animais. Quando os jovens sentem o instinto da sexualidade, e já tem em vista as raparigas, com quem simpatizam, é levado o fato ao conhecimento dos pais destas e do chefe da tribo — estabelecido o acôrdo, é aviado um alegre festim, cuja parte mais importante são as comedorias e as danças: finalmente, é a moça entregue ao seu pretendente, e está feito na cabilda mais um casamento. De quando em quando se observa a poligamia”. (4)

* * *

II — Havia, entre êles e os civilizados, velhos, inextinguíveis ódios e periódicas vinganças, com grande desasocego dos habitantes da região.

Contámos, em capítulo anterior, com quanta astúcia e perfeição preparavam e executavam as emboscadas ao longo da estrada Comercial, aberta pelo benemérito Teófilo B. Otoni. Daí é fácil avaliar quão grande fosse o empenho do Governo e dos Diretores do Aldeamento do Itambacuri em chamá-los e pacificá-los.

A correspondência oficial, trocada entre o Governo e Frei Serafim, deixa bem patente como êste, desde o início do seu apostolado entre os índios, jamais se esqueceu dos Pojichás.

Citamos, apenas, alguns ofícios, entre os mais interessantes:

“Em abril de 1876 — três anos depois de fundado o Aldeamento — Frei Serafim escreve ao Diretor Geral dos Índios em Ouro Preto, solicitando-lhe *“claras instruções no que se refere aos meios e modos seguros para chamar também os selvagens Pojichás”* e, ao mesmo tempo, lhe faz saber que, dispondo de recursos

(4) Fr. Angelo, *Man. cit.*

insuficientes, sem aumentá-los, seria mui perigoso tentar atrair aqueles índios, pois êste fato, exigiria gastos não pequenos”. (5)

Não só Frei Serafim pensava em chamar ao seu Aldeamento os Pojichás, mas ainda em tomar decididamente a defesa dêles.

Tendo chegado ao seu conhecimento que a população de Filadélfia *cogitava exterminar os índios Pojichás*, aguardando para a execução apenas a autorização do Diretor Geral, para êle apelou Frei Serafim, e, com bôas razões, conseguiu que fosse negada semelhante autorização.

O Diretor Geral respondeu-lhe declarando que, em “*atenção aos pedidos e razões dos missionários, sem temoposto com todas as forças* e, entretanto, aconselha meios amigáveis para chamá-los pela terceira vez ao Aldeamento, que êles já conhecem.

Frei Serafim faz-lhe ver, então, que a questão seria resolvida facilmente, se houvesse recursos no Aldeamento, pois, empreendimento como êsse, exige avultadas despesas em víveres, brindes e roupas, e confessa que até aquele momento o obstáculo da pacificação dos Pojichás tem sido êsse.

* * *

III — Com uma clara visão dos problemas daquela vasta região, e cheio de fé no seu futuro, o sábio diretor do Aldeamento do Itambacuri, em ofício de 27 de Abril de 1879, faz ver aos órgãos governamentais competentes, a “*necessidade absoluta de que aqui, nesta vastidão de mata virgem*”, se funde, ao menos, ainda um aldeamento indígena, filial a êste central de N. S. dos Anjos do Itambacuri,

(5) Rel. e Of. pag. 18

com o precípua fim de aldeiar também a mais resistente de todas as tribus indígenas, a dos Pojichás, a qual tem sua ordinária morada nas margens do Rio S. Mateus, e mais índios que ainda se acham espalhados nas matas entre a estrada de Filadélfia, que ao norte vai para o Urucú e a cidade de São Mateus, entre a picada do Peçanha e Itambacuri, que ao Sul vai passando o Catolé, direção da mesma cidade de São Mateus...

“Em todo o caso carece que se pacifiquem os índios com os brasileiros, tirando demais a natural antipatia com a existente divisão entre êles de nenhum proveito ao País; e, antes de conseguir isso, não pode ter tão pronta civilização e nem progresso na cultura, indústria e comércio”.

Termina abordando um assunto de transcendental importância e que, hoje, preocupa tanto os católicos do Brasil, constituindo um dos maiores, senão o maior problema da atualidade — o das Vocações Sacerdotais Missionárias! — Ele via o futuro daquela obra de Deus, que não devia morrer; milhares e milhares de pessoas viriam povoar aquelas ubérrimas matas e avaliava a necessidade de um número correspondente de sacerdotes para cuidar delas.

É, naturalmente, digno de admiração êsse zelo, naquela época e no seio da mata, perdidos na solidão... Com os olhos no porvir esplendoroso do Itambacuri, coroado de glória, escreve, rematando suas ponderadas considerações:

“... e, desta maneira, dar-se-ia também a possibilidade que se escolhessem e educassem uns meninos indígenas para serem entregues ao Seminário da Diocese, cujo Bispo possa, querendo êles, ordená-los para a coadjuvação das Missões dos índios: para o que se presta muito êste grande Hospício da Vice-Prefeitura

da Missão, com sua magnífica igreja, ainda em fabricação por falta de recursos pecuniários”.

Quem mais nacionalista que esse missionário capuchinho estrangeiro, preocupado só com a glória de Deus e a salvação das almas, a querer que dos próprios selvícolas saíssem os apóstolos do futuro?!

A vontade dos missionários, os seus propósitos, projetos e sugestões, encontravam sempre, apesar de lógicos, razoáveis e evidentes, obstáculos inexplicáveis.

Em 16 de janeiro de 1888, Frei Serafim escreve ao Diretor Geral:

“Nós desejávamos que as autoridades de Filadélfia do Mucuri apoiassem nossos planos de Catequese nas imensas matas virgens, desde as margens do Rio Doce até ao do Mucuri, e do Alto dos Bois ao do Morro Grande da Malacacheta, até as serras Aimorés de São Mateus, para o povoar de Índios e brasileiros em todas as direções, principalmente no centro das mesmas; mas não o conseguimos, havendo-nos respondido que elas já oficiaram em outro sentido ao Exmo. Governo”.

Estorvava-se, assim, um grande projeto, cujas linhas grandiosas, dignas da sabedoria de Frei Serafim, hoje, à distância de 70 anos, se apresentam ainda mais nítidas e dignas de admiração!

* * *

IV — Frei Serafim, em pouco tempo, tornou-se conhecedor profundo de todo os segredos da mata. Utilizando-se dos seus conhecimentos científicos, que não eram pequenos, fala-nos das futuras estradas que elle traça com segu-

rança absoluta, e um dia, os engenheiros lhe farão justiça, respeitando em muitos trechos os primitivos traçados e as picadas abertas por êle. — Tais eram os seus conhecimentos, que, um dia, indo à procura dos Pojichás, se apresentou nas suas moradas. Astuciosos em escondê-las com todas as artes, aos estranhos, ficaram surpreendidos, e pasmados ao serem descobertos. — Aliás, mais de uma vez, em ofícios ao Governo, tinha com absoluta segurança indicado o lugar onde êles residiam.

Vejam-se, por exemplo, as informações que em 10-2-1880 êle fornece ao Governo, revelando profundo conhecimento do assunto:

“As aldeias indígenas, que ainda existem nesta Circunscrição, são duas: a da tribo denominada do Cap. Pojichás, que já morreu, cujo número pôde ser menor de 200 índios, 70 homens, 80 mulheres e 50 meninos, os quais residem de ordinário na margem do Rio São Mateus, dentro da mata virgem a leste deste Aldeamento.

Êles se aplicam somente a buscar o seu sustento do dia, que consiste em caça e pesca e em várias espécies de batatas, carás, cipós no mato, etc. — E são perfeitamente selvagens nús, sem nenhuma civilização, e ainda resistem aos chamados da catequese (porém já não acometem mais como antes, quando da mata na estrada que vai de Filadélfia à Ex-Colônia de Urucú, ou se encontravam com outras tribus, agora aldeiadas, do Potão S. Mateus e Catolés).

A segunda tribo, chamada do Urucú, tem perto de 80 índios, 26 homens, 28 mulheres, 26 meninos, estacionam nas margens do Rio Todos os Santos.

Êles também não se ocupam, senão da vadiação, na caça, etc... como os Pojichás. — Andam quasi

nús e recebem daquelles habitantes algum serviço por poucos dias, pago ordinariamente com aguardente, e, embora ganhassem algum cobre, o trocam logo com a mesma: o que eu mesmo vi e ouvi narrar, quando por aí, às vezes, passei, daqueles habitantes e do Snr. Capitão Diretor da Colônia:

Que seus índios vivem vadios no mato sem trabalho próprio e nenhuma instrução religiosa e intellectual, e se acabam por si mesmo, brigando sempre na embriaguês a qual é o único fim e resultado dos seus serviços, ficando perpetuamente brutos e prejudiciais à sociedade”.

No ano de 1884, os interessados conseguiram autorização do Ministro da Agricultura, em aviso de 2 de Abril, de criar um novo Aldeamento para a catequese dos Pojichás e outros índios completamente selvagens, no lugar denominado Cana Brava.

Era um absurdo!

Todavia os humildes Diretores do Aldeamento do Itambacuri, em ofício de 20 de Maio de 1884, informam, sem receio:

“Submissa e conscienciosamente julgam que hoje não há mais necessidade de que o Exmo. Governo faça tão grandes despesas para êsse fim, existindo a 70 quilómetros de Cana Brava êste estabelecimento que dispõe de mui extensos e melhores terrenos, regados por boas águas em grande cópia, havendo já uma numerosa povoação de índios, cuja maioria se tornou mansa e de lavradores pobres, que, com os mesmos, pacificamente vivem e se misturam; além da vantagem de ter uma magnífica igreja e duas acomodadas escolas para os menores indígenas de um e outro sexo.

“Se nós ainda não conseguimos chamar ao grémio dêste Aldeamento todos os índios que se conservam em estado agressivo, não tem sido por falta de esforços, mas por exiguidade de meios pecuniários, que impediam de levar a efeito o ajustamento dos mesmos.

“Ora, pois o Exmo. Governo está resolvido a fazer mais alguma despesa para aldear os restos dos selvagens, mormente os Pojichás, lhe será muito mais económico e razoável, dignando-se confiar êsses meios ao florescente estabelecimento do Itambacurí para a mais acertada e fácil realização”.

Desta vez a voz dos Missionários foi ouvida e o novo Aldeamento, supérfluo e dispendioso, não se fundou.

Mais uma vez, os interesses particulares ficaram frustrados, aumentando o ódio contra o Aldeamento do Itambacuri, e seus Directores; ódio que havia de explodir em breve, como de fato, explodiu.

Encerramos estas citações, que provam o interesse constante dos Missionários de Itambacuri em prol dos Pojichás, com um trecho do Relatório de 30-6-1884, o qual contem dados bem interessantes: (6)

“A imensa floresta virgem do Itambacurí, que nos mapas está classificada por mata desconhecida e habitada por indigenas botucudos, e constituída da-quele espaço vasio, que os territórios cercam da cidade de Filadélfia (Teófilo Otoni) ao norte, ao sul o mesmo rio Doce, da cidade de S. Mateus ao nascente e ao poente do Sassuí (Peçanha), vai ser em poucos anos desbravada, e substituída por bem cultivado terreno, se êste Estabelecimento fôr peculiar-

(6) Rel. e Of. — Liv. I, pag. 139

mente auxiliado pela generosa Província de Minas, até que, suficientemente instruídos estes índios nómades acêrca dos deveres do homem, sejam também amalgamados, e, por alianças nacionais e religiosas, misturadas com os habitantes e lavradores nacionais, e de todo se consiga sua civilização e colonização com a tão almejada comunicação ao menos por picadas nas mencionadas direções, sobretudo para o Rio Doce, que se espera de realizar dentro de um ano, conforme projetos anteriores...

..O aldeiar, pois, no Itambacurí a terrível tribu selvagem Pojichás, constituirá o complemento desta importante obra..."

Dêsse Relatório consta o seguinte expressivo "Resumo", que nos dá uma idéia do progresso alcançado até então pelo Aldeamento do Itambacurí:

POPULAÇÃO INDÍGENA E NACIONAL DO ITAMBACURI

Índios nómades já aldeados	784
Índios nómades aldeados, que se casaram com nacionais	106
Total dos Aldeados	890
Lavradores nacionais pobres	900
Total da população	1.790
Índios nómades, que é preciso aldeiar, sem incluir os dois mil errantes	520

* * *

V — As constantes proezas dos selvícolas, os morticínios e devastações peródicas não podiam deixar indiferentes os misionários. Frei Serafim, alma generosa de Após-

tolo, desprezando os perigos, resolveu procurar os temerosos Pojichás.

“Distante 15 quilómetros, mais ou menos de Filadélfia — refere Frei Ângelo (7) — havia uma fazenda denominada “Planície”, propriedade de um abastado lavrador chamado Veloso. — Nessa fazenda e nas florestas próximas, apareciam, de quando em quando, os Pojichás; Veloso começava a ter já com êles certas relações de confiança: isto não obstante, êles o assassinaram, arremessando-lhe flechas por divertimento...

“Ciente do ocorrido, Frei Serafim, acompanhado por alguns índios mansos, que lhe poderiam servir de intérpretes, foi àquela localidade, confiando unicamente na proteção divina.

Aí tomou minuciosas informações relativas aos tais índios, já então refugiados nas brenhas. “O nosso diretor (é Frei Ângelo que narra) mete-se pelo mato a dentro, sem medo de se perder, resolvido a ir em sua procura, onde quer que estivessem. — No centro da floresta, o Padre, quando menos esperava, foi pressentido pelos selvagens. Chamados por êle, só alguns, com o chefe à frente, acudiram.

“Impossível é descrever-se o espanto, a admiração e o pasmo de que foram possuídos dos índios na presença de Frei Serafim, homem alto, robusto, corado, barbudo, revestido do burel franciscano, inerte, trazendo um crucifixo ao peito, cheio de magestade, mas sumamente cativante”.

Não custou o chefe dos índios em se convencer que essa estranha figura, que lhe estava diante, era

(7) Man. cit.

a de um amifo e, dando um forte e prolongado assobio, (sinal convencional, que ecoou longe no seio da floresta) com surpreendente rapidez, reuniu a tribo.

“De súbito saíram índios de todos os lados e o missionário, sem perder a calma e a serenidade habituais, sorrindo, viu-se, como por encanto, no meio dêles feito prisioneiro.

“Ofereceu-lhes, então, presentes, tudo o que trazia para comer e dêles recebeu em retribuição carne de macaco mal assada..”

O coração de Frei Serafim transbordava de contentamento por êste primeiro encontro, que prometia ser o início de melhores relações para a completa conquista de toda a numerosa tribo.

Mas como poder levá-los para o Aldeamento do Itambacurí Pensava o santo missionário, mui preocupado, nas sérias dificuldades para vencer a distância de mais de 40 quilómetros, através de matas espessas, sem o mínimo sinal de caminho. Única solução era a de tomar o caminho de Filadélfia e lá passar a noite para, em seguida, continuar a viagem.

Assim se fez. Frei Serafim, seguido por numeroso grupo de índios, tomou o caminho de Filadélfia e lá chegou ao anoitecer.

A notícia da chegada dos índios Pojichás correu célebre pela cidade, pondo-a em alvoroço. O povo acorreu em massa a ver o espetáculo inédito que se lhe oferecia, enchendo-se de incontida admiração pelos intrépidos Capuchinhos, que, para o bem de todos, se expunham aos riscos de perder a própria vida. Por outro lado, ao ver aqueles que eram o terror da região, o povo não escondia o ódio e a vontade, se fosse possível, de linchá-los.

Os índios, que fóra da mata são como peixes fóra d'agua na expressão de Frei Ângelo — vendo-se rodeados de populares curiosos e soldados armados, encheram-se de apreensões e desconfianças.

Frei Serafim, sôbre cujos ômbros pesava a imensa responsabilidade do arriscado empreendimento, com seu grande pesar notou, imediatamente, o acolhimento hostil e a má vontade da parte das autoridades policiais da cidade, de mãos dadas com uns velhos inimigos dos Pojichás e do Aldeamento de Itambacuri.

Adiantando motivos de fingida prudência, mandou o Comissário acomodar os índios num recinto cercado de muros e fechado com bom portão de acôrdo com o plano preparado.

A noite começara fortemente chuvosa.

Frei Serafim, que tudo observava, não estava tranquilo. Depois de falar aos índios, aconselhando-os como só êle sabia, declarou-lhes que ficassem tranquilos e nada deviam temer, pois não os deixaria sozinhos, velando por êles como um pai e sofrendo com êles, se preciso fosse.

Em seguida, procurou o Comissário e com o mesmo teve longa conferência, afim de obter dêle a garantia necessária e a certeza de que os índios não seriam molestados durante a noite. Qual não foi, porem, sua surpresa ao verificar a incrível cilada, na qual êle e os seus queridos índios acabavam de cair: — os Pojichás seriam eliminados durante a noite, afim de vingar os crimes por êles praticados no passado! (8)

Noite fechada, sob pesada chuva que caja raivosa, Frei Serafim, atordoado ainda pela inesperada e cruel re-

(8) Êste doloroso episódio é relatado pelo P. Cultrera em, "Fra i Selvaggi", referindo o que ouviu do próprio Frei Serafim, com o qual conviveu algum tempo em Itambacuri.

velação, apressou-se a unir-se aos seus queridos índios disposto a morrer com êles. Como era seu costume nas horas mais difíceis cheio de confiança em Deus, colocou-se sob a proteção de N. S. dos Anjos, certo de que não lhe faltaria, como em outras difíceis emergências, o auxílio divino.

Com efeito a Providência Divina veio em seu socorro.

Os índios, desconfiados por índole, leram no rosto de Frei Serafim certa preocupação desde a chegada em Teófilo Otoni. A vigilância dos soldados, e os estranhos movimentos de pessoas suspeitas, não lhes passaram despercebidos.

Convenceram-se de que se lhes preparava uma cilada e tiveram a impressão de que durante a noite, seriam, naquele recinto onde os tinham metido intencionalmente, eliminados à traição.

Quando o portão se fechou, não tiveram mais dúvida do ataque iminente e trataram de fugir para a mata, saltando o muro, antes que a vingança dos civilizados se consumasse.

Na verdade, os índios não se tinham enganado. O massacre dos Pojichás tinha sido decretado e, ao mesmo tempo, o prestígio dos misionários receberia um golpe mortal pois seriam apontados ao ódio dos índios como responsáveis pelos acontecimentos.

Ao chegar ao abrigo, verificou Frei Serafim o desaparecimento dos índios. Reparando bem e examinando o lugar descobriu num canto, ainda adormecido, um pequeno índio.

Nem tudo está perdido! pensou Frei Serafim — ainda hei de conseguir conquistar os pobres selvícolas por meio deste menino e demonstrar que não sou um traidor! Uma idéia acudiu-lhe no mesmo instante e sem perde de tempo, com o risco da própria vida, pô-la em execução.

Assim conta o episódio o seu companheiro, Frei Ângelo: (9)

“De manhã, logo que abriram as casas de negócios, o Padre (Frei Serafim) tomou o menino para quem comprou um vestido grosso, mas mui lindo e com êle e mais os índios intérpretes vai novamente aos Pojichás, alcançando-os à noitinha, na boca do mato na aludida fazenda da “Planície”, local em que o precitado agricultor tinha uma cabana de abrigo. O menino bem vestido e alimentado, se conservava junto a Frei Serafim, quando, subitamente, se ouve entre os selvagens sinistra algazarra. “Que estão fazendo os índios no meio de tanto barulho?” perguntou aos linguas; vêde de que se trata e perguntai-lhes porque fugiram, que a esta hora já podíamos estar no Itambacurí” — “Ah! Senhor Padre Mestre, responderam os linguas”, estão falando que V. Rev.ma não é padre, mas que é um grande soldado, disfarçado em padre para os enganar melhor, que os levou a Filadélfia afim de os matar a todos”. Agora estão combinando para nos matar esta noite”. Vendo que os linguas, já apavorados, começavam a chorar, dise-lhes: “Não choreis, segui-me calados”. Num relance lhe ocorre fazer do menino vestido um estratagemma para se libertarem da morte iminente: entregar aos índios amotinados, o menino, êstes, certamente, impulsionados pela sua rude e excessiva curiosidade, se embasbacariam em examinar e explorar o vestuário do menino. Efetivamente, assim aconteceu. O Padre, então, e os linguas, aproveitando o escuro da noite, fugiram correndo desabaladamente para casa do fazendeiro Veloso. Os Pojichás, percebendo a ausência do Padre e de sua comitiva, correram ao seu encalço, des-

(9) Man. cit.

pedindo flechas. Felizmente os perseguidos chegaram, incólumes, à sobredita casa.

Ao romper do dia vieram os índios à fazenda e perguntaram ao Padre porque tinha “sumido” de noite. Perguntais porque fugi? Foi porque querieis matar-me quando não vos fiz mal algum, e até vos restitui o menino bem vestido como vêdes — Para vos chamar não voltarei mais aqui”, respondeu-lhes” — Vós morais nas matas do rio S. Mateus”, continuou o padre, “ide pois, caçando e pescando água acima até achardes uma cachoeira; aí eu vos procurarei de novo” — “Não sou soldado disfarçado, como julgais, mas Padre de verdade, mandado aqui por Deus e pelo Governo para chamar-vos todos, como estais vendo aqui vossos companheiros”.

A seguir, Frei Serafim distribuiu fartamente presentes e com palavras paternas despediu-se dêles, voltando a Itambacuri e deixando os Pojichás fortemente impressionados.

Corria o ano de 1884.

Apesar da desilusão sofrida, Frei Serafim olhava confiante o futuro.

E não se enganou.

CAPÍTULO XI

MASSACRE DOS “LÍNGUAS”

(1885)

I. O fruto da boa semente: os Pojichás procuram o Aldeamento — II. Faltam recursos, apêlo ao Imperador — III. Contando só com o auxílio da Divina Providência para sustentar 500 Pojichás — IV. Covarde emboscada dos civilizados contra os índios — Vingança dêstes e massacre dos “línguas” — V. Rebatendo falsidades.

I — A bôa semente lançada com tanto amor nos corações dos selvícolas e os sacrifícios de toda a sorte feitos durante mais de dez anos, haviam, com a benção de Deus, de dar abundante fruto.

A intrepidez de Frei Serafim e a sua palavra sincera deixaram funda impressão no ânimo dos Pojichás.

Meses depois, em junho de 1884, os chefes da tribu, acompanhados por numerosos índios, visitaram espontaneamente o Aldeamento do Itambacurí diversas vezes, até que em dezembro do mesmo ano, de acôrdo com os Diretores, resolveram escolher para morada da inteira tribu umas terras ali perto, na floresta virgem, fertilíssimas e banhadas pelo rio Itambacurí, navegável até o rio Doce.

Êste fato, como era natural, encheu de contentamento o coração dos Missionários, que, sem perda de tempo iniciaram os preparativos para os receber. Fizeram, então,

extensas derrubadas destinadas à cultura e à construção de casas para abrigá-los.

As condições económicas do Aldeamento não estavam em condições de receber tão grande número de índios e a sua chegada que, dia a dia, aumentava, colocou a Frei Serafim e seu companheiro numa situação angustiosa.

Em data de 12 de novembro, certos de que o Governo não deixaria de atendê-los nos justos pedidos, num officio "urgente" se dirigem ao Diretor Geral dos Índios em Ouro Preto, ao qual expõem as graves circunstâncias em que se encontra o Aldeamento e o perigo que correm, tanto êles como a população pobre, se os Pojichás não encontrarem o agrado dos presentes e abundantes víveres. Sendo a população pobre, só um immediato auxílio do Governo poderá salvar a situação.

* * *

Simultaneamente, Frei Serafim dirige um apêlo no mesmo sentido ao Imperador, como última esperança na difficil situação em que se encontra. Nesa ocasião, Frei Serafim lembra ao Governo como os terriveis Pojichás, em 1875, pela primeira vez, "deram-lhe amigável fala no centro da floresta virgem do rio São Mateus, declarando-lhe expressamente, que desejavam muito unir-se aos outros na catequese de Itambacurí e viver em companhia dos Missionários", mas, naquela ocasião, as enchentes e outros estorvos fizeram malograr a incorporação dos Pojichás ao Aldeamento e fazia ver como não se devia deixar escapar esta feliz ocasião, afim de livrar de todo o perigo de agressão as estradas e assegurar a tranquillidade à pacifica e laboriosa população.

Grande número de pequenos lavradores e cidadãos de Teófilo Otoni e das redondezas, apoiando o apêlo dos Pa-

dres Misionários, fizeram chegar às mãos do Imperador esta interessante e calorosa súplica:

“Senhor,

Os abaixo assinados, nacionais e estrangeiros, residentes na extensa zona do Mucuri, apesar das magníficas condições naturais da extensíssima mata que ocupam e que vai do Jequitinhonha ao rio Doce e dos campos do Norte de Minas Gerais até ao litoral, reunindo a fertilidade do solo o clima mais temperado e salubre, acham-se, entretanto, tolhidos no seu adiantamento comercial e agrícola, em consequência de óbices relativamente fáceis de remover. Para melhorarem no meio das lamentáveis circunstâncias em que se encontram, se não o de chegarem ao pé do trono de Vossa Magestade Imperial para, humildemente, lhe exporem seus sofrimentos e implorarem de Vossa Magestade Imperial, que, benevolmente, se sirva mandar remover os obstáculos que se opõem à sua tranquilidade e desenvolvimento comercial agrícola.

O principal obstáculo para o desenvolvimento da agricultura e comércio, não só da região do Mucuri, mas também de todo o Norte da Província de Minas Gerais, consiste no estado de completa ruína em que se encontra a estrada de rodagem de Filadélfia a Santa Clara, única por onde até agora se faz todo o comércio de importação e exportação.

.....
Passamos, agora, a chamar a atenção de Vossa Magestade Imperial, para o seguinte e não menor obstáculo que se antolha ao desenvolvimento do Mucuri.

Vossa Magestade Imperial, solícito como é em conhecer do bom ou mau estar de seus súbditos, de

certo não ignora o que os infelizes habitantes do vale do Mucuri têm sofrido desde muitos anos em consequência dos ataques à mão armada por parte da tribu de índios ferozes disseminados pelas suas florestas que, atacando a tropeiros e carreiros, matando-lhes os animais, assassinando colonos e viandantes, sem distinção de sexo ou idade, incendiando, roubando e devastando as suas propriedades e plantações, os têm reduzido ao maior gráu de desanimo e desespero.

Em vista destas frequentes e terríveis circunstâncias, mais de 30 famílias, e entre estas as de alguns fazendeiros abastados, têm abandonado seus estabelecimentos agrícolas junto à estrada de rodagem que, desta cidade, vai a Santa Clara na margem do rio Mucuri, achando-se, também, completamente abandonada a colónia de Sant'Ana, que era povoada por mais de 40 familias nacionais e estrangeiras, havendo poucos menses que aqui se retiraram para os Estados Unidos 4 famílias de colonos estrangeiros, que apesar de terem vendido as suas propriedades a troco de barato, levaram para fóra do Pais quantia superior a 20 contos de réis em numerário, pretendendo outros, pelos motivos aludidos se retirar brevemente.

Em consequência das amiudadas depredações praticadas pelos indígenas e das numerosas representações que tem sido feitas em diversas épocas ao Governo de Vossa Magestade Imperial e aos Consules e Ministros do Império Alemão, algumas providências têm sido dadas à favor da pacificação e catequese dos Índios do Mucuri e, se com elas algum resultado, tem sido obtido, não tem contudo produzido o necessário bem, *por serem sempre insufficientes os meios que lhe têm sido destinados.*

Vamos exemplificar: — No ano de 1873 mandou o Governo de Vossa Magestade Imperial fundar no Mucuri um aldeamento para a catequese de Índios, o qual, desde então, se acha estabelecido a 30 quilómetros da cidade de Teófilo Otoni sob a denominação de Aldeamento de N. S. dos Anjos do Itambacuri e a cargo dos Padres Frei Serafim de Gorizia e Frei Ângelo de Sassoferato.

Dedicados em extremo à sua Missa apostólica e humanitária, conseguiram êsses padres reunir no grémio daquele estabelecimento os índios das aldeias do Potão, Poté, Cracatam, Crescuma, que estão regularmente civilizados, achando-se os índios moços geralmente instruídos nas primeiras letras e grande número dêles nas artes de carpinteiros, pedreiro, ferreiro e marceneiro e os mais idosos estabelecidos com lavoura e terras próprias.

Grande número de colonos nacionais se acham estabelecidos no território daquele Aldeamento e mais de cem casamentos entre indígenas e nacionais são além de tudo garantia a mais eficaz do adiantamento daquela povoação que, nas suas cercanias, atinge o número superior a duas mil almas.

Ora acontece o seguinte: A horda mais feroz e mais numerosa de índios do Mucuri, e que mais crimes e roubos tem praticado, é a dos famigerados Pojichás que, em numero de 400 ou 500, percorrem estas matas divididos em diversas malocas. Os Diretores do Aldeamento do Itambacuri, por intermédio dos índios mansos e intérpretes, há anos que se esforçam para chamá-los à séde daquele estabelecimento como é comprovado pela volumosa correspondência official que a tal respeito e repetidamente tem endereçado ao Governo Geral e Provincial, pedindo algum auxílio

extraordinário para poderem conseguir êsse desideratum.

Ultimamente, apesar de toda a relutância daquelles índios conseguiram chamar parte dêles à séde daquelle estabelecimento, onde, tendo sido obsequiados pelo Padres e pelos indígenas mansos e mais habitantes do lugar, resolveram domiciliar-se allí, onde já grande número dêles está principiando a fazer algum serviço de lavoura, prometendo trazer à obediencia o resto da numerosa tribu.

Tornada mansa esta tribu principal e mais feroz, não será difficil obter-se que se lhe agreguem algumas pouco numerosas que ainda existem rebeldes à civilização. Mas para que tudo se realize e não se perca o resultado que já se conseguiu, sendo tudo de tão grande utilidade ao progresso e adiantamento desta feracissima região, é necessário pronto e sufficiente auxílio pecuniário ao Estabelecimento do Itambacurí, sendo esta uma das providências que os abaixo assinados imploram do coração benfazejo de Vossa Magestade Imperial.

Mais uma vez recorremos ao coração paternal de Vossa Magestade Imperial para que se sirva minorar os grandes males que soffremos e reverentemente acabamos de expor a Vossa Magestade Imperial.

De Vossa Magestade Imperial

Súbditos fieis e submissos

Teófilo Otoni, 1 de Janeiro de 1885.

(Seguem-se inúmeras assinaturas) (1)

* * *

III — Os auxílios pedidos com tanta insistência e com tanta razão não vieram, mas Frei Serafim não retrocedeu e ainda que o quisesse lhe não seria possível fazê-lo sem grave perigo para êle próprio e para a população. Confiando em Deus, como sempre fizera, enfrentou resolutamente os acontecimentos.

Os ferozes Pojichás cumpriram a promessa, chegando ao Aldeamento em número avultado. (Em fevereiro de 1885 encontravam-se definitivamente estabelecidos no Aldeamento de Itambacurí pouco mais de 500 Pojichás, fato êste testemunhado pela população do Itambacurí. (2)

A incorporação dos Pojichás à catequese de Itambacurí era na realidade, um acontecimento de real importância para toda a região do Mucuri e para os Missionários constituía uma das maiores conquistas para Deus e pela Pátria.

Os inimigos não esperavam que os Missionários conseguissem um tão rápido e tão grande triunfo. Num primeiro momento negaram o fato, mas como não era possível ocultar a verdade para mais tempo, roídos pela inveja e pelo ódio, juraram a qualquer preço anular e destruir a grandiosa obra dos abnegados Capuchinhos.

A atenta vigilância dos Diretores, e, particularmente, do Fr. Serafim, não escapavam os equívocos movimentos dos inimigos e, com a prudência que lhes era peculiar, punham todo o cuidado em evitar todo e qualquer incidente que pudesse servir aos inimigos de pretexto para realizar seus diabólicos desígnios.

Corriam boatos alarmantes: dizia-se, abertamente, que “Uns moços, moradores em São Mateus, tinham vontade de atirar sôbre os Pojichás” (3)

(2) Rel. e Of. Vol. I, p. 150

(3) Rel. e Of. Vol. I, pag. 152

Sabedores de tais projetos os zelosos Padres Missionários abriram à sua custa uma picada na floresta virgem, desde o rio São Mateus até o Itambacurí. A picada alongava um tanto a estrada, mas tinha a vantagem de desviar os índios bravios do caminho frequentado e habitado pelos moradores do São Mateus, pela qual viriam ao Itambacurí os índios ainda espalhados pela floresta, sem incomodar aos intolerantes “civilizados”.

Apesar, porém, das preocupações tomadas pelos Padres, os inimigos prepararam e realizaram impunemente a mais covarde emboscada contra os índios Pojichás.

* * *

IV — Eis como se passou o malfadado crime:

Em fim de fevereiro, os Diretores do Aldeamento mandaram expressamente ao vale, onde estavam arranjados os restantes Pojichás uns nacionais e índios mansos de inteira confiança deles, afim de os levar consigo pela picada a Itambacurí, ao sítio para eles preparado e chamado Santo Antônio. Chefiava o grupo de línguas o Revmo. Frei Ângelo, ao qual damos a palavra:

“Como era tempo das aguas, caíam frequentemente grossas chuvas: o rio transbordou, a mata ficou húmida, e fria e formaram-se pântanos e lagôas. Julguei uma temeridade fazer a travessia em tais condições, em que o menos que se podia lucrar seria alguma grave enfermidade. Por outro lado,urgia a partida, porque os mesmos inconvenientes se formavam em São Mateus. Então pedi aos línguas que transmitissem aos selvagens a seguinte ordem: “Estais mais acostumados a atravessar rios, lagôas e brejos, caminhando descalços e sofrendo chuvas, vinde conosco até Santo Antônio, lugar destinado para a vossa

morada, enquanto o nosso Padre volta para Itambacurí Quando lá chegarmos lhe mandaremos avisos". (4)

Frei Ângelo regressou para Itambacurí, e os línguas seguiram à procura dos índios. Mas, passaram-se 3, 4 e 5 dias sem notícias dos selvícolas. Que teria acontecido?

Frei Serafim ficou inquieto e mandou uma expedição que, de Santo Antônio, fosse ao encontro dos Pojichás e dos índios intérpretes. Horrroso espetáculo! Após um dia de viagem os expedicionários encontraram no centro da mata os cadáveres dos infelizes línguas com ferimentos de fortes frechadas; uns estavam estendidos pela picada e outros espalhados pelo mato; notavam-se sinais evidentes de luta e de fuga das vítimas. Voltou a expedição com toda pressa, trazendo tão triste notícia, que nos mergulhou a alma num profundo mar de intensas dores. Dos Pojichás não colheram informação alguma.

Dias depois, Frei Serafim, de posse de seguras informações fornecidas por testemunhas de vista, podia reconstruir os fatos como se tinham passado e informar ao Governo, além de refutar as afirmações inverídicas do delegado de Teófilo Otoni, evidentemente faccioso.

Segundo a correspondência oficial de Frei Serafim com o Governo e com a autoridade diocesana, os fatos lamentáveis se deram da maneira seguinte: Chovendo de contínuo, não poucos índios voltaram atrás pela picada com suas mltulheres e crianças, e, querendo alcançar Itambacurí pelo caminho do São Mateus, melhor e mais curto, passaram em frente à casa do lavrador, José Teodoro Dias, cuja família, de manhã cedo, na sexta feira, dia 6 de março, tinha saído com os apetrechos de cozinha para Filadélfia,

(4) Relat. e Of. Vol. 1.

ficando, porém, atrás, à espera dos Pojichás uns moços armados e desejosos de verem uns índios mortos. (5)

Os índios, ao passarem pela casa do lavrador, mandaram dois dos companheiros desarmados pedir umas bananas para comerem. Imediatamente Lizardo, filho de José Teodoro, levou-os ao bananal vizinho, onde se encontravam escondidos seus irmãos Calisto e mais outros moços José Pinto e José Mariano e outros que dispararam suas armas de fogo sobre os dois índios, atacando-os à traição. Aos primeiros estampidos e aos gritos dos índios, acudiram os companheiros que esperavam na estrada e travou-se, então, furiosa luta, fugindo os índios em seguida pela floresta.

Na fuga, loucos de raiva pela inesperada traição, encontraram os mensageiros dos Padres Missionários que iam buscá-los e, sem mais nem menos, na sua lógica primitiva e na sua inata desconfiança, concluíram que tanto os Padres como os "Linguas", enviados por eles e os atacantes da casa de Teodoro, estavam de acôrdo para eliminá-los, e, assim, descarregaram toda a sua vingança sobre os infelizes intérpretes, 8 pessoas ao todo, 6 homens e duas mulheres que, depois de cruelmente mortos mutilaram horrendamente.

Este crime bárbaro encheu de dôr a Frei Serafim e seu companheiro, o qual, se as chuvas não lhe tivesse interrompido a viagem, teria sido morto com os "linguas" fieis. Perderam os Padres os melhores intérpretes, pela coragem e pela dedicação, e viram, mais uma vez, anulados os esforços de tantos anos devido ao covarde ataque de indivíduos sem consciência.

* * *

(5) Rel. e Of. Vol. II, pag.

V — Em Filadélfia, onde residiam os verdadeiros culpados e provocadores, deram os interessados direta ou indiretamente, aos fatos, com a conivência do subdelegado de polícia, uma versão completamente contrária à verdade, fazendo recair tôda a responsabilidade sôbre os índios e seus odiados protetores, os Padres Missionários. Estes, porém, com testemunhas visuais, provaram o contrário e estabeleceram a verdade dos acontecimentos, conforme acima narremos. (6)

Frei Serafim, acabrunhado pelo inesperado desfecho, informou de tudo ao Diretor Geral, ao qual enviou também cópia do ofício por ele dirigido ao subdelegado e mais autoridades de Teófilo Otoni, pelo qual, com argumentos e testemunhas irrefutáveis prova como se deram os fatos e verbera energicamente o estúpido crime dos “moços”, que atiraram sôbre os Pojichás, provocando, destarte, sua vingança, que teve trágico epílogo no massacre dos inocentes “línguas”.

O Diretor do Aldeamento do Itambacurí, tão comedido, de ordinário, e tolerante na sua correspondência oficial em comentar fatos e apontar responsáveis, desta vez não se conteve e, num justo de assomo de indignação, deixou cair da sua pena uns merecidos qualificativos.

Entre outros conceitos, assim escreve ao Diretor Geral:

...“Mas o que mais admira é de vermos dita delegacia pelo 1.º Suplente aprovar o crime em seu ofício de 8 do dito mês, cuja copia alégo, e incriminar até nossos incríveis esforços, dedicação ao trabalho e com falsos argumentos nos acusar, responsabilizando-nos como coniventes nos roubos e matanças de selvagens. Nossa consciência está tranquila e nos conforta seu testemunho. Tanto nós, como

(6) Rel. e Of. Vol. II, pag.

desditosos intérpretes, temos pelejado com toda a dedicação e, quando já estávamos com a vitória nas mãos, esta nos foi arrancada covardemente pela infame traição, enquanto nossos "Línguas" nos provaram seu amor e fidelidade, morrendo tragicamente a serviço de Deus e do Brasil "(7)

Mêses depois estava ainda a sangrar o coração de Frei Serafim ao peso do infortúnio e do sofrimento. Escrevendo ao Ex.^o Snr. Bispo Diocesano, D. João Antônio dos Santos, desabafa sua dor ao contar-lhe como se passaram os dolorosos fatos:

"...V. Excia. não ignora como, desde sua fundação até hoje, êste Aldeamento indígena está aguentando lutas sem tréguas e de toda a espécie que nos são movidas oculta e manifestamente por indivíduos interesseiros, sem outro motivo a não ser a prevenção, inveja e cubiça, menosprezando os interesses da coletividade, a civilização dos índios e o progresso desta imensa região.

Três embaraçadores, sem consciência e sem pejo, desejam ter nas mãos o Aldeamento para haurirem lucros ilícitos à custa dos cofres da nação e da exploração dos índios. Por isso não cessam de dificultar, descreditar e hostilizar a obra dos missionários católicos, que se não fossem os entraves encontrados já, há muito, teriam conseguido de todo a pacificação dos selvícolas, que ainda restam vagando nas florestas.

Com incrível ardil e diabólica destreza mexem-se continuamente e tramam os cubiçosos, no intuito de esmagar a catequese, cansar e afugentar os missionários que dirigem este Aldeamento.

(4) Rel. e Of. Vol. I. pag. 151

Nêste deplorável estado de cousa e nesta tristíssima época, pedimos, submissos e reverentes, conselho a V. Excia. Revma., a quem Deus Guarde por muitos anos." (8)

Sôbre a verdade dos fatos narrados pelo intrépido Frei Serafim, não é possível nenhuma dúvida, pois ele, juntamente com o officio citado, mandou ao Delegado e mais autoridade de Filadélfia as testemunhas oculares, que presenciaram os fatos.

Por outro lado, a narração de Mestre Pacó, de cujo testemunho não é licito duvidar, confirma plenamente a palavra do Diretor do Aldeamento. (9)

Os inimigos contavam desta vez com o desmoronamento da catequese, com a eliminação, pelo menos, de um dos diretores e com o inevitável desânimo.

Pobres cegos! Desconheciam o poder da praça de Deus, da qual os dois humildes filhos de São Francisco eram apenas dóceis instrumentos. A tèmpera adamantina do Frei Serafim, tantas vezes provada a serviço da causa da civilização dos selvícolas, seu gênio empreendedor não conheciam nem tréguas nem tibiezas e, diante dos inúmeros obstáculos que se lhe deparavam no caminho, crescia prodigiosamente sua inquebrantável energia.

(8) Rel. e Of. Vol. I, pag. 154

(9) Pequena Narração — Domingos Pacó.

CAPÍTULO XII

O ALDEAMENTO PROGRIDE

I. Considerações melancólicas — II. O Aldeamento progride. Assombrosa atividade dos missionários — III. Seis anos depois, ainda os Pojichás — IV. Finalmente, aldeados.

I — Após a debandada provocada pelos trágicos acontecimentos de seis de março, Frei Serafim não abandonou a idéia de catequizar e aldeiar definitivamente os índios Pojichás. Até, pelo contrário, redobrou seus esforços, afim de realizar, no mais breve tempo, seu ardente desejo.

Preliminarmente, foi, em pessoa, à Côrte, pedir os meios pecuniários indispensáveis à realização do seu vasto programa. De volta, a 12 de dezembro, escreveu ao Diretor Geral: “Depois do meu regresso da Côrte, passo aqui dias amargos entre dissabores e trabalhos”, dando a entender que seu pedido não fôra atendido na justa medida que desejava, o que, aliás, declara explicitamente em outro ofício, dando razão das despesas feitas. (1)

Queria Frei Serafim, a qualquer preço, entrar outra vez em contato com os índios Pojichás. Em junho de 1885 teve ciência de que os mesmo se iam aproximando do Aldeamento. Em 3 de outubro, porém, do mesmo ano, verificaram-se graves acontecimentos, que tiveram como teatro a fazenda da Liberdade, do Capitão Leonardo E. Oto-

(1) Rel. e Of. Vol. II.

ni, em cujo terreiro, cercado de muros, foram mortos, de uma só vez, trinta e oito homens dos mais valentes, entre os quais quatro chefes. (2) Cruelmente dizimados, os Pojichás fugiram pela mata a dentro, embrenhando-se na encosta dos montes Aimorés, divisa da Provincia, onde se juntaram a outros índios, seus vizinhos, por terem ficado no desamparo, com a morte dos homens, grande número de mulheres e crianças.

O Padre Mestre Frei Serafim acreditava, firmemente, na possibilidade, de um dia, tornar mansos os Pojichás, e, si não fôsem as tristes e trágicas ocorrências de seis de março de 1885, sem dúvida, o teria conseguido.

“Estavam naquela ocasião tão dispostos — informa Frei Serafim ao Diretor Geral — que já faziam em companhia dos índios mansos algum trabalho. Mandavam os filhos menores à escola e nos entregavam as crianças para serem batizadas. Os nacionais pasmavam ao verem os terríveis Pojichás, nos domingos e dias festivos assistirem, em silêncio, à pratica e celebração da Missa, seguida da benção do Santíssimo Sacramento e acompanhada de cânticos devotos” (3)

Queixava-se, porém, amargamente, ainda nêssa época tão difficil, da falta de recursos pecuniários para gastá-los com os índios, presenteá-los, vesti-los e alimentá-los. Queixava-se, tambem, da incompreensão do próprio Governo, o qual, nêsse negócio de índios, prestando ouvido às informações falsas e malévolas, fornecidas por individuos sem escrúpulos, empenhados em manter a conbenção do Santíssimo Sacramento e acompanhada de cânticos indispensáveis, não digo ao desenvolvimento, mas à propria vida do Aldeamento. E acrescentava, textualmente, estas patrióticas palavras que ainda hoje têm

(2) Ibidem

(3) Rel. e Of. Vol. II

um valor inenso: “*Se a nobre e grande nação brasileira se pronuncia hoje a favor da liberdade dos cativos e favorece a colonização dos estrangeiros, com mais razão deve interessar-se pela causa civilizadora, util e proveitosa de milhares de brasileiros ainda selvagens, que, uma vez formados em homens moralizados e trabalhadores por bons missionários, com o apoio e proteção do Bispo Diocesano e da autoridade local, podem muito bem competir e concorrer, aliados a lavradores pobres, a desbravar a mata desconhecida para o florescimento da agricultura, indústria e comércio do país, a cujo clima eles estão já acostumados.*” (4)

Infelizmente, devido a intrigas, o Governo continuava a negar-lhe os recursos e, em lugar do missionário, empregava para civilizar os índios a força, gastando mais e irritando-os.

Frei Serafim, como verdadeiro Sacerdote católico, apegado ao campo apostólico, onde a Providência o colocara, como se fosse sua própria pátria de nascimento, falava com o valor de um apóstolo e o entusiasmo de verdadeiro patriota.

Encarava o problema da catequese dos selvícolas com critérios humanos e cristãos, tomando mais de uma vez a pena para defender a causa e os direitos dos pobres índios, que tanto amava.

“Os índios não têm culpa de vagarem como feras pela mata — escreveu certa vez ao Diretor Geral em Ouro Preto entregues à sua própria natureza bravia, ferina e brutal, principalmente depois de terem sido provocados, perseguidos, condenados ao público desprezo e caçados como animais perigosos” (5)

* * *

(4) Rel. e Of. Vol. II

(5) Ibidem.

II — O homem de Deus e abnegado capuchinho não descansava. Agitava-o a chama e o ardor do apóstolo, que só vive pelo seu ideal.

Aguardando tempos melhores, devidamente autorizado pelo Governo, fez grandes derrubadas, ampliando o território cultivado da florescente povoação.

Mandou abrir picadas e caminhos em todas as direções, principalmente rumo às matas do Rio São Mateus, que fica ao oeste do Itambacuri, e, ao mesmo tempo, tomou outras medidas para facilitar uma eventual oportunidade de aldeiar os Pojichás, dos quais nunca se esqueceu.

No ofício de 10 de Janeiro de 1886, lembra ao Diretor Geral o que antes tinha escrito em Relatório: “Hoje, que a catequese dos selvícolas desperta gerais simpatias, lembro a V. Ex.^a que, em todos os países onde quer que se encontre um sítio próprio ou uma extensão de terreno (como por exemplo, na Ásia russa) para cultura, se dão pressa em fundar uma aldeia ou uma cidade. O Governo favorece a colonização, cedendo, gratuitamente, terras aos colonos, com a condição de cultivá-las imediatamente. Destarte, milhares de hectares de fertilíssimas terras se têm transformado em ricas plantações”.

Com êsse intuito, Frei Serafim abriu um caminho para Figueira, hoje Governador Valadares, acompanhando o rio Itambacuri, o qual, mais tarde, em 1905, chegou até o rio Suassui, tendo mais de 90 quilómetros de percurso, a partir da séde da Colónia. Estabeleceu-se, assim, franca comunicação com Figueira, donde se pode tomar a direção para o Rio de Janeiro. (6)

Essa estrada é construída num terreno geralmente plano e feracíssimo, onde os cereais dão uma produção quasi inexgotavel.

(6) Hoje, nesse mesmo traçado, com pequenas modificações, o Governo Federal está construindo a importantíssima estrada Minas-Baia,

No traçado dêste caminho Frei Serafim mostrou mais uma vez seus conhecimentos, sua larga visão das coisas, como, aliás, se percebe em tudo que ele ideiou e fez. Os próprios engenheiros do Governo, mais tarde, adotaram o traçado de Frei Serafim, com ligeiras modificações, aliás razoáveis.

Abriram-se outros caminhos para oeste, acompanhando as correntes dos dois pequenos rios denominados Fortuna e Engenho, ambos afluentes do rio Itambacuri. Dentro do Aldeamento se levantaram prédios, se alinhavam ruas, se rasgavam praças e se construíam casas para escolas, para a Intendência, Cadeia, etc.

Em todo e qualquer trabalho, Frei Ângelo auxiliava a Frei Serafim, a quem obedecia como seu superior. Frei Ângelo, além do súbito obediente, era o companheiro desvelado. Ele olhava com dedicação pela saúde e integridade do seu querido chefe e, em todos os empreendimentos arriscados, o acompanhava.

Em toda aquela vasta região escasseavam os sacerdotes. As paróquias abrangiam territórios imensos e os respectivos vigários não podiam acudir a todas as necessidades da população. Devido a este fato, frequentemente os missionários do Itambacuri eram procurados por pessoas que, arrostando os sacrifícios de longa viagem, vencendo enormes distâncias, vinham se reconciliar com Deus e receber os Santos Sacramentos.

Nos melhoramentos materiais do Aldeamento e das estradas, os missionários encontravam sempre a maior bõa vontade e cooperação na população que prestava com entusiasmo seu trabalho manual. Êste fato, por si tão expressivo, evidenciando eloquentemente o prestígio e o respeito que os missionários gozavam, serviu, entretanto, mais tarde, para serem acusados ao Governo, em denúncia, que teve

porém formal refutação do próprio Inspetor, enviado para apurar a verdade. (7)

* * *

III — Seis anos depois do malôgro, aproveitando-se do caminho aberto pelos missionários desde 1873 e de outros que posteriormente foram rasgados pela mata a dentro, em demanda do rio S. Mateus, muitas famílias brasileiras de civilizados pobres, atraídas pela feracidade das terras, penetraram e se estabeleceram naquelas paragens, tornando-se proprietários dos terrenos, que ocupavam. Acontecia, porém, que, de vez em quando, os Pojichás reapareciam espalhando o terror e amedrontando as famílias, que se viam forçadas a abandonar o fruto do seu trabalho, retirando-se, para salvar a vida.

O incansável Frei Serafim enchia-se de tristeza diante desse fato e, animado de zelo e confiança em Deus, tenta mais uma vez se chegar aos ferozes selvagens. Chama, pois, os índios “línguas” e mais camaradas, com o necessário para a viagem e parte, demandando as matas de S. Mateus.

Após fastidiosos trabalhos, consegue reunir todos os índios. Organiza então a marcha. Frei Serafim põe-se à frente desse estranho exército e dá-lhe ordem de seguir para Itambacuri, onde chegam depois de penosa jornada.

“Os habitantes saem para admirar aquele insólito espectáculo, mas, ao mesmo tempo, ficam apreensivos e querem deixar a colônia. Era realmente para espantar ver aquela horda de selvagens, pintados de vermelho, com tinta extraída das sementes do urucú (fruto de árvores muito comuns no Brasil, que contem umas sementes côr de san-

(7) Relatório apresentado pelo Dr. Carlos Prates.

gue), na qual sobressaíam mais de 200 homens armados de arco e flechas.

Frei Serafim ordenou que se lhes distribuíssem vestidos em duplicata, que se lhes abastecessem muitas vezes e que se lhes desse o melhor passadio possível.

Grandes foram os gastos e maior ainda os trabalhos para lhes inculir o conhecimento de Deus, o amor e hábito do trabalho a convivência pacífica com o próximo.

* * *

IV — A entrada dos índios Pojichás em Itambacuri constituiu, sem dúvida, um grande triunfo para Frei Serafim, que realizava, assim, seu grande sonho e seu maior desejo.

Finalmente, os Pojichás estavam em Itambacuri.

A vasta região do Mucuri estava agora livre de incursões, massacres e depredações; podia a pacífica população cuidar dos seus trabalhos sem temores. (8)

No Aldeamento do Itambacuri os Pojichás foram providos de instrumentos e ferramentas. Frei Serafim achou prudente levá-los para o lugar já preparado a 2 quilómetros de Itambacuri, na direção sul, onde eles podiam entregar-se à pesca, à caça e ao trabalho, por ser aquele lugar rico de águas e fertilíssimo.

Outras razões aconselhavam essa medida: — A permanência dessa tribo bastante numerosa, dentro do Aldeamento, ainda não liberta dos seus péssimos costumes, certamente perturbaria a vida moral já reinante no seio da família, que formava a população nacional e indígena de Itambacuri. Para prevenir e evitar êsses e outros perigos, Frei Serafim instalou os Pojichás no lugar chamado

(8) Rel. e Of. — Vol. III, pag. 7

Santo Antônio, onde não lhes faltaria assistência, pois êle e seu companheiro estariam presentes, todos os dias, para animá-los, aconselhá-los e corrigi-los. — As meninas e os meninos ficaram, de combinação com os pais, entregues aos Padres Missionários, que os reuniram em sua própria residência, sendo que as meninas recolhidas em casa especialmente preparada, foram confiadas aos cuidados de uma senhora mestiça, professora, educada e instruída pelos missionários.

A saída dos Pojichás do Aldeamento de Itambacuri para o sítio de Santo Antônio provou o acerto da medida, porque foi um alívio para todos os moradores do arraial. Apesar do respeito e prestígio que Frei Serafim desfrutava entre os Pojichás, pela maneira bondosa e prudente com que os tratava, não lhe era possível, sem grande trabalho e tempo, torná-los mansos como colegiais.

No novo sítio, índios e civilizados entregaram-se ao trabalho sob a vigilante direção dos Missionários que, com exemplo e com a palavra, eram a alma de todo aquele intenso movimento que se expandia e prosperava cada dia mais.

Notável e consoladora revelou-se a adaptação dos Pojichás à nova vida e os frutos colhidos pelos missionários em pouco tempo, faziam-lhes esquecer os sacrifícios. Em breve, rarearam os casos, tão comuns entre eles, de poligamia, e não mais se davam, nos passeios e caçadas, que em comum realizavam de vez em quando, com licença do Diretor, as cenas de selvageria e crueldade, pelas quais se tornaram mais que conhecidos e apelidados o “terror do Vale do Mucuri”.

No tempo apropriado, guiados por Frei Ângelo e Frei Serafim, eles, dóceis e obedientes, trabalhavam tanto quanto lhes era possível nos roçados e preparo do terreno. Aumentando sempre mais o numero dos braços para a la-

voura, Frei Serafim sentiu a necessidade de abrir novos caminhos para o sul e a 28 quilómetros do Aldeamento principal, fincou o marco de uma nova Capela, que dedicou aos Santos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, por ter sido inaugurada no dia 29 de Junho de 1890. — Essa Capela, Igreja Nova, de pequenas dimensões então, ficou colocada sôbre um outeiro, que domina fértil várzea banhada pelo Itambacuri e onde recebe as águas do ribeirão S. João. Nêsse mesmo ano abriu outro caminho, a oeste do Aldeamento, distante uns 30 quilómetros, em lugar ameno e saudável, banhado pelas águas de Santa Izabel e aí fundou outra capela, dedicada a Santa Isabel e a São Luiz Rei de França, padroeiros da Ordem Terceira Franciscana.

O Aldeamento de Itambacuri, devido à assombrosa e multiforme atividade dos seus fundadores, atingiu, nêssa época, a um gráu notabilíssimo de prosperida moral e material.

O horizonte, porém, não estava ainda limpo de nuvens ameaçadoras... Lá, ao longe, se desenhavam os primeiros indícios do furacão...

CAPÍTULO XIII

OS INIMIGOS PLEITEIAM A EMANCIPAÇÃO DO ALDEAMENTO (1888)

I. Período áureo do Aldeamento — II. A cubiça e a liberdade de comércio — III. Mesquinha vingança: emancipação do Aldeamento — IV. Um cavalheiro da boa causa — V. Vozes amigas: — Justiça!

I — Pode afirmar-se que, pelo ano de 1888, o Aldeamento de Itambacuri tinha atingido a seu período áureo.

Vencidas as maiores e mais difíceis provações, aldeados e quase civilizados os índios das diversas tribus que viviam já amistosamente em comunhão de esforços com centenas de lavradores pobres atraídos pela boa ordem reinante no Aldeamento e pela fertilidade prodigiosa das terras, o povoado de Itambacuri aumentava dia a dia, desfrutando merecido bem-estar.

Frei Serafim, em carta de 15 de Março de 1887, dirigindo-se ao Exmo. Prelado Diocesano, comunicava-lhe que se achava no Aldeamento, um milheiro de índios. (1)

No relatório semestral de 30 de Junho do mesmo ano, informava ao Diretor Geral “que mais de 1000 índios, restos da tribo Aimorés, que até pouco tempo, levavam o terror longe, viviam no Aldeamento, completamente mudados.

(1) Rel. e Of. Vol. pag. 13

(2) Rel. e Of. *Ibidem*

(3) *Ibidem*.

Os jovens, principalmente, tinham perdido os maus hábitos aplicando-se *sofriavelmente* à lavoura e à pequena indústria de Algodão, contando-se já, entre eles, alguns bons obreiros." (2)

O desenvolvimento agrícola, já considerável, estava em franco progresso, tomando maior impulso. (3)

Em dezembro do mesmo ano, em outro relatório, além de confirmar as informações anteriores, assinalava o Rycmo. Diretor, que um número cada vez maior de mestiços e de lavradores civilizados se uniam aos índios pelo vínculo do matrimônio, formando uma pacífica população, que vivia espalhada pela floresta desde as margens das cabeceiras do rio S. Mateus até as do Rio Doce, e diante dos boatos correntes desaconselhava a demarcação de terras por ser prematura e desaminar os atuais proprietários que, à custa de enormes sacrifícios, as tinham desbravado.

* * *

II — Sob a esclarecida direção de Frei Serafim, a ordem e a disciplina no Aldeamento eram irrepreensivelmente mantidas. As medidas preventivas garantiam o bom andamento de toda a engrenagem, não se verificando em todo o tempo nenhuma rixa, ou crime de morte.

Frei Serafim, aconselhado pela experiência, entre outras medidas, proibiu a venda e uso de bebidas alcoólicas em todo o Aldeamento (4). As trocas comerciais, dentro do Aldeamento, eram de certo modo controladas pelos diretores, afim de evitar fáceis explorações e abusos. Tanto o índio como o pequeno lavrador civilizado podia, por qualquer indivíduo de pouca consciência, ser facilmente levado a ceder o fruto do seu trabalho, suas terras e sua casa

(4) Teófilo Otoni, que foi um grande amigo dos selvícolas e exemplo de catequizador, não consentia o uso do álcool, reprimindo severamente todas as transgressões — Fr. Angelo — Man. cit.

ou palhoça por qualquer quantia ou alguns litros de “cachaça”.

Daí a necessidade de uma vigilante assistência da parte dos diretores, que, a bem da comunidade, da justiça e boa ordem, não consentiam que qualquer cidadão se estabelecesse no Aldeamento para explorar qualquer ramo de negócio, sem que antes apresentasse credenciais bastantes.

Havia, sem dúvida, sérios motivos para não ser permitido o livre comércio numa população em formação e composta de gente simples como crianças, fáceis de ser enganadas e exploradas.

* * *

III — Em meiado de março de 1888, um cavalheiro da vizinha cidade de Teófilo Otoni, dirigiu-se ao Aldeamento de Itambacuri, afim de ali se estabelecer e abrir casa comercial.

Frei Serafim, a quem cabia toda a responsabilidade do bom andamento e direção do Aldeamento, não quis aceitá-lo e é de crer que, para tomar uma tal decisão, devia ter suas boas razões.

O negociante, que era sogro de influente político, vereador da Câmara Municipal de Teófilo Otoni, servindo-se de toda a sua influência política, abriu forte campanha contra o Aldeamento de Itambacuri e seus Diretores.

Em sessão ordinária de 16 de Abril de 1888, presidida pelo Snr. Dias Ladeira, foi apresentado um requerimento pedindo que *“a Câmara officiasse à Presidencia da Província e para, por seu intermédio, obter da Assembléa Provincial a Emancipação do Aldeamento de Itambacuri; e igualmente à Assembléa Provincial no mesmo sentido; transferindo esta, digo, a séde da Catequese para a Saudade ou Canabrava, único lugar que, frequentemente, assaltam os índios; e terreno onde habitam a tribu pojichá. Em*

discussão foi aprovado, tendo votado contra o Sr. Presidente; e os mais a favor”.

O golpe, sem dúvida, era vibrado por mão de mestre. Se a medida vingasse, certamente os missionários seriam afastados de Itambacuri, que ficaria como campo livre para exploração e seria o aniquilamento da catequese e a destruição, em pouco tempo, do trabalho de 15 anos, de inauditos sacrifícios, voltando os índios às florestas.

O fato era grave e de consequências incalculáveis.

Diante desta mesquinha vingança, Frei Serafim, sem perda de tempo, informou ao Diretor Geral dos Índios, em Ouro Preto, Brigadeiro Manoel de Paula Ferreira, nos seguintes termos:

“Ilmo e Exmo. Senhor”

Recebemos, neste momento, em particular, a grave, desagradável e muito prejudicial notícia de que a Câmara Municipal de Filadélfia, na cidade de Teófilo Otoni, está exarando a proposta a ser enviada à Exma. Presidência da Província de Minas em Ouro Preto da emancipação deste Aldeamento Central de Índios do Itambacuri.

É, portanto, de nossa obrigação prevenir ao Exmo. Governo e pedir-lhe submissamente que a impeça por ser *prematura*, podendo aqui causar perturbações e a dispersão geral dos numerosos índios e dos civilizados com eles aliados com imenso prejuízo do país visto como este estabelecimento está fundado e colocado em território neutro com vertentes próprias e só sujeito ao Governo, estendendo-se cada vez mais pelas florestas virgens e que, agora, pelo favor e auxílio do mesmo Governo, começa a se desenvolver de modo extraordinário. A razão pela qual é continuamente hostilizado e contrariado é a

certeza do seu esplêndido futuro que, desde já, se entrevê. Agora deu motivo à sobredita proposta de emancipação a simples circunstância de que a direção do Aldeamento não quis proteger um mui seguro Regatão, o qual, parece aspirava tirar a si e fazer próprio todo o lucro e interesse material do mesmo aldeamento.

Deus Guarde V. Ex.^a por largos anos.

Ass. *Frei Serafim de Gorizia*, Diretor.

Frei Ângelo de Sassoferrato — Vice-Diretor.

Esta comunicação foi feita, ao mesmo tempo, pelos mesmos sinatários, ao Ministro dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas no Rio de Janeiro. (5)

* * *

IV — Ocupava nessa época o cargo de Diretor da 3.^a Circunscrição de Índios na Cidade de Teófilo Otoni, o Snr. Antônio Onofre, homem inteligente, ao qual não faltava nem a coragem nem o sentimento de justiça e, sobretudo, a honestidade a toda prova nos cargos que lhe eram confiados.

Na história de Itambacuri ele se apresenta, nesta ocasião, como o cavalheiro da bôa causa, e defensor intrépido do Aldeamento e dos seus diretores, cujos sinceros propósitos e altos ideais conhecia.

Antônio Onofre era italiano de origem, e, no dizer de G. Ferreira (6), era "homem inteligente que se impusera à consideração pública". Com o advento republicano, e consequente desaparecimento dos partidos imperiais, passou a dirigir a política do município, até o dia em que passou às mãos do Dr. Epaminondaç Otoni.

(5) Rel. e Of. Vol. II — pag. 17

(6) *Bandeirante Moderno* — G. Ferreira pag. 163

Antônio Onofre é um nome que jamais devia ser esquecido pelos habitantes de Itambacuri. — Foi ele, em todos os tempos, defensor dos interesses do Aldeamento, que sustentou mais de uma vez com a pena em corajosas polémicas pela imprensa e, com as armas em punho, foi dos primeiros a correr em socorro do Aldeamento, ameaçado de destruição pela inesperada revolta dos índios.

Quando a seca, assolando vastas regiões do Brasil, e particularmente o Norte de Minas, chegou a fazer sentir suas terríveis garras nas carnes dos habitantes de Itambacuri, Antônio Onofre, que fazia parte da Intendência Municipal, levantou a voz, apelando para o Governo Central, afim de aliviar os sofrimentos da população. — Antônio Onofre, através da copiosa documentação que temos sob os olhos, revelou-se um grande benemérito de Itambacuri, e seu nome deve ser lembrado para sempre.

Diante do perigo, que ameaçava destruir o Aldeamento com um golpe de baixa vingança, o Diretor da 3.^a Circunscrição, Antônio Onofre, compreendeu ser aquele o momento em que se decidia o futuro de Itambacuri. Sem medir sacrifícios, entrou decididamente na luta, tomando a seu cargo a defesa desassombrada do Aldeamento e dos seus Diretores. Em enérgicos officios, dirigidos ao Diretor Geral dos Índios em Ouro Preto, ao Ministro da Agricultura e ao Presidente da Província, expõe com clareza os fatos, põe em relevo o zelo inegualável, a indefessa operosidade, a honestidade a toda prova e a obra admirável dos venerandos Missionários, desmascarando a perfídia dos rancorosos inimigos de Itambacuri.

Aísim escreve ao Diretor Geral:

Diretoria da 3.^a Circunscrição dos Índios, na Cidade de Teófilo Otoni, em 18 de Abril de 1888.

Ilmo. e Exmo. Senhor.

Tendo o vereador da Câmara Municipal desta Cidade, Próspero Punaro Barata, em seção ordinária da mesma Câmara de 10 do corrente, requerido que a corporação oficiasse ao Exmo. Presidente da Província, para que o mesmo Senhor obtenha da Assembléa Provincial a emancipação do Aldeamento de N. S. dos Anjos de Itambacuri e a transferênciã da séde da catequese para o lugar denominado Saudade ou para a Cana Brava, localidade distante desta cidade 30 quilometros, e tendo sido esta proposta aceita por maioria de votos, na qualidade de Diretor da 3.^a Circunscrição de índios, com séde nesta Cidade, *cumpro-me, desde já, protestar energicamente contra semelhante medida*, que consigo acarretaria, para esta zona e seus habitantes, incalculáveis males.

O Estabelecimento de Itambacuri, como por certo V. Ex.^a não ignora, dirigido com isenção de carater, desinterêsse e atividade inteligente pelo venerando Frei Serafim de Gorizia, tem atingido, do que estou convencido, o primeiro lugar na Província, entre os Estabelecimentos congêneres.

Agremiação de numerosos indígenas, grande colonização de brasileiros pobres, a fundação de uma linda e vasta Igreja, educação de menores de ambos os sexos, o ensino dos officios de pedreiro, carpinteiro, etc... a diversos índios adultos, e, finalmente o núcleo de uma grande população, aí estão patentes, para atestarem a necessidade da conservação dêsse estabelecimento, e até para lhe serem ampliados os poucos recursos, que lhe tem sido dispensados nos últimos anos.

Interêsses particulares, que aqui é ocioso enumerar, pois o meu fim é o bem público e não mesquinhos

interesses de campanário, têm feito com que já, em diversas épocas, tenham tentado emancipar aquele estabelecimento, em benefício de influências políticas locais e deverão existir documentos no arquivo dessa Diretoria Geral em anos já decorridos.

É preciso fazer ver a V. Ex.^a que além da conveniência que há sempre em conservar o que se acha criado, prestando úteis serviços, a emancipação do Aldeamento de Itambacuri importaria não só a delapidação e o estrago, do que ali se tem feito com grande soma de capital e trabalho, mas que, novamente, faria com que se retirassem para as selvas grande número de índios mais civilizados, que mais nocivos serão á população do que aqueles que ainda se conservam no interior da mata em estado de completa selvageria.

Rogo, portanto, V. Ex.^a se sirva das providências mais urgentes, para que a Ilma. Câmara Municipal desta Cidade não consiga o fim que deseja, tendo esta Diretoria, hoje mesmo, oficiado aos Exmos. Snr. Ministro da Agricultura e ao Presidente da Província. (7)

Deus Guarde a V. Ex.^a.

Ilmo. e Exmo. Snr. Diretor Geral dos Índios da Província de Minas Geraes — Ouro Preto.

Ass. — Antônio Onofre.

* * *

V — O "*Liberal Mineiro*", no mês de Agosto do mesmo ano, publicou um artigo assinado pelo Snr. Antônio Vieira Ottoni, atacando violentamente a catequese e, particularmen-

te, atirando-se contra o venerando Diretor do Aldeamento de Itambacuri.

O benemérito Snr. Antônio Onofre dirige, então, uma carta circular aos mais distintos personagens, representantes de todas as classes e de maior responsabilidade, pedindo que na própria fé de ofício, para os funcionários, certificassem e informassem sôbre o procedimento de Frei Serafim, Diretor do Aldeamento de Itambacuri, relativamente à catequese dos índios do município.

Os interpelados foram: T^e José Bento Dias Ladeira, presidente da Camara Municipal de Teófilo Otoni; Frederico Rausck, delegado de Polícia; Major Manoel Dantas de Carvalho, Juiz Municipal em exercício na cidade de T. Otoni; Dr. José Carlos Gomes da Silva, médico; T^e Cel^l Ignácio Celestino da Motta; Cap. Martiniano Pereira, já Delegado de Polícia; T^e Francisco de Assis Frois, 1.^o Tabelião; e Snr. Antônio Soares da Costa, ex-Juiz Municipal.

Todos êsses senhores, representando a população da Cidade e Município, respondem com os mais altos encômios e tecendo a Frei Serafim hinos de louvores e dão testemunho público de apoio e de alta estima.

Transcrevemos aqui as palavras dessas testemunhas:

Ilmo. Snr. Antônio Onofre

Respondendo ao pedido de V. S. de data de hoje para, no carater de autoridade, dizer qual tem sido o procedimento de Frei Serafim de Gorizia relativamente à catequese dos índios do Mucuri, deste município, e se o dito Aldeamento presta ou não úteis serviços a este zona, sob a direção do seu Diretor, cumpre dizer que o Revmo. Padre Mestre Frei Serafim é um verdadeiro Apóstolo de Cristo, já se prestando a cumprir os seus deveres para o bom desempenho da honrosa missão de que o encarregou o Governo, não só cha-

mando os índios por meios dóceis ao grémio da civilização, ensinando-lhes os primeiros rudimentos e a conhecer a nossa Religião Católica, como, igualmente, presta valiosos serviços a todo e qualquer cristão, que dele precisa, sem outro fim, a não ser o de fazer caridade a seu semelhante.

Finalmente, sei, no carater de autoridade, que o Aldeamento de Itambacuri deve orgulhar-se em ter à sua frente um sacerdote que tem sabido empregar tão bom tino administrativo, que durante tantos anos da sua fundação não se deu no Aldeamento assassinato algum e nem mesmo queixa de tentativa, o que comprova que a boa paz que aí existe é devida ao seu respeitável Diretor.

Pode V. S. dar o destino que entender a esta minha resposta.

Deus guarde a V. S.

(Ass.) *O Juiz Municipal em exercício*
Manoel Dantas de Carvalho

10 de agosto 1888

Outra resposta interessantíssima é a do Snr. Ignácio Celestino da Mota. Documento impressionante pela sinceridade e autoridade com que versa o assunto. Fala com certa solenidade e, no fim de sua longa resposta, toma atitudes proféticas. Sua profecia é hoje bela realidade e, se no momento presente Itambacuri não é, como ele vaticinou “a mais importante cidade de Minas”, é, na verdade, “uma importante cidade do Estado Mineiro”.

Transcrevemos na íntegra o importante documento:

Ilmo. Snr. Ten. Cor^{el} Antônio Onofre

Respondendo à carta de V. S. tenho a dizer-lhe, em relação ao procedimento do Revdo Padre Mestre

Fr. Serafim de Gorizia, Diretor do Aldeamento do Itambacuri, que sempre foi digno dos maiores encômios e considerações. Julgo, que apesar da deficiência de meios e de auxílio que ao mesmo Diretor tem sido fornecido pelo Governo, a catequese dos índios muito se tem adiantado em relação à educação moral e ao desenvolvimento do ensino da lavoura.

Pelos esforços do mesmo Diretor, existe um colégio de educandas funcionando em prédio próprio e com um crescido número de alunas, existindo, também, uma outra aula do sexo masculino, e funcionando com muita regularidade, e em prédio próprio, muito vasto e de sólida construção. Todos os meios tem empregado o Revmo Frei Serafim para chamar ao grémio da civilização os inconciliáveis e terríveis índios da tribo Pojichá, e, com risco da própria vida, conseguiu trazê-los mais de uma vez em visita ao Aldeamento, resultando da última tentativa a morte de alguns índios intérpretes e de suas mulheres e de alguns brasileiros civilizados, que vinham em sua companhia. Só à perseverança e vontade de ferro de um homem como Frei Serafim deve-se a povoação das espessas matas do Itambacuri e de seu cultivo, já chamando por meio da catequese índios que se achavam sem educação, dispersos em vários pontos do Município, e chamando e animando a colonos nacionais para habitarem as férteis regiões do Itambacuri, e tem conseguido obter colonos em grande número e prosperando a pequena lavoura, que é de mais vantagens para o Estado.

Durante minha direção, no curso de oito anos, e na minha viagem última ali feita, observei os incansáveis esforços empregados por aquele Reverendo Sacerdote e seu companheiro o Rev. Frei Ângelo de Sassoferrato na direção do ensino das escolas, testemu-

nhando, individualmente, a população ao trabalho, e empregando os meios de que pode dispor para aquisição de famílias indígenas e nacionais, que vinham aumentar o número da população daquela localidade. Com dádivas de casas, utensílios de lavouras, mesmo alimentação a famílias recém-chegadas e a doentes, tem o Revmo. Director dispendido os seus próprios recursos. Tão sabiamente tem sido dirigido aquele Aldeamento, que, até o presente, não tem havido um só caso em que tenha sido preciso a intervenção da justiça criminal, e isto por espaço de 15 anos, o que é muito de se notar, atendendo ao grande número de habitantes. Julgo, portanto, que é de utilidade o povoamento daquele Aldeamento, e muito lucrará o Município e o Estado; mas desde a minha administração sempre reclamei do Governo Imperial o aumento de verba para o referido Aldeamento, para dar ao mesmo maior impulso, porque o Itambacuri, graças ao seu sábio administrador, Revmo. Frei Serafim, *ESTA TAIHADO PARA SER A MAIS IMPORTANTE CIDADE DA PROVÍNCIA DE MINAS*, e isto posso afiançar, sem medo de errar, e V. S., que é muito moço, um dia dirá que a minha profecia se realizou, mas para chegar o Itambacuri a esse ponto, precisa que V. S. apresente aos poderes públicos competentes, pedindo maiores auxílios para o Aldeamento, e que *ponham quarentenas nas intrigas que por inveja formigam contra tão florescente Aldeamento.*

Pode V. S. fazer do exposto o que lhe convier.
Amigo Obrigado e criado.

(Ass.) *Ignácio Celestino da Mota.*"

A franca resposta do bom Snr. Ignácio C. Mota é um desses documentos que fazem pensar. A obra titânica dos

missionários não era tão microscópica que não dêsse nas vistas de todos, como verificamos pelo testemunho eloquente dêsses cavaleiros da verdade, mas a paixão partidária, a inveja que o Sr. Mota aconselhava pôr em quarentena não descansavam em tecer intrigas e trabalhar contra uma obra digna sob todos os aspetos da mais decidida proteção, quer dos poderes públicos como dos particulares, ajudando-a com a sua simpatia. Escrevendo este comentário ao expressivo testemunho do Snr. Mota, eu penso o bem que deve ter feito a Frei Serafim essa voz justa e amiga.

O Senhor Martiniano Ferreira Guedes junta seu depoimento e o faz com pleno conhecimento das coisas e dos homens, pois ocupou o cargo de Delegado de Polícia, exatamente quando se deu o covarde massacre dos "línguas" executado pelos Pojichás: Diz êle:

Ilmo. Snr. Tenente Coronel Antônio Onofre

Respondo aos quesitos por V. S. formulados em sua carta pela fôrma seguinte: 'Durante o exercício do cargo de Delegado de Polícia deste termo, isto é: de Junho de 1884 a Julho de 1885, tive ciência de ter o Rev.^{do} Frei Serafim estabelecido os índios Pojichás em um novo Aldeamento denominado Santo Antonio, não tendo conseguido ali fixá-los, por terem eles assassinado dez mestiços e índios, que o dito Diretor havia empregado como intérpretes.

Por esta ocasião, mandei proceder o auto de corpo de delito pelo sub-delegado Justiniano Vieira da Costa, que, em sua volta, me informou de que o próprio Rev.^{do} Frei Ângelo teria sido vítima daqueles canibais se, no intuito de atrair alguns que devastavam a colônia S. Mateus, não tivesse tomado rumo diverso; o que tudo levei ao conhecimento do Chefe de Polícia — Quanto à utilidade do Aldeamento, é ela notória como

catequese de índios, (ainda não visitei aquele estabelecimento e núcleo colonial de primeira ordem), pois para ali afluem, anualmente, muitas famílias de agricultores, atraídos pela ordem e bem-estar que mantém o Diretor.

Os autos de corpo de delito pelo sub-delegado Justiniano foram os únicos que tiveram lugar durante o meu exercício; e mesmo até hoje me consta.

Pode fazer V. S. de minha resposta o uso que lhe convier.

Com o mais subido apreço sou
De V. S. Amigo Obrigado

Teófilo Otoni — 12 de Agosto 1888

(Ass.) *Martiniano Ferreira Guedes.*

O Dr. José Gomes da Silva, Médico e Vereador da Câmara Municipal de Teófilo Otoni, se não militasse na política, teria, sem dúvida, dito alguma coisa mais; todavia o que ele afirma é, por isso mesmo, de grande valor:

“Cabe-me dizer, quanto à 1.^a parte do seu ofício, que formo de Frei Serafim de Gorizia o mais lisongeiro juízo que se pode fazer a Sacerdote Católico; e quanto à 2.^a parte, com quanto ainda não visitasse o Itambacuri, por informações de quase toda a população de Teófilo Otoni, sei que o mesmo Sacerdote é um Diretor Modelo, privando-se de toda comodidade para o bom desempenho de emprego a seu cargo”.

O tabelião Francisco d'Assis Fróes, por sua vez responde em poucas palavras, afirmando:

“a bem da verdade, que o Reverendo Frei Serafim de Gorizia, na qualidade de Diretor do Itambacuri,

tem cumprido escrupulosamente o seu dever, levando o zelo ao ponto de sacrificar a própria vida no intento de catequizar a tribu Pojichás e outras; com que tem prestado relevantísimos serviços ao Mucuri”.

O Snr. Frederico Rausck, delegado de Polícia, assim depõe perante a opinião pública:

“A respeito do procedimento do Revmo. Frei Serafim de Gorizia, relativamente à catequese dos Índios, tenho a responder-lhe que o procedimento do mesmo é ótimo e os serviços que o Aldeamento do Itambacuri presta à população do Mucuri, são muito úteis”.

O Snr. José Bento Dias Ladeira declara:

“que depois que tomei conhecimento com o Snr. Fr. Serafim de Gorizia, tenho observado o bom procedimento na pessoa do mesmo, desempenhando seus deveres com a maior pontualidade; sendo muito útil ao nosso Mucuri”. (8)

O atentado contra o Aldeamento do Itambacuri, que os inimigos queriam emancipar por miserável vingança e baixos interesses, não se consumou, graças às vozes do bom senso e da justiça e o sereno julgamento do Governo.

E a borrasca passou...

No Aldeamento, índios e nacionais, sob a vigilante direção dos zelosos Missionários, continuaram no seu trabalho quotidiano, vivendo e prosperando sob a bênção de Deus.

Mas os inimigos não se desarmaram...

(8) Rel. e Of. — Vol. II

CAPÍTULO XIV

ESTRADAS

- I. Expedições Martim Carvalho, Spinoza Navarro.
II. As primeiras estradas. — III. Estrada Stambacuri — Teófilo Otoni. — IV. Frei Serafim — engenheiro? — V. Estrada Stambacuri — Figueira.

I — Desde o ano de 1538 “entravam portuguezes de Porto Seguro pela terra a dentro”, afirma Francisco Lobo Leite Pereira (1). Os caminhos por eles abertos eram chamados “*caminho dos índios*”. Por essas vias penetraram mais tarde (1550-1554) as expedições Spinoza-Navarro e Martim Carvalho, à procura da “Serra das Esmeraldas” ou a “Serra Resprandente”, “Sol da Terra”, “El Dourado”, cuja fama aguçara cubiças.

Parece quasi certo (2) que a expedição Spinoza-Navarro percorreu grande parte do Mucuri e dos atuais municípios de T. Otoni e Itambacuri, pois, no dizer do P. João Aspiciuelta Navarro, andaram os expedicionistas “por serras mui fragosas que não tem conta”. “Mais de três meses fomos por terras mui húmidas e frias por causa das muitas árvores mui grossas e altas de folhas que sempre estão verdes.”

(1) Descobrimento e Devassamento do Território de Minas Gerais — Revista do Arq. Bibl. Min. Ano VII. p. 549

(2) Fr. Samuel Tetteroo — O Munic. de T. O. p. 5

A expedição Spinoza não foi feliz. “Descobriram os soldados não os haveres que buscavam”, diz o Padre Vasconcelos, na sua crônica da Companhia de Jesus no Brasil.

Os frutos, porém colhidos pelo P. Navarro foram copiosos; porque arrebanhou grande número de índios para os aldeamentos da Companhia de Jesús, em Porto Seguro. Spinoza foi, portanto, o primeiro conquistador, que passou em nossa terra e o P. Navarro o primeiro apóstolo que nela proclamou a nossa religião. (3)

Martim Carvalho penetrou em território do Itambacuri e consta ter atingido o rio São Mateus (antigo Cricaré), não tendo ido além por causa das hostilidades dos índios.

Outras expedições se seguiram, a de Sebastião Fernandes Tourinho, em 1573; a de Antônio Dias Adorno, em 1580; e, finalmente, a do Caçador de Esmeraldas, Fernão Dias Paes Leme. Este explorou todo o norte de Minas Gerais, encontrando, afinal, uma mina de turmalinas de um verde lindíssimo e que cuidou fossem as cubiçadas esmeraldas, proximo à lagôa Vapabussú ou lagôa da Agua Preta, no município de Itambacuri. (4)

* * *

II — As estradas, porém, mais ou menos dignas dêsse nome, começaram a ser rasgadas em princípio do século XIX. Em 1811, os moradores de S. José do Porto Alegre, na foz do Mucuri, por intermédio do Cap. Mor Joaquim José da Fonseca, conseguiram que os bandeirantes abrissem um caminho direto ao Atlântico, tendo eles também coadjuvado, começando-o pelo litoral.

O C^{el} Bento Lourenço Vaz de Abreu Lima, partindo de Minas Novas, entrou pela mata na direção da Vila de

(3) D. Vasconcelos — H. Ant. de M. G. p. 12

(4) God. Ferreira. — Os Bandeirantes Modernos

S. Mateus, que pretendia atingir, saindo, porém, próximo à Vila de S. José do P. A. (5)

Este involuntário incidente despertou a atenção dos moradores de S. Mateus, que, enchendo-se de entusiasmo, o ajudaram, abrindo uma picada que subia pela margem esquerda do Mucuri até a confluência do Rio Preto.

O ministro de D. João VI, Conde da Barca, deu a essa iniciativa decidido apôio, mandando fundar, por seu agente em Caravelas, o Corregedor José Marcelino da Cunha, uma serraria e uma fazenda na margem do Mucuri, a 72 quilômetros acima de S. José do P. A., no lugar denominado "Morro da Arára".

Terminados os trabalhos, o Cel. Bento foi ao Rio, onde obteve a fundação de um quartel com força de linha para a defesa dos colonos contra ataques dos selvagens.

A fama dos fabulosos tesouros cubiçados, impeliu Francisco Teixeira Guedes, em 1820, a procurar a "Serra das Ametistas". Partiu de Minas Novas com 29 homens livres, 18 escravos e 5 animais de carga. No Mucuri, sua marcha foi obstada pelos índios da tribo Nacknenuks que lhe mata-ram um "língua", não conseguindo, porém, atingir a dese-jada "Serra das Ametistas". (6)

A exploração mineralógica na margem de Todos os Santos, que, em 1831, foi promovida pelo governador da Província de Minas, Desembargador Manoel Ignácio Melo e Sousa em seu início.

O Desembargador Antônio Costa Pinto, que governava a Prov. de Minas em 1834, prestou um grande serviço à região do *Nordeste* comissionando ao engenheiro Pedro Victor Renault, que, vencendo obstáculos sem conta, explorou longamente a vasta região, destruindo lendas e fornecendo dados científicos de grande utilidade.

(5) Tetteroo, p. 7 — Porto Ottoni Reinaldo — Notas históricas do município de Teófilo Ottoni — Tipogr. S. Francisco — 1928 — Teof. Ottoni.

(6) Tetteroo — obr. cit.

Apesar de tantas iniciativas e ousadas marchas, continuou a região do Mucuri despovoada e sem linhas de comunicação. Até o meado do século XIX, a única via de comunicação entre o Nordeste de Minas Gerais e o Rio de Janeiro era a estrada que tinha resultado da picada aberta em 1723 pelo Governo Colonial de Minas Novas à Vila Rica (Ouro Preto) e ao Ribeirão do Carmo (Mariana). (7)

É justo reconhecer, porém, que os governadores, que se sucederam em a Prov. de Minas, não se descuidavam e até olhavam com interesse o norte do Estado. Em 1843, e no ano seguinte, o Presidente de Minas expediu ao Cel. Honório Otoni, diretor dos índios da Comarca do Jequitinhonha, instruções de interesse para toda a região.

Na falta da Assembléia em 1847, o Snr. Quintiliano José da Silva anunciou que o Gov. Imperial lhe tinha posto à disposição o Missionário Cap. Frei Domingos de Casale, incumbido da Catequese dos índios da Comarca de Jequitinhonha, para fundar-se na barra de Todos os Santos uma colônia indígena.

Raiou para o Nordeste de Minas uma época de real progresso, quando Teófilo Otoni, após estudos, aproveitando-se das iniciativas e experiência passada, fundou a "Companhia de Com. e Navegação do Rio Mucuri", instalada em 1851.

Teófilo Otoni conseguiu, em breve, ligar S. Clara a Filadélfia e, em 1857, deu-se a solene inauguração com grandes festas, iniciando-se, então, o trânsito com carros de 4 rodas puchados por bois e burros, conduzindo sem interrupção, de S. Clara a Filadélfia, mercadoria importada do Rio de Janeiro. (8)

(7) *Ibidem*

(8) G. Ferreira — Band. Modernos, pag. 35

Outras iniciativas surgiram devidas ao talento, coragem e patriotismo de T. Otoni. Entre elas, a que pretendia ligar Filadélfia ao Serro e Santa Clara a São Mateus.

Mais tarde, a Empresa Baía-Minas pretendeu melhorar também as comunicações entre T. Otoni e Serro, passando por Peçanha, S. Benedito e pelas vertentes dos ribeirões da Liberdade e Potão e pelos rios São Mateus e Itambacuri, de onde passava por Naret, Pagão, Urupuca e Poaia. Essa estrada tinha sido aberta por Frei Serafim em 1881 e é conhecida, hoje, como estrada da cidade à cochoeira de S. Mateus.

Este rapido esboço histórico das estradas, desbravamento e tentativas de povoar o norte de Minas, ajuda ao leitor a formar uma idéia exata do estado em que se encontrava a região do Itambacuri e do empenho de Frei Serafim em abrir estradas, picadas, e clamar sem descanso pela abertura de novas estradas e linhas de comunicação.

* * *

III — No relatório apresentado por Frei Serafim ao Brigadeiro José Januário de Cerqueira, Diretor Geral dos índios em Ouro Preto, a 8 de Janeiro de 1887, depois de demonstrar como grande número de lavradores pobres e alguns índios mansos tinham, sob a direção dos padres, conquistado à mata grande extensão de terra para a cultura, criando para o país nova fonte de prosperidade em terras fertilíssimas, pediu que o governo olhasse para aquela zona *construindo estradas*.

“É notório o desenvolvimento agrícola que gradualmente vai transformando as matas virgens em terras cultivadas, que formarão a riqueza do país quando passar por esta zona a via férrea ou se construir, na existente vereda, que vai do Itambacuri à

cidade de Teófilo Otoni, uma boa estrada de rodagem, que dê fácil saída aos produtos deste Estabelecimento e lugares adjacentes, onde centenas de pequenos lavradores vivem dispersos dentro da floresta virgem, agüentando mil privações.

“Dita estrada de rodagem, além de ser de utilidade pública, trará muitas e grandes vantagens para o Aldeamento e moradores da vizinhança de pouco aqui estabelecidos, forçados como são agora a comunicar com Itambacuri através de escabrosas picadas.

“Os diretores se encarregam de efetuá-la com absoluta diligência, rapidez e solidez, mediante o pequeno auxílio extraordinário de três contos de réis”.

“É, certamente, mui módica essa quantia à vista do serviço a ser executado dentro da mata espessa e bruta (30 quilómetros a 100 mil réis), incluindo compra de ferramentas e víveres, enxadas, foices, machados, etc. de que os índios precisam também para a lavoura.

“Auxiliando o Governo convenientemente, esta catequese colocar-se-ia dentro do Itambacuri, perto do edifício que serve às meninas asiladas, para escola, um engenho simples de madeira (não podendo adquirir de ferro) para descascar o algodão que Itambacuri produz e distribuindo rodas de fiar e bons teares para tecer pano ao menos em quantidade necessária para vestir.

O uso do arado será utilíssimo, arrancando, porém, os tocos.

Necessidade de abrir estradas de rodagem em rumo à vereda existente para saída dos produtos, cuja produção não pode aumentar, ficando, aqui, sem preço e sem procura, unicamente por falta de estradas”.

Nêsse mesmo officio faz ver como o custo insignificante agora, 3 contos, não o será no futuro, passando a crise. Então serão necessários 12 contos para fazer o que se pôde fazer já, com três apenas.

Ainda em 8 de Dezembro do mesmo ano, depois de ter informado como a população de nacionais pobres e mestiços, estabelecidos com lavoura tem aumentado consideravelmente, insiste na solução do problema vital, na construção de estrada de rodagem do Aldeamento à cidade de Teófilo Otoni e lembra como "a vereda já aberta para o sudeste, passando o rio Urupuca, carece ser melhorada", pois *o Itambacuri não pode prosperar comunicando com os de fóra, unicamente por escabrosas e perigosas picadas*". (9)

Apesar da confusão e do caos político em que se encontrava o País com a queda da monarquia e o advento da República Federativa, o Governo ouviu a voz de Frei Serafim, pondo à sua disposição parte do dinheiro necessário para o conserto da estrada.

Em Julho de 1891, Frei Serafim deu por terminados os trabalhos que, pela perfeição e técnica com que foram executados, causaram admiração aos entendidos.

Não conseguiu, pela exiguidade da quantia à sua disposição, ultimar as obras. Dirigiu-se, pois, à Intendência Municipal, nestes termos:

"O Exmo. Governador deste Estado pôs à disposição da Diretoria Geral dos Índios a quantia de cinco contos de réis, para ser aplicada nos consertos da estrada que deste Aldeamento vai à cidade de Teófilo Otoni.

"Havendo-se agora mesmo concluído tais consertos em terrenos montuosos e desiguais, feito aterros e cortes relevantes, arrancando inúmeros tocos, raízes e pe-

(9) Relator. e Ofic. cit.

dras em floresta virgem a tal ponto que pode ser considerada como uma bôa estrada de rodagem.

“Não podendo, porém, levar a despesa além da mencionada quantia, permito-me pedir a essa esclarecida Intendência Municipal, afim de promover a prosperidade deste lugar e facilitar o transporte de seus produtos, fazendo com que o Governo do Estado se obtenham mais dois contos de réis para o remate e alargamento necessário da mesma estrada e para o custeio de duas pontes sôbre os rios Itambacuri e de S. Mateus, e de doze boeiros, por onde passem águas de côrregos.

“Confio, pois, na bem conhecida solicitude e patriotismo dessa Intendência Municipal, que há de se pronunciar a favor do pedido auxílio de dois contos de réis a bem da zona de Filadélfia, dignando, entretanto, de remeter ao diretor do Aldeamento um atestado verídico do trabalho realmente executado na dita estrada, para ele receber no Tesouro do Estado a importância acima mencionada, por intermédio da Diretoria Geral dos Índios.

Saude e Fraternidade

(ass.) *Frei Serafim.*”

A Intendência Municipal, por sua vez, conhecedora que era dos esforços e sacrifícios com que Frei Serafim vinha enriquecendo sua heróica vida, e do sincero amor ao Brasil, patente em todos os seus atos, não demorou a dirigir-se ao Presidente do Estado de Minas nestes breves, mas eloquentes termos:

“Paço da Intendência Municipal de Filadélfia —
Cidade de Teófilo Otoni, 30 de Julho de 1891.

Ilustre Cidadão.

“A Intendência Municipal, em sessão ordinária desta data, tem a honra de submeter à vossa esclare-

cida atenção a inclusa cópia do officio que lhe dirigiu o Revmo. Pe. Mestre Frei Serafim de Gorízia, zeloso Director do Aldeamento de Índios do Itambacuri, neste Município.

“Confiada no acrisolado patriotismo que sempre dedicastes a este Estado, esta Intendência espera que atendereis ao pedido que ora vos dirige. Para mais se convencer da verdade do que expõe aquele bene-mérito missionário, que tantos serviços tem prestado a este Município, nos dirigimos àquela localidade e examinamos escriptulosamente os serviços, pelo que vos pedimos, que concedais ao mesmo a quantia de dois contos de réis, por ele solicitada para a perfeita conclusão da estrada, como sejam pontes, boeiros, etc.

“Certos de que prestareis toda a consideração a este nosso pedido vos protestamos desde já nossa imorredoura gratidão. — Accitai nossa confissão de alta estima e distinta consideração, que consagramos à vossa pessoa.

Saude e Fraternidade.

Os presidente:

Joaquim Soares da Costa,

Antônio Onofre,

Francisco Pereira da Fonseca.

A mesma Intendência, após um acurado exame da estrada, assim se pronunciou:

“A Intendência Municipal de Filadélfia, em sessão ordinária, a requerimento do Revmo. Frei Serafim de Gorízia, administrador dos serviços da estrada entre a Cidade do Teófilo Otoni e o Aldeamento de Itambacuri, etc. etc..

“Atesta que a referida estrada, quanto ao movimento de terra e escavações, está bem feita, prestan-

do-se ao trânsito de tropas, faltando o alargamento necessário ao trânsito de carros, e construção de algumas pontes; *o que atesta por pleno conhecimento que tem.* Para garantia do administrador dos serviços mandei passar a presente em que assina.

Teófilo Otoni, 30 de Julho de 1891.

Eu, Augustinho Vieira de Matos, secretário o escrevi.

OS presidentes:

(ass.) *João Soares da Costa*

Antônio Onofre

Francisco Pereira da Fonseca.

* * *

IV — Frei Serafim de Gorizia teve sempre o maior cuidado em esconder os seus méritos. Ninguém jamais lhe ouviu falar de si, do seu brilhante passado, de sua nobre família e dos seus títulos académicos.

Sabe-se d'ele, apenas, o que não podia de modo algum esconder: o seu raro talento, sua cativante bondade, seu espírito franciscano e sua dedicação e amor à vocação sacerdotal.

Mais de uma vez ouvi afirmar, pelos que lhe foram familiares, que Frei Serafim era formado em engenharia. Nos arquivos ao nosso alcance não encontramos prova. Se Frei Serafim não possuía o pergaminho de engenheiro, é certo que lhe não faltavam os conhecimentos técnicos e o saber. As estradas por ele traçadas e construídas, os edificios, a escolha do lugar onde surgiu o Aldeamento, os projetos por ele ideados, revelam, porém, conhecimentos teóricos e práticos não comuns, de abalizado engenheiro, como o afirmaram, mais de uma vez, os competentes, que tiveram o ensejo de tratar com ele e apreciar os seus trabalhos.

O Dr. Lucrécio Augusto Marques Ribeiro, Engenheiro Fiscal da Companhia Brasileira de Salitrais, Terras e Construção, escreveu a Frei Serafim:

“Cabe-me dizer que a Estrada de Filadélfia — Otoni ao Aldeamento de Itambacuri, agora reconstruída por V. Revma. é a melhor que conheço no Norte de Minas. Feitas as pontes, que faltam, e alargadas algumas curvas, tornar-se-á transitável aos carros.

“Aproveito a ocasião para dizer-lhe que não me admira a perfeição dos trabalhos executados, tanto na estrada como no Aldeamento, tudo devido ao vosso tino e atividade e aos habitantes do lugar por minguar-vos, os auxílios do Governo, que talvez desconheça o grau de prosperidade deste Aldeamento.

“Cidade de T. Otoni, 10 de Agosto de 1891”.

O Dr. Epaminondas Esteves Otoni, chefe dos Engenheiros da Colonização entre Filadélfia e Peçanha, que juntamente com os seus companheiros viu e examinou a estrada em 10 de Agosto de 1891, escreveu ao Revmo. Frei Serafim:

“Já tinha manifestado a V. Revma. os meus agradecimentos e admiração pelos relevantes serviços que acaba de nos prestar, tornando a picada do Itambacuri a Teófilo Otoni uma das melhores vias de comunicação desta zona pela regularidade dos declives e rampas, cuja grade parece ser determinada e traçada por engenheiro hábil e pela bôa largura dada a estrada, creio, porém, que ainda falta a esta estrada algum requisito para torná-la viável por carros.

“De Teófilo Otoni às Cachoeiras de S. Benedito, ponto em que haveis chegado com a reconstrução, será preciso ainda alargar a estrada em quase toda a sua

extensão e do Itambacuri a S. Benedito falta a construção de algumas pontes de não pequeno preço além do alargamento de alguns côrtes.

“Seria de grande alcance para o estabelecimento, a que haveis sacrificado toda vossa enérgica atividade e cuja prosperidade haveis assegurado com vosso devotamento desinteressado, que o Governo concedesse uma verba de cinco contos para applicá-la na referida estrada do Itambacuri a T. Otoni em uma perfeita estrada de rodagem. Orça estes serviços em tão exigua quantia porque conheço o vosso poder mágico diante dos moradores do Aldeamento, aos quais haveis convencido da utilidade dessa via de transporte”. (10)

* * *

V — Não foi êssa a única estrada traçada e construída pelo Revmo Frei Serafim. Outra há, cuja importância hoje é imensa: a estrada Figueira (Governador Valadares) — Itambacuri.

Conta mestre Pacó (11) que, no ano de 1866, depois da carnificina feita a 5 “línguas”, 2 mulheres e uma criança, pela numerosa tribo dos Pojichás, foi fundado o povoado de Igreja Nova, a 30 quilómetros do Itambacuri, em direção a Figueira do Rio Doce (hoje Governador Valadares).

“Em 1904, no dia 8, chegou a êsse povoado uma turma de 40 pessoas enviadas pelos Diretores do Aldeamento do Itambacuri, ordem do Governo, afim de abrir uma estrada em direção ao comércio de Figueira.

“Agazalharam-se na casa do professor Domingos Pacó, que, então, ensinava na escola ali fundada pelos Padres, cuja frequência era de 50 meninos. — Em 1905, dia 20 de

(10) Relatórios e Offícios, vol. II

(11) *Man. Cit.*

Junho, ali chegou o Revmo. P. Frei Ângelo de Sassoferrato, vice-Diretor da Colônia, com ordem superior, a fim de retificar a estrada como agora, em linha reta, por não ser aprovada a primeira construída por chefes não aptos, a qual foi retificada pelo Reverendo, até as margens do Rio Sassui, distante desta povoação 81 quilômetros.

“Em 1913 foi reaberta a referida estrada até as margens do dito Rio Sassui pelos Padre Diretores, por ordem do Governo, em estrada de rodagem para trânsito de tropa, boiadeiros e emigrantes, que se acolhem não só do centro de Minas como também de outros estados vizinhos”.

Mestre Domingos Pacó nos dá estas notícias sobre a estrada Itambacuri - Igreja — Figueira e continúa falando do povoado, onde ele ficou ensinando e encerrou sua proveitosa vida em 1935.

Hoje, essa estrada tomou importância extraordinária, pois em quase todo o seu traçado foi aproveitada pela ampla estrada nacional: — Rio-Baía.

Este fáto prova mais uma vez o acerto do traçado primitivo, feito por Frei Serafim, e sua visão ampla do futuro daquela região.

E, sobretudo, prova seu grande amor à terra mineira, da qual se tornou Benemérito.

CAPÍTULO XV

PRENÚNCIOS DE BORRASCA

I. A sêca e a caravana de flagelados — Para a mata! — II. “Cidadão Ministro, já se morre de fome no Norte de Minas!” — III Casamentos entre nacionais e índios — Seus benefícios — Dificuldades criadas pela instituição do contrato civil.

I — Corria o ano de 1890 quando os Missionários do Aldeamento de Itambacuri foram surpreendidos pelo aparecimento de numerosas caravanas de famílias inteiras, esfarrapadas e famintas, fugindo do norte do país, tangidas pelos horrores da seca que desolava o heróico estado do Ceará e parte da Baía.

A tragédia da seca, as desgraças que ela acarreta, os sofrimentos morais e físicos com que ela açoita as suas infelizes vítimas, são demais conhecidas para nos sentirmos dispensados de descrevê-los aqui.

Os flagelados procuravam instintivamente a salvação, fugindo do abrazado sertão, da terra adusta para a mata acolhedora... Nas matas do Mucuri, os heróicos sertanejos ouviram falar de uns missionários irmãos dos que tantas vezes viram e admiraram nas missões, quando com êles cercavam cemitérios, improvisavam e construiam açudes, erguiam cruzeiros, levantavam igrejas e pacificavam revoltas... Eram os “missionários” capuchinhos, eram os amigos e, sobretudo, eram para êles a salvação!

....Frei Serafim e Frei Ângelo não desmentiram a fama dos capuchinhos e nessa altura, se revelaram verdadeiros anjos da caridade, acolhendo a todos, consolando-os, ajudando-os.

A seca e a fome, com efeito, chegaram até Minas. Itambacuri viu, de um momento para outro, triplicada sua população, e apesar da fertilidade do seu solo e abundantes aguadas, sentiu também o rigor da seca, e se não fossem a prudência e a previdência dos seus diretores, a fome teria devastado e arruinado o Aldeamento. Os paióis, porém, se esvaziaram. Itambacuri era considerado o celeiro daquela vasta região e a êle recorriam, nesta triste emergência, procurando aos Missionários que, na medida do possível, a todos auxiliavam.

Os abnegados diretores do Aldeamento de Itambacuri escreveram nessa dolorosa quadra, paginas admiráveis de caridade e, apesar do cuidado que sempre tiveram de esconder o bem que praticavam, muitos episódios vieram a lume, narrados ainda hoje pelos mais velhos moradores, que os presenciaram. Todos afirmam que ambos os missionários renunciavam até ao necessário, para socorrer aos flagelados da seca. Davam tudo: dinheiro, roupa, alimento e, sobretudo, o sorriso cheio de bondade que consolava e animava os infelizes na luta contra a desdita da sorte. Certa vez, à porta da loja do negociante coronel Antônio Lopes da Silva, Frei Serafim foi abordado por infeliz mulher marcada pelos sofrimentos de prolongada fome, carregando ao colo uma infeliz criança. A pobrezinha pediu ao missionario uma esmolinha. Este tirou do bolso uma cédula e sem ao menos olhar seu valor, entrega-a à mendiga. O negociante, ao qual nada escapava, percebeu que a nota era de 50\$000 e certo de cumprir um dever, avisa a Frei Serafim, pensando que se tivesse enganado. Mas o Padre Mestre, com um olhar cheio de piedade, exclamou: "Para essa pobre mulher, essa quantia é nada, é pouco!"

Este não é o unico caso isolado.

Outros negociantes de Itambacuri, os snrs. Benedito Ribeiro e o Major João Alay, contavam casos mui expressivos, que revelam a caridade heróica dos missionários e, particularmente do Padre Mestre Frei Serafim, concluindo com este depoimento: “Êles nunca fizeram conta do dinheiro do qual se utilizavam para beneficiar o lugar e a coletividade”.

* * *

II — Prolongando-se a seca, o flagelo atingiu, também, a Itambacuri.

A Intendência Municipal de Teófilo Otoni viu-se na necessidade de informar e apelar ao mesmo tempo para o Governo com este officio de 27 de agosto de 1890:

Paço da Intendência Municipal de Filadélfia,
Ilustre General:

Não ignora o Governo o lastimoso estado a que o norte de Minas está reduzido pela seca de três, anos a esta parte tanto que mandou distribuir verbas, pecuniárias por diversos municípios para socorros públicos.

Apesar dessa boa medida em boa hora tomada pelo Governo, a miséria e a fome continuam em sua carreira devastadora, levando a desolação e a morte ao seio de famílias mesmo abastadas, de um a outro extremo desta zona! Dolorosíssima é, atualmente, a crise que vai atravessando o norte do Estado. Este Município de Filadélfia, por sua fertilidade, resistiu nos dois primeiros anos ao flagelo, que arruinou os vizinhos municípios; porém, continuando a invasão de retirantes, que aos centos, quotidianamente, acossados pela fome, vêm nele se refugiar, infalivelmente neste ano caber-lhe-á a sorte dos outros.

Sem medo de errar, garantimos — Cidadão Ministro, já se morre de fome no Norte de Minas!!!... Os habitantes de Teófilo Otoni, especialmente os fazendeiros, são espetadores de cenas em extremo contritadoras; todos os dias, incessantemente, atravessam as ruas da cidade, grupos de mulheres e crianças esfarrapadas e famintas, famílias inteiras pedindo um punhado de farinha para lhes matar a fome e um canto onde se abriguem. O Aldeamento dos Índios de Itambacuri, neste Município, é o El-dourado buscado pelos retirantes, que já o ocuparam totalmente, ficando os habitantes daquele lugar, neste ano, ameaçados de carestia de víveres, por serem as colheitas insuficientes para o abastecimento de tanta gente.

Merece ser auxiliado pelo Governo o digno e zeloso Diretor do Aldeamento, o Missionário Capuchinho, Frei Serafim de Gozília, verdadeiro Apóstolo da Caridade, o qual, sem se arredar da missão que lhe é confiada — a Catequese dos Índios — se tem esforçado de uma maneira heróica para socorrer a todos que ali se vão estabelecer, dispendendo seus módicos ordenados na compra de víveres para tantas famílias se manterem.

Se o Governo não lançar suas vistas para o lastimoso estado de cousas, que vimos de expor-vos, o norte deste Estado será teatro de cenas semelhantes às do Estado do Ceará, flagelado pela seca; porquanto a caridade pública já se vai exgotando, prevendo cada um o futuro que nos aguarda!...

Considerando tudo isto, esta Intendência Municipal, em sessão ordinária de hoje, tomou a deliberação de apelar para o vosso alto patriotismo de Mineiro, e pedir-vos que alcanceis do Ministério da Fazenda que autorize quanto antes, ao Governador deste Estado a decretar uma quota, suficiente a esta Inten-

dência e ao Diretor do Aldeamento de Itambacuri para debelar tamanho mal, visto como esta municipalidade, devido à escassez de suas rendas, vê-se na triste conjuntura de nenhum socorro poder prestar aos seus munícipes e compatriotas, vítima do terrível flagelo!

Alenta-nos a esperança de que tomareis em consideração nosso justíssimo pedido, com o que prestareis grande serviço à República e imenso benefício a nós, que vemos em vós o filho dileto e o benfeitor incessante da heróica Minas.

Tão assinalado favor por vós prestado a este canto do Estado de Minas formará mais um élo de ouro que se aumenta à cadeia de inúmeros benefícios, com que tendes gravado vosso nome ilustre nos corações de todos os mineiros.

Saude e Fraternidade.

Ao Ilustre Cidadão Dr. José Cesário de Faria
Alvim

(Assinados) — O Presid.

João Soares Costa

Antônio Onofre

Francisco Pereira da Fonseca (1)

O apelo da Intendência Municipal denunciava uma premente necessidade, cuja gravidade se tornava dia a dia mais angustiosa.

Frei Serafim, por sua vez, não cruzou os braços diante da calamidade. Se de um lado tomava as medidas que a prudencia aconselhava, do outro lado, o Santo Sacerdote apelava para Deus: fizeram-se, pois, orações públicas, procissões de penitência nas quais o povo, em peso, contrito,

(1) Ofic e Relat. Livro II pag. 37

tomava parte, implorando a misericórdia de Deus, pela intercessão de Maria Santíssima, Nossa Senhora dos Anjos.

E Deus misericordioso, ainda esta vez, através de sofrimentos e sacrifícios que evidenciaram a têmpera heróica dos fundadores de Itambacuri, salvou a obra de religião e civilização tão bem encaminhada.

Outras provas, porém, aguardavam a Missão, e talvez de maior gravidade...

* * *

III — A proclamação da República, em novembro de 1889, não perturbou a vida do Aldeamento de Itambacuri. Os Diretores, como aliás todos os misionários Capuchinhos, foram sempre alheios às questões políticas. Trabalhando sempre abnegadamente no serviço de Deus, cuidavam unicamente da sua glória e da salvação das almas.

O Governo do Estado de Minas, tanto na Monarquia como na República, olhou sempre com simpatia para o Aldeamento de Itambacuri, embora nem sempre o ajudasse pecuniariamente, como convinha.

Instituído, porém, o casamento civil, surgiram para o Aldeamento sérias dificuldades de ordem apenas materiais. Os casamentos entre nacionais e índios, ou mestiços, eram frequentes; e êsse cruzamento das duas raças tinha dado e continuava a dar os melhores resultados. Não havendo no Aldeamento um juizado de paz, ou uma autoridade civil competente, era forçoso recorrer à cidade de Teófilo Otoni para realizar, perante autoridade para isso delegada, o contrato civil. Este fato acarretava muitos inconvenientes, entre eles os incômodos e as despesas de uma longa viagem e o vexame de serem na cidade alvo da curiosidade geral e, muitas vezes, de zombaria, por verem civilizados casar com índias e vice-versa.

O caso mereceu a atenção de Frei Serafim, que apellou immediatamente para o Presidente do Estado de Minas e para o Diretor Geral dos Índios. Ao primeiro, expôs brevemente a importância do caso que reclamava, a bem do progresso do Itambacuri, solução imediata, concluindo o seu apelo nestes termos:

“Itambacuri, lugar de grande futuro, tem todo o direito de prosperar e continuar sua marcha à sombra da República, que, em casos especiais como este, pode se o quiser, dispensar ou derogar decretos e leis”. (2)

Ao mesmo tempo, Frei Serafim apella para o Diretor Geral, pedindo-lhe as providências que o caso exigia:

“Tenho o dever, em prol do progresso, prosperidade e desenvolvimento deste sítio neutro do Itambacuri, de pleitear umas providências e para tanto vos rogo intervir, sendo necessário, no tocante às novas leis e disposições federais, afim de que este Aldeamento continue sem alterações seu serviço de catequese e civilização dos índios pela boa união dos mesmos com os nacionais, sobretudo pelo casamento religioso que aqui se celebra e há de ser celebrado enquanto não houver ordens em contrário, especialmente agora que outra vez estão se chegando os ferozes Pojichás.

“E tem sido justamente em virtude desta união e aliança entre lavradores indígenas com lavradores nacionais, que se tem conseguido aqui a mais acertada e espontânea transformação dos selvagens prejudiciais em laboriosos nacionais mestiços, desaparecendo de modo imperceptível pela mesma metamorfose, ou por morte natural, o alto algarismo de índios puros, terror dos habitantes desta fértil região, povoando-se a extensa e espessa floresta, abrigo outrora de feras bravias.

“Aguardo vossa sábia e prudente resposta para meu governo.

(Ass.) *Frei Serafim de Gorizia*”

Os critérios com que Frei Serafim governava e dirigia o Aldeamento de Itambacuri eram, sem dúvida, os mais acertados. Frei Serafim revelou sempre, em todas as ocasiões, um raro talento e uma intuição prodigiosa dos problemas de interesse geral, para cuja solução encontrava pronta e acertada solução.

Haja vista ao cruzamento das duas raças por aliança do casamento religioso, que ele favoreceu largamente e cujos frutos foram incalculáveis, dando, como deu, ao município, uma população forte, sadia e morigerada, incorporando rapidamente o índio à civilização e ao convívio social.

A êsse fenómeno e resultados alude Frei Serafim no Relatório de 31 de Dezembro de 1895, explicando a rápida diminuição dos índios, que, devido à epidemia do sarampo, tinham sofrido algumas baixas:

“Concorreu também a reduzir o número de índios a circunstâncias que uns se aliassem com brasileiras e vice-versa, por casamento religioso e mudaram-se para fóra de Itambacuri, no interesse da família. Outros, depois de casados, ficam no Aldeamento, porém não querem mais ser considerados índios, mormente depois da infáusta revolta de 1893. Tudo isto convém naturalmente ao Estado”. (3).

Referindo-se a seguir aos índios Pojichás, acrescentava:

“Com relação aos ferozes Pojichás, faço-vos notar, de passagem, que a êles e seus vizinhos, achando-

(3) Rel. e Of. V. II — pag.

se em estado quase selvagem, sou forçado a permitir-lhes, uma ou duas vezes no ano, as caçadas na floresta bruta do São Mateus, para não adoecerem e não ficarem desgostosos. Alguns, porém, ficam trabalhando, como aconteceu ainda há pouco com dois jovens filhos do Capitão Vackman.

É certo, porém, que pela acurada sindicância feita ultimamente, o elemento índio puro resulta em declínio, seu estado de civilização progride cada vez mais e, por conseguinte, o adiantamento deste lugar.

“Com a morte dos velhos índios, o tempo fará desaparecer a distinção que existe presentemente entre índios e nacionais. Com a proteção divina e ajuda do Governo espero colher em breve ótimos resultados.

“Seja como fôr, este Aldeamento, com a prudência e a perseverança dos seus diretores, auxiliada pelo Governo, prestou ao País bons serviços já por ter conseguido que os selvagens não atacassem mais os pequenos e grandes lavradores e nem aos transeuntes das principais estradas de comércio, e já porque deram começo e numerosos núcleos de povoações em mata bruta e perigosa, cujas terras são banhadas pelo rio Itambacuri, São Mateus e seus afluentes. Além destes núcleos há ainda centenas de léguas de boas terras para extensas culturas de café, arroz, feijão, milho, mandioca, cacáu algodão, etc. . . podendo ali serem aproveitados centenas e milhares de braços, quer nacionais quer estrangeiros e, ajudando-se reciprocamente, criando assim novas fontes para o país, pois será sempre melhor aproveitar essas terras fertilíssimas do que deixá-las improdutivas. Urge, porém, abrir novas vias de comunicação”.

A resposta ao pedido de providências para eliminar as dificuldades criadas pela instituição do casamento civil, não resolveu a questão.

A 2.^a Comissão de Estatística do Estado de Minas Gerais, tomando conhecimento das dificuldades apresentadas, sugeriu a elevação do Aldeamento à categoria de Distrito de Paz, como único meio de facilitar a celebração dos casamentos civis.

Essa sugestão não foi aceita pelos Diretores do Aldeamento, que claramente, demonstraram ser no momento prematura e contra producente, acarretando muitos inconvenientes e perigos particularmente naquela emergência crítica, lutando contra o flagelo da seca e da fome.

O tempo, porém, aplainou as dificuldades e o povo resolveu o problema radicalmente, independentemente dos estadistas: — não se casando no civil...

CAPÍTULO XVI
INGRATIDÃO
(1893)

I. Causas próximas da revolta dos Índios — II. As lágrimas do Pojichá — III. Frechados: “Minha Mãe Santíssima, tomai conta de mim!” — IV. Os socorros e a defesa — V. Um pressentimento

I — Cinco anos tinham decorridos desde o dia em que o Padre Mestre Frei Serafim, à custa de inenarráveis sacrifícios, conseguira aldeiar os indômitos Pojichás e localizá-los nas terras chamadas “Largo de Santo Antônio”.

“Aqueles terrenos — informa Frei Ângelo — confinavam com as vertentes do São Mateus. Os índios, cujo número já se elevava a 2500 mais ou menos, viviam em paz e casavam-se com civilizados. Sentíamos-nos satisfeitos e jubilosos, porque nossos sacrifícios redundavam numa obra do agrado de Deus e de utilidade ao Brasil.

“Os vencimentos que nos pagava o Governo, a renda das escolas, que se multiplicavam com o desenvolvimento das povoações, tudo era aplicado para o bom êxito da catequese indígena, na construção de obras úteis e na melhoria da colônia. Nosso trabalho, acompanhado da bênção divina, produziu efeitos maravilhosos: o Itambacuri engrandeceu, e prosperou tanto que causava admiração e espanto a quantos o visitavam. Tivéssemos procedimento diverso e a catequese

teria fracassado: Itambacuri não existiria e a nossa Ordem não ganharia mais esse florão de glória.

“Os nacionais exploravam constantemente as matas, sobretudo as do lado do sul. . . Isso talvez causasse ali a epidemia do “sarampo” e de febres de mau carater, que ceifou muitas vidas não só de crianças, como também de índios adultos, que morreram mais pela inobservância das regras de hygiene; pois, apesar de nossos instantes conselhos, eles se lançavam no rio, quando sentiam o intenso calor da febre e assim prejudicavam o efeito dos remedios. Houve um dia que o número de óbitos atingiu a 18 entre os dois povos, índios e não índios. Todos, mas especialmente aqueles se mostraram desanimados e descontentes. Os ensinamentos e avisos dados para tal conjuntura não eram mais atendidos”.

Os inimigos do Aldeamento, que viviam constantemente espreitando, julgaram asado o momento de agir e destruir a catequese. Aliaram-se, pois, aos descontentes. A traição agiu nas trevas e a trama urdida foi obra de civilizados, agindo por detrás dos índios.

Narramos a tragédia, que pouco faltou não destruisse o Itambacuri, servindo-nos do manuscrito de Frei Ângelo:

“Os homens são volúveis; selvagens ou civilizados são sempre homens de vontade corrupta: o que hoje querem e amam, amanhã recusam e odeiam. Esta depravação da vontade se manifestou no coração humano, logo depois do pecado. As ruínas das famílias, a subversão dos reinos, impérios e repúblicas, e as commoções populares, tudo é produto da vontade corrompida, verdadeiro foco das perversões humanas.

“Isto se fez sentir também na nossa Missão do Itambacuri: tornaram-se frequentes certas desordens, que não podíamos consentir. Os índios, principalmente, entregavam-se à embriaguez; entre índios e civilizados e os nómades Pojichás, amiudavam-se os casos de po-

ligamia. Muitos brasileiros, não índios, estavam dominados pela ambição e cubiça e nutriam o diabólico desejo de ver acabada a Missão do Itambacuri, dando, segundo seus intentos, máus conselhos aos índios.

“A tudo isso acrescia o descontentamento geral por causa da epidemia reinante. Devíamos, pois, arcar com a revolta, com a guerra em que ao sangue de muitos se misturaria também o nosso.

“Consertada a trama com todo o segredo, os Pojichás, mais humanos conosco do que os semi-civilizados, recusaram tomar parte e, sob pretexto da caça, voltaram para as suas matas de São Mateus.

“O fim da rebelião era matar a nós ambos (Frei Serafim e Frei Ângelo), e afugentar os civilizados e apossarem-se os índios de tudo: mantimentos, criação, mercadorias, etc... (1)

* * *

II — No meio de tanta maldade e negra ingratição há, porém, um episódio de particular destaque: O chefe da mais bárbara e valente tribo — a dos Pojichás — recusou patuar com os traidores. O cabeça da revolta quis por todos os meios conseguir a solidariedade dos Pojichás, inventando quanta mentira pôde contra os Padres Missionários, mas não logrou o seu intento. Na véspera da revolta, o chefe Pojichá, Joaquim Vakman, se afastou com os seus homens do Aldeamento de Itambacuri.

Escreve em Relatório Oficial Frei Serafim, que, quando o chefe dos Pojichás, Joaquim Vakman, foi despedir-se proferiu umas palavras misteriosas, que denunciavam algum perigo e chorou como uma criança. Naquele momento, Frei Serafim não atinou com o sentido das lágri-

(1) Man. cit.

mas do Pojichá, tomando-as, talvez, como uma esquisitice de índio que, ás vezes, se parecem com as crianças.

Na noite da traição, noite negra como o próprio crime, Frei Serafim lembrou-se das lágrimas do valente Pojichá e essas lágrimas foram um bálsamo suave para o seu coração amargurado.

* * *

III — Para se compreender o plano contra nós — continúa a narrar Frei Ângelo — vamos dar umas notícias indispensáveis. Quando construimos nossa casa definitiva, fizêmo-la apropriada a servir de um futuro convento à nossa Ordem e muito próximo à Igreja e ao cemitério, construindo tudo isso no alto de um outeiro, donde, para o sul e para leste, se descortina um panorama encantador. O convento fica fazendo face à igreja e atrás desta, ao norte, fizemos o cemitério, que ocupa toda a corôa do outeiro de forma oval e é rodeado por um caminho, por onde desfilavam, ás vezes, nossas procissões. No extremo deste caminho, lado norte, desvia-se um outro, que desce suavemente uma ladeira de 300 metros, mais ou menos; na planície, onde assenta a ladeira, plantamos, logo no início do Aldeamento, uma horta. Até aí fomos muitas vezes passear, mormente nas noites de luar, depois de tomar nossa frugal refeição das Ave-Maria. Dêsse nosso costume tinham ciência os índios, pelo que combinaram nosso assassinio nesse lugar, para aproveitar as circunstâncias de estarmos juntos e de noite”.

“Ao anoitecer do dia 24 de maio de 1893, os índios munidos de seus arcos e frechas, tingidos de urucú, arrastaram-se sorrateiramente por entre arbus-

tos e moitas e chegaram, sem serem percebidos, ao cemitério e ao longo do caminho e de ambos os lados se acotaram.

“De passeio para a horta, nós rodeamos o cemitério do lado éste e chegamos à horta sem nada vermos nem pressentirmos. Frei Ângelo (2) levava sempre consigo uma boa espingarda de dois canos, porque era frequente depararam-se-nos animais ferozes e serpentes.

“Os selvagens podiam frechar-nos quando nos dirigíamos para a horta e não o fizeram, talvez esperando que cerrasse a noite. Mas poderiam seguir-nos até aquele lugar que é solitário, afastado da povoação e onde poderiam, seguros de qualquer surpresa, frechar-nos, linchar-nos, retallar-nos e enterrar-nos, sem que ninguem visse e ouvisse, seu bárbaro crime.

“E por que não o fizeram?

“É um segredo da divina Providência!

“Naquele dia não demoramos na horta e ao voltar rodeamos o cemitério pelo lado do oeste e antes de chegarmos ao portão do mesmo e passar pela frente da igreja, tínhamos que abrir uma cancela e, ao fazê-lo, ouviu Frei Ângelo um ruido estranho para o qual chamou a atenção do companheiro; mas não aparecendo nada, continuaram o caminho ao lado um do outro. Muito perto do referido portão e, no alto de um barranco, estavam índios escondidos os quais arremessaram, ao mesmo tempo, duas flechas. Frei Serafim recebeu uma no ante-braço esquerdo, a qual, varando-o pentrou em direitura do coração, que só

(2) O manuscrito de Frei Ângelo aparece em diferentes partes como escrito por terceiro, mas realmente foi escrito por êle, Frei Ângelo, ou por êle ditado.

não foi atingido por ter esguelhado em consequência do movimento vibratório proveniente de ter sido atravessado primeiro o ante-braço. A que feriu Frei Ângelo, na espádua, era para ser arrojada com tanta força, que o arco se partiu e ela chegou fraca e a ponta, tocando o osso, resvalou.

“Frei Serafim, ao ser ferido, deu um salto extraordinário; arrancou por si mesmo a flecha e exclamou: OH! MALVADO! Frei Ângelo apontou instintivamente a espingarda, enquanto seu companheiro, cujo sangue corria em borbotões do seu ferimento, disse-lhe: *Atira e vamos!* Frei Ângelo, então, disparou um tiro na direção de onde vieram as flechas, mas reservou o outro, porque ainda não haviam chegado em casa. (3)

“Os índios responderam ao tiro com uma chuva de flechas, e, praticando toda a espécie de vandalismo, correram em direção ao sul e se acamparam num terreno apropriado para o manejo dos arcos, próximo do Largo. Os meninos indígenas, internados na casa dos Padres, sob a direção de um professor mestiço, fugiram, juntando-se aos seus pais.

Ao passar pela frente da igreja, Frei Serafim, voltou-se para ela e exclamou: “MINHA MÃE SANTÍSSIMA, ATÉ ENTÃO TRABALHEI PARA VOSSA GLÓRIA, AGORA TOMAI CONTA DE MIM!”

Ao entrarem em casa, Frei Ângelo, cujo ferimento não era tão grave, pôs-se a cuidar do seu companheiro, que embora se tivesse confessado no domingo anterior, como costumava, quis ainda se con-

(1) Esse tiro disparado a esmo são se destinava — é claro — a revidar o ataque, mas amedrontar os atacantes e lançar um sinal de alarme para os habitantes mais próximos.

fessar e, em seguida, estendeu-se na cama, ensopando-a de sangue. Ao ter, porém, conhecimento de que o estado de Frei Ângelo não era grave exclamou: "*Louvado seja Deus! Ao menos um fica*".

IV — O tiro disparado pelo Frei Ângelo e outras anormalidades, chamaram a atenção dos habitantes vizinhos que, imediatamente, acorreram para saber o que acontecera. Frei Ângelo, embora ferido, ajudado pelos mais animosos, tomou as mais urgentes medidas defensivas, na previsão de um assalto imediato da parte dos bárbaros selvagens. O senhor Manoel Teixeira Lage, um dos primeiros a chegar, expediu a toda pressa a um senhor Antônio Isidoro dos Santos para Teófilo Otoni, afim de solicitar os necessários socorros e, particularmente, a vinda de um médico para o Padre Mestre Frei Serafim.

A notícia do trágico acontecimento, ampliada desmedidamente como sempre acontece em semelhantes casos, embora inesperada, espalhou-se com a celeridade do relâmpago, a todos enchendo de tristeza.

O cel. Antônio Onofre, auxiliado pelo Revmo. Vigário Padre Ricardo Müller, à testa de um bom número de homens, bem armados e municiados, em companhia do Dr. José Carlos Gomes da Silva, devoraram as seis leguas que separavam a cidade de Teófilo Otoni de Itambacurí, chegando em tempo de salvar a vida de Frei Serafim e evitar o massacre geral da população. O Dr. José Carlos Gomes da Silva, ao examinar a ferida de Frei Serafim e a grande quantidade de sangue que tinha perdido, admirou-se de encontrá-lo ainda com vida...

Os índios tinham estudado e preparado bem seu diabólico plano: Querino Grande e Manoel Pequeno, os dois maiores chefes do levante, contavam com certo matar os dois Diretores e, na noite do dia seguinte, à testa de 700 compa-

nheiros bem armados, atacar o Aldeamento, então, sem direção, e, em seguida, devastar, depredar, saquear e destruir tudo, além de massacrar os civilizados.

Aconteceu, porém, que os Missionários diretores não foram mortos como eles esperavam. O tiro dado por Frei Ângelo no momento da emboscada e do atentado, deu o alarma, e, passado o primeiro momento de pânico, conhecido o fato, cada qual se preparou para a defesa. Uns índios de inteira confiança dos rebeldes tinham-se deixado ficar no Aldeamento para servir de espiões e de tudo informarem aos companheiros. Quando viram os preparativos de defesa insuficiente e os Padres presos à cama, sem suspeitarem dos socorros em marcha, certos do triunfo, mandaram dizer aos companheiros que esperassem o dia seguinte para o ataque final...

Foi a salvação de Itambacurí e dos Missionários! Pois, nesse mesmo dia, 25 de maio, chegou o Cel. Onofre, o Dr. J. C. Gomes e os homens armados de Teófilo Otoni. Os moradores de Itambacurí uniram-se aos defensores que, comandados pelo Cel. Antônio Onofre, não esperaram o ataque dos selvagens, mas foram atacá-los em seu reduto, onde resistiram valentemente, mas o seu plano ficou prejudicado, evitando-se, assim, o ataque ao Aldeamento. Nesse tempo chegaram mais reforços do Teófilo Otoni: 20 praças bem armadas. Os índios, por sua vez, procuraram melhores posições e, abandonando os terrenos do Largo Santo Antônio, cometeram nessa retirada toda a espécie de vandalismo, arrasando tudo, destruindo, matando e incendiando.

Frei Ângelo assim relata a repressão da revolta:

“Os índios, prevendo sérias providências que, certamente, seriam tomadas contra eles, transferiram-se para o lugar chamado Igreja Nova, destruindo em sua passagem as pontes e praticando as maiores crueldades. Nesse arraial roubaram tudo

e incendiaram as casas. Os pobres moradores se retiravam a toda pressa, e só Deus sabe com quanto trabalho levavam o que podiam, tangendo seus rebanhos que, com suma fadiga de seus donos, vadiavam os rios nos lugares em que foram destruidas as pontes, e se dirigiam para o Aldeamento Central.

“Tão tristes sucessos acabrunharam sobremaneira os dois missionários, e subiu ao auge da dor e do constrangimento o ânimo deles, quando se viram na dura necessidade de organizar uma expedição de homens bem armados e bem providos de tudo para combater os índios emboscados e em guerrilhas. Foi confiada a um “língua” fiel, casado com uma índia, valente, exímio atirador e manejador do arco e flecha e conhecedor perfeito de todos os lugares frequentados pelos selvagens. Marchava a alguma distância, na frente da sua escolta, e furtivamente varejava as matas.

“Um dia, pela manhã, as tropas arranjadas em suas Kigemes (cabanas), iniciado o tiroteio, os selvícolas, apesar de toda a sua presteza e habilidade, não conseguiram organizar a resistência: sucumbiram diversos e os demais se dispersaram em desabalada fuga.

“Este combate pôs termo à revolta dos índios, os quais, depois de submissos os Padres agazalharam com amplo e generoso perdão. O Governo do Estado, que como sempre nos protegeu e auxiliou de modo particular concorrendo muito para o progresso da Colônia, remunerou generosamente ao Dr. J. Carlos Gomes da Silva, que medicou e tratou de Frei Serafim e dos outros feridos.”

Como ficou depois apurado, os chefes da revolta eram quatro, dois deles, os principais, foram presos e encarcerados. Não deram, porem, sinais de arrependimento. Os

cabeças eram aqueles aos quais, no mesmo dia da revolta, pela manhã, Frei Serafim tinha distribuído grande quantidade de pano e Frei Ângelo, ao visitá-los, passando diante da cabana do chefe do levante, onde se achavam outros, nada suspeitando da traição ajustada, teve para com eles, como sempre fazia, palavras paternais, exortando-os ao trabalho, fazendo-lhes sentir que é grande a consolação que experimenta um bom pai, quando, morrendo, deixa seus filhos agasalhados e bem providos, pois todos temos que morrer... Neste ponto o chefe da revolta, com evidente segunda intenção, muito áspero e com arrogância, atalhou: "Sim, todos devemos morrer, mas você morrerá primeiro, depois irei eu". Frei Ângelo não compreendeu aquelas palavras e, achando graça, despediu-se. Só depois da revolta atinou com o sentido das palavras do ingrato botocudo.

* * *

V — No seu manuscrito, Frei Ângelo recorda como o seu querido companheiro, um mês antes da revolta, ao passar no passeio costumeiro da tarde, no lugar onde foram flechados, devotamente repetia as palavras do Salmista: "*quid retribuam Domino, pro omnibus quae retribuit mihi? Calicem salutaris accipiam: et nomen Domini invocabo*" (4) *Laudans, invocabo Dominum et ab inimicis meis salvus ero*" (5) "Que darei eu em retribuição ao Senhor por todos os benefícios que me tem feito? Tomarei o cálix da salvação e invocarei o nome do Senhor" "Louvando-o, invocarei ao Senhor serei salvo dos meus inimigos".

"As nossas interrogações a respeito dessas palavras — afirma Frei Ângelo — nada respondia..."

Responderam, porém, os acontecimentos, dando-lhes um sabor profético.

(4) Psal. 115 — 3.

(5) Psal. 17 — 4.

CAPÍTULO XVII

SOLIDARIEDADE CONFORTADORA

I. Regozijo dos Amigos — II. Felicitações e bênçãos dos Superiores — III. A Diretoria Geral restabelece a verdade — IV. Apoio do Governo — Veneno setário.

A notícia da revolta dos selvícolas de Itambacurí, muito exagerada, correu mundo. Os telegramas publicados pela imprensa davam tudo como destruído, arrasado e os dois missionários fundadores trucidados, juntamente com muitos civilizados.

No convento dos Missionários Capuchinhos do Morro do Castelo, no Rio de Janeiro, diante da triste notícia, foram celebradas solenes exéquias pelas almas dos confrades massacrados pelos índios.

Na cidade episcopal de Diamantina as notícias descontraídas alarmavam a população católica e o zeloso prelado, D. João Antônio dos Santos, consternado, passou dias de dolorosa incerteza, temendo pela preciosa vida dos queridos missionários. Seu coração de Bispo e de amigo ficou aliviado e rendeu graças ao Senhor, quando lhe chegou a notícia de que os fundadores de Itambacurí tinham, escapado ilesos do covarde atentado. A população diamantinense sentiu-se satisfeita ao saber que os missionários estavam com vida.

O Snr. João Antônio Teixeira Lage assinou, em “A Cidade de Diamantina”, longo artigo, no qual, depois de tra-

çar a heróica vida dos fundadores, enumerando suas estu-
pendas realizações, concluiu:

“quando parecia que ao venerando sacerdote, res-
tava agora saborear os frutos das árvores regadas
com o suor de mil sacrificios; quando a todos afigu-
rava que êsse homem extraordinário ia descansar jun-
to ao padrão de sua glória, que era êsse rebanho de
bárbaros convertidos em homens civilizados, eis que
surge nêstes, um cujos cérebros pairava ainda a su-
perstição, a maldita suspeita e, de parceria com es-
ta, a ambição, e tentam, numa noite fatal, pôr termo
às vidas de Frei Serafim e de seu digno companhei-
ro da missão — Frei Ângelo de Sassoferarto, sob o
falso pretexto de que êsses seus protetores, para se
tornarem senhores absolutos de suas selvas, tinham
invocado do Céu o terrível flagelo do sarampo, que,
pela falta de dieta dos pacientes, vitimava dia a dia
os seus companheiros.

Sou informado por pessoa fidedigna de que, co-
mo era de esperar-se foram gerais o assombro e indig-
nação de quantos presenciaram tão horroroso atenta-
do. Sou, igualmente, informado de que é impossí-
vel esboçar-se à paciência e a resignação com que os
dignos Sacerdotes receberam as setas despedidas pe-
las mãos de seus filhos adotivos!

“Tanta paciência, tão edificante resignação, só
se pode encontrar naqueles homens que, ao recebe-
rem a palma do martírio, exclamam: “Morte, és o
viver!”

“Se a princípio vi-me com o coração oprimido
pelo mais angustioso pesar (pois os boatos que me
chegavam aos ouvidos, cada qual o mais contraditó-
rio, eram horrorosamente atemorizadores) hoje folgo
em ter certeza de que se acham completamente res-

tabelecidos êsses apóstolos da caridade; pelo que lhes envio daqui um sincero aperto de mão, tradutor do meu intenso júbilo.” (1)

* * *

II — Para verificar o estado em que se encontrava a Missão Capuchinha de Itambacurí, após a revolta, o Commissário Geral e Prefeito Apostólico do Rio de Janeiro, Frei Fidelis M. de Avola, enviou, como Visitadores, os Rev.mos Padres, Frei Jerônimo de Montefiore e Frei Sabino de Rimini, velhos e provetos missionários, os quais colheram abundantes informações e, voltando ao Rio de Janeiro, apresentaram minucioso Relatório. (2)

O Revmo. P. Bernardo de Andermatt, Ministro Geral da Ordem, de Roma, escreveu afetuosa carta aos heróicos Missionários, exaltando-lhes zêlo, anôr a Nosso Senhor e o admirável espírito de sacrifício pela salvação das almas. Congratulando-se com êles, por terem escapado à morte, enviou-lhes a quantia de L. 500,00 para as despesas mais urgentes, e, ao mesmo tempo, o Decreto no qual, conferia a ambos os Missionários o mais alto título e privilegios da Ordem.

Transcrevemos, traduzido do latim, o valioso documento, que tanto exalta os dois humildes fundadores de Itambacurí:

“Frei Bernardo de Andermatt

Ministro Geral de toda a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos de S. Francisco.

“Ao meu Reverendo em Cristo P. Frei Serafim de Gorizia, da Província de S. Carlos, Missionário Apostólico no Brasil, saúde no Senhor.

(1) Diamantina, 6 de Agosto 1893 — n.º 140

(2) *Analecta Ordinis* — Vol IX, p. 267 — 1894.

Manda da justiça que sejam tributadas honras especiais aos que, para propagar a fé católica, não hesitaram em sacrificar as comodidades e até a própria vida. A nós, portanto, a quem, embora imerecidamente, a divina Providência constituiu guarda e administrador das graças e privilégios da nossa Ordem, em virtude da presente, após ter ouvido o nosso Definitório Geral, como testemunho de nossa benevolência e consideração, a ti, mui Rev. Padre, que durante vinte e um anos, nessa Missão de Itambacuri por ti fundada no Brasil, exercestes com grande fervor, e até a efusão do sangue, teu ministério apostólico, em conformidade com os Estatutos das Missões, te concedemos o título e os privilégios que na Ordem gozam os ex-Provinciais. (3)

Mandamos, portanto, a todos os nossos frades, tanto superiores como súditos, reconheçam e respeitem e não ousem molestar-te no gozo dêste privilégios.

Tu, porém, terás o cuidado de edificar a todos com a humildade e o bom exemplo.

Dado em Roma aos 16 de Agosto de 1893.

(As. Frei Bruno a Vintia
Prov. e Com. Ger. Cap.

O mesmo privilégio foi concedido ao dedicado companheiro de Frei Serafim, — Frei Ângelo de Sassoferrato.

Ambos os bons Capuchinhos não ocultaram sua grande satisfação e confusão ao mesmo tempo. Satisfação por sentirem que o legítimo representante do seráfico patriarca S. Francisco, o Ministro Geral da Ordem, estava ao seu

(3) Consistiam esses privilégios no direito e honras de precedência nos atos da Comunidade, direito de voz ativa e passiva nas eleições dos capítulos provinciais, direito de escolha do convento de sua residência, etc... Hoje não ha mais desses privilegios.

lado na hora do revés inesperado, para consolá-los e animá-los no sofrimento por amor de Nosso Senhor.

O título e os privilégios não tinham para êles, que viam no seio da floresta, outro sentido a não ser o da solidariedade, aprovação e bênção dos superiores maiores, o que, para êles, sem dúvida, representava o mais ambicionado prêmio.

Ao Revmo. P. Comissário dos Capuchinhos do Rio, o Ministro Geral, em data de 12 de Dezembro de 1893, acusando o recebimento do relatório acêrca do Aldeiamento de Itambacuri, assim se manifestou: — “O Relatório do Aldeiamento de Itambacurí, que V. Revma. nos enviou, despertou grande interêsse entre os Revos. Padres do Definitório, que se congratulam com os *invitos campeões daquela missão*”. E acrescentou informando que o Eminentíssimo Cardial Prefeito de “Propaganda” *expressiu sua grande admiração*”. (4)

Em 28 de fevereiro de 1895, a Cúria generalícia recebeu o Relatório, no qual os Missionários narravam diretamente os acontecimentos de Itambacurí. Estando ausente o Geral da Ordem, respondeu-lhes o Revmo. Procurador, Frei Bruno de Vinay:

“Tinha-nos causado estranheza o fato de não recebermos desde 1891 nenhuma noticia vossa, mas ficamos muito satisfeitos ao recebermos em data de 10 dêste, vossa carta e Relatório, remetido de Teófilo Ottoni em 27 de Outubro do ano passado.

“Antes de tudo agradecemos ao Senhor que vos poupou a vida escapando do perigo no trágico desastre de 24 de maio de 1893, e vos confortou com a coragem apostólica para restabelecer a Missão e continuar a consagrar em honra do seu santo nome a vida que

(4) Arquivo do Convento — Rio

êle vos deu. Por isso o Padre São Francisco, quando soube do martírio dos seus primeiros cinco missionários no Marroco, cheio de júbilo exclamou: "*Agora sim que tenho cinco verdadeiros frades menores*". Temos como certo que, do céu, êle vos abençôa com paternal amor, e vos ampara com sua proteção.

"Quanto a nós, vos manifestamos, então, na maneira que nos foi possível a nossa dôr pelo que sofrestes, e a estima, e o amor que merecestes em face da Ordem e da Igreja". (5)

Os superiores eclesiásticos e da Ordem, como também os Governos do estado de Minas e da República souberam apreciar com justiça os fatos que focalizaram de modo admirável o espírito de sacrifício levado até ao heroísmo dos dois missionários fundadores de Itambacurí.

* * *

III — Diante das notícias desencontradas, a fim de restabelecer a verdade sôbre os trágicos acontecimentos do Aldeamento indígena de Itambacurí, o Diretor Geral dos Índios de Minas Gerais, deu à publicidade, pelas colunas do "JORNAL DO COMERCIO", do Rio de Janeiro, as informações que solicitamente o Cor. Antônio Onofre, Diretor dos Índios da 3.^a Circunscrição, lhe enviou, em officio-relatório, que, por ser a palavra oficial, aqui transcrevemos integralmente:

ALDEIAMENTO DE ITAMBACURÍ

Ao Diretor Geral dos Índios de Minas-Gerais dirigiu da cidade de Teófilo Otoni, em 10 de Junho o diretor dos Índios da 3.^a circunscrição coronel Antônio Onofre, o seguinte officio:

(5) Arquivo do Convento — Rio

“Conforme levei ao conhecimento de V. Ex.^a por telegramas, noticiando o grave estado em que se acha o Aldeamento de Itambacurí, dêste município, dirijo-lhe o presente, comunicando minuciosamente os lamentáveis sucessos ali ocorridos.

Aquele estabelecimento, que até bem pouco foi o ponto mais próspero do norte de Minas pela acertada direção seguida pelos veneráveis sacerdotes frei Serafim de Gorizia e frei Ângelo de Sassoferrato, não só na direção dos indígenas, como também das famílias nacionais ali residentes, tem sido nêstes últimos dias teatro de cenas verdadeiramente horróras.

Os selvagens que há muito tempo (data a fundação do estabelecimento do ano de 1873) foram chamados ao seio da civilização pelos reconhecidos esforços dos Reverendos diretores e que eram admirados por causa do seu progresso não tanto intelectual como material, guiados não sei por que incentivo, sublevaram-se contra os ditos missionários, ferindo-os gravemente a flechadas. A notícia dêste acontecimento surpreendeu em extremo a todas as pessoas que conhecem de perto o Itambacurí, principalmente depois das cenas de verdadeiro vandalismo praticadas pelos selvagens, que assim parecem voltar à sua antiga vida de nômades.

Assassinaram e flecharam diversas pessoas, que incriminavam a cuidar de suas lavouras, e, entre essas duas moças, uma das quais escapou à morte miraculosamente. Não sei como descrever os diversos atentados cometidos pelos ditos índios, que não podem mais ser considerados selvagens, êles que já estão afetos à vida civilizada, mostrando-se nesta revolta completamente prevenidos de boas armas de fogo, de munição e de

outros petrechos necessários que outrora receberam daqueles sacerdotes.

Destruíram totalmente uma próspera lavoura, que se estendia por mais de 120 quilometros; queimaram todas as casas de roça e com estas todos os depositos de mantimentos, pertencentes aos nacionais allí estabelecidos; destruíram todas as pontes e, finalmente, mataram os animais domésticos, que encontraram, deixando por todos os lugares em que passaram, os restos de uma ferocidade inaudita.

Logo que tive conhecimento dos primeiros fatos, que tiveram efetividade no dia 24 de Maio próximo passado, dirigi-me para aquelle estabelecimento no intuito de cumprir o meu dever, providenciando para que cessasse tal estado de cousas.

Empreguei, immediatamente, todos os esforços ao meu alcance, afim de capturar os revoltosos e, nesta contingência, tive de lutar com inumeráveis obstáculos, não só na organização de pessoal apto que penetrasse na mata no encalço dos mesmos, como tambem em destruir a impressão terrível, que êstes sucessos causaram à população.

Depois de muitas excursões através da mata e depois de esforços quasi improfficuos, pude capturar 16 índios, que fiz recolher à cadeia desta cidade, e para o destino dos quais peço a determinação de V. Ex.^a que estes índios não devem ser soltos e nem voltar ao Itambacuri.

Os demais índios, de que se compunha o número dos revoltosos, unidos aos outros, que não tomaram parte na luta, evadiram-se todos para o mato, destruindo e abandonando as suas propriedades.

A última expedição que fiz seguir com o mesmo fito, sobre a qual tinha fundadas esperanças de bom

êxito, por ter sido bem organizada, voltou sem ter podido prender índio algum.

Para todas estas providências me foi preciso fazer despesas com argumento, munição, mantimentos e gratificações ao pessoal, e destas despesas mais tarde prestarei a V. Ex.^a a respetiva conta, além da do médico, o Dr. José Carlos Gomes da Silva, que prestou relevantes serviços não só no tratamento dos veneráveis sacerdotes, como também no dos feridos.

Tornou-se de absoluta necessidade a manutenção de uma guarda composta de 2 pessoas, vencendo 1\$500 diários, cada uma, para garantia dos missionários sobre os quais recaem as ameaças dos selvagens, sem que para isso (posso afirmar a V. Ex.^a) tenham razão.

Fiz retirar para esta cidade as meninas indígenas, que ali cursaram a escola primária, distribuindo-as aqui a diversas famílias que se encarregaram de educá-las convenientemente, visto que os índios revoltosos e que se evadiram, aguardavam ocasião oportuna para raptá-las e levá-las para o mato. Tais são os sucessos, cujo quadro apenas esbocei, os quais com certeza vêm retardar o progresso não só daquele aldeamento, como desta zona.

Não é preciso descrever a V. Ex.^a a prosperidade quasi proverbial do Itambacurí, considerado até agora o celeiro dêste município. Não preciso também lembrar e encarecer a dedicação heróica dos Revmos. missionários, que, naquele lugar inculto, implantaram a civilização, sacrificando até sua vida nas diferentes circunstâncias e lutas, que tiveram de vencer para realizarem o seu desideratum.

Sem que se tivessem aproveitado de sua situação para se locupletarem, acham-se reduzidos à extrema po-

breza, depois de inumeráveis e indescritíveis sacrifícios feitos em prol do adiantamento moral e material daquela povoação.

Tudo a êles se deve, e é de se lamentar que depois de uma vida tão cheia de dedicações (20 anos!), recebessem em recompensa as cenas da mais pérfida ingratitude que soffreram.

Exponho a V. Ex.^a a conveniência de duas medidas importantíssimas, cuja manutenção proporcione à grande população desta zona, e que se acha atemorizada, o indispensável sossego e segurança.

A estada ali de um destacamento de forças de 50 praças bem armadas e municiaadas, que garanta a vida ameaçada daquela gente, principalmente dos Rev.mos sacerdotes: esta medida é de indispensável execução, porque agora estão ameaçados quasi todos os pontos do município.

Outrossim, que continuem na direção do aldeamento os mesmos diretores, visto que, da sua permanência naquêle, depende a reconstituição e prosperidade da lavoura do dito aldeamento.

O Governo deve continuar a auxiliá-los com subsídio necessário à sua manutenção e que há muito não recebem.

Ainda aqui existem muitos índios no interior da floresta, cujo número é incalculável, e cuja ferocidade só a paciência heróica daqueles missionários, nomeadamente a do sexagenário Frei Serafim de Gorizia, poderá destruir.

Já as populações querem abandonar as suas culturas, e se ainda não o fizeram é porque estão à espera da resolução dos ditos missionários, que se acham indecisos, esperando que o Governo resolva o que julgar conveniente a respeito.

Por êstes próximos dias seguirei novamente para aquele ponto, afim de dar as providências que o caso exige, até que venha o destacamento a que aludo e que pedi no meu primeiro telegrama a V. Ex.^a

Cumpre-me mais cientificar a V. Ex.^a, que o destacamento policial aqui postado, além de se compôr de pequeno número de praças, insuficiente até para o policiamento da cidade e guarda da cadeia, são elas indisciplinadas, sem armamento e até sem fardamento; portanto, a vinda de um outro destacamento exclusivamente para o aldeamento de Itambacuri, é de indeclinável necessidade, o que muito recomendo à patriótica e esclarecida benevolência de V. Ex.^a, que mais de uma vez tem mostrado o desejo que nutre pela prosperidade desta rica e vasta zona.

* * *

IV — Felizmente para o Aldeamento de Itambacuri e para os seus diretores, dirigia os destinos do Estado de Minas-Gerais o Dr. Afonso Augusto Moreira Pena, 2.^o Presidente Constitucional. No seu esclarecido patriotismo, reconhecendo lealmente os inestimáveis serviços que os Missionários do Aldeamento de Itambacuri vinham prestando ao Estado, deu-lhes, nesta trágica emergência, inteiro apoio moral e material, providenciando para que um forte destacamento fosse imediatamente enviado em defesa de Itambacuri.

A palavra leal e sincera do Cel. Antônio Onofre foi ouvida, e o Governo com suas acertadas providências, salvou do aniquilamento Itambacuri.

Não faltou, porém, a nota desafinada no meio da cordial manifestação de solidariedade, admiração e simpatia de que foram alvo os missionários Frei Serafim e Frei Ângelo.

Essa voz discordante fez-se ouvir pelas colunas do "O Tempo" em artigo assinado pelo positivista José Mariano de Oliveira, inimigo declarado da catequese religiosa e pretendente ao cargo de "catequizador leigo" dos índios, num artigo que era todo êle um tecido de falsidade e mentiras das mais deslavadas e girava em torno da idéia fixa de que os índios são uns mansos cordeirinhos, vítimas da sanha e maldade dos civilizados que os provocam constantemente. Defendia também a tese de que sendo os índios pacíficos possuidores do solo, pela lei do mais forte, não devem ser molestados. Finalmente afirmava uma clamorosa mentira: "os frades de Itambacurí nunca se chegaram aos Índios..." O Sr. Oliveira com uma penada, anulava vinte e um anos de história, tecida de sacrifícios que não era possível esconder e que estavam consagrados em documentos oficiais.

O preclaro Cel. Antônio Onofre, diretor dos Índios do Mucuri deu-lhe elevada e cabal resposta, refutando, à luz da razão e dos fatos, as falsas afirmações, em longo artigo publicado no "Jornal do Comércio", (6) com os aplausos da população do Mucuri.

O veneno sectário não conseguiu, apesar dos esforços empregados, atingir o alvo desejado e a catequese religiosa, após mais essa provação, retomou com novo vigor sua marcha gloriosa.

(6) "Jornal do Comércio", 30 de Agosto 1893.

CAPÍTULO XVIII

DEPOIS DO FURACÃO

I. Retomando a marcha — II. Como Frei Serafim narra a tragédia — III. Denúncia inepta e resposta arrasadora — Confiança no futuro.

I — Como o lavrador após o furacão devastador contempla com os olhos rasos de lágrimas a destruição do campo que ele amanhara com tanto solicitude, regou com o suor do seu rosto, assim, após a destruição selvagem, choraram os missionários do Itambacuri sobre as ruínas acumuladas pelo vandalismo barbaresco da ingratitude e da traição. Diante do infortúnio nada lhes restava senão levantar os olhos ao céu e, confiantes na proteção divina, recommençar sem esmorecimentos.

E, na verdade, os dois venerandos Missionários não se detiveram em estérteis lamentações, mas, sem perda de tempo, concertaram as pontes, restabelecendo, assim, as vias de comunicação, permitindo, destarte, aos moradores, voltarem ás suas casas abandonadas, ao soprar do vendaval.

Os índios civilizados, porque já acostumados á vida e costumes domésticos foram os primeiros a regressar, muito humilhados e confessando que tinham sido enganados.

Os bons e piedosos Missionários a todos recebiam com o mais largo perdão.

Os índios Pojichás, já bem reduzidos em consequência das febres e do sarampo, embora não tivessem tomado parte na rebelião, não voltaram mais e recomeçaram a incomodar os fazendeiros vizinhos.

Frei Serafim, embora sua ferida fosse grave e a perda de sangue enorme, devido à sua constituição robusta e à sua força de vontade, restabeleceu-se relativamente em pouco tempo e seu primeiro cuidado foi o de informar oficialmente ao Governo, como lhe competia, sobre os acontecimentos dos quais involuntariamente era o principal protagonista.

Elaborou, então extenso relatório no qual narra com escrupulosa fidelidade os antecedentes da vil traição e as consequências que se lhe seguiram.

Esse relatório é bem um documento de alto valor histórico e moral no qual o autor patentêia, de modo inequívoco, sua admirável serenidade cristã no julgamento dos próprios inimigos.

Parece-nos útil e até necessário transcrever na íntegra esse importante documento, que na sua eloquente simplicidade dispensa longos comentários.

O leitor beberá assim a verdade histórica na própria fonte cristalina.

Eis o expressivo relatório:

* * *

II — “Exmo. Senhor

Meses antes da desastrada revolta destes índios e de sermos nós, os padres missionários, por eles fechados, ao anoitecer do dia 24 de maio pp. o índio Querino Grande arvorou-se em chefe da tribo Potão, onde tem padrinhos de batismo. Embora aldeiado ha mais de 20 anos, conservou sempre sua índole falsa, indócil e má; e revelou-se ainda mais como tal, quando,

dias antes do acontecimento ia arengando, seduzindo e ajuntando os piores e mais atrevidos índios do Itambacuri, e atraindo por meio deles todos os outros ás suas reuniões noturnas e danças selvagens de há muito abandonadas. Prevenindo as consequências dávamos algumas providências com aquela energia e prudência que as circunstâncias permitiam. Mas tudo debalde. Com razão nos convencemos que, como em outros tempos, eram os selvagens insuflados occultamente por elementos de fóra dos quais recebiam máus conselhos.

Sem embargos o mencionado Querino com seus companheiros, a pretexto de combinarem, de acordo com os padres diretores, serviços de derrubadas, começou primeiro a roubar pano, roupa, ferramentas, mesmo as do carpinteiro e mais outros objéto, e depois ajuntar aqui perto aqueles índios que moravam nas margens do Rio Itambacuri em grande número, quase de mil, numa distância de 30 quilómetros. Ele procedeu assim no intento de se apoderar do Estabelecimento, frechando primeiro os missionários, para mais facilmente tirar do hospício deles os 23 meninos, dos quaes 12 eram filhos dos selvagens Pojichás, como também as meninas que o sarampo poupou, e se achavam recolhidas no Asilo. Os Pojichás sobretudo sofreram grandes baixas durante a epidemia do sarampo. A estes é que os revoltosos insinuaram, para os ganharem, que havíamos envenenado e matado seus filhos. Não os poderam convencer, porém, conseguindo sómente que fossem para o mato, pedindo-me antes licença. Quando o seu chefe, Joaquim Vakmann, veio se despedir, proferiu umas palavras misteriosas que indicavam algum perigo e chorou como uma criança.

No referido dia 2 de maio fomos frechados ambos os padres, ao mesmo tempo. Para o nosso restabele-

cimento muitos nacionais fizeram votos e promessas ao Todo Poderoso, á N. S. dos Anjos e a São Sebastião.

Os rebeldes contavam com a nossa eliminação afim de que, nos dias seguintes, quando acometessem a povoação do Itambacuri, não se achasse quem dirigisse a defesa e a guiasse, obstando o ímpio plano de roubos e matanças. Por isso, deixando no Aldeamento como espiões alguns índios de confiança deles, os demais em numero de 700 ou 800, sob o comando de Quirino, entrincheiraram-se a 5 quilómetros, distante no seu arraial, de onde começaram a investir contra as casas dos pobres lavradores, e, destruindo e arrancando tudo quanto encontravam, puseram em precipitada fuga, homens, mulheres e creanças, entre eles enfermos e velhos que, para salvar a vida, se foram arrastando com grande custo. Foram mortos 4 nacionais e 7 foram frechados, tendo enlouquecido um, pelo choque e terror e outros adoecido gravemente. Os feridos foram levados à nossa casa e juntamente com o Diretor, mortalmente ferido, foram todos, com desvelo e acerto, tratados, pelo Dr. José Carlos Gomes da Silva, o qual para esse fim se demorou durante 12 dias no Aldeamento.

Foi pois grande ventura a chegada aqui do Snr. Coronel Antônio Onofre com uns generosos cidadãos da cidade de Teófilo Otoni, o qual animado pelo Revmo. Vigário daquela Freguesia e com o auxílio de alguns habitantes do Aldeamento, impediu por meio de animosas expedições a arrojada marcha projetada pelos índios para caírem em massa sobre o Aldeamento e exterminarem seus habitantes, pondo tudo a saque e a fogo. Foram eles felizmente repellidos e rechaçados para o interior do mato, sem perda de vidas da parte deles, carregando víveres e criação, queimando e des-

truindo tudo, casas, pontes, seáras, paiões de mantimentos.

O Coronel Onofre, prudentemente prendeu e levou consigo os 16 índios encontrados no Aldeamento, que depois de algum tempo passado na prisão correccional da cidade de Teófilo Otoni, foram soltos e regressaram com suas mulheres e filhos.

Dias depois, retirando-se os referidos cidadãos, voltaram os sediciosos das brenhas e recommçaram com maior atrevimento suas hostilidades, fazendo roubos, estragos e desatinos durante um mês e sete dias, principalmente no logar da nova Capela dos SS. Apóstolos, afastada deste centro 24 quilómetros. Aí se apoderaram das melhores casas dos civilizados para as suas futuras operações de assaltos e conquistas, projetando subir pela margem do Rio Itambacuri até ao Estabelecimento. E certamente o teriam conseguido se no dia 29 de Junho pp., festa de São Pedro, não viessem em socorro do sítio e de seus infelizes moradores, uns caridosos habitantes da vizinhança, os quaes desalojaram os sediciosos das posições em que estavam entrincheirados e fortificados, obrigando-os a se retirarem para o bosque. Dessas novas posições, collocando-se atrás dos troncos das árvores, despendiam nuvens de setas sobre os defensores.

Nesta luta supõe-se que morreram mais de 20 indígenas e entre estes o frecheiro do missionário director, ficando feridos diversos nacionais. Faltou pouco que não fosse preso e morto o intérprete e seu filho, que lhes foram oferecer a paz e o perdão. (1)

(1) Ficou apurado em 1894 que o morto foi o frecheiro do Rev.mo P. Frei Angelo, o índio Manoel Pequeno, e não o botocudo Queriso Grande, que foi quem frechou o venerando Frei Serafim. Querino foi preso á disposição do Governo Estadual. Dele soube-se que quando viu mal acertada a primeira seta, quiz despedir a segunda e o fez com tanta força, que,

Ai do Aldeamento se os índios alcançassem a vitória! Eles estavam certos de vencerem e viver á custa do suor dos nacionais, sem precisar de trabalhar por dois ou três anos. Os avaliadores mais entendidos calcularam em 50:000\$000 os enormes prejuizos causados pelo vendalismo indígena, que deixou muitas famílias sem casa, roupa, mantimentos, criação e ferramenta. Os índios pagaram com a infratidão os cuidados, desvelos e sacrificios não só dos Capuchinhos, como também dos nacionais, que por deferência aos mesmos padres nunca os ofenderam, antes os agradavam e ajudavam a fazer suas "roças", e mais serviços agrícolas.

Até agora aos conselhos de apaziguamento, respondem, os mais ásperos de gênio, com selvagens motes ou pronta frecharia, como fizeram em 12 do corrente mês de Agosto com as praças de policia do quartel de Sto. Antonio, as quais, dispondo-se a dar café a certo índio que se aproximava com feição súplice, viram-se de repente traidos e cercados, salvando-se por milagre. Não obstante, já vieram uns pedir perdão, e pode ser que breve voltem alguns outros menos culpados, impelidos pela fome e pelo arrependimento.

O Itambacuri entretanto sentiu muito e continuará a sofrer os graves efeitos deste inopinado desastre, cujo despecho não era possível prever, e por isso na cidade de Teófilo Otoni, desde o dia 24 de maio, subiram os preços de generos alimentícios, havendo grande

rebatendo a corda do arco, perdeu o equilibrio e caiu. Assim aprouve a Deus poupar a vida de Frei Serafim já gravemente ferido. Constatou mais que morreram somente três índios com o mencionado Manoel Pequeno, tendo porém a epidemia do sarampo matado os demais. A epidemia foi-lhes tão exterminadora, que grassando por duas vezes, sobretudo em 1892-1893, ceifou mais de quatrocentas vidas indígenas por não se sujeitarem á lei do resguardo. — (Nota do mesmo Relatorio)

falta de arroz, farinha de milho e de mandioca, de feijão, de toucinho, de carne, de assucar, de rapadura, de galinhas etc... etc..., pois o Itambacuri foi sempre o celeiro que preservou dito município da terrível fome em os decorridos anos de seca.

“Verdade é que este sitio tão adiantado ha de custar a ser aniquilado. Isso se daria se fosse desamparado pelo Exmo. Governo e privado de seus auxílios. É preciso não esquecer que a população de Itambacuri cresce de dia para dia e atualmente consta de cerca de 2112 almas, sendo 1228 menores de 10 anos e 884 maiores de 10 anos, com 640 fogos. É de notar mais que não estão incluídos os revoltosos e o Aldeamento tem em sua redondeza mil trezentos e sessenta e um habitantes com 237 casas ou fogos a saber:

Índios puros, maiores de 10 anos	58	
menores de 10 anos	60	
Índias puras, maiores de 10 anos	56	
menores de 10 anos	36	210
Índios mestiços, maiores de 10 anos	99	
menores de 10 anos	147	
Índias mestiças, maiores de 10 anos	100	
menores de 10 anos	86	432
Nacionais lavradores maiores	128	
menores	196	
Mulheres nacionais maiores de 10 anos	246	
menores	149	719
Número dos habitantes		1.361
Com 237 casas.		

Este número de índios, como de nacionais, tende a aumentar, quer pelo regresso dos que forçadamente tomaram parte na sublevação, sobretudo os selvagens Pojichás, que não quiseram intrrometer-se neste ato

criminoso, e quer pela chegada mui provavel de outra horda selvagem das vastas matas de rios Itambacuri, São Mateus e Doce. Urge pois que o Governo continue a socorrer este Aldeamento e o ampare com um destacamento permanente de força policial ou de guarda nacional para garantir a segurança pública.

É desnecessário notar-se que até o dia 24 de maio pp., durante 20 anos, não teve aqui a deplorar-se nenhuma desordem criminosa, espancamento ou morte. A catequese criou nestas incultas e desconhecidas bre-nhas, estensas e variadas culturas, numa área talvez maior de 60 quilómetros em quadro, com vias de comunicação ou sofríveis veredas e picadas abertas em todas as direções.

Além disto ha aqui uma linda igreja Matriz, com a casa Hospício dos Missionários Capuchinhos, a qual igreja, dedicada a N. S. dos Anjos, é comprida 30 metros, sobre 12 de largura, com 6 metros de altura; sua capela mór tem 8 metros de comprimento e 5 de largura, havendo tambem duas capelas laterais no corpo da mesma igreja e tres côros espaçosos, um na entrada e dois aos lados da capela mór. O frontespício é elegante com 14 metros de largura, sobres-saindo ao lado as duas torres de 16 metros de altura, com três portas de ingresso.

O cemitério tem tambem uma bôa e bonita capela.

O Hospício dos padres mede 36 metros de comprimento com 12 de largura e 4 de altura.

Ha mais dois edificios onde funcionam as escolas de instrução primária e o asilo dos orfãos indígenas de um e de outro sexo. Existem ainda a cadêia ou prisão correcional e mais outro prédio na praça de comércio, que serve de rancho e abrigo aos índios e aos civilizados; e, finalmente, o da moagem da cana

de assucar com moenda a cilindros de ferro, cuja roda, com seu eixo, trabalhando já 18 anos, carece ser toda reconstruida de novo. Tem tambem uma pequena casa para agasalhar officiaes mecânicos indígenas. Ha portanto nove edificios públicos sendo oito de sólida construção.

Os nacionais têm 42 engenhos movidos por bois. As escolas funcionam com desvelo e regularidade, não tendo havido nem falhas, nem férias, a não ser nas solenidades e durante este levante, depois do qual, já recommçaram as aulas, embora com menor número de meninos que todavia vae crescendo dia a dia.

Concluindo supplicamos humildente a V. Ex.^a que, na sua experiência bem sabe avaliar o estado de cousas, por haver pessoal e criteriosamente tudo visto e examinado, alcance ao Aldeiamento o necessario auxilio a bem da catequese, e pela prosperidade desta tão rica e vasta zona, a bem do País e da tranquillidade pública. Deixamos o mais, com toda submissão, ao esclarecido juizo de V. Ex.^a, ao patriotismo e á prudente decisão de quem é a competência em pessoa. Alego aqui uma cópia do Relatório do Coronel Antônio Onofre, diretor dos índios da 3.^a Circunscrição e Juiz de Paz em exercicio, residente em Teófilo Ottoni, datado de 10 de Junho pp.

Ao Ilmo. e Exmo. Snr. Brigadeiro Antônio Alves Pereira da Silva, Diretor Geral dos Índios em Ouro Preto. — 22 de Agosto de 1893.

Frei Serafim de Gorizia

Frei Angelo de Sassoferrato.

A exposição minuciosa feita por Frei Serafim e os dados estatísticos por ele fornecidos provam, sufficientemente, que o Aldeiamento de Itambacuri tinha alicerces sólidos. A

revolta dos índios pôs á prova sua admiravel resisténcia, sua abundante vitalidade e, sobretudo, através do sofrimento, elevou alto em um ninho de glória os nomes dos dois heróicos filhos de São Francisco, Frei Serafim e Frei Ângelo.

No enfurecer da tormenta Frei Serafim não perdeu a fé no futuro do seu querido Itambacuri. Sangrava ainda a ferida aberta, mas tinha a certeza de afirmar uma verdade quando escrevia no seu relatório ao Governo estas proféticas palavras: "*Verdade é que este sítio tão adiantado ha de custar a ser aniquilado*". O humilde homem de Deus sabia que o Aldeamento de Itambacuri como obra de Deus não podia morrer. Todos os triunfos alcançados pertenciam a Deus, em cujas mãos ele era apenas instrumento. E, na verdade, se não fosse a proteção divina experimentada constantemente, Itambacuri teria sido esmagado em seu nascer, visto como as forças do mal estiveram em todo o tempo coligadas para atacar de todos os lados a catequese e seus diretores.

Frei Serafim, homem de fé, olha confiante o futuro apoiado na graça de Deus e certo de que os inimigos de hoje e de amanhã, como os de ontem, não lograrão realizar seus tenebrosos projetos e hoje, como *ontem*, ele pode repetir as palavras que lhe acudiram aos lábios dias antes da tragédia: "Louvando-O invocarei ao Senhor e serei salvo dos meus inimigos".

Sem a intervenção de Deus não seria possível explicar a existência e a prosperidade de Itambacuri.

* * *

III — As feridas dos heróicos diretores não estavam de todo cicatrizadas e os escombros da catástrofe não tinham sido totalmente removidos, quando os inimigos tentaram mais um golpe. Desta vez foi uma denúncia assinada pelos mesmos cidadãos que desde o início se bateram pelo

desaparecimento da catequese dos índios no vale do Mucuri. A denúncia era grave e o Governo de Minas mandou pessoa de sua plena confiança para apurar a verdade. Remeteu pois cópia da denúncia ao ilustre engenheiro Dr. Pedro José Versiani, com explícitas ordens de apurar a verdade *in loco* e remeter as informações colhidas com todo escrupulo e segurança.

A resposta veio ampla, arrasadora para os inimigos de Itambacuri e aqui a transcrevemos:

“Dr. Inspetor de Terras e Colonização do Estado de Minas Gerais em Ouro Preto.

Respondendo ao vosso officio de 21 de Outubro, que veio acompanhado duma cópia da denúncia feita contra o sistema de catequese adotado nesta zona e da representação dos moradores de Itambacuri a favor da conservação dos frades Capuchinhos naquêle aldeamento indígena Frei Serafim de Gorizia e Frei Ângelo de Sassoferrato.

A alegação da denúncia dos *índios civilizados*, aproveitados pelo denunciante, se é verdadeira, não pode servir de argumento contra os frades, que só têm procurado prolongar a existência dos indígenas, mandando construir casas para abrigo dos mesmos, abrindo (com auxílio de nacionais) lavouras de milho, feijão, arroz, etc. para sustentá-los, fornecer-lhes roupa, ferramenta, remédios e dando-lhes conselhos higiênicos e morais.

O numero de índios existentes no Aldeamento é muito superior aos trinta e tantos da denúncia; ainda ontem asseverou-me o Sargento, comandante da força policial naquêle povoado ser o numero deles superior a duzentos (ainda depois da revolta dos índios realizada em 24 de Maio p.p. e a retirada dos mesmos nas florestas).

Quanto á ignorância em que diz o denunciante acharem-se os índios, esta deve-se atribuir mais ás dificuldades que experimentam indivíduos indolentes, e possuidores de uma língua paupérrima do que aos Capuchinhos que não têm descurado da instrução, possuindo eles casas próprias para o ensino e havendo um professor mestiço, por eles criado e educado, que, conhecendo a nossa língua indígena se consagra (com o zelo e o escrúpulo que a religião sabe infundir) no convívio dos mesmos; havendo também uma professora para meninas. O fato de não falarem os índios a nossa língua corretamente, não deve causar estranheza; se os ingleses, alemães e outros representantes de raças civilizadas levam 10 e 20 anos para conseguir esse desiderato, como pois exigí-lo dos indígenas de inteligência acanhada e inculta?

É verdade que os índios, em geral, não sabem ler e escrever, como também não o sabem os nossos cidadãos que formam a maioria da população.

A educação do trabalho que têm recebido os índios é atestada pelos melhoramentos públicos executados sob a direção dos frades; sendo fácil reconhecer-se que o Itambacuri apesar de Aldeia, *é sob alguns pontos de vista superior a cidade de Teófilo Otoni.*

Alí estão as duas casas de escola o que não temos, a igreja muito superior á nossa que é um casebre velho.

Se lá não existe uma rua calçada e nem um lampião de iluminação pública, também aqui acontece o mesmo; estando nós em piores condições, porque a nossa rua principal e de mais ativo comércio é um extenso atoleiro, ladeado por dois charcos (valetas) de lama podre que exala pestilentos miasmas.

Além das obras citadas, construíram os frades mais de 30 quilómetros de boa estrada para comunicação

do Aldeamento com a cidade; fizeram diversas pontes e “viradas” regulares para lavradores estabelecidos na Igreja Nova, 4 léguas abaixo do Itambacuri e em Sta Izabel, a 5 léguas do mesmo povoado.

Se estão atrasados os índios de Itambacuri nós também não lhes devemos muitas vantagens e aqueles nada lucrarão com a emancipação e a sujeição ao regimem municipal.

Diz a denúncia — “Frei Serafim tem atraído a Itambacuri grande quantidade de nosso povo ignorante, que para ele trabalha sem estipêndio em casas, igrejas, estradas e nisto é que se emprega com atenção”. A circunstância de ter atraído povo a Itambacuri, prova a favor do homem inteligente e enérgico, que conseguiu transformar aquele logar deserto e inóspito em celeiro de Filadélfia, como todos aqui reconhecem.

É imprópria a expressão povo... que para ele trabalha — porquanto os trabalhos de pontes, estradas, igrejas etc. aproveitam ao público em geral. O desprendimento dos frades é público e notório, levando estes o seu escrúpulo a ponto de não aceitarem sequer uma chícara de café oferecida por moradores de Itambacuri.

Enfim a contradição é a base do argumento apresentada na denúncia. Diz mais a denúncia que os frades organizaram por conta própria expedição contra os índios. A acusação feita sem provas não passa de uma afirmação vaga.

Houve realmente expedições contra os índios que, depois de frechado Frei Serafim, praticaram na sua retirada diversos morticínios e depredações, roubando nos paíões de mantimentos abandonados, incendiando ranchos e matando as criações.

Em algumas dessas expedições, tomou parte a policia estadual para garantia da vida e propriedade de individuos ameaçados.

Não creio, porém, que os frades, afastando-se da sua missão de paz e de amor, fossem organizadores de tais expedições nem é concebível que achando-se o Fr. Serafim gravemente enfermo, por ter perdido grande quantidade sangue de tal se lembrasse.

As expedições contra os índios aquilatan tempos remotos e são o resultado da falsa noção que o povo, em geral, incluindo mesmo os individuos mais esclarecidos têm dos direitos individuais daqueles a quem consideram como feras e não como entes racionais, cegos nas suas paixões, por lhes faltar, às mais das vezes, o exemplo dos que se dizem civilizados.

Está na memória de todos o modo bárbaro e cruel que tem sido empregado aqui em épocas bem recentes, para o extermínio da raça indígena atraindo-se os índios exaltados a uma parte qualquer, cercados por muros ou por trincheiras, sob o pretexto de carnear um boi; e matando-se sem distinção de sexo e de idade com o auxilio das armas do Governo Geral, que aqui tinha quase sempre um destacamento.

Se roubavam mantimentos nas roças feitas em terras que consideravam suas eram caçados e mortos como animais irracionais, sem que houvesse o menor vislumbre de processo.

Em vista dos precedentes, a emancipação do Aldeamento além de não melhorar a sorte dos índios, será motivo de geral inquietação. Os índios de Itambacuri que até hoje não abusam das bebidas espirituosas, por que os frades não consentem que sejam vendidas no Aldeamento farão o mesmo que os Parintins, que viajam 4 léguas e mais à procura de cachaças e praticam

todos os excessos, como tive ocasião de presenciar na estação de Urucú. Entregando-se ao excessos alcohólicos, o que se pode esperar de homens vingativos e sedentos de sangue, pela lembrança de pais e irmãos traiçoeira e cruelmente exterminados?

Estou em completo desacordo com o denunciante e julgo que a catequese deve ser eficazmente auxiliada, visto não conhecer outro meio melhor para chamar aos índios ao grémio da civilização. Nesse intuito parece-me que seria de grande vantagem a organização de uma banda de música no Itambacuri para onde o Governo deveria mandar um professor habilitado e os instrumentos precisos.

A música desperta os sentimentos nobres e elevados da alma humana, poderá exercer grande influência sobre os indígenas abrandando-lhes os costumes.

Não havendo banda de música nesta cidade proporciona-se aos índios também um meio de vida, porque poderão figurar aqui nas solenidades civis e religiosas.

Os auxílios pecuniários, além dos necessários á subvenção das escolas, poderão ser empregados no descortinamento melhor das estradas do Aldeamento para esta cidade, serviço que importará em dois ou três contos de reis, no dessecamento do brejo que fica perto do Aldeamento, no melhoramento da vereda da Igreja Nova.

Quanto á representação feita pelos negociantes e lavradores do Itambacuri, pedindo a conservação dos Frades Capuchinhos parece-me que deve ser atendida, porque estes representam no Aldeamento um elemento de Ordem e de progresso, tão desejados nos dias lutosos que atravessa o Brasil.

A força policial também deve ser conservada, mesmo para a garantia dos frades que serão as primeiras vítimas se houver alguma revolta dos índios.

É esta minha opinião sobre os documentos que confiastes á minha apreciação.

Apresento-vos a expressão dos meus mais cordiais sentimentos e faço votos para que a vossa administração seja de fecundos resultados para o nosso Estado, como deve esperar-se do vosso talento e patriotismo.

Saúde e fraternidade.

Cidade de Teófilo Otoni, 10 de Dezembro de 1893.

(Ass.) *Pedro José Versiani*

Eng. Fiscal de ferrovias, estradas e obras públicas.

Essa denúncia cheia de malquerenças e falsidades magoou ao venerando fundador de Itambacuri e quando teve conhecimento dos nomes dos denunciantes não poudo ocultar um sentimento de profunda tristeza. Em carta confidencial desabafa a sua dôr ao escrever ao Commissário Geral dos Missionários Capuchinhos do Rio de Janeiro:”

“Estou atarefado como nunca, agora que os índios arrependidos do que fizeram em 24 de maio do ano passado regressam das florestas nús, sem mantimentos e sem ferramenta, sendo preciso assim sustentá-los e vestí-los. Prevalece aqui a opinião que os cinco ou seis indivíduos que até hoje têm sido acérrimos inimigos do Itambacuri, foram os iniciadores e instigadores ocultos da revolta dos índios, porem Deus nos amparou com N. S. dos Anjos e o Patriarca São Francisco, aos quais estes habitantes se consagraram. Casualmente veio-me ás mãos um rascunho da denúncia

secreta que fizeram contra mim e a catequese e cujo autores são...

Que Deus lhes perdôe!"

A reconstrução se fez com relativa rapidez e a normalidade voltou a Itambacuri. As consequências, porém, inevitáveis, fizeram-se sentir durante alguns anos.

O vandalismo inconciente dos índios nos dias da revolta arrasou por completo as plantações, incendiou os paiões de mantimentos, matou a criação e no correr do ano de 1894 a fome se fez sentir com todos os horrores. A situação agravou-se ainda mais devido á seca e a seguir ás enchentes que prejudicaram quasi totalmente as colheitas.

Os intrépidos Missionários, com o apoio decidido do Governo que reconheceu sua abnegação e desprendimento, tomaram as providências que o caso exigia e com todos os meios mitigavam os sofrimentos da população animando-a, encorajando-a com a palavra e com o exemplo na esperança de dias melhores que efetivamente vieram.

CAPÍTULO XIX

NOVOS RUMOS

I. Dois Beneméritos: Francisco Sá e Carlos Leopoldo Prates — II. Visita proveitosa — Relatório — III. Reparação e Desagravo — IV. Frutos de um Relatório.

I — Ao Presidente Dr. Afonso Augusto Moreira Pena, eleito a 30 de maio de 1892, para concluir o quadriênio Cesário Alvim, que se havia iniciado a 15 de junho do ano anterior, e fôra interrompido pela renúncia deste último, succedeu, em março de 1894, o terceiro Presidente Constitucional do Estado de Minas Gerais, na pessoa do Dr. Crispim Jacques Bias Fortes.

Entre os valores moços que foram chamados a colaborar com o novo Governo, distinguiram-se sobremaneira o Dr. Francisco Sá ao qual foi confiada a Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas e o Dr. Carlos Leopoldo Prates que occupou a Inspeção de Terras e Colonização que desde 7 de agosto de 1893 vinha sendo organizada e proficientemente dirigida pelo ilustre Dr. Francisco Sá. (1)

Estes dois illustres políticos mineiros alistaram-se entre os admiradores da obra realizada pelos Capuchinhos no Aldeamento indígena do vale do Itambacuri, tornando-se, no correr dos anos, verdadeiros Beneméritos.

(1) Esta Repartição anexa à Secretaria da Agricultura, foi criada pela lei n.º 27 de 25 de Junho de 1892 no início do Governo Afonso Pena, afim de lançar as bases orgánicas do serviço de medição de terras devolutas.

Ao Dr. Francisco Sá, deve-se a organização modelar da nova Repartição para a qual traçou um largo programa de fecundas realizações, como o demonstra o interessante trabalho por ele elaborado e apresentado, em 20 de fevereiro de 1894, ao Secretário da Agricultura Dr. David Campista. Nesse estudo consciencioso das necessidades, aspirações dos agricultores e das fontes de riquezas do Estado, Francisco Sá patenteou seu belo talento e seu acrisolado patriotismo. De próprio punho elaborou todo o Regulamento de Terra e Colonização

Uma das medidas que imediatamente pôs em execução, foi a criação de 4 Distritos de Terras, com o objetivo de medir, demarcar, estabelecer a posse legítima, lotear e vender as terras públicas do Estado, com que deu renda ao Tesouro e removeu dificuldades para o estabelecimento de núcleos da Colonização.

É digno de relevo como o Diretor do Aldeamento Indígena de Itambacuri, dentro do território de sua jurisdição, tinha no limite do possível, precedido os poderes públicos, realizando e aplicando essas patrióticas medidas, dando terras e habitação a centenas de famílias de índios civilizados, de mestiços e caboclos, que procuravam o Aldeamento e ali fixavam residência.

Esse fato não passou despercebido ao tino administrativo de Francisco Sá, o qual se mostrou sempre interessado em bem conhecer o Aldeamento de Itambacuri e sua administração.

Em 23 de julho de 1894 dirigiu ao Revmo. Frei Serafim de Gorizia, o seguinte ofício:

“Tendo eu incumbido ao Snr. Engenheiro Carlos Leopoldo Prates, chefe da Seção desta repartição (Repartição de Terra e Colonização) de prestar-me após detido exame, informações minuciosas sobre esse Aldeamento, confiado à Vossa digna direção, os quais

servam para a reorganização do serviço da Catequese, recomendo-vos que àquele funcionário presteis todos os esclarecimentos e auxílios vosso e do pessoal sob vossas ordens, de que precisar para desempenho da mesma comissão.

O suplemento de vossas luzes, experiência e dedicação ao serviço público muito úteis hão de ser, estou certo, à decretação das medidas que porventura se tornem necessárias.

Francisco Sá.

Insp. de Terras e Colonização".

* * *

II — O emissário do Inspetor de T. e C., engenheiro Carlos Leopoldo Prates, outro benemérito do Itambacuri, realizou sua demorada visita ao Aldeamento no fim do ano 1894. A narração dessa visita, que tantos benefícios trouxe ao desenvolvimento e ao progresso de Itambacuri, têm-lo no Relatório que o ilustre visitante apresentou, trazendo com fidelidade suas impressões. É, não há negar, um documento sereno e justo, fruto da observação direta, sem prevenções descabidas e sem paixões. Ao mesmo tempo, é, uma resposta oficial a todas as insinuações, calúnias e acusações assacadas, periodicamente, de má fé contra o Aldeamento e seus Diretores, e, finalmente, é um merecido encômio à abnegação e desprendimento dos humildes missionários tão cruelmente alvejados pela peçonha venenosa dos cubiçosos exploradores do trabalho alheio.

A visita do engenheiro Carlos Prates, provou mais uma vez, como os funcionários que, enviados pelo Governo, chegavam ao Itambacuri com a pasta cheia de fantásticas denúncias contra o Aldeamento e a honra de seus Diretores, ao verem com os próprios olhos e tocarem com as próprias mãos, tornavam-se admiradores e amigos devo-

tados dos missionários dos quais nunca mais se esqueciam.

Assim aconteceu ao ilustre engenheiro Carlos Prates que no relatório, datado de 20 de janeiro de 1895, teceu ao Aldeamento de Itambacuri um merecido hino de louvor.

Logo de início não consegue esconder sua admiração pelo deslumbrante panorama que se lhe oferece e assim se exprime:

“Do lugar onde está a Igreja (de N. S. dos Anjos) é que melhor se observa a beleza do panorama que oferece esse lugar: admira mesmo ao observador como pudessem os Frades no meio de frondosa mata virgem, escolher tão bem o lugar, onde observassem o que se ia passar diante de seus olhos”.

E, sempre cheio de admiração e de entusiasmo pela terra de Itambacuri, continúa:

“Rivalizando-se com a beleza está a riqueza de suas terras, as quais se prestam a todas as culturas usadas em Minas, notadamente a do arroz, da cana, do milho, do feijão, do cacão e do algodão, possuindo em suas florestas madeiras de construção das melhores qualidades, tais como a aroeira, perola, ipê, braúna etc.

“O clima me parece bom, e esta suposição torna-se realidade pelo que afirmam os habitantes do lugar. . .

Notei durante a minha estada (no Aldeamento) a melhor boa ordem e respeito entre toda a população reunida (de tres mil habitantes).

As queixas que ouvi articularem contra a direção do Aldeamento foram as seguintes:

1.^a) Que os diretores expulsam dali indivíduos civilizados por qualquer informação pouco fundada e que não permitem o livre comércio.

2.^a) Que eles recebem esmolas em viveres etc. do povo para sustentar a preguiça dos índios.

3.^a) Que empregam índios e brasileiros civilizados no trabalho do Aldeamento sem lhes dar remuneração alguma.

Vejamos o fundamento destas queixas:

“Sendo os Diretores do Aldeamento os responsáveis pela bôa ordem e respeito que deve nele reinar, é natural que não consintam residir ali indivíduos de maus costumes, desordeiros ou que venham perturbar a ordem desencaminhando os índios, vendendo-lhes cachaça etc., ou mesmo que venham desalojá-los de suas propriedades por meio de negócios fraudulentos. Nesses casos outra não poderia ser a medida a se tomar.

O juiz que melhor pode julgar da conveniência da entrada ou da retirada do Aldeamento de tais indivíduos é certamente o Diretor, embora êste possa, muitas vezes, bem intencionado, praticar injustiças, devido a informações falsas, das quais nada suspeite. Já tem havido casos de indivíduos comprarem a índios as suas casas por pouco mais de nada, obrigando-os deste modo a se afastarem da séde do Aldeamento o que é de grande inconveniente já porque dificulta a ação administrativa, já porque torna mais difícil a frequência dos meninos indígenas às escolas. Para os índios isto é de todo indiferente.

“Quanto ao segundo motivo de queixa apesar de ser real que os Frades dão aos índios quase tudo que recebem, é ele injusto. Se assim procedem eles é para evitar males maiores. De fato, não dispendo os índios de recursos para viver, devido ao fato de terem perdido as suas roças com a malfadada revolta de 1893, se não lhes fornecessem meios de subsistência, afastar-se-iam do Aldeamento para as matas e, quando

não encontrassem caça bastante para o seu sustento iriam roubar nas roças e atacar nas estradas para o mesmo fim. As consequências disto seriam as lutas e matanças de índios, com as quais a catequese e civilização dêstes, tudo teriam a perder.

Portanto nenhuma censura e pelo contrário elogios, merecem os Frades por assim procederem.

“O terceiro motivo de queixa é também infundado.

“Os serviços em que, sem remuneração, têm trabalhado os índios e nacionais civilizados, a pedido de Frei Serafim, Diretor do Aldeamento, são de interesse geral para o lugar, tal como abertura de ruas, de estradas, desvio de águas etc. Durante estes serviços, que em geral tem durado poucos dias, devido ao grande numero de operários que a ele concorrem, às vezes de 300 a 400 homens, o Aldeamento fornece-lhes bôa alimentação. Longe de merecer por isso censura, parece-me que é digno de elogios aquele que, por seus bons modos e sentimentos de caridade, conseguiu ser estimado, respeitado e considerado a ponto de poder reunir, sem empregar nem um meio coercitivo o povo do Aldeamento para trabalhar junto para o bem comum de todos eles.

“Ninguem é capaz de afirmar em que tenham os Padres se servido de trabalhos do povo em proveito dêles pois nenhuma propriedade possuem alí do seu uso exclusivo.

“De índios nenhuma queixa ouvi a não ser de dois que se acham detidos na prisão por motivo da revolta.

“Atendendo-se à boa ordem que reina entre a grande população de nacionais civilizados, que alí vivem, felizes pelo seu trabalho e entre os indígenas,

ao grande número de meninos e meninas que têm frequentado com proveito as escolas, ao grande número relativamente das obras públicas existentes, não se pode deixar de reconhecer, que o Aldeamento tem progredido e que tem prestado serviços á catequese e principalmente á zona em que foi fundado.

“Não encontrei ato algum em que fosse fixada a extensão de terras concedidas para o Aldeamento a não ser a posse alegada pelos Padres. Estas dão como pertencentes ao Aldeamento: as terras que se estendem da cabeceira do São Mateus até ao Rio Doce, com a extensão de 12 léguas de comprimento sobre 5 ou 6 léguas de largura, compreendido todo o Rio Itambacuri e suas vertentes e as de São Mateus, na extensão de 4 a 5 léguas a partir de suas nascentes” (Deu-se esta extensão pela simples razão de não terem os dois Padres Missionários percorridos tais terras até então desconhecidas e encobertas de floresta virgem, e, abrindo picadas de comunicação, começaram a povoá-las.

“Terminando esta primeira parte do meu relatório, julgo do meu dever declarar, que são dignos dos MAIORES ELOGIOS OS EX-DIRETORES DO ALDEIAMENTO DE ITAMBACURI. P. Fr. SERAFIM DE GORÍZIA e Fr. ÂNGELO DE SAS-SOFERRATO, pelos grandes serviços que com a mínima recompensa material tem prestado ao estado de Minas, já se esforçando para civilizarem e educarem aqueles de seus filhos que viviam em abandono nas florestas, já orando debaixo dos melhores costumes, quais os da ordem, do respeito e do trabalho, um centro de futura população, já, em suma, sacrificando o melhor tempo de sua vida, à mais ingrata, porém à mais nobre das missões humanas, qual seja a de pro-

porcionar a Fé a par da instrução e do conforto àqueles que, nem apenas dêstes bens tinham exata noção.

“Em face de tão grande benefício são desculpáveis e mesmo desprezíveis as pequenas faltas, que, por ventura, tenham cometido”. (2)

* * *

III — Da leitura do Relatório acima, no qual o ilustre Carlos Prates, enumera as acusações que periodicamente eram levadas aos poderes públicos pelos inimigos da catequese, se verifica como possa êle próprio com um profundo sentimento de serena justiça e argumentação irretorquível, a dismantelá-las uma a uma, pondo em evidência os iluminados critérios com que os Missionários agiram constantemente, sua abnegação e boa fé.

Nesse Relatório revive o caso da reclamada *liberdade de comércio* dentro do Aldeamento. (3)

O ilustre visitante reconhece as boas razões que motivaram as restrições da parte dos Missionários e proclama, com imparcial testemunho, a lealdade e a inocente consciência com que se tiveram sempre os filhos de São Francisco, diretores do Aldeamento do Itambacuri.

A evidência meridiana desse depoimento, diante dos homens de boa fé e de bom senso, tem o inestimável valor de solene reparação e oportuno desagravo.

* * *

IV — Uma das primeiras medidas tomadas pela Inspectoria de Terra e Colonização, como resultado da visita de seu emissário, o engenheiro Carlos L. Prates, foi o de

(2) Rel. e of. Vol. III, pag. 23

(3) *Ibidem*

conferir, pelo ato de 20 e 27 de outubro de 1894, o título de Diretor efetivo do Aldeamento de Índios do Itambacuri, no Município de Teófilo Otoni, ao Revmo. P. Frei Serafim de Gorizia, e o de Vice-Diretor ao P. Frei Ângelo de Sasoferrato, de acordo com a nova lei por esse órgão preparada.

(Este ato de justiça valeu como reconhecimento e apreço da obra civilizadora realizada pelos operosos apóstolos do vale de Itambacuri, da parte do Governo Republicano, e, ao mesmo tempo, incitamento para futuras atividades.

Desde alguns anos o país vinha atravessando uma época de lastimáveis agitações, culminando, mais de uma vez, em perniciosas revoltas e sangrentas lutas intestinas. Todavia a administração do Estado de Minas decorria sem maiores embaraços e para o Aldeamento de Itambacuri iniciou-se uma nova era de progresso basejado pelo apoio e simpatia do Governo através dos órgãos administrativos competentes, isto é a Secretaria da Agricultura e a Repartição de Terras e Colonização, presididas respectivamente, pelos beneméritos Francisco Sá e Carlos Leopoldo Prates.

Durante o ano de 1894-95 continuaram a regressar em pequenos grupos os índios que se tinham embrenhado nas florestas por ocasião da revolta e os Missionários conseguiram que os meninos e meninas voltassem a frequentar as escolas. Os orfãos foram recolhidos e retirados do meio pernicioso no qual viviam e já no segundo semestre de 1894 "conviviam com os Padres Missionários uns 20 meninos índios que aprendiam artes e ofícios".

O Diretor do Aldeamento neste novo ambiente de confiança e de simpatia, pleiteou junto aos poderes públicos a execução de umas obras que se tornavam necessárias para os habitantes do Aldeamento.

Valendo-se da ida do Deputado Estadual Dr. Epaminondas Estevens Otoni a Ouro Preto, onde iria tomar parte nas sessões do Congresso Estadual, expôs algumas das ne-

cessidades do Aldeamento e rogou-lhe defendesse as seguintes medidas: a) apontar ao Congresso algumas falhas da nova lei acêrca da Catequese e civilização dos Índios; b) conseguir os meios pecuniários para umas obras necessárias na Igreja de N. S. dos Anjos e edifícios destinados à instrução, além de pequenas casas para famílias indígenas; c) alargamento e modificação das duas importantes estradas: Itambacuri-Teófilo Otoni e a outra que vai até Capela Nova dos SS. Apóstolos.

Embora com alguma demóra a autorização para executar essas tão necessárias obras veio, ficando evidente a boa vontade e simpatia para com Itambacuri dos beneméritos Francisco Sá e Carlos Leopoldo Prates.

Afim de impulsionar a lavoura, atrair trabalhadores, o Dr. Francisco Sá pensava em transformar o Aldeamento em Colônia Agrícola e, nesse intuito perguntava: “qual o meio de se tornar efetiva, e regularizar a transformação do Aldeamento numa colônia de indígenas, de nacionais e de estrangeiros, de que cogita esta Repartição?”

O engenheiro Carlos Prates, após a visita a Itambacuri, respondeu no Relatório acima mencionado, nestes termos:

“O Regulamento promulgado pelo decreto n.º 777 de 1.º de setembro do ano findo, na parte II que trata das colônias indígenas, contém, ao meu ver, as disposições necessárias para regularizar a transformação do Aldeamento em Colônia.

“Para se tornar efetiva a parte desse regulamento que se refere aos indígenas, parece-me conveniente a conservação dos ex-diretores para lhes preparar o espírito, sem solução de continuidade, ao novo regimem a que vão ser sujeitos, e a construção das casas nos lotes que tem de lhes pertencer...”

Com efeito a mudança se fez sem abalos, insensivelmente, sob a direção dos Missionários, que, servindo-se do imenso prestígio por êles desfrutado entre a população, conseguiram, no mais breve prazo, a desejada transformação.

Itambacuri marchava decididamente para a emancipação e incorporação jurídica à vida social.

CAPÍTULO XX

ESCOLAS E PROFESSORES

I. A Igreja e a escola gratuita e os primeiros professores no Aldeiamenot de Itambacuri — II. Escola para meninas e suas primeiras mestras: D. Romualda Orfão de Meira e a Índia D. Delfina Bacan de Araná — III. Manoel Pereira Tangrins e Domingos Pacó.

I — A escola, e escola gratuita, surgiu ao lado da Igreja.

No turbilhão das perseguições dos primeiros séculos limitou-se a Igreja à pregação, mas já no século III surgem as primeiras autênticas escolas, que, mais tarde, tomam organização científica como a de Alexandria, ilustrada por Clemente e Orígenes; de Cesaréia, Jerusalém e, algum tempo depois, a dos solitários de Nisibi, de Roma, Cartago, Belém, Milão e outras.

Desde os primeiros tempos floresceram as “*Scholae Cantorum*”. Eram escolas públicas para meninos e catecúmenos, aspirantes ou não ao estado religioso. No século VI aparecem as escolas monásticas, especialmente de beneditinos e as capitulares de Carlos Magno (789-805) — Distinguem-se ainda de maneira mais acentuada as escolas *catedrais* ou *episcopais*, as *abaciais*, escolas inferiores ou médias, de internos e externos que se preparavam para os estudos universitários; e, finalmente, as *paroquiais* que eram também elementares.

A Igreja tomou sempre posição destacada no combate à ignorância, ordenando, estimulando, amparando a instru-

ção. No ano 529 o Concílio de Voison ordena aos párocos que *mantenham e instruem* nos “estudos oportunos” os aspirantes ao sacerdócio. (1) No século XI o grande Gregório VII estabeleceu: “*ut omnes Episcopi artes litterarum in suis Ecclesiis docere faciant*”: Que os Bispos mandem ensinar as letras em todas as suas igrejas”. O quarto Concílio Lateranense (Can. XI) elevou e distinguiu o magistério com a instituição do título honorífico de “Mestre-escola e “Cônego Teologo”.

Não deve, pois, nem pode ser esquecido que a Igreja foi, em todos os tempos, a maior propagadora do ensino prestando à humanidade inestimáveis serviços.

No Brasil os primeiros missionários seguiram as mesmas normas e, ao lado das primeiras capelas, levantaram as primeiras escolas.

Os abnegados filhos de Santo Ignácio além da catequese, “abriam escolas para ensinar letras aos filhos dos portugueses” (2). Por toda parte floresciam e prosperavam Colégios e “escolas de ler, escrever e contar” e, como afirma o P. Nobrega: “Convidavam os meninos a ler e escrever e conjuntamente lhes ensinavam a doutrina cristã...” (3)

Muito antes da famosa lei-régia de D. José I, estabelecendo o imposto denominado “subsídio literário” a Igreja, no Brasil, pelos seus missionários, tinha feito em prol da instrução o que estava em seu poder.

Itambacuri, como era natural, teve logo de início sua escola ao lado da igreja e, desde o primeiro relatório la-

(1) O terceiro Concílio de Latrão instituindo as escolas para os pobres e fazendo-as funcionar onde haviam caído em desuso, exclue qualquer habito de receber dinheiro pelo ensino ou estabelecer taxas escolares, com pena de perder o beneficio (can. XXIII) — Em “Santo Antonio e o seu tempo. — G. Scrinzi — Padova, 1895.

(2) Serafim Leite — Historia da Comp. de Jesus. Vol. IV — 262

(3) Ibidem.

vrado pelos fundadores, a igreja e a escola foram objeto de constantes cuidados da parte deles.

O Sargento Torquato Bicalho, que de Ouro Preto acompanhou os missionários, ocupou nos primeiros anos, o cargo de professor e secretário do Aldeamento, sendo, portanto, de pleno direito o primeiro professor de Itambacuri, regendo a única escola mixta de "pau a pique" e coberta de "cavacos" onde recebiam instrução os filhos dos índios civilizados.

No fim do ano de 1878, renunciou o cargo.

O Diretor do Aldeamento nomeou interinamente para substituí-lo o jovem Ernesto Gonçalves Pereira Filho, que em 23 de fevereiro de 1879, tendo recebido o título definitivo, prestou juramento e entrou no exercício do cargo.

Dois anos depois foi substituído pelo moço de 15 anos, Domingos Ramos Pacó, que recebeu o título em 3 de janeiro de 1882, entrando imediatamente na posse da cadeira.

* * *

II — A escola para meninas, desde muito reclamada pelo Diretor do Aldeamento, foi creada somente em 1881. Em 29 de Dezembro do mesmo ano, foi conferido à Senhora D. Romualda Orfão de Meira, o título de professora do Aldeamento de N. S. dos Anjos, nos seguintes termos:

Domingos de Magalhães Gomes, official da Ordem da Rosa e Diretor Geral dos Índios da Província de Minas Gerais.

Em virtude do despacho de S. Excia, o Senhor Conselheiro Vice Presidente da Província, de vinte e nove de Dezembro do ano próximo findo; confiro à Senhora D. Romualda Orfão de Meira o presente título de Professora de primeiras letras do Aldeamento de N. S. dos Anjos de Itambacuri, de cujo emprego

perceberá a gratificação de trezentos mil reis anual (300\$000) que lhe foi marcado.

Diretoria Geral dos Índios em Ouro Preto, três de Janeiro de mil oitocentos e oitenta e dois.

Domingos Magalhães Gomes

O Diretor Geral

As duas escolas desde o início foram sempre bem frequentadas — O ensino, dirigido e fiscalizado pelos zelosos missionários, produzia copiosos e excelentes frutos. Nessas escolas formaram-se alguns professores entre os filhos de índios como consta dos relatórios anuais.

Em abril de 1899 o Revmo. Frei Serafim comunica ao Diretor Geral dos Índios, ter falecido “vitimada pela tuberculose a dedicada professora D. Romualda Orfão de Meira, contraída a molestia pela sua grande aplicação, dedicação e assiduidade no ensino primário”.

Em breves linhas resumiu Frei Serafim o elogio merecido à primeira professora de Itambacuri, apontando seu nome aos vindouros: “D. Romualda serviu à causa do ensino durante 18 anos, que por serem os primeiros, foram os mais difíceis, e foi a primeira dessas heroínas, que em grande número, ainda hoje, em dezenas de escolas, estaduais e municipais, muitas das quais sepultadas nas florestas, ou confinadas nos rincões mais afastados dos centros civilizados, vivem risonhas na monotonia do dever quotidiano, consumindo as melhores energias na nobre tarefa de encher de luz os cérebros das populações rurais.

Há ainda hoje no município de Itambacuri, dezenas de escolas rurais, situadas vinte ou mais leguas distantes da cidade, regidas por jovens professoras normalistas, que na Escola Normal de Itambacuri, dirigida pelas Religiosas Fran-

ciscanas do SS. Sacramento, se formaram e aprenderam a servir a Pátria com sacrifício e dedicação.

Para preencher a vaga aberta Frei Serafim propôs ao Governo a nomeação de Dona Delfina Bacan de Araná, índia pura, com 18 anos de idade apenas, “conhecedora dos dois idiomas e mui benquista, afirma o Diretor, e de cuja capacidade e dedicação muito lucrará o ensino pelas provas dadas como auxiliar da indítosa D. Romualda.” Esta filha das selvas lecionou, dentro das suas possibilidades com esmerada diligência e dedicação, até o dia em que foi instalado o Colégio Santa Clara, 1907.

Nessa data a escola do sexo feminino, na qual ensinava a jovem índia Delfina Bucan de Araná, não conseguiu mais matrícula suficiente para o seu funcionamento, afluindo, como era natural, as meninas ao Colégio dirigido pelas religiosas.

A professora Delfina, em consideração ao seu passado teria sido aproveitada no novo colégio se ela não tivesse preferido abandonar o magistério e constituir família.

Seus serviços prestados ao ensino na Colônia Indígena do Itambacuri não ficaram, porém, esquecidos. O inspetor técnico, Snr. Camilo Felinto Prates, no relatório da visita feita às escolas da Colônia indígena, em junho de 1907, apresentado ao Secretário do Interior, Exmo. Dr. Manoel Tomás Carvalho Brito, fez-lhe justiça louvando-lhe os esforços. (5)

* * *

III — Nessa mesma ocasião Domingos Pacó foi substituído pelo indígena Manoel Pereira Tangrins “fornado pelos Padres Diretores e possuidor de todas as qualidades

(5) Rel. e Of. vol. III, pag. 95

necessárias para o exercício do magistério nas condições exigidas". (6)

O mestiço Pacó ensinou durante 19 anos. Sua substituição tornou-se necessária pela manifesta negligência no cumprimento dos deveres. As contínuas imprudências, aliás frequentes entre os de sua raça, acabaram por lhe comprometer seriamente a saúde e, por maior infelicidade, perdeu uma vista num lamentável acidente.

Retirou-se ao lugar denominado Igreja Nova, no Córrego de S. João, onde a pedido de alguns pais de família, durante algum tempo, abriu escola.

No manuscrito por ele deixado, de 22 páginas de papel almaço, traçou em bela caligrafia, um breve resumo da origem do Itambacuri e de Igreja Nova, com o título: *PEQUENA NARRAÇÃO OU ORIGEM DE COMO FOI DESCOBERTO O ITAMBACURI — 1837*".

Faleceu em 1935, em Igreja Nova, onde viveu os últimos anos.

No seu manuscrito não interessam tanto as notícias propriamente históricas, que aliás constam também de outras fontes, quanto a vivacidade do estilo pomposo e solene, cheio de imagens e hipérboles, embora com pouca gramática, mas sempre interessante, sobretudo pelo amor à sua raça e à sua língua.

No frontespício, sob o título citado escreveu este período que é uma amostra do seu estilo: "*Três nações européias disputam-se a glória do descobrimento do nosso país: a França, a Espanha e Portugal. Assim também disputam-se oradores a respeito deste nosso belo Itambacuri. Deixemos de parte as três nações e os oradores ao venturoso Caramurá*".

"*Hàmbric-ron, battnâp — nhimmrá*".

(6) Idem.

Não são poucas as frases em lingua indígena com que enfeita as páginas do seu manuscrito. Numa delas traça o auto-retrato e faz questão, antes de mais nada, de se apresentar colocando-se, cronologicamente, entre “os primeiros professores que foram Torquato de Souza Bicalho, Ernesto Gonçalves Pereira e ele, Domingos Pacó, filho do lingua Félix Ramos, casado com a índia por nome Umbelina, neto do Capitão Pañoc, discípulo dos mesmos professores e dos Padres Diretores que o instruíram com o maior desvelo, sendo também sacristão”. Conta como os Padres Diretores (dos quais fala sempre com o maior respeito e admiração) “conhecendo a inteligência dêle, Domingos Pacó” e o seu aproveitamento nas letras, pediram para êle ao Governo Provincial a cadeira do ensino das primeiras letras do Aldeamento indígena do Itambacuri quando tinha apenas a idade de 15 anos”. Recorda que durante 19 anos ensinou “inculcando sempre a moralidade religiosa, propondo aos pais dos alunos discursos acertadíssimos em lingua indígena sobre a moralidade dos bons cidadãos”. Afirma que sua escola chegou a ter a maior matrícula de filhos de selvícolas. Censura indignado muitos dos antigos discípulos que com ele obtiveram conhecimento úteis a respeito da instrução primária e agora ocupam cargos, e entretanto se envergonham de dizer que foram instruídos e educados por um professor índio ou indígena, o que é de admirar, porque ainda existem no Itamabacuri, em maioria mixtos (mestiços) cujos avós eram antropófagos e tinham os lábios inferiores perfurados por onde introduziram “*tabas*” ou “*botoques*”.

Por fim reprova com desprêzo os que renegam sua descendência indígena “para se confundirem nas senzalas dos que vieram das costas e do centro da África; a fisionomia porém e os gestos garantem sempre que descendem da Aldeia dos índios das nações que ocupavam o Brasil quando

desembarcou na América o almirante Pedro Alvares Cabral em 1500"...

Domingos Pacó prestou bons serviços ao ensino e, apesar das sombras que lhe escurecem o caráter, não deixa de ser uma figura interessante dos primeiros povoadores do Itambacuri.

* * *

CAPÍTULO XXI

TRISTEZAS DE UM FIM DE SECULO

- I. Outra vez a seca — II. Um arrojado Bandeirante — III. Restos de Botocudos voltam a assolar as estradas — IV. Sugestões extremas e ação dos Missionários — V. Malévola insinuação e um protesto — VI. Massacre de uma pobre família — Mais uma vez a mansidão cristã desarma os últimos selvagens.

I — O seculo XIX encerrava seu ciclo toldando de negras nuvens o límpido céu de Itambacuri. Ainda uma vez a seca castigou o norte do Estado e os sertões baianos, de onde as tristes caravanas de flagelados vinham buscando as matas. No Aldeamento de Itambacuri êstes infelizes encontravam o acolhimento da caridade cristã, que na dor e no sofrimento, irmanava ainda mais os corações dos homens.

O Governo atendendo ao apelo do Comércio, ajudou com Rs. 2:000\$000 a socorrer os infelizes, que, vencidas as dificuldades dos primeiros dias, encontravam, sob a proteção dos missionários, terras e fartura. Muitos desses flagelados com suas famílias se estabeleceram e arraigaram definitivamente no Itambacuri de cujo progresso se tornaram ótimos. (1)

* * *

(1) Um grupo de famílias de flagelados se estabelece nas cabeceiras do rio São Mateus num lugar que ficou se chamando Corrego dos Bañianos, hoje Arana —

II — O Senhor Marcelino José da Cunha merece o nome de bandeirante do vale de Itambacuri. No fim do ano de 1899, animado de sentimentos religiosos, reúne numerosa família, filhos e genros, em tudo 16 homens, e cheio de coragem são da sua propriedade das margens do Suassui Grande, penetra na floresta virgem, e, do seu sítio, onde as águas do rio Itambacuri entram no dito Suassui, empreende arrojada marcha abrindo uma picada transitável, numa distância de 14 a 15 léguas.

Frei Serafim, que pela experiência pessoal, pelo conhecimento direto das dificuldades da marcha, era o mais competente para valorizar o arrojado empreendimento dos destemidos caboclos, imediatamente comunicou o fato à Câmara Municipal de Teófilo Otoni, com o seguinte ofício:

Ilmo. e Exmo. Snr. Presidente

Nestes dias chegou aqui o conhecido Snr. Marcelino José da Cunha, pai de numerosa família e cheio de patriotismo e sentimentos religiosos, o qual teve arrojo de sair de sua modesta morada e propriedade no Suasui-Grande, e se embrenhou dentro da floresta virgem pouco distante do sítio, onde as águas do rio Itambacuri entram nas do rio Suassui-Grande, e, seguindo as margens do Itambacuri foi abrindo á sua custa uma picada sofrível e transitável talvez de 14 a 15 leguas, só com 16 homens, que são seus filhos, parentes e amigos mui dedicados e dispostos, no intuito de ver esta Colônia indígena e visitar sua bela Igreja de N. S. dos Anjos e de ter também uma via de comunicação comercial com essa cidade de Teófilo Otoni para onde já foram cargas de víveres daquela proveniência.

Cumpre-me agradecer por este meio e pela imprensa do ilustrado jornal "O Mucuri", tão relevan-

te serviço que julgo ter prestado o dito Snr. Marcelino com seus companheiros.

Saude e fraternidade.

Ilmo Exmo. Snr. Presidente da Câmara Municipal da Cidade de Teófilo Otoni.

Colônia Indígena de Itambacuri, 12 de setembro de 1899.

(Ass.) *Frei Serafim de Gorizia*

Frei Ângelo de Sassoferrato (3)

Este mesmo Snr. Marcelino José da Cunha, no correr desse ano tinha aberto uma picada da povoação de Figueira à Igreja Nova, onde os Padres Diretores da Colônia Indígena de Itambacuri já abriram uma estrada partindo da sede dessa Colônia; estavam estes já também com estrada da mesma Colônia à Cidade a qual passa por Sete Voltas, Descanço e São Benedito.

Foram os exploradores chefes da picada do Snr. Marcelino, Quirino de Andrade, Dionísio Marques Ursini, que, após ter varado a floresta com a outra picada transitável descrita por Frei Serafim em Outubro desse ano (1899) apresentaram na Cidade de Teófilo Otoni o relatório das suas explorações à Redação do "O Mucuri". (3)

* * *

III — O arrojado e patriótico empreendimento de Marcelino José da Cunha, como era natural, encheu de alegria os corações de todos.

O contentamento, porém, durou bem pouco. Uns restos de Pojichás, que, depois da revolta se deixaram ficar

(2) Relat. e Of. Vol. III — pag. 48

(3) Totteroo, ob. cit. pag. 29

nas matas, instigados pelo índio Joaquim Vakman, um dos piores chefes dos Pojichás, “que sempre andou em busca de façanhas só pelo gosto de roubar e matar”, covardemente assassinaram uns índios fieis aos Padres Diretores, que, a conselho dos mesmos, os acompanhavam pela floresta, afim de refrear e desaconselhar trágicas façanhas. Livres assim, dos bons conselheiros, embrenharam-se nas extensíssimas florestas do S. Mateus, praticando os primeiros crimes na ex-colônia Urucú (4), enchendo de tristeza o coração dos Padres Diretores do Aldeamento de Itambacuri, que, após um longo período de tranquilidade, viam reviver o terror espalhado pelos ingratos e bárbaros salteadores.

Frei Serafim, tomou todavia, as medidas que a experiência lhe sugeria: destacou dois entre os índios fieis da mesma tribo e os enviou aos companheiros, mensageiros de paz.

Estes não conseguiram, porém, encontrá-los, pois, caçando eles, numa vasta área de muitas léguas, e movimentando-se com incrível rapidez de um extremo a outro, na espessa mata do Alto Mucuri, que divide Minas da Baía, tornam-se invisíveis e não deixam na sua passagem nenhum vestígio.

Em compensação, uns 35 Botocudos, que vagavam nas matas do S. Miguel e Marambáia, convidados pelos Padres Missionários, recolheram-se pacificamente ao Aldeamento para serem definitivamente civilizados.

Uns deles foram incumbidos de entrar em entendimento com os companheiros da mata afim de se reunirem no Aldeamento. (5)

Em 2 de fevereiro de 1905 reapareceram outros índios dispersos, assaltando nas estradas e habitações rurais, roubando as criações, destruindo e cometendo incríveis depre-

(4) Of. e Rel. Vol. III — pag. 37 — 38.

(5) Of. e Rel. Vol. III — pag. 54 — (16 — Set. 1900)

dações. O semanário "O Mucuri" deu notícia aos seus leitores das lamentáveis ocorrências nestes termos:

BUGRES

Continuando os bugres a aparecerem ao correr da linha ferrea Baía e Minas, entre as estações de Bias Fortes, Francisco Sá e Presidente Penna, atacando trabalhadores da estrada, moradores marginaes, criação e lavoura dos habitantes desses lugares, o alferes João Lino, delegado de polícia, cumprindo ordens do Dr. chefe de polícia, organizou uma escolta para perseguir e capturar esses selvagens que em repetidas investidas têm aparecido na estrada, constituindo sério perigo à vida e propriedade dos seus empregados e das pessoas que residem no correr da mesma.

Essa escolta que o Sr. delegado de polícia pessoalmente organizou e equipou para tão perigosa diligencia, internou-se na mata no dia 20 do mês passado e no dia 30 recebeu o alferes João Lino, comunicação de que havia ela já saído, partindo no dia seguinte para Bias Fortes afim de pessoalmente verificar o resultado da diligência.

Ali chegando soube que a escolta apenas encontrára, ao lado da linha ferrea, à meia légua mais ou menos, um pequeno grupo de bugres que percebendo as pessoas que iam ao seu encalço fugiram e desapareceram, deixando no *kjeme* onde estavam, caldeirões, machados e outras ferramentas que foram reconhecidas como tendo sido por êles roubadas aos trabalhadores da estrada de ferro e a habitantes daquelas proximidades.

Foram capturadas duas creanças, uma de quatro anos e outro de oito a dez mêses, mais ou menos, as quais não puderam acompanhar os seus pais e companheiros na fuga precipitada que fizeram êles.

Essas creanças trouxe-as o alferes João Lino para esta cidade no dia 2 do corrente mês, e vai mandá-las para o aldeamento do Itambacuri.

Aguarda o alferes delegado ordens do governo, a quem comunicou o resultado dessa primeira diligência, afim de proseguir na perseguição e captura desses perigosos selvagens.

Transcrevemos a publicação do "O Mucuri" de um recorte que traz uma nota escrita do próprio punho de Frei Serafim: — "*Nota: Nenhuma comunicação teve nem por carta nem por ofício do acontecido. Frei Serafim.*"

O Diretor do Aldeamento de Itambacuri, mais de uma vez tinha informado ao Governo, fazendo ver a necessidade de um entendimento com as autoridades policiais, para, de acordo, convidar e, com meios persuasivos, forçar os índios ainda dispersos pela floresta, a recolher-se ao Aldeamento. Conhecedor perieito dos hábitos dos índios, tinha feito saber que, a ocasião mais propícia para "*vir à fala*" com eles, seria no momento em que saíssem, como costumam, inesperadamente do mato, demorando-se um ou dois dias, e às vezes até, poucas horas, sendo necessário encarregar uns índios fieis, para avisar em tempo.

As autoridades policiais e a população, porem indignadas e exasperadas, desprezavam sempre essas considerações e organizavam expedições primitivas, que, quasi sempre, ficavam sem resultado prático, servindo apenas para aumentar o ódio de parte à parte.

Em agosto do mesmo ano (1905) verificou-se outro assalto contra os pacíficos trabalhadores da estrada de ferro Baía-Minas que "O Mucuri" assim noticiou:

ATAQUE DE BUGRES

Entre as estações de Francisco Sá e Presidente Penna, na estrada de ferro Baía e Minas, foi no dia 9 deste mês atacada uma turma de trabalhadores que em um *trolley* percorria aquele trecho da linha.

As 6,30 horas da manhã, ao chegar a turma em certo ponto encontrou sobre os trilhos galhos de árvores que supuseram ali atirados pelo vento e quando fazia a remoção dêles foi inopinadamente atacada pelos bugres que se tinham emboscado em ponto próximo, dentro da mata.

Os bugres haviam de propósito colocado sobre a linha aqueles ramos para fazer parar a turma e entretê-la afim de com melhor êxito atacá-la. Quando os trabalhadores tendo parado o *trolley* dêle desceram e faziam o serviço de desobstrução, receberam as flechas que em grande número partiam de um lado do caminho, tendo sido ofendidos os trabalhadores José Cândido com uma flecha que lhe varou o ante-braço direito e Pedro Pereira que recebeu outra nas costas, tendo esta pouco penetrado.

O feitor da turma teve uma leve escoriação no rosto de uma seta que por ele passou roçando, tendo sido esses os únicos ofendidos.

Dizem eles que os bugres os atacaram com algumas vinte flechas, delas se livrando os trabalhadores graças ao *trolley* debaixo do qual se abrigaram.

Para o rumo onde perceberam os bugres e de onde partiam as flechas dispararam os trabalhadores al-

guns tiros e gritaram, cessando assim o ataque dêles e parecendo que fugiram.

As duas horas da madrugada da noite de 9 para 10, aqui chegaram os feridos em trem especial que, para os transportar, partira da estação de Maytink, tendo sido alojados em uma casa próxima à estação, para isso obtida.

Lá estivemos em companhia do cap. José A. Ribeiro, zeloso agente da estação desta cidade, e dos dois feridos que se acham em bom estado ouvimos a narração do fáto aqui reproduzida.

Os trabalhadores ofendidos foram recebidos pelo Dr. José Carlos sob cujos cuidados médicos continuam.

* * *

IV — Este último sangrento episódio provocou enérgicos comentários, nem sempre serenos, abafando a voz do bom senso e da experiência.

Para muitos o problema a ser resolvido era a *eliminação dos índios de qualquer modo* (7) e limpar as matas e as estradas dessa constante ameaça e livrar, uma vez por todas, das depredações e sobressaltos a população ameaçada.

Mas, de que modo?

Se tivessem ouvido a voz cristã, cheia de experiência de Frei Serafim, não se teria chegado ao ponto em que o problema se encontrava. O proprio redator do "O Mucuri", em artigo publicado em 13 de Agosto, evidentemente embaraçado para encontrar uma solução, escrevia:

"Ainda ha pouco tempo o governo ordenou ao então delegado de polícia daqui, que organizasse uma

(7) "O Mucuri" 13 de Agosto.

expedição para prender e afugentar esses selvagens, acudindo por esse meio às reclamações que lhe chegaram e aos pedidos de providências contra reptidos ataques dêles. — A diligência se realizou e consta que a escolta, tendo ao cabo de cinco dias de internação na mata encontrado alguns dêles, fez fogo sobre os que ali estavam, tendo morrido alguns e fugido os outros. Parece, porém, que esse expediente para a eliminação desses índios não é o melhor aconselhado e até aqui não ha produzido um resultado eficaz. A cada assalto que recebem das expedições contra êles organizadas, respondem os lugres com novos e traiçoeiros ataques, para realizá-los deixando apenas que passe algum tempo, de maneira a acharem mais desprevinidas e incautas as suas vítimas. Os nossos selvagens são visceralmente vingativos e perverso, guardam por muito tempo a lembrança do mal que lhes foi feito, dos companheiros mortos e juram terrível vingança aos seus perseguidores”.

A verdade desses conceitos é por demais patente, confirmando em tudo o metodo e os critérios adotados pelos Diretores do Aldeamento de N. S. dos Anjos.

A esse respeito Frei Ângelo deixou no seu manuscrito (8) um capítulo inteiro de *“Como se deve tratar os indígenas para trazê-los ao grêmio da Civilização”*, no qual, entre outras coisas, nos ensina: “o Evangelizador deve aprender a falar praticamente para se pôr em contáto com os selvagens.. É vingativo em extremo. Para atraí-lo à civilização é preciso presenteá-lo, tratá-lo com lhaneza e jovialidade e, sobretudo não mostrar-lhe desconfiança, o que exige do missionário prodígios de habilidade e prudên-

(8) Sinopse — pag. 38

cia. Só se lhe pode impor autoridade com muita delicadeza.

Dai se depreende o quanto o missionário deve ter de aptidões morais, intelectuais e físicas para empresa de tamanha magnitude: deve ter muita experiência e prática do mundo, muita ciência e ardente amor de Deus; deve ser humilde, desinteressado e cheio de bondade para com essa pobre gente... deve ter sempre presente ao espírito que são criaturas humanas da mesma origem, da mesma natureza e do mesmo destino que nós outros...”

Desprezando esses critérios, toda e qualquer medida para chamar o índio ao bom convívio tinha forçosamente que fracassar como o confessa o articulista de “O Mucuri”, afirmando:

“Muitas expedições tem sido organizadas contra eles e quasi todas têm tido este resultado, sem por esse meio conseguir sua eliminação ou retirada desses pontos, tantas vezes já teatro de suas investidas. Onde escapa um bugre, testemunha do ataque à sua aldeia e da morte nêle de companheiros, jaz um implacável inimigo, sedento de ódio e de vingança e à espreita de oportuna ocasião para ofender os seus perseguidores”.

E como conclusão sugeria:

“a providência a ser tomada contra eles deve ser *ou seu total aniquilamento, matando-os e aprisionando-os*, o que é deshumano e difícil ou mais uma vez tentar-se a catequese.”

O articulista, talvez de boa fé, não acreditava poder contar ainda com a catequese, pois:

“achava que a obra dos Missionários Capuchinhos no vale do Itambacuri estava “um pouco arrefecida” pela avançada idade do Diretor, Frei Serafim, “alquebrado pelos anos e sob o peso da fadiga e muitos anos e trabalhos, que lhe dão o justo título de um benemérito ancião” e porque sua atividade se volta atualmente para duas grandes e uteis obras, filhas do seu esforço inteligente e generoso, e que estão em via de serem concluídas: — a edificação de um Orfanato em Itambacuri e a abertura de uma larga estrada de rodagem entre esse lugar e o distrito de Figueira no município de Peçanha. Frei Ângelo, seu dedicado auxiliar, ajuda-o nessas obras e é além disso vigário da Freguezia de Sete Posses — Talvez por isso, não tenham eles acudido aos pontos em que frequentemente aparecem esses índios bravios, procurando chamá-los ao Aldeamento onde tantos existem e de que são dignos diretores. — Segundo nos consta, do próprio aldeamento não é raro saírem às vezes muitos bugres que, em grupos, internam-se pelas matas e vão atacar as primeiras pessoas ou propriedades que encontram.” (9)

* * *

V — Apesar da idade e trabalho dos missionários, a obra à qual estavam inteiramente dedicados, não estava em nada arrefecida, e o fato de cuidarem do Orfanato ou asilo, então em construção, e da estrada, prova como aperfeiçoavam o que estava feito, dando-lhe organização definitiva, de acordo com o progresso alcançado.

Aliás, como vimos, o próprio Frei Ângelo reclamava dos superiores, em nome do seu querido Mestre, novos e mais jovens missionários. Se, não acudiram prontamente ao

(9) “O Mucuri”

teatro dos sangrentos ataques não era por falta de zelo e de energia, mas unicamente porque os fatos se passavam fora da sua jurisdição e à distancia de dezenas de léguas e a iniciativa era de competência da Polícia. Não podiam os Missionários controlar as atividades criminosas dos bárbaros que ha tempo se tinham subtraído à autoridade deles.

Uma coisa, porém, eles garantiam de maneira cabal: os aldeados, os que viviam no Aldeamento, não saíam do mesmo para saquear e matar — Viviam em perfeita ordem, trabalhando tanto quanto possível, e quando saíam para as suas periódicas caçadas, eram sempre acompanhados por índios civilizados, responsáveis pelo bom êxito do longo e demorado passeio. Por isso, quando alguém insinuou que “tinha sido reconhecido como pertencente ao Aldeamento do Itambacuri alguns dos atacantes, os habitantes em peso protestaram publicamente, pelas mesmas colunas de “O Mucuri”:

PROTESTO

A nós, os abaixo assinados, habitantes da Colônia Indígena de Itambacuri, nos impressionou vivamente a notícia dada na vossa folha semanal “O Mucuri”, n.º 314 de 20 do corrente mês, dizendo que “dos tiros disparados pelos trabalhadores para o rumo de onde vinham as flechas, um atingiu um desses selvagens, offendendo-o na garganta e determinando sua morte. Foi reconhecido como pertencente ao aldeamento do Itambacuri, trazendo rosario e uma faixa, o que confirma a versão corrente de que é do próprio aldeamento que às vezes partem êles para atacarem as primeiras pessoas ou propriedades que encontram”.

O lugar onde os índios atacaram os trabalhadores que, em trolly, percorriam o trecho da linha entre as estações de Francisco Sá e Presidente Penna, no dia

9 do referido mês, dista desta Colônia mais de vinte léguas para o norte, perto da entrada das águas do rio Todos os Santos nas do rio Mucuri, e eles andam pelas florestas virgens banhadas pelas aguas do mesmo rio Mucuri, no extremo norte do Estado de Minas.

Ora, pois, se fossem os índios do Itambacuri que estão acometendo, reparar-se-ia logo a falta dêles nesta Colônia, e êles iam atacar os primeiros lavradores e fazendas estabelecidas na estrada principal que de Teófilo Otoni vai à ex-Colônia de Urucú, e certamente teriam sido vistos e talvez reconhecidos.

De fato antes de serem pelos missionários chamados eles ao grémio da civilização da catequese do Itambacuri, foi esta estrada a mais acometida pelos selvagens de diversas tribus, mormente da dos ferozes Pojichás, em número de quatrocentos. Repare-se também que nunca se tem aqui distribuido a eles rosários nem faixas; e se o índio morto, acima mencionado, tinha-os outra cousa não prova isto senão que tenham sido por ele furtados.

Estes dois venerandos anciãos capuchinhos, Frei Serafim de Gorizia e Frei Ângelo de Sassoferato, têm tido o maior cuidado possível na árdua missão da catequese e pessoalmente tirado mais de dous mil índios dos bosques e florestas virgens com gravíssimo perigo de vida.

Que o digam os habitantes antigos de Filadélfia, hoje município de Teófilo Otoni, e fazendo justiça aos pobres padres, queiram se lembrar dos gravísimos accidentes e agressões contínuas, que ha poucas anos se repetiam na estrada principal de comercio para a Capital Federal por parte dos selvagens e bravios Pojichás, os quais a tornavam quasi intransitável.

Assinamos este Protósto, e pedimos que seja publicado no vosso conceituado jornal.

Da Colônia Indígena do Itambacuri, aos 23 de Agosto de 1905.

Manoel Pereira Tangrins, Professor primário.

Antonio Lopes da Silva, negociante

Pedro Avelino Pinheiro, “ “

José João da Trindade, pedreiro

Pedro José de Sousa

Julio Esteves Lages

Santos Porto, negociante

José Avelino Pinheiro

Athanasio Porto

Carlos da Costa Freire, negociante

Antônio Ferreira de Sousa, sapateiro

Octavio José de Magalhães, “ “

Sérgio Avelino Pinheiro, negociante

Salustiano Rodrigues da Cruz, carpinteiro

Antônio de Oliveira, ferreiro

Antônio Joaquim d'Almeida, carpinteiro

Ramiro de Sousa e Silva, lavrador

Antônio José Pereira

João Alves Cardoso, negociante

Genuino José de Sausa.

* * *

VI — Durante alguns anos, devido às represalias e ameaças, afastaram-se os índios e até se chegou a julgar extinta a tribo, quando, em 1909, narra o P. Frei Ângelo

(10), deram mais uma cruel e triste demonstração de sua nociva existência, assassinando toda uma família nas altas cabeceiras do Córrego denominado d'Ouro, afluente do Todos os Santos. Esta pobre família entranhou-se pela mata a dentro, tomando posse de um terreno, bem afastado dos outros fazendeiros, num lugar em que passava a antiga estrada para Santa Clara. Já haviam feito a primeira colheita de cereais. Um dia alguns Pojichás apareceram sorrateiramente sem que ninguém da família os visse: examinaram tudo com o fim de roubar e prepararam-se para eliminar toda a família, certos da impunidade.

Armaram a cilada ao anoitecer. Logo pela manhã, quando os lavradores ainda dormiam, um deles, saindo das trincheiras que organizaram, aproxima-se da cabana e pela abertura de uma parede despede uma flecha contra o chefe da família, homem idoso. Sentindo-se ferido, salta da cama e procura fugir, mas outras flechadas tiram-lhe a vida. Os outros dois membros da família correm desesperadamente, procurando escapar, mas os índios entrincheirados a pouca distancia atiram-lhes um chuveiro de flechas que os matam. Quando moradores mais próximos souberam do crime, já os corpos estavam apodrecidos. Então as famílias que moravam nas cabeceiras do predito córrego fugiram apressadamente para Bials Forte, onde havia uma estação da via férrea.

Não tardou a chegar de Belo Horizonte, capital do Estado, ordens do Diretor da Colônia afim de dar providências convenientes dispendendo o que fosse mister.

* * *

VII — Frei Serafim, pela sua avançada idade não podendo organizar a expedição que devia procurar os Pojichás, incumbiu dessa missão a Frei Ângelo. Compunha-se a escolta de índios mansos, entre os quais ia o filho do Capitão-Mór da tribo Pojichá, que no batismo recebera o nome de Lúcio; foi educado pelos Padres; casara-se com uma civilizada e falava muito bem o vernáculo. Resolveu Frei Ângelo encontrar os selvagens agressores onde quer que estivessem. Partiu com a expedição para Teófilo Otoni e daí seguiu para Bias Forte, mas antes de subir as cabeceiras do Córrego de Ouro, vai a Colônia do Urucú para colher informações que foram, então, bem desanimadoras. Volta a Bias Forte onde compra tudo quanto é necessário e segue para as cabeceiras do referido Córrego. Passa pelo lugar onde os índios cometeram o triplice assassinio, encontrando ainda, junto a cabana, uma flecha fincada no chão. Examinado bem os arredores, conheceu que os índios vinham das matas banhadas pelo S. Mateus. — Viaja com a escolta durante um dia e como não pudesse mais acompanhá-la pela extrema fadiga, deixou-se ficar, depois de fazer aos expedicionários as recomendações convenientes e ao filho do Capitão que fosse adiante, por ser conhecedor daqueles lugares, até achar os ranchos de sua gente e ver se seu velho pai ainda era vivo. O moço índio cumpriu fielmente o que se lhe ordenara. Depois de dois dias de jornada deu com o aldeamento dos famosos Pojichás. Moravam do lado esquerdo do rio S. Mateus. Era difficilissimo descobrir tal morada, porque as antigas picadas estavam tomadas do mato e somente ao pé das kigemés (cadanas) é que havia algum descampado. Os bárbaros ficaram estupefatos vendo-se descobertos. Depois de muitas explicações e mostrando-se sempre desconfiados é que se conheceram: nem o próprio chefe reconheceu mais o filho.

A tribo estava já muito reduzida, sendo mais ou menos de 50 o número dos indivíduos que a compunham.

Dois capitães ainda existiam: Paulo Pojichá já bem alquebrado pela idade e Joaquim Vakeman Pojichá.

Feito o concerto de paz e amizade, em meiado de agosto de 1909, solicitaram roupas para se vestirem afim de não entrarem nus na Colônia. Distribuidos os vestidos, que não chegaram para todos, levantou-se entre eles um motim, provocado sobretudo pelas mulheres velhas que protestaram não querer ficar no Itambacuri. Dias depois, entretanto, do regresso da mal sucedida expedição apresentavam-se na casa dos Padres Diretores no Itambacuri, uns 20 índios quase todos homens com alguns chefes, e inteiramente nus e mui desconfiados. Eram índios Pojichás cujos velhos chefes, 16 anos atrás estiveram no chão aldeamento. A desconfiança deles tem o fundamento nos crimes praticados e desconhecendo o generoso perdão evangélico, temem a vingança.

Por meio deste grupo chegou-se a um acordo: ficariam ainda por algum tempo na mata aproveitando a farta caça e pesca, mantendo-se porém sempre em contato e relações amistosas com a Colônia prometendo sobretudo, não fazer mal aos habitantes de Urucú aos quais tinham jurado eterna vingança e fazer entregarem os filhos menores aos Padres Diretores.

No ano seguinte, abril de 1910, apresentaram-se na Colônia uns 40 índios com numerosos menores. Alguns receberam o batismo e realizaram-se alguns casamentos.

O chefe Paulo, chamado na língua deles "Hu-hen", homem muito mau e de natureza feroz teve fim trágico: tendo subido a uma alta serra muito escarpada para apanhar certas frutas, espécie de ananás, caiu, rolando pela serra abaixo chegando ao pé da mesma feito uma massa informe.

A viuva com tres filhos menores ficou no Itambacuri e uma menina de cinco anos foi internada no Colégio.

Em, breve outros se recolheram ao Itambacuri e, apesar da indisfarçável antipatia existente entre os pojichás e os índios residentes na Colônia, a mansidão cristã e a alegria franciscana dos pacientes e heróicos capuchinhos, mais uma vez desarmou os ultimos selvícolas do vale do Itambacuri. (11)

* * *

CAPÍTULO XXII

SENHOR, MANDAI OPERÁRIOS

I. Um grande amigo de Itambacuri: Dom Joaquim Silvério de Sousa — II. Um problema vital sem solução e os Colégios — III. Senhor, mandai operários à vossa vinha"! — IV. Nova organização hierárquica das Missões Capuchinhas — V. Finalmente chegam os primeiros missionários.

I — Na capela do Recolhimento de Macaúbas, seu humilde capelão, P. Joaquim Silvério de Sousa, na manhã chuvosa de 2 de fevereiro de 1902, recebia a sagração episcopal das mãos do santo arcebispo de Mariana, D. Silvério Gomes Pimenta, sendo assistido pelos exmos. bispos D. João Batista Correia Nery e D. Fernando de Souza Monteiro.

O Santo Padre Leão XIII elevára-o à dignidade episcopal como bispo titular de Bagis e coadjutor de D. João Antônio dos Santos, bispo de Diamantina.

Itambacuri ganhou em D. Joaquim um poderoso benfeitor e os seus venerandos fundadores um dedicado amigo. Raiou para aquela Colônia uma época de intenso progresso.

O novo bispo coadjutor de Diamantina sem perda de tempo, como bom pastor, cuidou de conhecer suas ovelhas empreendendo a primeira visita pastoral a começar dos mais afastados rincões da então vastíssima diocese.

Em agosto, seis meses depois da sagração, visitou a Colônia indígena de Itambacuri, onde conheceu de perto e abraçou os dois velhos misionários Capuchinhos aos quais,

desde aquele momento, sentiu-se ligado com os mais fortes laços de admiração e de amizade, que mais de uma vez, transbordaram em manifestações públicas de sincera gratidão. D. Joaquim não era homem de fáceis entusiasmos e sabia julgar homens e coisas como o provára num dos seus melhores livros "*Sítios e Personagens*".

Diante da obra eminentemente patriótica e evangelizadora não teve dúvidas em manifestar de público seu entusiasmo e tecer os mais justos louvores pelo que acabava de ver. Em carta dirigida o deputado Dr. João Antônio Lopes de Figueiredo, logo após a visita, assim fala de Itambacuri e dos seus fundadores:

"O fato é que os dois capuchinhos são realmente beneméritos da Pátria: O templo aqui nestas matas erigido com todo o material do lugar e por mão de índios é um monumento que prova à luz da evidência quanto pode a fé civilizadora. Os riscos a que se expuseram no afanoso labor da conversão do gentio bravo, são na verdade rasgos de heroísmo sobrehumano. Oxalá nossa pátria houvesse possuído muitos desses homens valentes, verdadeiros amigos do Brasil (1).

* * *

II — Nessa primeira visita ao Itambacuri, D. Joaquim lançou a ideia de levantar um Colégio para a educação e formação de meninas, filhas de selvícolas ou não, e confiar sua direção às Religiosas de alguma Congregação Missionárias. — Frei Serafim, por seu lado, ha muito tempo estudava a realização de idêntico projeto: erguer no Itambacuri um Colégio para meninas e outro para meninos. — Consultando a correspondência trocada entre ele, Frei Se-

rafin, e os superiores eclesiásticos e civis, verifica-se com quanto apaixonado interesse fala desse projeto e da fundação de um seminário franciscano para a formação de missionários.

Em todas as cartas, Frei Serafim não se cansava de lembrar este seu grandioso projeto e pedir ao mesmo tempo aos superiores mandassem sacerdotes missionários que viessem substituí-los e ajudá-los.

Era esse com efeito, o problema mais urgente e de mais difícil solução. O próprio bispo coadjutor escreveu ao Ministro Geral da Ordem em Roma, Revmo. Frei Bernardo de Andermatt, mas sem resultado.

Na cúria generalícia sabia-se, há muito, quão vasta era a terra em terras do Brasil e quão pequeno o número de operários. A solução, porém, desse problema não dependia somente do Ministro Geral. A questão era complexa e as causas múltiplas.

O Ministro Geral, Frei Bernardo de Andermatt, que, em resposta D. Joaquim, declarou-lhe não poder enviar no momento os missionários desejados, era o mesmo, que, em 21 de novembro de 1888, a respeito dessa magna e vital questão, escrevia ao Comissário frei Fidelis de Avola:

“queremos que V. Revma. se interesse e solicite do Governo Imperial a licença de abrir um noviciado aí. Uma vez obtida a licença, incumbiremos uma das Providências de cuidar dê-lo, pois sem essa permissão ninguém se quer expor ao perigo de sofrer as consequências da “lei de supressão” vigente no Brasil. Em julho passado, fez-se esse pedido ao Governo Imperial, por intermédio do Exmo. Barão de Andrade, enviado extraordinário junto a Santa Sé, mas até este momento não tivemos resposta. O Exmo. Barão de Andrade é de parecer que V. Revma. deve insistir junto aos Senhores Ministros. — A es-

tes, faça V. Revma. entender que a lei da supressão não inclui os Capuchinhos e os seus Hospícios. As razões especiais, pelas quais aquela lei foi feita, não existem no nosso caso, pois o noviciado que se pretende abrir, nada tem a ver com as condições em que se encontravam as Ordens Regulares no Brasil, quando foram supressas. Sua razão de ser é bem diversa, uma vez que deve servir para a formação dos Missionários, dos quais o Brasil precisa para educar e civilizar os selvícolas e com elementos inteiramente diversos.

Não é portanto presumível que o Governo com aquela lei de supressão das casas religiosas, então existentes no Brasil, quizesse privar-se para sempre dos meios indispensáveis para educar e civilizar os infieis que ainda vivem nas florestas. A prova disso têmo-la no fato de haver insistido para obter Missionários da Itália. Em vista pois das circunstâncias da época, nas quais, se torna impossivel encontrá-los na Italia, seria lógico permitir que se formem entre a população do Brasil, abrindo aí um noviciado". (2)

Os acontecimentos políticos que se verificaram no Brasil nessa época, com a mudança do regime, não permitiram que a sugestão do Ministro Geral vingasse. A penúria de missionários continuou por muito tempo. Hoje, como consequência de um passado infeliz, decorridos tantos anos, é ainda bem sensível.

* * *

(2) Cartas da Cúria Geral — Arq. do Convento — Rio

III — Após a visita de D. Joaquim, animado pela sua paternal palavra, Frei Serafim voltou a escrever ao Revmo. Comissário Frei Luiz de Piazza, encarecendo mais uma vez a necessidade da vinda de outros missionários:

“De um ano para cá eu estou sempre insistindo e porfiadamente rogando para que nossos bons Superiores se dignem assegurar e manter esta Missão de Catequese, que com o auxílio de Deus, proteção de N. S. dos Anjos e do Seráfico patriarca São Francisco, conseguim^{os} fundar e estabelecer de modo tão prodigioso”.

A vinda de novos missionários para Itambacuri era uma questão vital. O próprio Bispo Coadjutor D. Joaquim ficou assombrado ao ver como dois velhos missionários suportavam ainda galhardamente o peso e a responsabilidade de uma grande obra, e, escrevendo a Frei Serafim, aconselhava-o a que insistisse no seu pedido, junto de Deus e dos Superiores:

“Escreva V. Revma. a respeito também para ver se alcançamos auxiliares para lhe ajudarem no seu santo apostolado de Itambacuri e dos arredores. — É meu sonho dourado que haja no Itambacuri um Convento de Capuchinhos, com turma de missionários e muito mais coisas: Oremos por este fim e importunem^{os} os superiores. Guardo do Itambacuri agradáveis e saudosas lembranças. Adeus, um abraço a V. Rema. ao Frei Ângelo e ao feliz povo”.

Trinta anos de trabalhos e provações tinham decorrido. Itambacuri era já um arraial e sua população aumentava dia a dia, atraída pela boa ordem ali reinante e pela fertilidade de suas terras.

Os venerando missionário fundadores sentiam o pêso dos anos e uma tristeza profunda apertava-lhes o coração pensando no incerto futuro da obra à qual se tinham dedicado sem reserva: "Quem nos substituirá"? perguntavam a si próprios. Essa interogação era o assunto abordado por êles, mais de uma vez, em respeitadas cartas dirigidas aos superiores responsáveis; era também o tema de suas meditações e súplicas diante do Tabernáculo: "Senhor, mandai operários à vossa vinha"!

Nada mais desejavam nesta terra do que fechar os olhos ao sono eterno, entregando e confiando em boas mãos a continuação da catequese.

As cartas dirigidas ao O. Commissário Frei Fidelis de Avola, e, depois, ao seu sucessor Frei Luiz de Piazza, são documentos tocantes de entranhado amor a Nossa Senhora e á Ordem Seráfica. Transcrevemos mais uma, e esta assinada por Frei Ângelo, datada de 30 de Agosto de 1903:

"Ilmo e Rev.mo P. Mestre Frei Luiz de Piazza, DD. Superior dos Padres Capuchinhos no Rio de Janeiro.

Por vezes o Rev.mo P. Serafim de Gorizia representou a necessidade de conseguir mais alguns sacerdotes para acudir às necessidades espirituais da população crescente de Itambacuri, que atinge pouco mais ou menos, sete mil habitantes, entre indígenas e nacionais. Ultimamente o Exmo. Snr. Bispo diamanterense manifestou o ardente desejo de obter ao menos dois padres para nos ajudar nos trabalhos espirituais, ora chamando índios à civilização e catequese, ora paroquiando e missionando. De tudo isto V. Rev.ma está ciente, porque recebeu cartas do eminente Prelado.

V. Rev.ma não desconhece a importância desta Missão, e bem pode achar padres sábios e virtuosos, afim de que, na falta do Revmo. P. Mestre Frei Serafim, possam assumir a administração da mesma e satisfazer os pedidos do Exmo. Diocesano D. Joaquim Silvério de Souza.

Da acertada providência de V. Revma. resultará glória a Deus, propagação do Evangelho, a salvação de inúmeras almas e honra para nossa ínclita Ordem.

Nós dois estamos prestes a atingir o nosso fim: 74 janeiro estão pesando aos ombros de Rev. P. Mestre Frei Serafim, e eu me aproximo dos 60 portanto o nosso vivo desejo é que se não perca o fruto desta missão, mas que continue ela entregue a religiosos da nossa Ordem, venham eles de onde vierem, e a Itália, parece-me, está cheia de religiosos expulsos da França... A respeito dos gastos que se fizerem com a vinda dêles, V. Revma. será facilmente reembolsado.

O Revmo P. Mestre Frei Serafim já por vezes, levou ao conhecimento dos Superiores como Itambacuri é um lugar apropriado para a formação de Padres, na hipótese de se estabelecer o noviciado.

O pobre do Frei Serafim, devido aos indizíveis trabalhos, começa a sentir a falta de forças e todavia não pode abandonar seu posto, apesar de sua velhice.

Agora, recebeu do Ex.mo Snr. Bispo a incumbência de levantar, ajudado pelo povo, um Asilo, destinado à educação de meninas, que dará ao Itambacuri brilhante relevo e futuro incremento.

Mas essa obra encetada pelas repetidas instancias em obediência ao Exmo. Prelado, será levada ao fim? Quais, e de que Congregação serão as Reli-

giosas às quais será confiada a Casa? E a continuação da catequese dos Índios, e o estabelecimento permanente dos missionários?

A resposta é um problema de desconhecida solução.

A V. Rev.ma e a todos os membros dessa religiosa Família, enviamos afetuosas visitas, tanto eu quanto Frei Serafim.

N. S.^a dos Anjos de Itambacuri, 30 de Agosto de 1903.

(Ass.) *Frei Ângelo de Sassoferrato* (3)

Dissemos que essa carta é uma das muitas enviadas pelos Missionários aos Superiores, todas elas cheias de zelo e amor pela causa de N. Senhor.

Quantas vezes, Frei Serafim, em vista das dificuldades em obter sacerdotes, pensou e estudou o problema das vocações! Ainda nessa carta, acima publicada, fala-se na hipótese do "estabelecimento do noviciado".

Os tempos, porém, não eram propícios para qualquer medida desse genero e os velhos missionários tiveram que se resignar, aguardando tempos melhores.

* * *

IV — Pelo decreto de 31 de Julho de 1893 a Sagrada Congregação de "Propaganda fide", em virtude da aprovação definitiva dos Estatutos das Missões da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, aboliu o officio de Comissário Geral no Brasil, dando nova organização e nova hierarquia aos Missionários. (4)

(3) *Of. e Rel.* — Vol. III — pag.

(4) *Documentos* — Cúria Geral — Arquivo do Convento — Rio

Os noso estatutos das Missões dos Capuchinhos estabeleciam que os Missionários, até então dependentes da Sagrada Congregação, por intermédio do Commissário Geral e Prefeitos Apostólicos, seriam governados por Superiores Regulares, (espécie de delegado provincial) nomeados pelo Ministro Geral da Ordem, dependente da Província que forneceria os missionários em cada uma das regiões onde estivessem estabelecidos, até quando, formados religiosos capuchinhos brasileiros, seriam criadas, com elementos locais, novas províncias da Ordem no Brasil.

Esse decreto entretanto, foi comunicado ao Revmo. Commissário Geral do Rio de Janeiro, Frei Fidelis de Avola, três annos depois, isto é, em Fevereiro de 1896, devido à guerra civil que agitava o Brasil. A sagrada Congregação pedia ao Rev. P. Frei Fidelis que continuasse a servir e ajudar as Missões como Procurador temporal junto ao Governo e certamente teria prestado inestimáveis serviços se, a 2 de setembro do mesmo anno, não tivesse encerrado sua proveitosa vida, entregando sua alma ao Criador.

Antes, porém, conseguira que a sua dileta Província, Siracusa, ficasse encarregada da Missão do Rio de Janeiro, à qual foi incorporada a Colônia indígena de Itambacuri.

A morte de Frei Fidelis de Avola veio tornar mais grave e precária a situação dos Capuchinhos do Rio de Janeiro, reduzidos como se viram apenas a dois velhos venerandos, mas cançados e consumidos missionários: — Frei Gabriel de Barra e Frei Luiz de Piazza.

Frei Fidelis de Avola, figura admiravel de missionário, serviu junto ao glorioso Exército brasileiro, na qualidade de chefe dos capelães militares na campanha do Paraguai, conquistando por sua dedicação, grandes simpatias e popularidade dentro e fóra do exército. Seu nome tornou-se conhecido em todo o Brasil pelos relevantes serviços, virtudes e zelo. Celebrada a paz com o Paraguai, Frei

Fidelis foi enviado como administrador Apostólico nesse país, onde reorganizou, em poucos anos, a vida religiosa.

Seus restos mortais acham-se guardados na Cripta do Convento de S. Sebastião, no Rio de Janeiro.

Seu desaparecimento encerrou uma época de glórias na qual brilharam vultos respeitáveis pelo saber e pela santidade, como Frei Fabiano de Scandiano, Salvador de Napolis, Caetano de Messina, Gregorio de Crato, Caetano de Troina e muitos outros.

A supressão das Ordens Religiosas na Italia e consequente fechamento dos noviciados, retardou a vinda de elementos novos, capazes de continuarem a imensa obra de apostolado traçada e desenvolvida pelos antepassados. O pequeno convento do Morro do Castelo, que na vida religiosa da Arquidiocese representára outrora um centro de intensa vida religiosa e de corajosas manifestações públicas de fé e piedade coletivas, passou, após a morte de Frei Fidelis, durante alguns anos, a um plano secundário. Nesse tempo, Orden e Congregações religiosas surgiam, reorganizando-se umas, estabelecendo-se outras, sobre o terreno em grande parte conquistado, defendido e mantido pelos capuchinhos que, descansando na retaguarda, aguardavam melhores tempos.

Mons. Spolverini, Internúncio Apostólico no Brasil, assim escrevia, ao Cardial Simeoni, prefeito da S. C. de Propaganda Fide, informando acêrca dos Capuchinhos no ano de 1889:

“Da Prefeitura do Rio eu próprio sou testemunha — A Igreja do Convento dos Capuchinhos desta cidade, situada sobre uma colina, cujo acesso não é facil, é uma das mais frequentadas, ficando aberta em todas as horas do dia. Ali há continuamente confissões, prega-se a palavra de Deus, especialmente na quaresma... e se praticam todas as devoções.

Costumam pregar periòdicamente, missões, com grande fruto. Nesta cidade, de noite e de dia, correm a chamados, para assistir aos moribundos, os quais neles tem muita confiança, porque são religiosos de espelhada conduta e despreocupados dos interesses materiais. E por estes e outros trabalhos de zêlo apostólico é que os Padres Capuchinhos são por todos admirados, respeitados e amados. Nesta cidade, Frei Fidelis, escudado nesse respeito e geral simpatia e prestígio que desfrutam os Capuchinhos, conseguiu organizar procissões de terceiros seculares, vestidos com hábito de São Francisco, homens e senhoras, percorreram as ruas numa pública reparação ao Snr. Bispo e outras manifestações que ninguem teria a ousadia de tentar e muitos desaconselhavam por medida de prudência... (5)

* * *

V — Uma vez aceita pelo Provincial de então, Rev.mo Frei Samuel de Chiaramonte, a Missão do Rio de Janeiro, tratou logo, apesar da escassez numérica de religiosos, de enviar, em 1896, os primeiros jovens missionários tão desejados e necessários, tanto ao Hospício do Morro do Castelo como a Colônia indígena de Itambacuri.

Coube esta honra aos Padres Frei José de Castrogiovanni (6) e Eugenio de Cómiso e aos Irmãos professores

(5) Mons. Spolverini, Internúncio Apostólico — Relat. ao Card. Simeoni, Prefeito da S. C. de Propaganda Fide, 31 de Agosto de 1889. — Arquivo do Convento de S. Sebastião.

(6) Este religioso viveu e trabalhou longamente no Rio de Janeiro, fazendo-se admirar pelas suas virtudes e espírito de sacrificio. Construiu uma igreja e um conventinho no Morro do Ouro, na Ilha do Governador, de cuja paróquia foi vigário durante muitos anos. Escreveu um livrinho em lingua italiana "Notizie Storiche della Missione Cappuccina" — Rio de Janeiro — muito citado. — Faleceu na Sicilia, na sua provincia, aonde se recolhera nos últimos anos de vida, edificando a todos pela sua piedade,

Frei Egídio de Mazarino e Francisco de Mascalucia. Este pequeno grupo de missionários, o primeiro que a Província de Siracusa mandava ao Brasil, partiu do convento de Módica em fevereiro de 1897, embarcou no vapor Manila a 25 de Março, no porto de Gênova e, no dia 23 de Abril, ao repicar festivo dos sinos do Sabado de Aleluia, desembarcou na cidade do Rio de Janeiro.

Como era de esperar e a lógica dos fatos sugeria, estes dois jovens sacerdotes, cheios de entusiasmo e de zêlo, que no correr dos anos jamais lhes faltou, deviam ter seguido para Itambacuri onde os venerandos fundadores os aguardavam há tanto tempo. Entretanto faltou ao Superior responsável, P. Fr. Luiz de Piazza, e justa visão e a perfeita compreensão das necessidades do momento, deixando, inexplicavelmente, no abandono a Missão de Itambacuri.

Nem sequer ficaram preenchidos os claros abertos pela morte no próprio convento do Rio de Janeiro, mas cedendo aos insistentes pedidos de S. Ex.^a Rev.ma D. João Neri, Bispo da Diocese do Espirito Santo, foi feita uma nova fundação na Vila de Santa Tereza, para a qual foram destacados os Padres Frei Eugênio de Cómiso, Caetano de Cómiso e o Irmão leigo Frei Luiz de Mazzarino.

Até o ano de 1904, não obstante a chegada de outros missionários, os venerandos fundadores de Itambacuri, continuaram a implorar auxílio, clamando, porém, no deserto.

No ano seguinte, o governo da Missão passou para as mãos de Frei Serafim de Gorizia, que, embora continuando a residir no seu querido Itambacuri, dirigiu com prudência e acerto a missão à qual infundiu novo alento.

Finalmente, em 1904, véspera de Natal, chegaram ao Itambacuri dois jovens missionários capuchinhos: Frei Samuel Cultreta e Frei Gaspar de Módica. Eram esperados no dia seguinte. A surpresa, porém, aumentou a emoção do encontro. Os venerandos velhos, abraçando os jovens

sacerdotes, choravam de alegria e não cessavam de agradecer a Deus.

Frei Samuel, porém, por motivos de saúde, não pôde ficar no Brasil, regressando a Europa, onde publicou interessante livro de impressões sobre Itambacuri. (7) Seu colega Frei Gaspar de Múdice, mais feliz, ficou, e após a morte dos venerandos anciãos, foi o herdeiro e continuador fiel da sua obra.

A Frei Gaspar veio juntar-se um companheiro precioso, Fr. Vicente de Licodia, chegado ao Brasil em 1906, o qual soube em breve grangear a confiança e a simpatia dos velhos diretores.

Ambos estes dois jovens missionários prestaram ao Itambacuri e à Missão Capuchinha do Rio de Janeiro, relevantes serviços.

O primeiro já recebeu o prémio na eternidade e o segundo ainda vive, trabalhando na vinha do Senhor.

(7) P. Samuel Cultrera — Itambacuri — Entre os Selvagens.

CAPÍTULO XXIII

O COLÉGIO “SANTA CLARA”

I. Construção do edifício — II. Inspeção Escolar e visita do Engenheiro Emilio Schnor — III. As Irmãs Clarissas Franciscanas Missionárias do SS. Sacramento. — IV. O Batismo do Colégio — V. Chegada das Irmãs ao Itambacuri e início do seu Apostolado — VI. Equiparação do Colégio “Santa Clara” à Escola Normal.

I — Do começo ao fim o episcopado do grande antistite diamantinense, D. Joaquim Silverio de Souza, foi uma sucessão ininterrupta de iniciativas utilíssimas e vitais em prol das cidades e vilas da sua vasta diocese. As obras que ele fundou trazem o cunho do patriotismo jamais disjunto do zelo religioso.

Como Itambacuri, também outras cidades, e, entre elas, Conceição do Mato Dentro, viu surgir, por sua iniciativa, o Colégio para meninas, dirigido por religiosas. Sabendo quão difícil era obter no estrangeiro Religiosas e Sacerdotes missionários, desde o início do seu episcopado, estudou, sábia e prudentemente, o importante problema, batendo-se pela fundação dos noviciados. Com o seu auxílio e decidido amparo, conseguiu que as religiosas, vindas da Itália, se instalassem na cidade episcopal de Diamantina e ali abrisse noviciado. Com os religiosos Capuchinhos, apesar dos seus esforços e conselhos, não conseguiu vencer as dificuldades que obstavam tão grandioso projeto.

Quando Dom Joaquim lançou a ideia da construção do Colégio no Itambacuri, Frei Serafim tinha tomado as pri-

meiras providências para levantar o asilo para meninos orfãos e desvalidos. O zeloso prelado não se limitou apenas a sugerir a idéia, mas quis ajudar com a quantia de Cr\$ 1.500,00 propondo a Fr. Serafim acrescentar quantia igual para o impulso inicial das obras. O Diretor da Colônia respondeu imediatamente, aceitando a proposta” “contanto porém, que se declarasse nulo e sem nenhum efeito o ajuste com lavradores de madeiras, serradores, telheiros e tijoleiro que estão aprontando o material necessário à construção do Colegio para meninos e orfãos”. E respeitosa-mente acrescentou: “Se portanto, V. Rev.ma julgar bem que fique parado este serviço, digne-se dar prontamente suas ordens para as cumprir”.

As ordens vieram e foram cumpridas. Foi suspensa e adiada a construção do Colégio para meninos, esperando em breve, retomar os trabalhos, mais folgadoamente, com o auxílio dos dois Sacerdotes Capuchinhos prometidos, que não deviam tardar a chegar.

“Depois de algum tempo, os dois sacerdotes que hão de vir — escrevia ao prelado, Frei Serafim — serão empregados na pregação das missões tão alme- jadas por V. Exa. uma vez que nós dois, já idosos, temos a nosso cargo a responsabilidade da Cateque- se e civilização dos índios... Em todo caso, care- ce estudar os meios e modos de estabelecer nesta dio- cese de Diamantina, nossa Ordem com noviciado e estudos, saindo, deste modo, do estado incerto e in- seguro” (1)

Iniciada a construção foi ele levada a termo sem des- falecimentos. Afim de evitar todo e qualquer estor- vo, oriundo de outras imprevistas iniciativas, Frei Sera-

(1) Of. e Rel. Vol. III, pag. 69

fim recomenda ao deputado Epaminondas Esteves Ottoni que não tenha pressa em pleitear a emancipação do Itambacuri, mas trate do caso com prudência, pois

- “a emancipação nesta quadra daria a morte à catequese, porque é sustentada e mantida pelas sobras de nossos ordenados e mais proventos como espórtulas de missas e donativos espontaneos dos fieis, com que são vestidos e alimentados os numerosos menores indígenas de ambos os sexos, aqui recolhidos, fornecendo-se-lhes tambem livros, papel e objetos escolares. Socorremos tambem os índios velhos e desvalidos e, aos que vão chegando, damos roupa, ferramentas, alimento e remédios, como ultimamente aconteceu com os trinta e tantos selvícolas que vieram de Figueira quasi nus”

Frei Serafim, que viveu sempre na mais austera pobreza franciscana, desprezando todas as comodidades da vida, teve necessidade, nesta altura, de pensar em garantir juridicamente o solo sobre o qual tinha, em troca de imensos e heróicos sacrifícios, erguido os edifícios sagrados: igreja, cemitério, residência dos Padres Missionários e Colégio, requerendo ao Secretario do Interior do Estado de Minas, nos termos da lei n. 27, artigo 22, § 4, a concessão gratuita dos lotes urbanos 39 e 40 e dos lotes rurais 100, 101 e 114 para neles construir o edificio do Colégio e respectiva dependência. Nessa mesma ocasião requereu, com os mesmos fundamentos, os lotes urbanos 49 — 37 e 38 para a construção do “Campo pratico” (2)

A construção do Colegio, entretanto, não obistou aos melhoramentos necessários ao saneamento do arraial, con-

(2) Of. e Rel. Vol. III, pag. 73

sistindo na drenagem e retificação de alguns trechos do Rio Itambacuri, do Fortuna e dos regatos, abrindo canais para o dessecamento de pântanos e pequenas lagoas, afim de impedir o desenvolvimento de febres de máu caracter. (2)

A "Estrela Polar" (4) órgão oficial do diocese de Diamantina, publicou nessa época, um longo artigo informativo: "*Duas palavras sobre o Itambacuri*", tecendo elogios aos Dadores Diretores, louvando o seu progresso e as iniciativas em curso, isto é, a construção do Colégio para o sexo feminino, "cujo edificio de grandes proporções está sendo quasi ultimado" e noticiava estar projetada

"a ampliação da Casa dos Padres Capuchinhos, afim de poderem dar aos moços mais adequada instrução com maior soma de conhecimentos, e receber na Ordem Seráfica os que revelarem vocação".

No relatório de 31 de Dezembro de 1906, Frei Serafim se ocupa mais uma vez do Colegio "fabricado a expensas populares e com esmolas angariadas, quer dentro, quer fóra da Colônia "e comunica que a "suntuosa construção do sólido e vasto Colégio destinado à educação da infancia do sexo feminino, dirigido por religiosas, que deverão chegar, será inaugurado dentro em breve" (5)

Desde 1906 estava pois, terminada a construção do predio onde devia funcionar o Colégio. Na verdade, não se tratava de um "edificio de vastas proporções" nem de "suntuosa construção" no sentido que nós damos a essas palavras nesta época de arranha-ceus e de grandiosos edi-

(3) Idem pag. 74

(4) Diamantina — 20 — 3 — 1903 — n.º 9

(5) Of. e Rel. Vol. III pag. 85

fícios, mas uma coisa é absolutamente certa, com a construção do Collegio, Frei Serafim lançou as bases de um Instituto, que, como ele previu e preconizou mais de uma vez, havia de trazer grandes benefícios morais e materiais ao progresso de Itambacuri.

* * *

II — Na véspera da inauguração do Colégio, Itambacuri recebeu a visita de dois ilustres personagens: o engenheiro Dr. Emilio Schnor e o Inspetor do Ensino, Camilo Filinto Prates. O primeiro, em companhia de dois filhos, fora enviado pelo governo para estudar o traçado da estrada de ferro, que devia ligar Teofilo Otoni ao Rio Doce. A tarefa não era fácil, mas os Padres Diretores da Colônia tudo facilitaram aos ilustres engenheiros, que cheios de gratidão, sentiram a necessidade de agradecer com a seguinte carta:

“Teofilo Otoni, 11 Março 1907 —

Estimados amigos Frei Serafim de Gorizia e Frei Ângelo de Sassoferrato.

Havendo regressado a esta cidade com toda a felicidade meus filhos Luiz e Henrique, que foram por mim encarregados de fazer a ligação até o Rio Doce, a partir do Itambacuri, do reconhecimento para a Estrada de ferro que deve ligar aqueles pontos a Teofilo Otoni, venho cumprir um dever sagrado e para mim agradabilissimo de agradecer aos Revmos. amigos as atenções e favores recebidos, dos quais, foi sem duvida o mais importante, o de mandarem concertar a estrada de tropa de Itambacuri ao Suassui.

É mais um serviço relevante prestado à causa da civilização pelos Revmos. amigos a juntar aos muitos

de que lhes é devedor o progresso e adiantamento dessas regiões, tão sábiamente entregues à vossa prudente administração pelo Governo do Estado de Minas.

Ofereço aos Revmos. amigos meu limitado préstimo no Rio de Janeiro, e terei muito prazer em poder ser-vos util em alguma coisa, se para isso me poderem utilizar.

Confessando eternamente grato e penhorado, fico dos Revmos. Padres,

Admirador e amigo obrigado

(Ass.) *Emílio Schnor*
(Engenheiro Civil) (6)

O segundo era o Inspetor Técnico do ensino da 36.^a Circunscrição Literária do Estado de Minas, e visitou as duas escolas, deixando lisonjeiros termos de visita que muito honram aos professores e Diretores da Colônia. (7)

Seu relatório, apresentado ao Secretario do Interior, Dr. Manoel Tomas de Carvalho Brito, foi elaborado justamente na véspera da instalação do Colégio, com o qual se ia operar no ensino daquela região uma completa transformação. Esse documento oficial ia, assim, encerrar uma época de privações e de esforços de mais de 30 anos, sem duvida, a mais difficil, durante a qual as duas escolas tinham prestado os mais assinalados serviços; e abria, por outro lado, uma nova era cheia de esperança que giravam em torno do novo Colégio Santa Clara e do Campo Prático de iminente criação. Este se transformará, mais tarde, em Aprendizado Agrícola e aquele em Escola Normal. Ambas repre-

(6) Of. Of. e Relat. Vol. III, pag. 90

(7) Idem, Vol. III, pag. 91

sentarão o índice seguro do grau de progresso e civilização, em tão pouco tempo alcançado pelo Município de Itambacuri:

INSPEÇÃO TÉCNICA DO ENSINO

Relatorio apresentado ao Snr. Secretario do Interior.

Posto não constam da relação das cadeiras que me foi remetida, as que existem na Colônia do Itambacuri, julguei do meu dever ir inspecioná-las, já que são mantidas pelo Estado. Nesse intuito para ali partindo no dia 22 do passado, percorri 38 quilómetros que separam aquele lugar desta cidade, em um só dia.

Itambacuri é uma pequena povoação de 146 casas habitadas e muitas em construção: é um lugar em plena prosperidade.

ESCOLA DE SEXO MASCULINO — Esta escola acha-se a cargo do professor Manoel Pereira Tangrins, não normalista; foi instalada com matrícula de 59 alunos, dos quais 10 são filhos de aborígenes. No dia em que visitei a escola achavam-se presentes 5 alunos. A mobília da escola consiste em bancos e mesas pertencendo aos religiosos que dirigem a colônia. Também os livros didáticos são fornecidos por esses mesmos religiosos. A matrícula e ponto diário acham-se escriturados de acordo com o regulamento mas em cadernos. Encontrei a escola sem a organização recomendada pela legislação atual, mas já a deixei dividida em classes, e o professor instruído na maneira de praticar, tanto quanto possível, o atual programa do ensino, e creio que ele o fará, pois que é inteligente e trabalhador. O professor é auxiliado na escola pelos alunos João Jerônimo Joaquim, Edmundo Paulo Índio e Francisco Sedjo Noret, filhos de aborígenes e os mais adiantados da escola.

A casa em que funciona a escola pertence ao Estado e a sala é pouco espaçosa, mal chegando para acomodar os meninos que se acham matriculados.

ESCOLA DO SEXO FEMININO — Esta se acha dirigida pela professora Delfina Bacan de Araná, filha de aborígenes da tribo dos Aranás, que vive no Vale do Rio Urupuca. Tem a professora alguma instrução e pode ensinar somente lêr, escrever, um pouco de aritmética e noções de geografia e historia. A escola funciona em casa do Estado e a mobília é igual à do sexo masculino pertencente também aos religiosos Diretores da Colônia assim como os livros didáticos. Foi instalada a escola com 47 alunas matriculadas, das quais 12 são filhas de indígenas. No dia da visita achavam-se presentes 36 meninas. A matrícula e o ponto diário achavam-se regularmente escriturados, mas ainda em cadernos provisórios. Não se encontram utensílios escolares que auxiliem a professora à transmissão do ensino. A professora é auxiliada na escola pelas meninas Luiza Maçutty e Maria Catulé filha de aborígenes e das mais adiantadas da escola. A professora é também diretora de uma especie de internato de meninas indígenas sob vigilância dos religiosos Padres Diretores, Frei Serafim de Gorizia e Frei Ângelo de Sassoferrato, que se utilizam para isto de uma casa pertencente ao Estado.

Tudo aliás, no Itambacuri, vive do impulso que lhe é dado por esses dignos religiosos, cuja inquebrantavel energia e amor à humanidade se manifestam a cada instante no respeito à lei e à moral, na ordem e no admiravel progresso que o lugar apresenta.

Fui testemunha de um fato bem característico: tendo os religiosos convocado trabalhadores para um serviço (limpa de pasto) que aproveitaria a todos

quantos vão ao Itambacuri, sucedeu que ali chegasse na véspera do dia em que se devia fazer o serviço. Reuniram-se cento e muitos homens e pelas duas horas da tarde estava terminada a tarefa, sem que se tivesse dado a menor infração da ordem. Dificilmente se poderia observar coisa igual em lugar do interior”.

Teofilo Otoni, 1.º Janeiro 1907

(Ass.) *Camilo Felinto Prates*”.

Atraves deste documento, é facil avaliar os esforços dos Padres Directores em pról do ensino, que durante mais de 6 lustros tinham conseguido alfabetizar centenas e centenas de índios e civilizados, preparando o terreno para magníficas realizações presentes.

* * *

III — A construção do Colégio estava terminada. De que Congregação serão as religiosas que deverão dirigí-lo? A pergunta fora feita, havia algum tempo, pelo Revmo. Frei Ângelo em carta ao Padre Comissário no Rio, que não lhe deu resposta. Deu-a porém, Frei Serafim, com a confiança e a eloquência de sempre: *DEUS PROVIDEBIT!* Deus pensará!

Desde o ano de 1905, no qual D. Joaquim, como bispo coadjutor com direito à sucessão, tomou em suas mãos o governo da Diocese (8), interessou no assunto ao então Nuncio Apostólico, Exmo. e Revmo. D. Julio Tonti, que tomou a peito o pedido e o encaminhou com raro acerto.

(8) Sua primeira pastoral, saudando os diocesanos, traz a data de 15 de Agosto de 1905.

No ano de 1898, em Bertinoro, Italia, santamente inspirada, a Madre Maria Clara Serafina de Jesus, fundara o novo Instituto das Clarissas Franciscanas Missionárias do Santíssimo Sacramento (9), que em pouco tempo deu provas de sua utilíssima e benéfica existência em muitas dioceses da Italia.

A esta nova Congregação dirigiu-se o Exmo. Snr. Núncio, escrevendo diretamente à Madre Fundadora, pedindo-lhe Irmãs para a Missão do Itambacuri. O pedido foi prontamente aceito. Tão grande era o seu zelo pelas Missões que ela mesma queria chefiar este pugilo que iria atravessar o oceano em demanda do Brasil. As escolhidas, entretanto, foram: Irmã Bernardina do Santo Nome de Jesus (da familia Baldassarri) Superiora; Irmã Ana dos Inocentes (Leoni); Irmã Benedita do Redentor (Braga) e Irmã Francisca das Chagas (Guardigli).

No dia 30 de Maio de 1907, festa do Corpo de Deus, a Fundadora que as tinha acompanhado até Génova, porto de embarque, com ternura e efusão maternal, despediu-se de cada uma delas, falando a todas, e a cada uma em particular, como sabem falar, nessas ocasiões, as almas privilegiadas. Ao cair da tarde o vapor "Umbria" da Companhia Flórida e Rubattino, deixou o porto iniciando sua longa viagem, levando, entre outros passageiros, as quatro Clarissas que, com o coração despedaçado pela separação de tão boa mãe e da patria querida, sentiam-se, entretanto felizes por servirem assim a Deus e ao próprio Instituto, com a

(9) Madre Maria Clara Serafina é uma dessas almas privilegiadas, que, como fundadora e como humilde servidora da Igreja, ficará na história ao lado das Madres Cabrini M. Rosselo e outras, e, como estas, sem querer preceder o juizo infalível da suprema autoridade de Roma, esperamos, em breve, ver glorificada sobre os altares. Quem quiser conhecer as grandezas interiores e o apostolado desta serva de Deus, leia os "Apontamentos biográficos" do Prof. Padre José Gennaioli sobre "A SERVA DE DEUS" — MADRE M. CLARA SERAFINA DE JESUS — Traduzido por uma religiosa da Congregação" — Livraria Católica do Ginásio Arnaldo — Belo-Horizonte, — 1942.

mesma generosa dedicação com que alguns anos antes, em 1901, outras coirmãs atravessaram o oceano para auxiliarem os misisonários na evangelização de Angra (Índias orientais).

No dia 15 de Junho chegaram ao Rio de Janeiro. No cais do porto aguardava seu desembarque o bondoso capuchinho Frei José de Castrogiovanni, que as recebeu paternalmente, dando-lhes as boas vindas também em nome dos missionários do Itambacuri e tomando todas as providencias para que nada lhes faltasse. Hospedaram-se com as Filhas de São Vicente de Paulo, em Botafogo, que as acumularam de atenções. Demoraram-se apenas o tempo necessário para descansar e preparar a longa viagem para Itambacuri.

* * *

IV — Durante a permanencia no Rio de Janeiro, apresentadas pelo Revmo. Frei José de Castrogiovanni foram recebidas pelo Cardial Dom Joaquim Arcoverde Cavalcanti, primeiro cardial da América do Sul. (10) Dessa visita guardaram as humildes franciscanas a mais agradável recordação. S. Em. recebeu-as com muita cordialidade e, sentiram-se felizes e consoladas, ouvindo dos seus labios, na lingua materna, palavras paternais. A Irmã Bernardina anotou as suas impressões no "Diário" de onde colhemos estas noticias cheias de simplicidade (11). O eminentíssimo Cardial mostrou-se satisfeito em vez que mais uma Congregação se estabelecia no interior do país. Falou-lhes da índole e das boas qualidades do povo brasileiro e das suas necessidades espirituais e fez-lhes notar como o povo brasileiro, profun-

(10) D. Joaquim Arcoverde Cavalcanti, 1898-1930 — Preconizado no Consistório de 24 de março 1898 — Foi creado e publicado Cardial Presbítere da S. Igreja Romana no Consistório Secreto de 11 de Dezembro de 1905 por S. S. Pio X.

(11) "Memórias" — Manuscrito — Arquivo do Colegio Santa Clara — Itambacuri.

damente católico, está consagrado a N. S. da Conceição Aparecida. Irmã Bernardina mui prontamente manifestou então a intenção de consagrar a Missão que ia fundar à Nossa Senhora. O Cardial, apreciando embora o gesto delicado e devoto da religiosa, ponderou-lhe que, sendo elas Clarissas, deviam dedicar a Missão à Santa Clara, tanto mais que a igreja dos Padres Missionários Capuchinhos ali, estava consagrada a N. S. dos Anjos.

Foi assim que o Colégio, construído no Itambacuri pelos Padres Diretores da Colônia indígena, Frei Serafim de Gorizia e Frei Ângelo de Sassoferrato, recebeu no palacio cardinalício do Morro da Conceição, o nome: "*SANTA CLARA*" que teve plena aprovação dos fundadores.

* * *

V — A viagem do Rio ao Itambacuri naquela época não era nada agradável mas as dedicadas Religiosas não buscavam conforto e bem estar, e, como boas missionárias, estavam dispostas a todos os sacrifícios.

Frei José de Castrogiovanni acompanhou-as até ao Itambacuri. Do Rio ao porto de S. Mateus fizeram a viagem por via marítima, em barco sem conforto. De S. Mateus, por terra, a cavalo; depois de alguns dias, atingiram o Itambacuri onde os padres e a população as esperavam.

Entre canceiras, imprevistos, e curiosos incidentes, chegou a comitiva ao Itambacuri no dia 3 de Julho de 1907, fazendo sua entrada triunfal no povoado ao cair da tarde.

A chegada das primeiras filhas de S. Francisco, no Itambacuri foi um acontecimento e constituiu a maior alegria para os velhos Diretores que finalmente viam coroados os seus esforços e santos desejos.

Extraímos, traduzindo do italiano, as notas com que a Irmã Bernardina, fixou nas suas "Memórias" as impressões da chegada:

“Na entrada do povoado apeiamos das nossas cavalgadas.

“Frei Serafim, que é o Superior, juntamente com Frei Angelo e o povo vieram ao nosso encontro, enquanto os sinos repicavam festivamente e espocavam foguetes no espaço. Organizou-se uma especie de procissão: na frente iam os frades, atrás, nós, as quatro religiosas, uma pequena banda de musica tocava alguns dobrados, e atrás, a população. Conduziram-nos ao nosso futuro convento (que é o primeiro edificio da Colonia). A rua que leva ao convento estava toda enfeitada com plantas, bandeirinhas e lanterninhas.

No limiar do convento, Frei Angelo pronunciou poucas palavras, em lingua italiana, convidando-nos a tomar posse e entrar na Casa que nos tinha sido destinada.

Frei Serafim acolheu-nos com paternal expansão, e ia repetindo: “*NUNC DIMITTIS SERVUM TUUM*” (12). Não cabia em si de alegria ao ver finalmente na Missão por ele fundada, as Irmãs”.

Os outros padres, (Frei Vicente de Licodía, Frei Gaspar, Frei Manoel e o Irmão frei Felix de Vizzini) não poderiam fazer mais para nos manifestar sua alegria pela nossa chegada e desejaria encontrar melhores meios para demonstrá-la”.

Para festejar a chegada das Irmãs, pela primeira vez se fez ouvir no Itambacuri uma banda de musica.

No dia seguinte pelas 7 horas, Frei José, companheiro de viagem, celebrou, privadamente a primeira santa missa na capela das Religiosas, em cujo sacrario deixou, entregue ao seu amor e adoração, a sagrada Eucaristia, fonte inexaurível de todos os heroismos.

(12) “Agora, Senhor, despedes o teu servo... S. Lucas, 2, 29.

Na manhã seguinte realizaram-se grandes manifestações populares. As 10 horas, no Santuario de N. S. dos Anjos, onde as Irmãs foram conduzidas em procissão, Frei Gonzaga Gouverneur, O. F. M., vigario de Teófilo Otoni, cantou missa, pronunciando eloquente discurso. À noite a população reunida na frente do convento das Religiosas, fez-lhes calorosas manifestação, falando o Revmo. Frei Gaspar de Modica.

O regozijo popular durou ainda alguns dias, expandindo-se em diversas maneiras: soltando balões, queimando foguetes e dando "vivas".

As Irmãs, cançadas da longa viagem, saudosas da patria distante e emocionadas pelo que viam e ouviam em redor de si, cercadas pelo respeito e veneração do povo, davam graças a Deus. O Colégio "Santa Clara" estava fundado. O campo do apostolado para o qual tinham sido chamadas estava-lhes ao alcance e elas se aprestavam para começar o seu labor. (13)

Irmã Bernardina, religiosa de grande piedade e solido preparo, como superiora, organizou em breve a pequena Comunidade Franciscana e o Colégio, iniciando imediatamente seu proficuo trabalho.

Não ficou muito tempo na direção, Deus a chamou bem cedo para junto de si. Dirigiu o Colégio durante 29 meses, o suficiente para argamassar com o sacrificio da propria vida os alicerces da nova fundação.

Frei Serafim no Relatório anual apresentado ao Diretor Geral da Agricultura, em data de 31 de Dezembro de 1910, occupando-se do Colégio, assim informa:

"O Colégio Santa Clara é dirigido por cinco religiosas Franciscanas. Por tres vezes e por tres Inspe-

(13) As despesas da viagem da Italia ao Itambacuri foram pagas pelo Bispo D. Joaquim que na sua pobreza sabia encontrar recursos para beneficiar as almas e engrandecer a Patria — (Do Tombo)

tores técnicos, foi visitado, e, ultimamente em Novembro pp. pelo Exmo Diretor Geral Dr. Carlos Prates e sua comitiva. Todos ficaram admiradíssimos em reparar a esmerada educação na parte escolar, finos trabalhos manuais executados pelas meninas indígenas e filhas de nacionais civilizados. O ensino escolar é ministrado pelo Asilo gratuitamente e pela manutenção de meninas indígenas. O magnânimo Governo de Minas dá um auxílio de quatro contos de reis anuais (14). Para os habitantes desta Colônia, nada ha melhor que o Colégio e a infancia feminina se mostra extraordinariamente constante na frequência às aulas.

O mapa do Asilo remetido apresenta um numero de 94 alunas". (15)

O Colégio Santa Clara progrediu dia a dia sob a direção e administração das Irmãs Franciscanas, auxiliadas no início, por distintas professoras, sendo a primeira, na ordem cronológica, D. Maria Jacinta da Silva, irmã do mestre de cultura, Snr. José Jacinto Junior, professora bem preparada. (16)

A Irmã Bernardina do SS. Nome de Jesus, succedeu na direção do Colégio a Irmã Francisca das Chagas, que se manteve no cargo brilhantemente, até o ano de 1921.

* * *

VI — Desde o início de sua exuberante vida, o Colégio "Santa Clara" prestou enormes benefícios, não só aos filhos de aborígenes que em 1911 ali se achavam abrigados em

(14) Por intervenção do Dr. João A. Lopes de Figueiredo, deputado pela lei n.º 470 de 14 de Setembro de 1907 — Conc. — "Minas Gerais" — 18 — Setembro, n.º 219.

(15) Vol. III — pag. 115

(16) Of. — Vol. III — pag. 105

numero de trinta e cinco, como tambem às filhas de nacionais civilizados, atingindo estas o numero de cem. Realizavam-se assim plenamente as previsões do Exmo Bispo diocesano, D. Joaquim, ao lançar a ideia da fundação do Colégio.

“A influencia do Colegio “Santa Clara” não se limitava portanto, aos pobres indios catequizados, mas, se estendia a toda a população de uma zona vasta, muito rica e futura” (17)

Em 1912 foi introduzido em seu programa o curso secundario que em 1914 tomou grande impulso.

A benção de Deus acompanhava visivelmente os passos, no Brasil, do Instituto das Irmãs Clarissas Franciscanas Missionarias do SS. Sacramento, que, valendo-se da boa índole do povo brasileiro, encontrou no seio de tradicionais familias mineiras, ótimas vocações. Um punhado de moças normalistas, cultas e piedosas, de Conceição de Mato Dentro, Curvelo, Diamantina e de outras cidades mineiras, mais tarde do proprio Itambacuri, infundiram nova vitalidade à Congregação, pois, assimilando elas o espirito austero e missionário das Religiosas vindas da Itália, em tempos diversos, harmonizando-o com o saber e com as exigencias do ensino moderno, crearam-lhe uma auréola de prestígio que a faz estimada em todas as cidades de Minas onde mantém casas (18). As vocações tem aumentado todos os anos e, graças a Deus, a quantidade não tem prejudicado à qualidade, isto

(17) Colégio “Santa Clara” — artigo de J. V. M. em a Revista “A Escola Normal” número único comemorativo — Lembrança da Primeira Formatura de Normalistas — 8-XII-1927 — Contém excelentes artigos e datas históricas.

(18) Itambacuri: Ginásio e Escola Normal “Santa Clara” e Orfanato.
 — Conceição do Mato Dentro: Ginásio e Escola Normal “São Joaquim” e Orfanato; Hospital “Imaculada Conceição”.
 — Curvelo: Ginásio e Escola Normal “Santo Antônio” e Orfanato — Hospital: Santo Antônio”.
 — Sete Lagoas: Ginásio e Escola Normal “Regina Pacis” e Orfanato Hospital “Nossa Senhora das Graças”

é, a fisionomia verdadeira do Instituto, cujo traço principal é o espírito franciscano missionário.

Itambacuri se transformava dia a dia, naturalmente, sem choque nem atritos com o passado. Atingia mansamente sua maioria, sob as bênçãos e o olhar satisfeito dos velhos fundadores.

“Era necessário transformar-se o modesto asilo de orfãos e indígenas em uma fonte de educadoras”. Em 1923 começou-se a pleitear a equiparação do Colégio, sendo feita a aquisição de um gabinete de física e química no valor de sete contos de reis”.

Nessa ocasião era vigário o Revmo. Frei Gaspar de Moidica, continuador incansável da obra imensa que herdara dos santos fundadores, o qual valendo-se da boa vontade, prestígio e patriotismo do Dr. Alfredo Sá e do apoio de alguns amigos, conseguiu, em virtude do decreto n.º 7.534 publicado no “Minas Gerais” de 26 de fevereiro de 1926, para o Colégio “Santa Clara” as regalias de escola normal equiparada, vindo o mesmo assinado pelo preclaro presidente Antonio Carlos Ribeiro de Andrade e pelo ilustre secretário do interior Dr. Francisco Luiz da Silva Campos.

Grande foi a satisfação do povo de Itambacuri e dos Padres Capuchinhos pela magnífica conquista. A solene

-
- Corinto: Educandário “Frei Luiz”.
 - Cedro: Hospital “Dr. Pacífico de Mascarenhas”.
 - Guanhães: Santa Casa “Nossa Senhora do Carmo”.
 - Itauna: Orfanato “São Vicente de Paula”.
 - Salinas: Ginásio “Nossa Senhora Aparecida”.
 - Governador Valadares: Ginásio e Escola Normal “Imaculada Conceição”
 - Teófilo Otoni: Hospital “Santa Rosália” e Orfanato “Coração de Jesus”
 - Belo Horizonte: Escola Doméstica “Sagrada Família” e Convento São Francisco” — Casa de Noviciado.
 - São Paulo: Creche
 - Em Diamantina estão sob o cuidado das Irmãs o Hospital “Nossa Senhora da Saúde”, a Casa “São José” destinada aos Sacerdotes já acurvados ao péso das lutas e a administração material do Seminário Arquidiocesano “Coração de Jesus”.

instalação da escola normal realizou-se a 26 de maio do mesmo ano no dia em que celebrou suas bodas de prata sacerdotais o querido vigário, Frei Gaspar de Módica.

No dia 8 de Dezembro do ano 1927 receberam o diploma de Normalistas as alunas: Nair Esteves Guedes, natural de Arassuai; Aurora Esteves Otoni, de Teófilo Otoni; Catarina Magalhães, Joana Lago Pinheiro, Yolanda Lago Pinheiro, Maria de Lourdes Lago Pinheiro e Faride Rafael Landin, de Itambacuri; e Adilla Pirajá Cecilio da Silva, de Arassuai.

A solenidade da primeira colação de gráu foi brilhantíssima. O paraninfo, Dr. Alfredo Sá fez-se representar pelo Professor José Vicente de Mendonça que, sendo dos mais ilustres professores do Colégio e um dos cidadãos que juntamente com Frei Gaspar por ele mais trabalhou, pronunciou importante e vibrante discurso, no qual historiou a fundação, toda a existência do Colégio e os trabalhos para sua equiparação, pondo em relevo as figuras dos que mais auxiliaram a Escola Normal: o Dr. Alfredo Sá, Vice-Presidente do Estado e o infatigável Vigário, Frei Gaspar de Módica.

Até o ano de 1941 formaram-se na Escola Normal do Colegio Santa Clara 120 professoras normalistas.

RELAÇÃO DAS SUPERIORAS DO COLEGIO SANTA CLARA

Irmã Bernardina do SS.	Nome	1907 — 1909
Irmã Francisca das Chagas	1909 — 1921
Irmã Ana dos Inocentes	1921 — 1931
Irmã Noemi do Getsemani (atual super.)	1931

CAPÍTULO XXIV

O APRENDIZADO AGRÍCOLA

- I. Patriótica iniciativa do Presidente João Pinheiro —
- II. Frei Vicente de Licodia e o ensino prático de Agricultura Mecânica —
- III. Velhas experiências e oportuno parecer —
- IV. Do Campo Prático ao Aprendizado Agrícola —
- V. Testemunhos insuspeitos —
- V. Mais uma proveitosa visita do Dr. Carlos Prates ao Itambacuri —
- VI. O Dr. Portela e a verdade histórica

I — Paralelamente ao Colégio Santa Clara, surgiu no Itambacuri um “Campo prático de agricultura”.

Assim Frei Vicente de Licodia, que foi seu primeiro mestre, narra a origem:

“Desejando o inolvidavel Dr. João Pinheiro da Silva, que em 1907 era Presidente do Estado, introduzir em Minas a instrução mecânica da agricultura, por intermédio do Dr. João Antônio, deputado estadual por este distrito, o Frei Serafim foi encarregado de fundar na sede da colônia, um campo agrícola, que em 1911, foi transformado em Aprendizado Agrícola, e no qual funcionam também oficinas de carpintaria, sapataria e ferraria, havendo meninos desvalidos que recebem uma educação verdadeira, tornando-se úteis a si próprios e à patria” (1)

(1) “Itambacuri — 1873-1913 — 40 anos de Vida Apostolica” Artigo Comemorativo — “A Família” n.º 34 — Teófilo Otoni, 12 de Abril — 1913.

Esta utilíssima iniciativa do Governo foi bem recebida pelo povo. Frei Serafim, no Relatório apresentado em Dezembro desse mesmo ano (se manifesta calorosamente:

“Ensino Prático de Agricultura” — Mais uma prova de sinceros agradecimentos ao Governo do grande Estado de Minas, que realmente pode apelar-se Governo de progresso, por mais esta iniciativa, enviando máquinas agrícolas a estes habitantes. Oh! como isto realça a obra do chefe do nosso Estado!”

* * *

II — Em meiado do ano de 1907, a convite da Secretaria da Agricultura o então jovem capuchinho, P. Frei Vicente de Licodia seguiu para a Fazenda Modelo, na Gameleira, onde técnicos escolhidos, davam explicações e conselhos, além de aulas práticas rudimentares, acêrca do uso e emprego de máquinas agrícolas e noções práticas da natureza e qualidades das terras para seu melhor aproveitamento.

Frei Vicente, a quem sobrava inteligência e bôa vontade em servir à Missão, em pouco tempo, tornou-se conhecedor de todos os segredos para dirigir, no Itambacuri, o “Campo prático” que se ia fundar.

Pela circular de 28 de Agosto de 1907, seção de Terras, n.º 81, Frei Serafim, diretor da Colônia, foi avisado da volta ao Itambacuri, em companhia de um auxiliar competente, do Revmo. Fr. Vicente com pleno êxito da sua missão. O Governo despachou as máquinas necessárias para as demonstrações práticas. Frei Vicente e o seu auxiliar, Snr. José Jacinto Junior, chegaram porém antes. O zeloso diretor da Colônia, enquanto não chegavam as máquinas, aproveitou o tempo, iniciando as demonstrações, “servindo-se de um arado “O O” que tinha comprado no Rio de

Janeiro há mais de 20 anos. O Vice-diretor, Frei Ângelo, bastante prático no fácil manejo daquele instrumento, diante dos curiosos e interessados, abriu a lavoura e, na presença do Sr. José Jacinto Junior e de Frei Vicente, deu as primeiras aulas, como consta da correspondência trocada com a Diretoria Geral de Agricultura. (2)

No dia 10 de Dezembro chegaram as tão desejadas máquinas, e no dia 17 foi feito o primeiro ensaio, sendo nessa ocasião empossado na direção do ensino prático o Revmo. P. Frei Vicente de Licodia, que assumiu, desde aquele momento, com o Sr. José Jacinto Jr. toda a responsabilidade deste novo e importante ramo de atividade da colônia.

Valendo-se dessa oportunidade, Frei Serafim, mais uma vez, tributa ao Dr. Carlos Prates, diretor geral da Agricultura, Comércio e Colonização, entusiásticos louvores, pondo em destaque sua "longa experiência, acertado critério, patriotismo e sobretudo proverbial bondade no desempenho de suas funções" (3).

Os resultados não se fizeram esperar. Na exposição nacional de 1908, a Colônia indígena de Itambacuri figurou com amostras de arroz e milho plantado em terra trabalhada de arado e sem êle, e em seu relatório o Diretor explica a razão porque não se notou alguma diferença entre uma e outra, pois sendo os terrenos da colônia feracíssimos, a semente lançada em terra acha de pronto elementos nutritivos para o seu completo desenvolvimento. (4)

Em dezembro de 1908, Frei Serafim inicia o longo relatório anual lamentando o desaparecimento e prestando merecida homenagem ao "grande mineiro, Dr. João Pinheiro da Silva, sinceramente pranteado, ao qual se deve o novo

(1) Correspondência, vol. III, pag. 100

(3) Correspondência, vol. III, pag. 100

(4) Correspondência, lugar citado

impulso dado à lavoura, melhorando-a e animando aos laboriosos agricultores” (5).

Durante o ano de 1908 o “campo de demonstração” funcionou com toda a regularidade e o venerando diretor da Colônia, no minucioso relatório, assinala que o “Revmo. Frei Vicente de Licodía e o inteligente moço José Jacinto Jr., aprontaram 14 hectares de terra bruta, passando e dando nela tres cortes com as máquinas e praticando as necessárias drenagens, ficando ainda no mesmo campo obra de 13 hectares de terra para desbravar.

“Plantaram com as máquinas 300 litros de arroz; 65 de feijão, 50 de milho e algum plantio de batatas inglesa e portuguesa, que, se não houver contratemp-
pos, prometem boa colheita”. (6)

* * *

III — Para Frei Serafim não era novidade, mesmo no Itambacuri, o emprego de máquinas na cultura. São interessantes as observações colhidas por ele pessoalmente nas experiências realizadas na cultura do trigo, fava, grão de bico, lentilha e outros cereais, e até da videira.

O parecer dado por ele a esse respeito, não é certamente a opinião da ciência nem da técnica. Fala com a autoridade que lhe é conferida pela experiência e pelo bom senso. Este frade genial e sábio, este missionário culto, ao qual não faltava o amor ao trabalho, sem prejuizo da sua vida espiritual, a coragem para iniciativas e experiências consideradas utopias naquelas matas e naquela

(6) Correspondência. Vol. III, pag. 102

(5) O Dr. João Pinheiro da Silva foi o 6.º Presidente Constitucional do Estado, ex Senador federal eleito por sufrágio direto do povo, a 7 de março de 1906, esteve no poder desde 7 de Setembro de 1905 até 26 de Outubro de 1908, data de sua morte.

época, e, sobretudo, o amor com que servia a Deus na humanidade e à humanidade em Deus, é digno da admiração e da gratidão dos que ainda têm em conta o culto da virtude e os exemplos sadios de amor ao trabalho.

“Cheguei ao Itambacuri ha trinta anos — relata Frei Serafim com a sua habitual simplicidade — e, dispondo de uma terra que debalde se procurava uma outra superior, pensei em tirar do ubertoso solo, frutos de quantas plantas estivessem ao meu alcance, quer nativas da terra, quer de zonas temperadas: comprei até um arado americano marca “OO”, no Rio de Janeiro, com o qual, o meu companheiro, que teria sido um excelente discipulo de S. E.^a o Snr. Dr. João Pinheiro, trabalhou com ele durante mais de 20 anos, plantando arroz e feijão com bons resultados. Ora, pois, a respeito dos cereais europeus, pelas compras dos quais gastei não pouco dinheiro, e por repetidas vezes, não recompensavam afinal o trabalho. Nas matas, os mesmos cereais, quer na primavera, como no outono, sêmeados, nascem bem, crescem e prometem; mas quando não há um contratempo que torna baldada a esperança do bom resultado, amontoam-se, naqueles cereais, tão grande quantidade de bichos, pássaros, ratos e tantos outros insetos, que, enquanto se trabalha para salvá-los de uma praga, torna-se impossível defendê-los de outra, e assim se tornam vãos todos os esforços e trabalhos, com prejuizo das plantações e colheitas dos gêneros nacionais indispensaveis ao sustento da familia. Não duvido porém, que, dos cereais europeus, sêmeados em quintas inacessiveis a tantas pragas do insetos, se possam alcançar esplêndidas colheitas.

Da videira tratei detalhadamente quando remeti para a Exposição Nacional, amostras de vinho fabri-

cado nesta Colônia. Um diligente agricultor pode alcançar muita coisa”.

As considerações abordadas pelo Revmo. Frei Serafim, fruto da experiência, são dignas de admiração. Fica-se sabendo que, para a grandeza e futuro da Colônia, nada descurou e, precedendo de 20 anos a iniciativa do Estado, introduziu o arado e tentou as diversas espécies de culturas, inclusive da videira.

Depois dessas experiências não desaconselha ele o emprego das máquinas agrícolas, mas pleiteia o barateamento do preço do arado e o emprego deste em

“certas terras cançadas, que, tendo sido expostas por alguns anos à influencia do sol e da chuva, ficam recalçadas e como que fechadas à penetração do ar tão necessário para o desenvolvimento das plantas, cobertas de um teimoso capim e tenazes raízes que fazem o desespero do lavrador. Destarte pode o agricultor resuscitar à nova vida aquela terra e restituir-lhe a fertilidade que estava amortecida em seu seio”.

* * *

IV — No fim do ano de 1909, no costumeiro relatório, o Diretor da Colônia mostra-se ainda mais entusiasmado com o emprego de máquinas na lavoura e afirma:

“serem incalculáveis os benefícios que o generoso Governo de Minas tem prestado à Colônia de Itambacuri, concedendo-lhe máquinas para o arroteamento das terras, abrindo assim neste norte de Minas um novo método de tirar-se do seio da terra, com pouco e fácil trabalho, abundantes frutos”.

Mostra-se animado e satisfeito em vista dos primeiros resultados e jubiloso declara que

“pelas informações fornecidas pelo Padre Frei Vicente de Licodia e pelo mestre de cultura, José Jacinto Junior, o Campo de demonstração imita em certo modo Fazenda Modelo da Gameleira, pois, 24 hectares de terra se acham “arroteados” e plantado à máquina. De hectare a hectare foi tirada uma rua em linha reta, que mede M.2,50 de largura. De tudo se acha nela plantado: com as necessárias distâncias de sulco a sulco...”

As claras e explicitas informações fornecidas pelo Diretor da Colônia nos dão uma visão panorâmica do que era e prometia ser o “Campo Prático” de demonstração: um exemplo de trabalho, uma escola de civismo, onde dezenas de moços aprendizes se adestravam no manejo das máquinas, nos conhecimentos práticos de agricultura para tornar mais compensador o trabalho diário. Pelo relatório de 1910 sabemos que eram mais de 20 os aprendizes “agasalhados, sustentados e vestidos” cujos nomes se acham registrados. (7)

Os resultados colhidos pelo ensino prático da agricultura nos poucos anos de sua existência, aconselharam o Governo a transformar o modesto “Campo Prático” em “Aprendizado Agrícola”. Era um grande passo: fundado em 1907, tornou-se em 1911 objeto de especiais cuidados da parte do Governo, que mudando-lhe o nome ampliou-lhe o programa e as atividades, conferindo-lhe maior autoridade.

No correr do ano de 1911 a prolongada seca prejudicou as colheitas, que foram escassas, mas ainda assim o mapa que acompanha o Relatório nos deixa admirados diante dos

(7) Correspondência, vol. III, pag. 114

algarismos que especificam a qualidade e quantidade de produção. (8)

Não era sem razão que a Colônia de Itambacuri foi sempre considerada o "celeiro de Teófilo Otoni".

O "Minas Gerais" de 3 de Dezembro, 1912 publicou as impressões deixadas no livro de visitas do Aprendizado Agrícola de Itambacuri, pelo engenheiro Joaquim Guedes Michaeli, inspetor do Serviço de Proteção aos Índios, Dr. Eustáquio Peixoto, Juiz de Direito de Teófilo Otoni e Gualdim Martins, funcionário federal, dos quais extraímos breves frases:

"Neste campo prático encontrei vinte e quatro alunos aprendizes. Em cada um deles vi um menino sadio e satisfeito com as suas condições de aprendiz... O Campo é de vinte seis hectares assim dividido: dezoito hectares para culturas diversas, oito para pastos de animais. *Admira-me de modo extraordinário o amor imenso que os Frades Capuchinhos, que dirigem a Colônia indígena de Itambacuri, têm não só à infância desvalida como aos índios habitantes das florestas circunvizinhas, sem esperarem outra recompensa, que não seja a satisfação que traz o exercício da caridade cristã que a todos abisma por ser verdadeira e santa (Joaquim Gomes Michaeli).*

O Juiz de Direito de Teófilo Otoni, Dr. Eustáquio Peixoto, entre outras coisas, escreveu:

(8) São estes os expressivos algarismos, contidos nesse documento: Café, arrobas de 15 quilos 7.000, valor 210 contos; toucinho idem 8.000, 64 contos; assucar idem 360, 2 contos; rapadura, 40 a carga, 7.000, 112 contos; fumo rolo, 1 conto e quinhentos; aguardente, a carga, 4.000, 80 contos; arroz, alqueire de 80 litros, 15.000, 75 contos; feijão, idem, 3.050, 15 contos; milho, idem, 70.000, 140 contos etc... sem contar o gado, o óleo de pau copaiba, poáia, turmalinas, amendoim, batatas, carás, queijos, requeijões, couros, etc... (Rel. e of. Vol. III. pag. 126).

“encontrei neste Aprendizado vinte e tres meninos orfãos, enviados por êste juizo e dois outros meninos... “Os meninos gozam saúde, estão robustos e bem dispostos, demonstrando assim não ser mau o clima em que vivem, e que lhes é fornecida alimentação sadia e quantidade suficiente. Procurei saber, conversando com todos como eram tratados e eles afirmaram que nenhum castigo físico lhes é infligido, respeitando o seu diretor Frei Vicente de Licordia como como protetor, como um verdadeiro Pai. Este fato me impressionou mui agradavelmente, por serem os orfãos aqui recolhidos, em sua quasi totalidade, vagabundos, já viciados, apreendidos por ordem dêste juizo, nas ruas de Teófilo Otoni e nos dos povoados do município...”

O Snr. Gualdim Martins, funcionário federal, que acabava de regressar de uma viagem de estudos à Europa, assim se expressou:

“Vindo a Itambacuri, necessariamente devia visitar o Aprendizado Agrícola — Vim vê-lo e a impressão que recebi foi a melhor possível, pois não foi inferior a que tive em visita feita a estabelecimentos congêneres em várias partes da Europa, de onde acabo de chegar... Justo é, pois, que faça esta declaração em honra dos diretores do Aprendizado e dos poderes do Estado, que tão bem se mostram empenhados para a instrução agrícola necessária e útil para o progresso do povo”. (9)

* * *

(9) O “Minas Gerais” — 3 dezembro 1912. Transcrito da “Estrela Polar” de Diamantina de 15 de dezembro 1912, que tocou a respeito interessante comentário.

V — O Dr. Carlos Prates, diretor da agricultura, grande amigo e dedicado benfeitor da Colônia de Itambacuri, que lhe deve grande parte do seu progresso, em 1910, voltou a visitá-la e, desta vez, acompanhado por numerosa comitiva.

As impressões dessa visita ele as deixou consignadas no Relatório apresentado ao Secretário da Agricultura, constituindo um depoimento autorizado e oficial, que nos fala do admirável progresso de Itambacuri na véspera de sua emancipação política e religiosa, isto é, da criação da Paróquia e do Distrito.

Frei Ângelo, no seu manuscrito, informa que o Dr. Carlos Prates

“ficou maravilhado do que viu e ouviu quanto à civilização dos índios e progresso do Aldeamento. Ele converteu o Campo Prático da lavoura mecânica em “Aprendizado Agrícola” onde até hoje (1 de Janeiro de 1915) se conservam numerosos aprendizes sustentados às expensas do Estado e dirigidos pelo Revmo. Frei Vicente de Licodía, a quem o Governo conferiu o título de Mestre de lavoura mecânica. Deu ao Padre Frei Vicente um subalterno com o título de auxiliar e com o salário pago pelo Estado”. (10)

Essa transformação era uma aprovação da atividade e dedicação demonstrada pelo Revmo. Frei Vicente que, em 1915, deixou esse estabelecimento em plena florescência, onde seu nome é ainda hoje carinhosamente lembrado, para consagrar todas as suas energias à fundação da Escola

(10) O Aprendizado Agrícola ainda hoje existe, sendo seu Diretor o Snr. José Rodrigues da Silva, excelente educador, que, nos longos anos de proveitosa direção, tem sabido elevá-lo a competir com os melhores do Estado, formando e educando sábia e proficientemente no amor ao trabalho, à Pátria e a Deus, centenas de moços.

Agrícola de Conceição de Mato Dentro, (hoje Ginásio São Francisco) a que a obediência o destinou. O nome de Frei Vicente está ligado a essas duas cidades que ele beneficiou com o seu trabalho apostólico e onde desfruta larga e sincera popularidade.

Não podemos dar remate melhor a este capítulo que publicando o relatório da última visita feita ao Itambacuri pelo benemérito Dr. Carlos Prates:

“Fazia oito anos que aí estivera da penúltima vez.

Durante a viagem que é de 36 quilômetros, notei, com pesar, que as florestas virgens que se atravessavam depois de 10 ou 12 quilômetros, onde termina a colônia “São Benedito”, já se acham em parte devastadas, principalmente pelo fogo. As comiadas dos morros, que antes eram cobertas de matas de árvores colossais e frondosas, já começam, pela queima periódica, a ser reduzidas e *serrados*, com uma vegetação rasteira em que, às vezes, aparecem gramíneas e samambaias e que, por isto, os moradores do lugar denominam impropriamente *chapadas*.

O fogo, efetivamente queima ou faz morrer as árvores, transformando, nos lugares secos, a mata virgem em uma espécie de campo.

* * *

A impressão geral que me dominou ao entrar no povoado, foi a de que este estava muito aumentado, talvez no duplo, e com o progresso correspondente a julgar pelas boas construções bem conservadas e pelas casas de comércio existentes.

O povoado deve ter de 200 a 300 casas bem regulares,

Pelas constantes drenagens que os diretores da colônia têm feito para esgotamento dos brejos e lagoas existentes nas suas proximidades, já se conseguiu abaixar o nível do lençol de água, de modo que não se tem mais a impressão de ser o lugar insalubre e doentio.

Foi este um dos importantes melhoramentos que encontrei na colônia, para o qual as pequenas importâncias com que concorreu o governo foram bem aplicadas pela diretoria da colônia.

* * *

Tendo-me constado em Teófilo Otoni que na colônia e circumvisinhanças já não existiam mais índios, escrevi ao diretor da mesma, comunicando-lhe que, dentro de poucos dias, eu devia ali chegar, que comigo iria o inspetor do Serviço de Proteção aos Índios, Dr. Alberto Portela, e que nos seria muito agradável encontrar na sede da colônia, índios mansos, já localizados e índios selvagens da tribo dos Pojichás.

No dia 24 de novembro ali chegamos e no dia seguinte, de manhã, na casa de residência dos padres, encontramos cerca de 50 índios, quase todos civilizados, das tribus Poton, Nac-na-nuc, Poté, etc., sendo que apenas 13 adultos e alguns menores eram ainda selvagens e pertenciam à tribo dos Pojichás. Estes estavam acompanhados do seu capitão, chamado Joaquim, índio já velho, que, como os outros da tribo, não falava o portuguez. Há entre eles um nacional civilizado, Benedito Alves Poten, casado com uma índia e que nos serviu de intérprete. As creanças eram, em geral, fortes e bonitas, havendo uma mocinha pojichá, de nome Emília, de 15 anos presumíveis, com traços de beleza muito pronunciados.

Segundo verifiquei do livro matrícula da colônia, existem nela, ocupados por famílias, 164 lotes e destes 36 por indígenas.

Nesse mesmo dia, aproveitando a reunião dos índios, o dr. Alberto Portela fez distribuição dos presentes que levava para os mesmos e que se constituíam de roupas, chapéus, missangas, machados, facões, etc.

Depois disto tirou diversas fotografias dos índios, das quais apresento algumas com este relatório.

Os índios mostravam-se satisfeitos manifestando-se muito camaradas do dr. Portela, principalmente o capitão Joaquim. Como sinal de amizade davam-nos fortes e repetidos abraços que, difficilmente, se suportavam.

Segundo nos informaram os padres, informações esta confirmada pelo intérprete Benedicto, a tribo dos pojichás está reduzida a 56 adultos, além dos menores. Esta tribo se conserva ainda muito rebelde à civilização. De vez em quando bugres dela apparecem na colônia, ali demoram poucos dias, recebem presentes e voltam depois ao seu *kgue*, que está nas matas de S. Mateus, à beira do rio do mesmo nome e a cerca de 12 léguas de distância do Itambacuri.

Aí frei Vicente de Licodía foi buscar os que vimos.

Todos os índios da tribo, segundo nos consta, nunca vêm juntos à colônia: alguns sempre ficam na aldeia. Deles, difficilmente se consegue uma creança para se educar, porque temem o desaparecimento da tribo.

Depois da visita aos frades e aos índios, corre-mos a igreja, onde vimos boas obras de pedreiro, carpinteiro, etc., executadas por operários indígenas.

Em seguida fomos ao Asilo e colégio Santa Clara, dirigido por cinco irmãs franciscanas. Acha-se instalado em excelente prédio em fôrma de H, possuindo boas acomodações, alguns aparelhos de ensino, salas, dormitórios e refeitório espaçosos e bem arejados. Está, como grande parte das casas do arraial situado em um lugar baixo, mas em terreno sêco e enxuto.

Logo que chegamos à portaria do colégio fomos recebidos pelas irmãs e pelas meninas orfãs índias e mestiças de índias ali internadas, em numero de 22, com as idades de 7 e 17 anos.

Destacou-se dentre estas, que se achavam em fôrma, uma da tribu dos pojichás, que fez uma breve saudação aos visitantes, terminando-a com vivas entusiásticos. Em seguida fomos introduzidos na sala de visitas, onde as meninas cantaram o hino da República e outros, lendo a de nome Maria de Sales Nion, com grande desembaraço e ênfase um belo discurso saudando o diretor da Agricultura.

Visitamos depois a sala onde estavam expostos os trabalhos das meninas e aí vimos excelentes trabalhos de agulha, bordados, flores, trabalhos em papel Bristol, roupas, toalhas de rara beleza, bordados a mão e até cobertores de algodão, tecidos em antigos teares muito rudimentares.

Foi magnífica a impressão recebida nesta sala, como a de todas as dependências do colégio, que percorremos da portaria até a cosinha.

A ordem e o asseio que se observavam em toda a parte e as explicações despretenciosas e inteligentes

que nos eram dadas pelas irmãs, inspiraram grande confiança na direção do colégio e no ensino que ali é ministrado.

Nesta visita fomos, propositadamente, acompanhados por alguns índios pojichás, que tiveram ocasião de observar o conforto modesto que era dado às orfãs e os trabalhos destas.

O colégio estava em férias, iniciadas no dia 17 de novembro, de modo que nele só permaneciam as meninas orfãs. Notei que a sua mobília escolar é pobre e escassa, sendo justo que, como auxílio e em consideração ao serviço prestado à educação das meninas orfãs, se lhe concedam 40 carteiras escolares. Obtidas estas da Secretaria do Interior, esta Diretoria providenciará sobre a remessa.

Constando-me que ha, entre os rudimentares, uns teares mais aperfeiçoados, dos quais existem alguns no Colégio da Providência, de orfãs, em Mariana, conviria muito mandar-se um destes, o qual irá servir de incentivo à propaganda do plantio do algodão em um grande centro agrícola, e tambem de fonte de renda para o custeio do Colégio Santa Clara. (11)

* * *

VI — O Dr. Portela foi incumbido pelo Governo Federal de organizar naquela zona o Serviço de Proteção aos Índios e localização de trabalhadores nacionais. Na casa dos Padres Diretores encontrou-se com os índios a quem distribuiu presentes, recebendo deles apertados abraços.

(11) Do Relatório do Dr. Carlos Prates sobre serviços de Colonização no município de Teófilo Otoni, apresentado ao Secretário da Agricultura em 1910.

Com o auxílio de um interprete fornecido pelos Padres, levou-os às matas do São Mateus, com o fim de fundar uma Colônia, mas não lhe sorriu a sorte, foi infeliz na sua empresa e acabou desastadamente seus dias.

A maioria dos índios voltaram para a Colônia de Itambacuri. Quanto à colocação de trabalhadores nacionais, nada conseguiu.

Os Padres Diretores ajudaram sempre e com a maior liberalidade a instituição do Governo federal, prestando ao Snr. Portela eficaz auxílio, fornecendo-lhe intérpretes, guias e guardas para assegurar-lhe a vida nos perigos.

Aos dois capuchinhos de Itambacuri cabe a glória de ter integrado na civilização todas as tribus disseminadas pela imensa mata do Vale do Mucuri.

Quando por lá chegou o Snr. Portela do serviço de Proteção aos Índios, os trabalhos de catequese dos capuchinhos consistiam em educar e instruir nas escolas a infância e a juventude, prestar assistência aos velhos, viúvas e enfermos de acôrdo e no limite permitido pelos recursos de que dispunham.

Houve alguém, cego pelo ódio contra a catequese religiosa que chegou a escrever, logo depois da revolta dos índios em 24 de maio de 1893, que os dois frades dados por mortos não passavam de caçadores de selvícolas como tantos outros não conseguindo catequisar a tribu dos Pojichás por não inspirarem confiança.

A farta documentação destas páginas garante a verdade histórica. Ainda vivem testemunhas dos fatos e a verdade é uma só: Há setenta anos nas florestas impenetráveis do vale do Itambacuri viviam milhares de selvagens e hoje existe uma cidade em pleno progresso e uma população laboriosa e morigerada, fruto da obra eminentemente cristã e apostólica de Frei Serafim e Fr. Ângelo.

Ambos são figuras inacessíveis à maldade humana, pois sua vocação sacerdotal, sua obra e raro talento, os elevaram bem alto na admiração dos contemporâneos e dos pósteros.

É possível discutir métodos de catequese de ontem e de hoje, em geral; não é permitido, porém, sem faltar à verdade e à justiça, menosprezar ou ridicularizar o heroísmo de Frei Serafim de Gorizia e Frei Ângelo de Sassoferato, que vivem ainda e viverão eternamente na gratidão do bom povo mineiro.

CAPÍTULO XXV

EMANCIPAÇÃO

(1911)

I. Criação e instalação do Distrito, seus limites — II. Continuação da Colônia administrada pelos mesmos diretores — III. Município autônomo — IV. Posição geográfica, limites atuais e vias de comunicação — V. Criação da Comarca; VI — Relação dos administradores do Itambacurí.

I — Como era de esperar do Diretor Geral, Dr. Carlos Prates, apressou a emancipação do Itambacurí. O progresso material e moral alcançado, constante do Relatório apresentado ao Secretário da Agricultura, aconselhavam ao Governo, a criação, como primeiro passo para organização política, do distrito de paz, o que se deu pela lei 556 de 30 de Agosto de 1911 com mais tres: o do Poté, São José de Pampam e Itaipé, todos do município de Teófilo Otoni, cujo vasto território ficou dividido em 10 Distritos de Paz.

Em virtude dessa lei ficaram demarcados os limites do distrito de Itambacurí da forma seguinte: — *Ao Norte*, confina com os distritos de Poté, da cidade (Teof. Otoni) e de Aimorés pela cordilheira que separa as águas do Itambacurí e do S. Mateus das do Mucurí do Sul, do Todos os Santos e do Mucurí Grande: — *A Leste*, com o Estado do Espírito Santo pela Serra dos Aimorés; — *Ao Sul*, com os municípios de Aimorés e Caratinga: 1.º pelo Rio Doce; 2.º com o município de Peçanha pelo Suassui Grande e

Urupuca até a barra do Noreth; — *A Oeste*, com os distritos de Malacacheta, pelo *divortium aquarum* à esquerda do Noreth até as nascentes do córrego Bananal, afluente do Noreth e com o distrito de Poté, deste ponto pelo *divortium aquarum*, à direita do Itambacurí, ponto de partida. (1)

* * *

II — Não obstante a criação e instalação do distrito de Itambacurí, os Padres Diretores Frei Serafim e Frei Ângelo, ficaram por vontade do Govêrno, na direção e administração da Colônia, que continuou enquanto viveram os fundadores. (2)

O Distrito de Itambacurí apresentou-se ao convívio administrativo cheio de vida e prosperidade, com uma população de 20.000 habitantes aproximadamente, boas e belas casas, parecendo uma quase cidadezinha, colégio, aprendizado, magnífica igreja, ruas bem traçadas e numerosas casas comerciais.

Falando do progresso e desenvolvimento de Itambacurí, Frei Serafim lembrava ao Govêrno a realização da projetada construção da estrada de Ferro Teófilo Otoni-Figueira, com a qual, o Itambacurí se tornaria "fonte ubérrima de todas as riquezas". (3)

O relatório do Dr. José Gonçalves de Souza, Secretário da Agricultura do Estado de Minas, em 1912 contem dados que ilustram à luz dos algarismos oficiais, o grau de adiantamento do Itambacurí e a obra meritória dos seus abnegados diretores. Destacamos apenas umas poucas linhas

(1) Tetteroo, obr. cit. pag. 39.

(2) Of. e Rel. — Vol. III, pag. 133 — O último Relatório, em nosso poder, é de 27 de Janeiro de 1920, assinado por Frei Angelo de Sassoferato, diretor da Colônia.

(3) Ibidem.

de longa transcrição e dos vivazes comentários que a pena do inesquecível Felício dos Santos publicou em "A União" de 6 de abril de 1913:

"Com ótimo critério insiste Frei Serafim no sistema de mestiçagem do elemento indígena com os nacionais. Único meio de conservar essa raça como fator de população e riqueza nacional. Mostra êle como, apesar de todos os cuidados, tem se reduzido a população puramente indígena, ao passo que a raça cruzada cresce admiravelmente.

A feroz tribu Pojichá, que era tão numerosa e dividida em 5 núcleos, está reduzida a 50 indivíduos em 11 famílias.

São 946 os índios puros e mestiços, dos quais 446 na colônia.

Famílias na colônia, 128.

Índios puros: maiores de 12 anos, 72 homens e 51 mulheres; menores, 21 homens e 18 mulheres.

Mestiços: maiores, 61 homens e 81 mulheres; menores 67 homens e 75 mulheres.

Dos Pójichás há: maiores, 13 homens e 15 mulheres, menores, 13 homens e 9 mulheres.

Vejamos agora o estado da colônia, considerando toda a sua população:

População: cerca de 12.000 habitantes.

A população realmente colonial compõe-se de 126 famílias com 665 indivíduos.

Há na séde 6 edifícios públicos e 183 casas de residência, além do bom prédio escolar, que mencionamos, na povoação da Igreja Nova.

Há 3 cadeiras de instrução primária com 78 alunos e 1 municipal (na Igreja Nova) com 31 alunos.

Há mais o colégio e Asilo Santa Clara para ensino gratuito das meninas, fundados pelo diretor, Frei

Serafim, e dirigido por 5 irmãs franciscanas. São 118 as alunas, sendo 40 internos. São indígenas 35.

As meninas aprendem o curso primário, trabalhos manuais, fiação e tecelagem, costura, bordado, flores, trabalhos de Bristol, etc. com grande aproveitamento.

Eis a produção dos colonos e dos arredores do núcleo: café, cereais, açúcar, aguardente, fuma, algodão, farinha, e toucinho, cujo valor elva-se a
743:160\$000 rs.

Não incluindo (diz o relatório) o óleo de copaíba, poáia, amendoim, batatas, carás, queijos e mineração de turmalinas.

Possuem os habitantes 1.500 cabeças de gado vacum, 1.500 cavalares, 400 muares, no valor de
228:000\$000, cujo produto não está incluído, bem como os porcos, na quantia acima mencionada.

Avalia-se pois a produção em mais de
900:000\$000.

O pagamento das prestações dos colônos importou em 1:114\$000 rs.

Ora, agora apreciem os leitores esta nota final:

*“O total das despesas feitas com o custeio deste núcleo, foi de: 6:173\$183 rs., sendo: 4:200\$000 rs., vencimentos do diretor Frei Serafim de Gorizia e do vice-diretor, Frei Ângelo de Salsoferrato —
1:444\$000 de obras públicas e 529\$183, mobília escolar, camas e roupas para as crianças indígenas, gêneros alimentícios a indígenas e tratamentos dos atacados de sarampo!”*

Realmente custam muito pouco esses frades e sabem economizar...

* * *

III — Ainda é cedo para se escrever a história da emancipação de Itambacurí, como município autônomo, ideal acalentado durante anos, pelos Missionários Capuchinhos, a cuja testa se encontrava o abnegado Frei Gaspar de Módica e alguns bons patriotas que, acima de tudo, colocavam o progresso e o bem da coletividade.

A criação do Município não se poderia conseguir sem que os patrocinadores de tão proveitosa conquista se chegassem os políticos profissionais e militantes, dos quais dependia o bom êxito, entrando com êles em entendimentos.

Alma e vida do progresso de Itambacurí, foram sempre os padres Capuchinhos que se sucederam, no correr dos anos na sua direção espiritual. Nos contáto inevitáveis com a política e com os políticos, jamais perderam eles de vista sua alta missão religiosa, inspirando sempre todos os seus atos, no mais puro patriotismo e na mais perfeita caridade cristã.

A Frei Gaspar, tocou, na ordem dos acontecimentos, a mais espinhosa e delicada tarefa, a de tratar, lidar, guiar e refrear as paixões e ambições políticas, numa terra ainda virgem, mas sem preparação e experiências políticas.

Não interesava a Frei Gaspar e aos seus auxiliares, que êste ou aquele cidadão escalasse o poder e fizesse, como se diz, política; tinha êle, porém, o dever sagrado de evitar que a direção do novo município caísse nas mãos de incompetentes ou mal intencionados.

Esse nobre propósito havia de lhe custar grandes sabores e sofrimento, que, sem dúvida, muito concorreram para lhe encurtar a existência. As contrariedades, e, mesmo as hostilidades ocultas ou abertas, não conseguiram, porém, arrefecer-lhe a alma de apóstolo devotado a Deus e ao povo, a quem serviu sempre sem se poupar, até a morte.

Nomes há, porém, que não ficarão no olvido; são os dos que lutaram, trabalharam e cooperaram pelo engrandecimento do Itambacurí. (4)

Abrimos exceção para a veneranda figura do deputado João Antonio Lopes Figueiredo (5), nome tantas vezes citado nestas páginas, que, em toda sua vida política, se conservou ao lado dos fundadores, prestando-lhes apoio e solidariedade, e no dia solene da instalação da Câmara, manifestou sua grande satisfação com esta frase: "*Agora posso morrer!*" Três palavras que exprimem um sentimento, talvez, da hora final próxima e a alegria de ver realizado o sonho pelo qual tanto havia lutado.

No dia 18 de Setembro de 1922 o deputado João Antônio Lopes de Figueiredo apresentou ao Congresso Mineiro a emenda n.º 24 ao projeto de divisão administrativa do Estado, de cuja aprovação dependia a criação do município de Itambacurí, composto do mesmo distrito e dos futuros que seriam chamados Frei Serafim e Frei Ângelo (Igreja Nova) e Cachoeira de S. Mateus.

Pelo decreto 6.541 de 14 de Março de 1924 foi criado o Município de Itambacurí. A 20 de Abril realizaram-se as eleições da primeira câmara, sendo eleitos vereadores gerais: Cel. Pedro Avelino Pinheiro, Pedro Autran e Marcelino Esteves Guedes; vereador pela sede; Manoel José de Magalhães; pelo distrito de Frei Serafim: Julio Esteves Lopes; pelo distrito de Igreja Nova: farmacêutico João Antônio da Silva Pereira; pelo distrito de Aranã: Amadeu Onofre.

(4) Existem no Arquivo do Convento de S. Sebastião do Rio de Janeiro, valiosos documentos, que, certamente, serão aproveitados um dia, quando as paixões arrefecerem de todo, dando então a cada um o seu: — "*Unnicuique cum*"

(5) Faleceu em novembro de 1924, vitimado por uma queda de bonde, em Belo Horizonte, onde aguardava a reunião do Congresso, marcada em consequência da morte do Dr. Raul Soares de Moura

No dia 18 de Maio, com o maior regosijo popular, realizou-se a instalação da Câmara, em sessão solene, como consta da:

“Ata da sessão solene da instalação da Câmara Municipal do Itambacurí

Aos dezoito dias do mês de Maio do ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil novecentos e vinte e quatro (1924), às 8 horas nesta vila do Itambacurí, na sala das sessões da Câmara no edifício do Paço Municipal, sob a presidência do Sr. Pedro Avelino Pinheiro, foi feita a chamada e compareceram os vereadores eleitos e já reconhecidos doutor Pedro Autran, Marcelo Esteves Guedes, farmacêutico João Antônio da Silva Pereira, Julio Esteves Lages, Manoel José de Magalhães e Amadeu Onofre, presentes todos os vereadores diplomados e reconhecidos, foi pelo Presidente interino aberta a sessão. Em seguida foram pelo mesmo Presidente nomeadas duas comissões compostas uma dos Srs. vereadores Julio Esteves Lages e Amadeu Onofre e a outra dos vereadores Marcelo Esteves Guedes e Manoel José de Magalhães, incumbidas respectivamente de acompanharem de suas casas ao recinto desta sala de sessões, o Rev. Padre Frei Ângelo de Sassoferato, fundador de Itambacurí e o Coronel Lopes da Silva, um dos mais antigos e veneráveis moradores do Itambacurí. Desempenhadas tais condições, foram estes ilustres convidados introduzidos no recinto da sala sob aclamações e palmas de todos os circunstantes a esta sessão solene. Frei Ângelo, parainfo do ato tomou assento à direita do Presidente e o Coronel Antonio Lopes, à esquerda do mesmo. Em seguida o Presidente interino Pedro Avelino Pinhei-

ro, colocando a mão direita sobre os Santos Evangelhos, de joelhos, estando de pé todos os numerosos assistente, proferiu o seguinte juramento: "Juro por Deus cumprir lealmente o meu dever de representante do município do Itambacurí, promovendo, quanto em mim couber, seu bem estar e prosperidade"; concluído o qual foi o vereador salvado com estrepitosas palmas das galerias. Assentando-se de novo o Presidente da Mesa provisória, foram chamados nominalmente todos os vereadores restantes, tendo cada um deles, da mesma maneira que o primeiro e debaixo das mesmas ovações das galerias prestando o juramento em forma já referida. Foi depois, pelo Presidente provisório determinada a leitura do expediente, que, feita pelo Secretário da Mesa provisória Dr. Pedro Antran, constou do seguinte: Uma carta de Francisco Cordeiro da Luz, Secretário da Câmara Municipal de Teófilo Otoni dirigida ao Dr. Pedro Antran incumbindo-o de representá-lo em todas as solenidades e festejos da instalação deste município e de apresentar as suas excusas à Comissão Organizadora dos mesmos; uma carta do Dr. José Martins Prates, Redator do "Mucuri", declarando ter encarregado o farmacêutico Olbiano de Melo de representá-lo, e o seu jornal nas festas da instalação. Foram lidos também dois telegramas dos Srs. Drs. Mario Brant e Daniel de Carvalho, respectivamente Secretário das Finanças e da Agricultura deste Estado, incumbindo o Dr. Pedro Antran de representá-los nas solenidade da instalação da vila e felicitando o povo deste município por este auspicioso acontecimento. Os srs. Ary Fogaça e Altino Andrade, telegrafistas de Teófilo Otoni, em telegrama dirigido ao telegrafista José João de Oliveira, fizeram-se re-

presentar. Foram lidos um cartão de Frei Canísio, redator de "A Família", um ofício da União Operária de Teófilo Otoni, um ofício do administrador dos Correios, uma carta do major Manoel da Silva Tavares e outra de Abel Jacinto Ganen comunicando que havia nomeado seus representantes nas solenidades da instalação do Município, respectivamente senhores Elias Abrahão, Antonio Gomes Leal, Adherval Corinto de Castro Pinto, Dr. Antenor de Figueiredo e Pedro Avelino Pinheiro. Foram ainda lidos dois telegramas e um ofício apresentado pelo Deputado Dr. Antônio Lopes Figueiredo, incumbido de o Dr. Olinto Martins, deputado, Frei Eugênio de Módica, a Redação do "Município" de Teófilo Otoni e a pessoa do seu redator. O Coronel Adolfo Sá, exibindo telegramas do Exmo. Snr. Dr. Raul Soares, Presidente do Estado, do Dr. Melo Viana, Secretário do Interior e do Dr. Alfredo Sá, Chefe de Polícia, que o encarregava de representá-los, fez uma ligeira alocução em que felicitava o povo deste município, em nome do de Teófilo Otoni do qual é Presidente da Câmara, pelo fato alviçareiro da sua emancipação e instalação, fazendo votos a todos os municípes pela prosperidade, paz e engrandecimento do Itambacurí. Foi então anunciada a eleição para Presidente e Agente Executivo do Município do Itambacurí, que servirá desta data até trinta e um de Dezembro de mil novecentos e vinte e seis (1926). Feita a chamada dos Snrs. Vereadores, cada um depositou a sua célula em urna, sendo em seguida feita a apuração e verificado o seguinte resultado: Presidente da Câmara e Agente Executivo do Itambacurí, Dr. Pedro Autran, seis (6) votos, Pedro Avelino Pinheiro, um (1) voto. Foi então declarado, eleito pelo Presidente provisório o Presidente efetivo o Dr. Pedro Autran, que colocando a

mão direita sobre os Santos Evangelhos e de joelhos, estando de pé todos os vereadores e assistentes, proferiu o seguinte juramento: "Juro por Deus cumprir lealmente o meu dever de Presidente da Câmara e Agente Executivo do Município de Itambacuri, promovendo, quanto em mim couber, seu bem estar e prosperidade". Debaixo de grandes ovações das galerias passou o Dr. Pedro Autran o acupar a cadeira da Presidência, ocupando a sua o até então Presidente da mesa provisória Pedro Avelino Pinheiro. Anunciou o presidente eleito as eleições para Vice-Presidente da Câmara e seu Secretário, as quais foram procedidas legalmente, verificando-se o seguinte resultado: Para Vice-Presidente da Câmara, Pedro Avelino Pinheiro, seis votos; Manoel José de Magalhães, um voto; e para Secretário, farmacêutico João Antonio da Silva Pereira, seis votos e Marcelo Esteves Guedes, um voto. Foram proclamados eleitos Vice-Presidente e Secretário, respectivamente Pedro Avelino Pinheiro e João Antonio da Silva Pereira. — Em seguida, pondo-se de pé o Presidente Dr. Pedro Autran, os demais Vereadores e todas as numerosas pessoas presentes, foi pelo Presidente proclamado em alta voz instalado o Município do Itambacuri. Foram depois votadas duas moções de apóio e solidariedade aos beneméritos governos da república e do Estado de Minas Gerais, nas pessoas dos seus eminentes Presidentes Drs. Artur da Silva Bernardes e Raul Soares de Moura. Foi então encerrada a sessão pelo Presidente que convidou a todos os vereadores e mais pessoas presentes, para uma grande reunião às quatorze horas em que teria de ser entronizada a imagem de Cristo Redentor na sala das sessões da Câmara, por ocasião desta solenidade, fariam também a leitura do seu discurso programa. E levam-

tou-se a sessão. Eu, José Vicente de Mendonça, Diretor Interino da Secretaria da Câmara a escrevi. Eu, João Antonio da Silva Pereira, Secretário da Câmara, a subscrevo e assino. Declaro em tempo, por observação do Snr. Vereador Pedro Avelino Pinheiro, que a imagem entronizada na sala da Câmara Municipal é de Nosso Senhor Jesus Cristo Crucificado e não Cristo Redentor como se declarou na ata supra. Eu, José Vicente de Mendonça, Diretor Interino da Secretaria da Câmara, escrevi esta emenda. Eu, João Antônio da Silva Pereira, Secretário da Câmara, a subscrevo e asino.

(aa.) *Dr. Pedro Autran*
João Antonio da Silva Pereira
Julio Esteves Lages
Amadeu Onofre
Manoel José de Magalhães
Pedro Avelino Pinheiro

* * *

IV — A Cidade de Itambacurí está situada no Nordeste do Estado de Minas a 410 metros sôbre o nível do mar (285,410). Sua posição topográfica tem merecido em todos os tempos os melhores elogios, admirando-se engenheiros de renome, como Argolo, Carlos Prates, Schnor e outros, tivesse podido Frei Serafim acertar com tão grande felicidade na escolha da fundação da futura cidade no meio daquele imenso mar de mata virgem, que se lhe discortinava diante, quando naquela manhã histórica, do alto do Encogek, rodeado pelos primeiros índios, exclamou: “*Hic manebimus optime!*” “daqui não sairei mais”. É que Frei Serafim possuía sólida cultura e na escolha do lugar soube apreciar todos elementos favoráveis.

O Território do município é montanhoso na sua parte setentrional, atravessado por contrafortes da cadeia de montanhas que separa as bacias de São Mateus e do Rio Doce da do Mucuri.

O vale atravessado pelo rio Itambacurí é uma longa planície coberta de lagoas até alcançar o rio Suassui. Esta planície fica entre as serras que separam das águas do rio Urupuca e as que a separam do vale do São Mateus.

Destas serras parte outra que divide a bacia do São Mateus e a do rio Doce, ligando-se a cadeia marítima, nas divisas do Espírito Santo. O vale do rio São Mateus é todo montanhoso.

Seus rios principais são: o rio Doce o qual, dentro do território do Itambacurí, recebe como seus tributários o Rebojo, o Laranjeira, o Urucú e o Córrego dos Pereiras. Abaixo deste último continuam as matas incultas e até poucos atrás desconhecidas (6).

São Mateus, nasce na cordilheira chamada Padre Aires de Casal, serra das Safiras; Itambacurí, o qual banha até despenhar-se da serra dos Aimorés, na cachoeira do Japira e Cravo e tem um percurso de 230 quilômetros.

O município divide-se administrativamente nos seguintes distritos: Campanário (antiga Igreja Nova); Frei Serafim; Frei Gaspar; Pescador e São José do Divino.

Antes da criação dos novos municípios, em 1943, tinha uma superfície de 9.331 quilômetros. Sua população e calculada em 59.090 habitantes, dos quais mais de 3.000 na sede.

Sua distância de Teófilo Otoni é de 40 quilômetros; do Poté 36; de Malacacheta 66; de Setubinha 102; de São José do Pampam 240; da ex-colônia Urucu 130 (7)

(6) Tetteroo, obra cit., pag. 48

(7) Idem, pag. 50

Os atuais limites, após a criação dos municípios de Ataléia, Mantena e Galiléia, desmembrados do seu território, são os seguintes:

Com o Município de Virgolândia: Começa no rio Suasuí Grande, na foz do ribeirão do Bugre; sobe pelo rio Suasuí Grande até a foz do Rio Urupuca.

Com o Município de Santa Maria do Suassuí: Começa no rio Suassuí Grande, na foz do Urupuca; sobe por esse rio até a foz do córrego Pederneiras.

Com o Município de Capelina: Começa no rio Urupuca, na foz do córrego Pederneiras; sobe pelo rio Urupuca até a foz do rio Norete.

Com o Município de Malacacheta: Começa na confluência dos rios Urupuca e Noreth; continua pelo divisor da vertente da margem esquerda do rio Noreth até o seu entroncamento com o divisor de águas dos rios Mucuri e Itambacuri.

Com o Município de Poté: Começa no ponto em que o divisor da vertente da margem esquerda do rio Noreth entronca com o divisor de águas dos rios Mucuri e Itambacuri; continua por esse divisor e pelo divisor dos rios Todos os Santos (Mucuri) e São Mateus, até o entroncamento com o divisor da vertente da margem esquerda do córrego da Água Limpa.

Com o Município de Teófilo Otoni: Começa no divisor geral dos rios Mucuri e São Mateus, no seu entroncamento com o divisor da vertente da margem esquerda do córrego da Água Limpa; continua pelo mesmo divisor geral até o seu entroncamento com o divisor da vertente da margem esquerda do ribeirão da Conceição.

Com o Município de Ataléia: Começa no divisor geral dos rios Mucuri e São Mateus, no seu entroncamento com o divisor da vertente da margem esquerda do ribeirão da Conceição; continua por este divisor até a foz do ribeirão

no rio São Mateus; atravessa ãste divisor até a foz do ribeirão no rio São Mateus; atravessa êste e segue pelo espigão fronteiro, alcança o divisor de águas dos rios São Mateus e Cibrão; segue por êste divisor e por um contra-forte até atingir o rio Cibrão na foz do córrego da Pedrinha; desce pelo rio Cibrão até a foz do ribeirão São José do Divino; continua pelo divisor da vertente à margem direita d'êste ribeirão até encontrar o divisor de águas dos rios São Mateus do Norte e São Mateus do Sul ou Mantena.

Com o Município de Mantena: Começa no divisor de águas dos rios São Mateus do Norte e São Mateus do Sul ou Mantena, no seu entroncamento com o divisor da vertente da margem direita do ribeirão São José; continua pelo divisor de águas dos dois rios até o ponto fronteiro à cabeceira do ribeirão Santa Helena; atinge, pelo espigão, o divisor da vertente da margem esquerda do rio Itambacurí e segue por êste divisor até a foz deste rio no Suassui Grande; sobe por êste até a foz do ribeirão do Bugre.

A rodovia que liga o Sul ao Norte do paiz — a Rio-Bahia — aberta ao trânsito desde 1949, enriqueceu a imensa região do Mucuri e do Rio Doce. Teófilo Otoni e Itambacurí encurtaram consideravelmente a distância que as separava da Capital Federal.

Anos atrás essa viagem era longa, incerta. Parte era feita por terra, indo de Teófilo Otoni a Caravelas pela estrada de ferro Bahia-Minas, célebre pela sua lentidão e falta de conforto. Em Caravelas aguardava-se durante dias (não raro 1 ou 15 dias) um barco costeiro que levava os passageiros ao Rio de Janeiro, empregando, no mínimo, três dias de navegação!

Hoje, graças a Deus, a viagem é um passeio.

A linha aérea Rio-Valadares, com escala em Belo Horizonte, presta os melhores serviços, cortando em duas horas apenas, enormes distâncias.

Ao que parece Itambacurí, pela sua magnífica posição topográfica, breve possuirá um grande campo de pouso para aviação distante da cidade apenas 10 quilômetros. A execução desse projeto trará imensas vantagens, não só à cidade de Itambacurí, mas também a Teófilo Otoni e cidades vizinhas.

Pela Rio-Bahia, partindo da Praça Mauá, a distância para atingir Itambacurí e Teófilo Otoni é de 758 e 779 quilômetros, respectivamente de ótima estrada, em parte asfaltada, cujo itinerário até Salvador é o seguinte:

	KM.
Rio-Areal	112
Porto Novo	182
Leopoldina	239
Laranjal	272
Muriaé	309
Santa Rita do Glória	343
Arrozal	392
São João de Manhuassú	414
Realeza	432
Santa Bárbara	476
Santa Rita	488
Caratinga	500
Inhapim	529
São Raimundo	619
Governador Valadares	623
Itambacurí	758
Teófilo Otoni	779
Conquista	1.163
Jequié	1.321
Feira de Santana	1.572
Salvador	1.719

V — A criação da Comarca era uma velha aspiração dos habitantes do Itambacurí. Ao Cel. Lauro Lopes da Silva coube a glória de conseguir a realização desse melhoramento de incalculáveis benefícios para a cidade e habitantes do município. Uma parcela dessa glória cabe também ao Rev. Frei Inocêncio de Comiso que, apoiado pelo prefeito e interpretando os desejos da população, não descançava nos seus pedidos mantendo viva a lembrança do problema a ser resolvido contra todos os obstáculos.

No dia 6 de Novembro de 1949, sendo Governador do Estado de Minas Gerais o Exmo. Sr. Milton Soares Campos, com a presença do Secretário do Interior, Dr. Pedro Aleixo; o Secretário da Agricultura, Dr. Américo Giannetti; o Dr. Fulgêncio da Cunha Peixoto, representante do Secretário das Finanças, deputados e jornalistas e uma multidão de convidados de Teófilo Otoni, da Capital e das cidades vizinhas foi solenemente instalada a Comarca da cidade de Itambacurí, criada pelo Decreto n.º 3.175, de 13 de Outubro de 1949.

No ato solene da instalação não foram esquecidos os Fundadores: o convite artisticamente impresso dizia:

“Homenagem — do povo nascido sob a inspiração cristã dos inesquecíveis fundadores desta localidade — Frei Serafim de Gorizia — Frei Ângelo de Sassoferato — dos Exmos. Srs. Dr. Milton Soares Campos — Governador de Minas Gerais — Dr. Pedro Aleixo — secretário do Interior — Deputados e demais autoridades — Visitantes — o Cel. Lauro Lopes da Silva Prefeito do Município de Itambacurí”.

A cidade exultou de intensa alegria, os oradores interpretaram os sentimentos e entusiasmo popular. Pelos Padres Capuchinhos falou o jovem sacerdote brasileiro P. Frei Vital Maria de S. Teresa.

VI — RELAÇÃO DOS ADMINISTRADORES DE ITAMBACURÍ

(PRESIDENTES DE CÂMARA e AGENTES EXECUTIVOS)

- 1 — DR. PEDRO AUTRAN — de Fevereiro de 1924 a fevereiro de 1926.
- 2 — PEDRO AVELINO RIBEIRO — de fevereiro de 1926 a abril de 1928.
- 3 — MANOEL JOSÉ DE MAGALHÃES — de abril de 1928 a setembro do mesmo ano.
- 4 — SERGIO AVELINO PINHEIRO — de setembro de 1928 a janeiro de 1931.

PREFEITOS

- 1 — Farmacêutico JOÃO ANTONIO DA SILVA PEREIRA — de janeiro de 1931 a dezembro de 1935.
- 2 — Farmacêutico JOVIANO ANTONIO DA SILVA PEREIRA — de dezembro de 1935 a Agosto de 1936.
- 3 — DR. ANTONIO AVELINO PINHEIRO — de agosto de 1936 a maio de 1939.
- 4 — ALVARO DE CASTRO PIRES — de maio de 1939 a julho de 1940.
- 5 — DR. ADEMAR DIAS DUARTE — de julho de 1940 a março de 1943.
- 6 — GERALDO JOSÉ DE MAGALHÃES — de março a outubro de 1943.
- 7 — SERGIO LAGO PINHEIRO — de outubro de 1943 a novembro de 1945 e de fevereiro de 1946 a janeiro de 1947.
- 8 — DR. ANTONIO FIRMATO DE ALMEIDA e Prof. CHATEAUBRIAND D'ANGELIS E SILVA — de novembro de 1945 a fevereiro de 1946.

- 9 — ANTONIO PIMENTA DE FIGUEIREDO — de janeiro a março de 1947.
- 10 — Cir. dent. JOSÉ RAFAEL ZANDIM — de março de 1947 a dezembro do mesmo ano.
- 11 — LAURO LOPES PINHEIRO — de abril de 1950 a janeiro de 1951.
- 12 — DR. VITAL SALVINO OTONI — de janeiro de 1951 cont. no cargo maio de 1952.

TRABALHOS MAIS IMPORTANTES REALIZADOS PELOS ADMINISTRADORES OU AMPARADOS PELA INFLUÊNCIA DOS MESMOS:

Administração do Dr. PEDRO AUTRAN

Elevação de Itambacurí à categoria de Vila, instalação e organização do município, fundação da Conferência Vicentina e do Hospital S. Vicente de Paulo; início de uma nova vida coletiva do Município integrado entre as comunas independentes do Estado.

Pedro Autram foi o maior batalhador pela causa de Itambacurí vencendo as enormes dificuldades do período mais crítico da vida política de Itambacurí.

Administração de PEDRO AVELINO PINHEIRO

Abertura da primeira estrada de rodagem do município, ligando a sede à cidade de Teófilo Otoni, subvencionada pelo Estado e recursos particulares.

Administração de MANOEL JOSÉ MAGALHÃES

Primeiro serviço hidráulico da cidade, com captação de uma nascente; início do serviço de iluminação elétrica; aquisição do novo prédio para sede da administração municipal.

Administração do FARM. JOÃO ANTONIO DA SILVA PEREIRA

Construção do prédio para o Mercado Municipal; remodelação do serviço hidráulico da cidade com nova captação na Cachoeira do Itambacurí e ampliação da rede distribuidora, sendo nesta parte, grandemente auxiliado pelos Dr. Antonio Firmato de Almeida e Vidal Salvino Otoni; transformação das escolas isoladas em Escola Reunidas Frei Gaspar de Módica.

Administração do Dr. ADEMAR DIAS DUARTE

Construção do Cemitério e Matadouro; remodelação dos serviços urbanos; novos melhoramentos na rede adutora.

Administração do sr. SERGIO LAGO PINHEIRO

Criação e instalação do Grupo Escolar Frei Gaspar de Módica.

Administração de LAURO LOPES DA SILVA

Elevação de Itambacurí à categoria de Comarca; construção do prédio para o Grupo Escolar Frei GASPAR DE MÓDICA; abertura de estrada de rodagem para Vila Pescador e povoado de S. Jorge.

Administração do Dr. VITAL SALVINO OTONI

Inclusão de Itambacurí no plano do serviço Nacional de Saude Pública. Aquisição do terreno apropriado ao Campo de Pousa e autorização para sua construção pelo Governador do Estado; autorização para importantes melhoramentos do Aprendizado Agrícola "CARLOS PRA-TES".

CAPÍTULO XXVI

A PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DOS ANJOS

- I. Decreto diocesano criando a Paróquia, seus limites — II. Provisão do primeiro Vigário — III. As paróquias de Malacacheta, Concordia e Poté e a região Santa Rosa — IV. Paróquia Regular entregue à Ordem e seu Progresso — V. Relação dos Vigários.

I — Durante mais de sete lustros, tempo decorrido desde a fundação do Aldeamento, em 13 de Abril de 1873, até a criação canônica da paróquia, 23 de Dezembro de 1911, a assistência religiosa aos selvícolas e à população do vale do Itambacurí, entregue aos cuidados de Frei Serafim e de Frei Ângelo, obedecia a um regime especial, adaptado às circunstâncias.

Os missionários eram munidos de “especiais faculdades” concedidas pela Sagrada Congregação da *Propaganda Fide*, dos Superiores da Ordem e dos Ordinários do lugar.

Desde porém que os Padres Missionários conseguiram, a preço de infinitos sacrifícios, transformar aquelas matas virgens em florescente colônia e catequizar as diferentes tribus (1) ali existentes, o povoado ganhou, como era natu-

(1) Os principais núcleos de índios em que se subdividião as tribus eram as seguintes: *Pahoc*, assim denominado do nome cacique Pahoc, homem alto que se impunha à sua gente; *Catolés*, cujo cacique se chamava Himpakijú; *Honaret*, *Trindade*, *Potão*, *Crcnhé*, *Puruntins*, *Poté*, *Marambáias*, *Urucús*, *Jeporoks*, *Aranás*. A tribu *Pojichas* era a mais numerosa e terrível. No

ral, foros de arraial, que, em 1911 passou a ser Distrito de Paz. Era tempo, pois de erigir ali, conforme preceituam os Canones da Igreja uma nova freguesia.

D. Joaquim Silvério de Sousa, bispo diocesano, criou por isso, a paróquia de N. S. dos Anjos, pelo decreto n.º 3 de 23 de dezembro de 1911 do teor seguinte:

“Portaria do Exmo. e Revmo. Snr. D. Joaquim Silvério de Sousa, DD. Bispo de Diamantina, elevando a Colônia de Itambacurí à freguesia.

D. Joaquim Silvério de Sousa por Mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Arcebispo — Bispo de Diamantina, etc. etc. etc....

Aos fieis cristãos saude e benção em Nosso Senhor.

Considerando que a povoação de Itambacurí, hoje Distrito, no município de Teófilo Otoni, desta Diocese é regida pelos Padres Capuchinhos, independentemente de qualquer Paróquia e seus vigários, tendo o seu superior poderes de Pároco e seus confrades as vezes de coadjutor;

Considerando que a população é ali tão grande que ocupa varios sacerdotes no ofício de seu ministerio, e não lhes faltam meios de subsistência:

Considerando que ao Bispo por Direito ordinário e delegado (Cap. Ad Audientiam liv. 3 Decretalium, e cap. 4, sess. 21 do Cons. Trid.) compete erigir novas paróquias na sua Diocese, decretamos:

tempo do Imperio era considerada o “terror do vale do Mucuri”, havendo uma tregua apenas durante o tempo que estiveram em contato com o grande Teófilo Otoni. Esta temerosa tribu nunca deixou transparecer o lugar de sua verdadeira morada que, sómente Frei Serafim conseguiu descobrir (Do Relatório ao Diretor Geral, 13 de janeiro 1913 — Vol. III, pag. 139). Esses nucleos eram sem duvida subdivisões dos Nak-Nanuks, Ciporoks, Pogichás, Machacalis e Macunés de quem fala Godofredo Ferreira em Os Bandeirantes Modernos, a pg. 24 e outros autores.

Fica erigida e canonicamente instituida em Paróquia a povoação de Itambacurí, sob o título de Nossa Senhora dos Anjos de Itambacurí com as divisas eclesiásticas que atualmente tem.

Portanto concedemos à dita Paróquia de Itambacurí, novamente criada todos os Direitos, Privilégios, honras, insignias e distincões de uma igreja Paroquial.

O muito Revdo. Pároco respetivo haverá os Direitos que por lei estão estabelecidos nas Paróquias da Diocese.

Este para que chegue a noticia de todos, será publicado em um domingo ou dia santo, à estação da Missa Paroquial pelo muito Revmo. Frei Gaspar de Módica, que pasará certidão no verso deste para a todo tempo constar, sendo antes registrado na Nossa Câmara, no Livro do Tombo da Paróquia e onde mais convier.

Dado em Diamantina, sob o Nosso Sinal e Sello de Nosas Armas, aos 23 de Dezembro de 1911.

Eu, sub-diacono Gabriel Amador, secretario ad-hoc, a fiz escrever e subscrevi. Assinado:

✠ *Joaquim*, Arcebispo — Bispo de Diamantina.
Sub-diacono: *Gabriel Amador*, Secretario ad-hoc.
Registrada a fls. 36 do Livro Competente (Provisão).

Sub. *Gabriel Amador*.

.....

Atesto que hoje, festa do SS. Nome de Jesus, na Estação da Missa Paroquial, promulguei o presente Decreto, que eleva a povoação de Itambacurí à categoria de Paróquia.

Itambacuri, 1 de Janeiro de 1912.

P. Frei Gaspar de Módica — Miss. Capuchinho.

Os verdadeiros limites da paróquia de Nossa Senhora dos Anjos de Itambacurí são hoje bem definidos e demarcados graças ao trabalho, observações e estudos dos Vigários, que, sucessivamente, desde há muito, têm percorrido toda a difícil extensão do seu vasto território. O saudoso Frei Gaspar nos deixou interessante mapa no qual ilustra também a vasta zona designada nos mapas oficiais como “desconhecida e coberta de mata (1) por êle em parte explorada e aberta à penetração de trabalhadores pobres. Frei Inocência do Cómiso, seguindo as pegadas e os exemplos de Frei Gaspar tem conseguido penetrar e levar o facho do Evangelho aos pontos mais remotos e desconhecidos. Suas descobertas, explorações, trabalhos e peripecias são de tal ordem, que, pelo seu valor documentário, mereceram ser incluídos entre as provas apresentadas pelo Estado de Minas à Comissão de Limites Minas-Espírito Santo, do Serviço Geográfico e Histórico do Exército, para dirimir o velho litígio de fronteiras (1)

Baseados pois em dados certos o território Eclesiástico de Itambacurí abrange as bacias dos seguintes rios: Itambacurí (Poquim) com todos seus afluentes da cabeceira até sua barra no Suassuí; os ribeirões Sta. Rosa e São José do Noreth, das suas cabeceiras até suas barras no Rio Noreth; o lado esquerdo do Rio Noreth desde a barra do ribeirão Santa Rosa até sua confluência no Rio Urupuca; a margem esquerda do Rio Urupuca até sua confluência no Rio Suassuí; a margem esquerda do Rio Suassuí até sua barra no Rio Doce; a margem esquerda do Rio Doce com todas suas afluentes até a foz do correço Gimirim, na divisa do Espírito Santo; a bacia do Rio S. S. Mateus, norte e sul, desde as cabeceiras com todos seus afluentes, até a Serra dos Aimorês, divisa do Estado do Espírito Santo.

(2) Teteroo, obr. cit. pag. 49

(3) Cómiso, Frei Inocência de — “Notícia sobre a invasão da Bacia do Rio São Mateus”.

Itambacurí ao Norte confina com as freguesias de Poté e Malacacheta; ao Nordeste com Teófilo Otoni; à Leste com as freguesias de São Mateus, Nova Venécia; ao Sudeste com Santa Luzia de Colatina; ao Sul com Aimorés, Resplendor e Conselheiro Pena; ao Sudoeste com Águas Boas e Governador Valadares; ao Oeste com Peçanha e Santa Maria de Suassui.

A freguesia de Itambacurí do próprio município de Itambacurí, abrange trechos de varios municípios, isto é do município de Malacacheta abrange Santa Rosa e S. José do Norte; do Governador Valadares abrange a margem direita do ribeirão Santa Helena; do Conselheiro Pena abrange toda a bacia da zona de Penha do Norte até o Rio Doce e todo o S. Mateus do Sul ao Mantena, até a divisa do Espírito Santo na Serra dos Aimorés; do município do Resplendor abrange o Eme e do município de Aimorés abrange o trecho dos ribeirões Resplendor e Gimerim até suas confluências no Rio Doce com todos seus afluentes.

A freguesia de Itambacurí tem uma superfície de ... 20.000 quilómetros quadrados com 200 mil habitantes — atualmente Itambacurí dá por ano 8 mil batizados e 1800 casamentos.

A freguesia de Itambacurí contém os 12 seguintes distritos: Cidade de Itambacurí, Vila de Frei Serafim, Igreja Nova, Frei Gaspar, S. Pedro, S. Fidelis, Penha do Norte, S. Tomé, Bom Jesus do Mantena, Eme, Aldeia e Bom Jesus do Resplendor.

* * *

II — Ereta a Paróquia tornou-se necessária a designação do respectivo vigário, criteriosamente feita pelo prelado que, nos diversos "*considerandos*" dá a razão da escolha e tributa aos fundadores merecidos louvores pela sua magnífica e titânica obra de evangelização, para a qual, a ins-

talação da paróquia, representava agora merecida corôa e e solene reconhecimento.

A Provisão do primeiro Vigário da Freguesia de Nossa Senhora dos Anjos, é um documento de tanta importância que num dia não distante, merecerá ser gravado no pedestral do monumento que o nordeste de Minas e o município de Itambacurí levantarão aos seus grandes benfeitores: Frei Serafim de Gorizia e Frei Ângelo de Sassoferrato.

“PROVISÃO”

Considerando, que a Paróquia de Itambacurí, por Nós recentemente criada, não tem Vigário, mas continúa até agora no antigo regimem de amplos poderes concedidos no Espiritual ao Diretor da Colônia Indígena e comunicaveis a seus auxiliares, e sendo conveniente que a ordem canônica se estabeleça;

Considerando que a nomeação de Pároco deveria recair no dignissimo fundador de Itambacurí, cujos serviços à Igreja o tornaram benemérito;

Considerando que sua Paternidade, pela avançada idade a que atingiu, não pode como convém exercer o cargo Paroquial;

Considerando que o Revmo. Frei Ângelo, companheiro dedicado do fundador de Itambacurí, já pela idade, já pelas circunstâncias físicas, não poderia viajar em tão extensa zona, sem grande prejuizo provável para sua saúde;

Considerando que impedidos ambos, deve ser nomeado algum dos outros Frades para o cargo Paroquial, mas não tendo o título de Paroquial em atenção aos dois dignos anciãos que a tantos anos amam esta vinha do Senhor;

Considerando que no Muito Revmo. Frei Vicente de Licodia acorrem as qualidades ou predicados para o cargo Paroquial, resolvemos o seguinte:

Fica nomeado, como por este Decreto nomeamos, pro-Pároco da Freguezia de Itambacurí, com toda a Jurisdição Paroquial como tem o verdadeiro Pároco, podendo portanto delegá-la a outrem, ainda para a universalidade de causas, o Revmo. Frei Vicente de Licodia.

Itambacurí, 6 de Julho de 1912.

✠ Joaquim, Arc. Bispo de Diamantina.

A Jurisdição valerá em toda a sua plenitude enquanto não for ordenado o contrário por Nós, ou por quem nossas vezes fizer.

Data ut supra.

✠ Joaquim, Arc. Bispo de Diamantina.

A tarefa do jovem pro-Pároco não era, pois, difícil. O rebanho estava espiritualmente preparado. Aquela população composta de muitas famílias, que as repetidas secas tinham impellido para as matas do vale do Itambacurí, de mestiços e índios civilizados, amalgamados e unidos pelo sentimento religioso viviam como bons cristãos.

A ação evangelizadora dos Fundadores fazia-se sentir por igual em profundidade e em extensão, abrangendo uma vasta região. Existem dois preciosos documentos: "*Regulamento do Culto Divino*" e os "*Estatutos da Devoção à Sagrada Família*" que evidenciam, além do zelo religioso, a incomparavel capacidade educadora dos Directores, que souberam formar consciências e preparar um radioso futuro.

III — Tornava-se agora necessário organizar canonicamente a paróquia e sua administração, incentivando a piedade e movimento religioso de acordo com os novos tempos.

O novo pro-Vigário, valendo-se da experiência e dos conselhos dos Fundadores, meteu mãos a obra e desempenhou o elevado e difícil cargo a contento.

Crescendo a população, aumentava também o trabalho dos missionários. Já em 1905, com a chegada de outros sacerdotes (4), o Bispo diocesano entregava ao zelo dos Capuchinhos as freguezias limítrofes de Malacachetas e Concordia. Nesta, Frei Gaspar de Módica, então muito moço, desdobrou admirável atividade. Mudou a sede para Poté, povoado mais central, que, em 1912 foi elevado à categoria de paróquia. Na freguesia de Malacacheta parou algum tempo Frei Manoel de Mazzarino. Seu sucessor foi Frei Francisco Antônio de Módica que ficou no cargo, com breves ausências, quasi vinte anos, revelando-se um vigário trabalhador, incansável. Reformou a primitiva Matriz, transformando-a numa bela e magestosa igreja, que deixou bem provida. (5)

Em maio de 1905, Dom Joaquim desejava entregar também a paróquia de Teófilo Otoni aos Padres Capuchinhos, e para esse fim, escreveu ao Superior Provincial no Rio, Frei L. de Piazza, sugerindo-lhe:

“Sabendo que Frei Samuel se acha no Rio em tratamento, por ter adoecido em Itambacurí, lembrame de transferir êle residência para Teófilo Otoni,

(4) Em agosto de 1905 chegaram ao Itambacuri P. Frei Eugênio de Módica e os Irmãos professores Frei Felix de Vizzini e Frei Felix de Gangi

(5) Em 1931 com a saúde bastante abalada, foi a europa em busca de melhoras; voltando, ocupou o cargo de Guardiã do novo Convento de S. Sebastião no Rio de Janeiro até dezembro de 1934. Faleceu vigário de Conceição de Mata Dentro, no dia 4 de Outubro de 1940.

onde não se deu mal e é considerado. (6) Então, se V. Rma. concordar, entregarei a Freguesia aos Capuchinhos, fazendo V. Rva. vir da Europa mais algum, e eu pagarei as despesas até chegar a Teófilo Otoni. Será bom para aquela paróquia que é grande, religiosa e vizinha de Itambacurí". (7)

Não poudo o superior, P. Piazza, tomar este compromisso. Perderam os Capuchinhos um vasto campo de apostolado, vizinho de Itambacurí. Logo depois a Paróquia de Teófilo Otoni foi entregue aos Frades Menores do Comissariado da Província Holandesa que têm prestado assinalados serviços à vasta região, fazendo jús à gratidão e admiração geral.

Em 1907 a região chamada Santa Rosa, pertencente à freguesia de Malacacheta, foi anexada por D. Joaquim, Bispo Diocesano, à paróquia de Itambacurí.

* * *

IV — Quando no ano de 1913, em virtude da Bula "Apostolica Sedis nuper" foi desmembrada da Arquidiocese de Diamantina e creada a diocese de Arassuaí, sendo seu primeiro bispo, Dom Serafim Gomes Jardim, atual arcebispo de Diamantina, já a nova paróquia estava perfeitamente organizada e apresentava consideravel movimento espirital que tem aumentado constante e assom-

(6) A molétia contraída por este Missionário obrigou-o a voltar à Europa, perdendo a Missão um elemento precioso. Fr. Samuel é hoje na Itália um fecundo escritor, que tem dado a lume uma boa dúzia de livros, entre eles a biografia "Vida do Servo de Deus P. Inocência de Caltagirone" e outro de impressões missionárias sobre Itambacurí, por nós citado.

(7) Cartas, Arq. do Convento — 21 — Maio 1905.

brosamente todos os anos, passando a pertencer à nova Diocese. (8)

O número cada vez maior de capelas filiais e oratórios erguidos até nos pontos mais afastados e difíceis do vasto território, em grande parte ainda sem estradas e coberto de floresta, atesta o zêlo e o sacrifício dos sacerdotes dignos e abnegados continuadores da obra dos antepassados.

Em vista disso, D. Serafim Gomes Jardim, bispo de Arassuaí, resolveu entregar aos mesmos religiosos Capuchinhos, a paróquia de Nossa Senhora dos Anjos de Itambacurí. (9)

Transferido para a sede arquiépiscopal de Diamantina Dom Serafim Gomes Jardim, foi, em 25 de julho 1937, sagrado Bispo de Arassuaí Dom José de Haas, franciscano do Comissariado da província holandesa, hoje província franciscana autônoma.

Sagrou-o solenemente, na cidade de Arassuaí, S. Excia. Revma. o Sr. Núncio Apostólico, Dom Bento Aloisi Masella que, numa longa e fatigante excursão, aproveitou para visitar, em companhia de Mons. Portalupi e de Mons. Gonzaga, o nordeste de Minas Gerais. Acompanharam-no, em nome do Governo, o Secretario do Inte-

(2) Em 1914 Frei Gaspar de Médica acompanhou D. Joaquim na viagem a Roma em visita "ad limina" — Nessa viagem que ele prolongou até a Sicília conseguiu reunir um bom numero de novos Missionários que o acompanharam no regresso ao Brasil. Animado por esse primeiro successo, eleito Superior Regular, e cedendo aos pedidos dos Bispos, tomou as paróquias de Figueira, hoje Gov. Valadares, e, em atenção a D. Silvério Gomes Pimenta, em abril de 1916, a de Natividade de Manhassú, que nesse ano fora elevada a Comarca com o nome Cidade de Aimorés. Não havia ali igreja, mas existia uma loja maçônica. Comprou-se uma casa e foi improvisada uma capela, sendo por ocasião da visita pastoral do arcebispo D. Silvério, criado o curado de Natividade, formando-o com quase todo o território do município de Aimorés, excluindo o distrito de Resplendor. — Hoje, Natividade (Cidade de Aimores) pertence à diocese de Caratinga.

(6) V. *Aumalecta Ordinis Minorum Coppucconorum*, Vol. XXXV pag. 77.

rior Dr. José Maria Alkimim, e os deputados Olinto Orsini e Clemente Medrado.

O sr. Núncio, acompanhado da ilustre comitiva, visitou Itambacurí, recebendo entusiasticas manifestações de apreço. S. Excia. viu então com os próprios olhos o que os Capuchinhos tinham realizado ali para a Igreja e para o Brasil e teve a bondade de telegrafar ao Superior nestes lisongeiros termos:

“Frei Serafim — Superior Regular

Rio de Janeiro

Da cidade de Itambacurí, onde pude apreciar relevantes serviços prestados Igreja pelos beneméritos Padres Capuchinhos, envio minha benção Vossência e Comuniade. — ass. Núncio Apostólico.”

Dom Bento Aloisio Maselha mais de uma vez em conversas particulares referindo-se à sua longa excursão ao nordeste de Minas, falou das excelentes impressões que teve de Itambacurí e da obra dos Padres Capuchinhos dos quais em toda a parte, durante a viagem, ouviu palavras de respeito e admiração.

RELAÇÃO DOS VIGÁRIOS DAS PARÓQUIAS DE
ITAMBACURÍ — CONCORDIA — POTÉ — MALACACHETA — PENHA DO NORTE — MANTENA
— ATALEIA.

P. Fr. Serafim de Gorizia	de	1911 a 1916
P. Fr. AGELO DE SASSOFERRATO		1911 a 1916
P. Fr. Vicente de Licodia		1911 a 1916
P. Fr. Eugenio de Modica		1916 a 1920
P. Fr. Francisco de Modica		1920 a 1921
P. Fr. Arcangelo de Modica		1921 a 1923

P. Fr. Gaspar de Modica	1923 a 1932
P. Fr. Boaventura de Modica	1932 a 1934
P. Fr. Clemente de Modica	1934 a 1938
P. Fr. Manoel de Gela (interino)	1938 a —
P. Fr. Dionisio de Monterosso	1939 a 1942
P. Fr. Daniel de Mineo	1942 a 1947
P. Fr. Boaventura de Modica (interino)	1948 —
P. Fr. Sisto de Cassaro, atual desde	1948

PARÓQUIA DE SANTA RITA DE MALACACHETA

P. Fr. Manoel de Mazzarino	1905 a 1908
P. Fr. Francisco Antonio de Modica	1910 a 1920
P. Fr. Boaventura de Modica	1920 a 1922
P. Fr. Francisco Antonio de Modica	1922 a 1930
P. Fr. Manoel de Gela	1939 —

PARÓQUIA DO BOM JESUS DO POTÊ

P. Fr. Gaspar de Modica	1912 a 1914
P. Fr. Miguelangelo de Ragusa	1914 a 1915
P. Fr. Eugenio de Palazzolo	1915 a 1919
P. Fr. Clemente de Modica	1921 a 1924
P. Fr. Gregorio de Licodia	1924 a 1930
P. Fr. Manoel de Gela (alguns meses)	— —

PARÓQUIA DE N. S. DA PENHA DO NORTE

P. Fr. Miguelangelo de Gela	1949 a 1951
P. Fr. Daniel de Mineo (Atual Vigário)	1951 a —

PARÓQUIA DE SANTO ANTONIO DE MANTENA

P. Fr. Inocencio de Comiso	1949 a 1951
P. Fr. Jorge de Modica (Atual Vigário)	1951 —

PARÓQUIA DE SANTA CRUZ DE ATALÉIA

P. Fr. Apolinário de Sortino (Atual Vigário)	1949 a —
---	----------

CAPÍTULO XXVII

NOVAS PARÓQUIAS

I. De como se cumpriram as previsões dos Fundadores — II. A praga do latifúndio e a voz da Igreja — III. Desmembramento do antigo território da Paróquia de N. S. dos Anjos e criação de novas Freguesias — IV. Um Pioneiro — V. Apêndice I: Cidade e Paróquia de Santo Antonio do Mantena -- VI. Apêndice II: Cidade e Paróquia de Santa Cruz de Ataléia.

Compulsando os Relatórios, que, periodicamente, em virtude do seu cargo, Frei Serafim enviava ao Ministro da Agricultura e ao Diretor Geral, notamos como se cansava de falar no futuro cheio de promessas da vasta região do Mucurí e do rio Doce, que êle previu com absoluta segurança.

Não era um sonhador de quimeras, mas administrador consciencioso, o catequista esclarecido e prudente, que fundava seu otimismo na graça divina, mas, também, nos elementos materiais como: posição geográfica, clima e quedas de águas, fertilidade do solo e vias de comunicações etc....

Nunca duvidou do futuro da região, do seu progresso e expansão. Viu longe, claro e seguro as realizações de hoje e as promessas de amanhã.

A distância de apenas trinta anos da morte de Frei Serafim a previsão tornou-se maravilhosa realidade e no seio da mata virgem se abriram vastas clareiras e se rasgaram ótimas estradas; os "ampos sertões" se cobriram

literalmente de “granjas e herdades”. Surgiram Aldeias e Cidades, cujo progresso de tão vertiginoso surpreendeu até aos mais otimistas.

* * *

II — Maior seria sua expansão, em todos os sentidos, se a praga estagnante dos latifúndios, imperando desumanamente em alguns setores territoriais, não entravasse sua marcha, desanimando e afastando os pequenos proprietários e lavradores, forçando-os a emigrar.

O mal é tão grave que a voz da Igreja naquele rincão já se levantou denunciando o perigo, fazendo-se ouvir na Assembléa Legislativa do Estado de Minas Gerais em cujo seio o deputado Edgar Mata Machado apresentou a pedida do Exmo. e Rev.mo Dom José de Haas, o Requerimento que recebeu o n.º 576 e que aquí registramos pelo seu valor documentário em benefício da população dos Vales do Mucurí e do Rio Doce:

REQUERIMENTO N.º 576

Exmo. Snr. Presidente da Assembléa Legislativa do Estado de Minas Geris.

Nos termos do art. 32 e seus parágrafos do nosso Regimento Interno, os deputados infra assinados requerem a V. Excia. que, ouvida a Casa, se constitua uma Comissão Especial de cinco membros, a qual se encarregue de:

1) Estudar o problema imigratório dos nordestinos mineiros, visando, principalmente, a que se impeça sua retirada para outros Estados;

2) Examinar a possibilidade de fixação de colonos nas zonas do Mucurí, São Mateus e Rio Doce, mediante,

inclusive, o sistema de distribuição de terras devolutas às famílias emigradas;

3) Colocar-se em contacto com repartições técnicas da União e do Estado para a coleta de dados que suscitem a coleta de dados que suscitem a melhor solução do problema, ouvindo ainda particulares conhecedores do assunto e recolhendo todas as sugestões que lhe sejam encaminhadas;

4) Apresentar à Assembléia, dentro de prazo razoável, a ser estabelecido entre os membros da Comissão, relatório das pesquisas e estudos realizados, indicando a maneira prática de efetivar as soluções encontradas, quer mediante sugestões aos poderes da União, dos Estados e dos Municípios, quer através de projetos de lei que serão oferecidos à deliberação da Casa, ou de ante-projetos que se enviem, como colaboração, ao Congresso Federal ou às Câmaras Municipais, conforme a respectiva competência.

Sala das Reuniões, 12 de maio de 1952 — (aa.) Mata Machado — Carlos Megale — Eruani Lemos — Manuel Costa — Dunar Mendes — Milton Sales — Fabricio Soares — Manuel Taveira — Otelino Sol — José Grossi — Horta Pertira — Amadeu Andrada — José Carvalho. Justificativa — A iniciativa que ora apresentamos a consideração de nossos dignos pares foi-nos inspirada pela carta que a seguir lerei a mim enviada pelo Exmo. e Revmo. Sr. José de Haas, Bispo de Arassuaí. Nas palavras de S. Sxcia. Revma. hão-de ver os srs. deputados, como eu próprio vi a manifestação espontânea e cheia de mágoa de um verdadeiro apóstolo que sabe viver os padecimentos morais e materiais do povo a cujo serviço se colocou. É também D. José de Haas conhecedor profundo do Nordeste Mineiro, que já percorreu palmo a palmo em várias oport-

tunidades, antes e depois de ser elevado á dignidade episcopal.

Quanto ao drama dos retirantes nordestinos, tem sido por mais de uma vez focalizado nesta Assembléia, pela palavra, sobretudo, dos deputados Carlos Megale, Fidelcino Viana e Otelino Sol igualmente conhecedores da região e interessados na solução de seus problemas. Se a Casa concordar em que se constitua a Comissão Especial sugerida, penso que nós, representantes do povo, estaremos em condições, de, melhor capacitados da realidade tantas vêzes descrita, contribuir, em bases concretas, para que o Poder Público encontre o meio de superar uma crise que vai assumindo aspectos alarmantes e desoladores.

É a seguinte a carta que nos dirigiu, em data de 18 do mês próximo passado, o Exmo. e Revmo. Sr. Bispo de Arassuaí.

“Arassuaí, 18/4/52.

Exmo. Sr. e Amigo Edgar Mata Machado.

Com tristeza vejo milhares de meus diocesanos habitantes do nordeste mineiro abandonar sua terra natal obrigados pela seca, em procura de São Paulo e Paraná.

Conhecedor da zona nordeste mineira, acho que não há necessidade de estes pobres famintos irem tão longe em procura de seu pão quotidiano. Aqui mesmo há muito jeito de colocar milhares de fugitivos da zona seca. Temos aqui as zonas do Mucuri, São Mateus e Rio Doce, de terras fertilíssimas e pela maior parte ainda sem cultura nenhuma. É uma cena triste ver milhares de hectares dessas terras caírem nas mãos de grandes capitalistas, com o único fim de transformar aquelas matas em capim para boiadeiros e grandes fazendeiros.

Vai-se repetir aqui o mesmo drama da zona de Salto da Divisa, Almenara, Rubim, Jacinto e Pedra Azul, onde se vêem só pastagens para gado. O pobre fugiu de lá para a mata, mas agora será obrigado a desocupar seu lote de terra, porque um visinho criador solta o gado para invadir a terrinha do pobre e comer o que o pobre com o suor de seu rosto plantou para matar a fome de seus filhos. Daqui a pouco, toda a zona onde podem viver milhares de famílias, estará nas mãos de uma dúzia de ricos.

Dizem que o govêrno precisa de pastagens para bois que fornecem carne ás cidades grandes. Então, faça-se uma distribuição razoável.

Nosso povo é bom, tem fé e pelo amor de Deus sofre resignadamente. Mas o govêrno tambem deve saber que aqui já há núcleos de comunistas, e se o govêrno não proteger os pobres deste Nordeste de Minas, estes serão breve uma presa fácil do comunismo.

Peço ao amigo iniciar entre seus colegas uma campanha em favor dos nordestinos mineiros para que possam emigrar, ficando dentro da zona onde nasceram, constituíram família e onde desejam morrer, sem correrem os grandes perigos morais que trazem as emigrações para outros Estados.

Saudação do amigo e admirador,

(a.) *José, Bispo de Arassuaí*”:

Nada é preciso sr. Presidente, e, para dizer tudo, nada sei acrescentar e esta bela página, cheia de autêntica e profunda inspiração humana e de vigilante senso prático. Constitui ela a melhor justificativa a meu requerimento. — (a.) Mata Machado. — A partir de 1943 o Governo estadual criou os novos municípios Mantena, Ataléia e Galiléia, des-

membrando-os do território de Itambacurí que ficou com seus limites primitivos substancialmente modificados e sua superfície reduzida.

Era já tempo!

Itambacurí, paróquia e município possuía até então uma extensão territorial quase incontrolável, abrangendo o território contestado, atualmente matéria do litígio entre os Estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Sua população sempre em aumento, surgindo como por encanto povoações e aldeias, umas de vida efêmera, outras progredindo vertiginosamente pelo afluxo constante de correntes imigratórias.

Em 1927, e depois em 1929, o inesquecível missionário capuchinho P. Fr. Gaspar de Modica, de volta da longa excursão e visita pelo interior do município, na qualidade de Visitador Apostólico, informou ao redator de O ITAMBACURÍ, sr. J. Vicente de Mendonça, do surpreendente progresso da região visitada, declarando:

“É grande a extensão de território já povoado pelos habitantes vindos de Caratinga e do Estado do Rio. A importante zona deste município que fica à margem do rio Doce é bastante povoada, mas sem a menor comunicação com a sede. Temos um município dentro do nosso território, tal a extensão povoada e o grau de civilização dos habitantes.

“Percorri — relata Frei Gaspar — diversos lugares situados à margem do rio Eme e Laranjeiras; ambos devem ter, das Serras à cabeceiras, cerca de 14 léguas de percurso. Nas cabeceiras do Eme há um lugar aprazível denominado Aldeia; é uma bacia vastíssima, cercadas de pedras características pitorescas, própria para nela se edificar uma grande e bela cidade. Todas as matas da região estão sendo ocupadas confinando com as matas do rio São Mateus do Sul, onde ficará a colônia da Nova Siracusa.

Os terrenos são próprios para a cultura do café; tendo em vista o número e a proximidade das habitações esparsas nos vales dos dois rios e seus numerosos afluentes, penso que não estará longe dos 30.000 almas a população ali domiciliada. Essa população aumenta todos os dias com novas entradas de imigrantes. É toda gente trabalhadora, alegre e que parece aspirar o melhor futuro. As localidades mais importantes são: Penha do Norte, mais próxima do rio Doce e a duas léguas da estação de Lajão, hoje Conselheiro Pena. Muito próximo encontra-se Palmítal que é bastante povoado. Outros povoados são: Divino, Aldeia, Santo Antônio do Eme, São Sebastião de Laranjeiras e todos distante um do outro”.

A formação de novas cidades e de novos municípios estava nitidamente prevista muitos anos antes como transparece das declarações de Frei Gaspar de Modica que, se a morte o não tivesse escolhido prematuramente, teria, sem dúvida, levado a termo o grande empreendimento da cidade de Nova Siracusa, como centro da colonização italiana para o aproveitamento daquelas terras fertilíssimas e aumento da produção agrícola.

* * *

III — Em 14 de fevereiro de 1949 o Exmo. Dom José de Haas, Bispo Diocesano pelos decretos 18, 19, 20 e 21 criou as novas paróquias:

Paróquia de Santo Antonio do Mantena — “Fica nesta Diocese de Arassuai erigida e canonicamente instituída a paróquia de Santo Antonio de Mantena, desmembrada da paróquia de N. S. dos Anjos de Itambacurí com as atuais divisas do município do mesmo nome e portanto submetida à jurisdição paroquial do sacerdote a quem nos

aprouver confiar a regência da paróquia e dos que lhe secederem no cargo todos os habitantes do território da mesma”.

Paróquia de Santa Cruz de Ataléia — “Fica nesta diocese de Arassuaí erigida e canonicamente instituída a paróquia de Santa Cruz de Ataléia, desmembrada da Paróquia de N. S. dos Anjos de Itambacurí, com as atuais divisas municipais do município de Ataléia os mesmos limites do atual município do mesmo nome”.

Paróquia de Nossa Senhora da Penha do Norte — “Fica nesta Diocese de Arassuaí erigida e canonicamente instituída a Paróquia de N. S. da Penha do Norte, desmembrada da Paróquia de N. S. dos Anjos de Itambacurí, com as atuais divisas dos municípios de Conselheiro Pena, Galiléia, e Governador Valadares do lado esquerdo do rio Doce, havendo a Paróquia de N. S. da Penha do Norte os mesmos limites dos atuais de Conselheiro Pena, Galiléia e Governador Valadares do lado norte do rio Doce”.

Paróquia de N. S. do Carmo — Fica nesta Diocese de Arassuaí erigida e canonicamente instituída a Paróquia de N. S. do Carmo, desmembrada da Paróquia de N. S. dos Anjos de Itambacurí com as atuais divisas dos municípios de Aimores, Intueto, e Resplendor no norte do Rio Doce, havendo a Paróquia de N. S. do Carmo os mesmos limites dos atuais municípios de Aimores, Intueto e Resplendor ao lado esquerdo do Rio Doce”.

A criação dessas novas paróquias representa uma coroa de glória na obra civilizadora dos Padres Missionários Capuchinhos aos quais se deve tão grande triunfo, fruto do sacrifício de Itambacurí.

A essas devemos juntar as Paróquias de Malacacheta, Poté e Ladainha, onde os mesmos abnegados capuchinhos deixaram o sulco profundo da sua ação evangelizadora, gravando para sempre o seu nome em obras indeléveis.

Apesar da penúria de sacerdotes, grande tem sido o progresso da vasta região que pertence a diocese de Arasuaí.

Dom José de Haas tem sido incansável nestes 15 anos de episcopado. Com os seus 70 anos nos ombros, trabalha ainda como um moço na direção da imensa diocese, criando paróquias e desenvolvendo invejável atividade em todos os setores. Nestes últimos anos a população cresceu assombrosamente, reclamando hoje assistência religiosa de dezenas e dezenas de sacerdotes, quando, anos atrás, bastavam apenas alguns. Esse problema preocupa ao zeloso Diocesano e a todos aquêles que dividem com êle as responsabilidades espirituais.

Não obstante as legítimas previsões, aliás previstas pelo P. Fr. Gaspar, como tivemos ocasião de demonstrar, devemos confessar que o imprevisto surto do progresso surpreendeu a todos e inutilizou os planos feitos para uma lenta e progressiva marcha.

O litígio de fronteira entre os estados de Minas Gerais e o Espírito Santo, se por um lado abriu as portas ao progresso, por outro concorreu, sem querer, para agravar o problema espiritual criando embaraços ao exercício do ministério sacerdotal e facilitando a expansão protestante.

A população cresce dia a dia na zona contestada beneficiada por excelentes estradas custeadas pelos estados em litígio. O Espírito Santo, porém, nesse setor está levando a palma, tendo construído, entre outras, a magnífica rodovia que liga Vitória às proximidades de Mantena.

Não está longe o dia em que outros municípios e paróquias serão criadas, entretanto a penúria de sacerdotes continua, mais alarmante e desoladora para a vida religiosa do paiz.

Os interesses publicos e particulares, civis e religiosos, estão a reclamar uma solução definitiva do conflito de fronteiras nos vales do Mucuri e do Rio Doce.

Sabemos que o exmo. Dom José Joaquim Gonçalves, a cujo zelo e saber a Próvidência confiou, em boa hora, os destinos da diocese do Espirito Santo, e Dom Frei José de Haas, bispo de Arassuaí, cheio de zelo e de esperiência, animados de sincero patriotismo e de zelo pelas almas, sem prejuizo do veredicto que os juizes terão que pronunciar, estão procurando uma formula, ainda que provisoria, para corrigir os abusos e os graves inconvenientes provocados pelo atual estado de coisas nos territórios da zona contestada.

Oxalá! encontrem os exmos. Prelados a necessaria compreensão nas autoridades responsaveis e cheguem a um acordo que estaque a torrente de incalculaveis prejuizos materiais e espirituais causados pelo litígio que se vem arastando indefinidamente sem solução.

* * *

IV — P. Frei Inocência de Comiso é o único pioneiro sobrevivente desses abnegados desbravadores das matas do rio Doce.

O povo de Itambacurí se acostumou a chamar a Frei Inocencia: "Vigário da Mata"; um título de honra e o reconhecimento público de uma vida laboriosa, cheia de zelo, de lances dramáticos.

Não ha outro que como êle conheça êsse vasto território. Ele audou a descobri-lo, abrindo caminhos, dando

nomes a ribeirões desconhecidos, erguendo dezenas de capelas, levantando cruzeiros e criando povoados que são hoje cidades.

Frei Inocêncio tem sofrido críticas pela sua atitude franca em defesa da tese mineira no litígio de fronteiras entre Minas e Espírito Santo. É possível que se tenha excedido levado pelo amor á terra mineira, mas convem lembrar que foi êle dos primeiros a penetrar na mata, quando isso constituia uma temeridade, arrastando perigos de toda a espécie, passando fome e sede, dormindo ao relento e ao desabrigo, sofrendo ameaças e perseguições a serviço de Deus e do Brasil.

Continuando a obra do saudoso Frei Gaspar, a custo de inenarráveis sacrifícios, abriu caminho no seio da floresta, permitindo que ali se fixassem centenas de famílias laboriosas. Frei Inocencio não é um aventureiro em busca de vantagens materiais. Sua vida é um exemplo de despreendimento e de abnegação.

Na celebração do seu Jubileu Sacerdotal, Frei Inocêncio recebeu da população de Itambacurí solenes homenagens que culminaram na oferta de uma medalha de ouro pelo Prefeito com estes dizeres: "*Ao Benemerito Frei Inocêncio o Município de Itambacurí e o seu povo oferecem*".

A atitude de Frei Inocêncio em defesa da tese mineira deve ser apreciada sem paixão partidária. Sua opinião deve merecer o respeito que uma testemunha honesta merece em qualquer pleito.

Os juizes brasileiros dirão, a seu tempo, a última palavra que será por todos acatada sem abalar ou ferir a unidade da Pátria que conta com o amor de todos os seus filhos.

Apêndice I:

MUNICÍPIO DE MANTENA

A região do braço sul do São Matheus ou Cricaré, onde hoje está compreendido o Município de Mantena, pertenceu até 1918, ao distrito de Itambacurí, do Município e Comarca de Teofilo Ottoni, desde tempos imemoriais, isto é, da história da fundação de Filadélfia, em 1852, pelo grande mineiro Teofilo Benedito Ottoni.

Com a emancipação de Itambacurí, em 1918, passou a região a pertencer àquele Município, sendo os seus primeiros bandeirante, desbravadores de matas, e catequistas de índios, os padres Capuchinhos Frei Serafim de Gorízia, Frei Ângelo de Sassoferato, Frei Gaspar de Modica e Frei Inocência de Comiso, atual vigário-cooperador da paróquia de Santo Antonio do Mantena. Com a emancipação do distrito de Lajão, que tomou o nome de Conselheiro Pena, em 1938, foi desmembrado de Itambacurí, para anexar a Conselheiro Pena, os distritos de São Tomé, Penha do Norte, e criado séde de distrito o povoado de Bom Jesus do Mantena, que passou a jurisdicionar toda a região da bacia do São Mateus do Sul.

Nomeado Prefeito de Conselheiro Pena o Sr. Dr. Sebastião Anastácio de Paula, procurou no seu Governo, dar a expansão administrativa ao seu município, criando em setembro de 1939, no lugar denominado barra do Córrego dos Ilheus, com o riacho São Francisco, o patrimônio de Benedito Quintino, época em que instalou uma escola Municipal, ato de seu governo.

Até então, o povoado contava com apenas sete barracas, cobertas de cavacos de madeiras e duas pequenas casas comerciais, de propriedade de José Secundino da Fonseca e Antonio Gonzales de La Fuente.

Com o progresso da região, e invasão do Espírito Santo em direção ao Oeste de Minas Gerais, o Governô do Sr. Dr. Benedito Valadares Ribeiro, em grande visão administrativa elevou o patrimônio de Benedito Quintino, a categoria de distrito e Município, ficando assim o Município de Mantena, fixado no quadro territorial do Estado de Minas Gerais de acôrdo com o decreto n.º 1.058 de 31 de Dezembro de 1943, em conformidade com as normas gerais estabelecidas na lei orgânica Nacional n.º 311 de 2 de Março de 1938, combinado com o Decreto-Lei 1.058 de 30 de Dezembro de 1943, que elevou o povoado a categoria de Município, como marco avançado da jurisdição mineira.

INSTALAÇÃO DO MUNICÍPIO

Instalado o Município em 1.º de Janeiro de 1944, o Exmo. Snr. Governador Benedito Valadares, em ato baixado em 4 do mesmo mês, nomeou seu primeiro Prefeito o Snr. José Fernandes Filho, residente em Conselheiro Pena, que tomou posse perante o Secretário do Interior em 17 de Janeiro de 1944. Empossado no cargo, solicitou do Governô a criação das Escolas Reunidas "Antônio Carlos" para a cidade, e a nomeação de quatro professores, e uma professora para o distrito de Bom Jesus do Mantena e outra para o distrito de Barra do Ariranha. Indicou também nomes para Delegado Civil de Polícia, subdelegados de distritos, adjuntos de Promotores, escrivães de Paz, etc..

Todos nomeados, o Sr. Prefeito Municipal, entrou em função do cargo, em 5 de Fevereiro de 1944, instituindo forma de Governô ao Município e iniciando os primeiros passos administrativos, com o decreto-Lei n.º 36, que organiza os serviços administrativos do Município, de acôrdo com a atribuição que lhe conferia o Art. 12, n.º I, do

Decreto-Lei Federal n.º 1.202 de 8 de abril de 1939. Por portarias de nomeação interina, nomeou o 1.º Secretário da Prefeitura o Sr. Teófilo Couto Brandão, o 1.º Tesoureiro o Sr. Altamiro Vieira Satlher, Ascendino Vieira Campos, Agente de Estatística, Srta. Dorací Satlher, Porteiro Contínuo, Acrizio Zacchê, Chefe do Serviço de Obras, Cirilo Pandini, Fiscal do Distrito de Bom Jesus do Mantena e Hermenegildo Antonio da Costa, fiscal do distrito de Barra do Ararinha.

Pelo Decreto-Lei n.º 37, Orça e Fixa a Receita e Despesa do Município para o exercício de 1944, em Cr\$ 139.000,00, e pelo mesmo decreto cria dez escolas municipais, nos lugares denominados: — Mateninha ou Mantenópolis; Água Doce; Central; Itauninha; Cachoeirinha do Itauna, Vargem Grande, Itabirinha, Barra do Ariranha, São Felix e Bôa Sorte.

A cidade nesta época, tinha apenas 132 barracas cobertas de taboinhas, três igrejas protestantes, uma pequena capela, fundada em 1937 pelo Sr. Cândido Ribeiro Gonçalves, auxiliado por Frei Inocência de Comiso. Não dispunha a cidade de qualquer aparelhamento suficiente para uma administração fecunda. A deficiência econômica chegava a tanto que a primeira máquina de escrever, cofre e arquivos de aço para a Prefeitura, foram adquiridos do bolso do Prefeito José Fernandes Filho, sendo os primeiros aparelhos mecânicos a serem conhecidos na cidade.

Com o desenvolvimento da cidade em 1944, e com a falta de Justiça, em virtude do Município estar subordinado ao Termo Judiciário de Conselheiro Pena, Comarca de Governador Valadares, a uma distância de duzentos quilômetros, sem estradas, telégrafo, radiotelegrafia, ou qualquer outro recurso de comunicações rápidas, em julho de 1944 o Prefeito José Fernandes Filho em audiência especial com o Governador Benedito Valadares, apresentou um

relatório circunstanciado expando ao Govêrno do Estado, que o crescimento demográfico da região era assustador, em consequência da intensa emigração das populações dos vizinhos municípios mineiros de Aimorés, Mutum, Ipanema, Laginha, Manhuaçu, Manhumirim, Simonetia, Tarumirim, Governador Valadares, Conselheiro Pena e Rêsplendor etc., não era possível o município continuar sem sua Justiça Própria, solicitando assim a criação da Comarca de Mantena.

Atendendo a êsse apêlo e para firmar mais o interêsse do Govêrno Mineiro na região, em 30 de Dezembro de 1944, pelo Decreto-Lei 1291, em obediência a lei Nacional n.º 311 de 2 de Março de 1938, a cidade de Mantena, foi elevada a categoria de Comarca, e instalada em 1.º de Janeiro de 1945.

Foi seu primeiro Juiz de Direito, o Dr. Oswaldino de Paula Salazar, filho de uma família ilustre de Minas, irmão do grande Jurisconsulto e professor Catedrático da Universidade do Brasil, Dr. Alcino de Paula Salazar e atualmente um dos patronos da causa Minas-Espírito Santo, no Supremo Tribunal de Justiça.

Dr. Oswaldino de Paula Salazar, é um dos grandes Juizes de Minas, culto, zeloso e cumpridor dos seus deveres.

Em Mantena, iniciou os trãbalhos forenses com muita eficiência e zêlo, conquistando a simpatia e o respeito de todos, apesar de sua curta permanência à testa da Comarca, em virtude de seu precário estado de saúde, que exigia um centro de mais recursos. O segundo Juiz Dr. Onofre Esteves Ottoni; filho da tradicional família dos Ottoni, de Serro Frio, continua até hoje, a prestar inestimáveis serviços à Comarca e ao Estado, defendendo intransigentemente os interesses jurisdicionais de Minas Gerais, na região, dis-

tribuindo Justiça; com severidade e energia, de acôrdo com os postulados do direito.

Com a queda da ditadura em 1945, foi fundado, o Partido P. S. D. aclamado seu primeiro Presidente o Sr. José Fernandes Filho.

Foi segundo Prefeito, nomeado pelo Governador Milton Soares Campos, Dr. Oduvaldo Santos Pinto, que não chegou a tomar posse, sendo então nomeado o Sr. José Maria Camargos, que ficou a frente do Município cêrca de quatro meses. O quarto Prefeito foi o Sr. Dr. Adolfo Mario de Oliveira, que permaneceu apenas seis meses, não deixando nenhuma realização. O quinto Prefeito foi o Sr. Major José Meira Junior, que presidiu o memorável pleito de 23 de Novembro de 1947, do qual foi eleito o Sr. José Fernandes Filho, permanecendo na Prefeitura desde 1.º de janeiro de 1948 até 1.º de Janeiro de 1951, construindo neste período, dezenas de quilômetros de estradas, instalando Pôsto de Saúde, construiu o magestoso edifício do Grupo Escolar "Antônio Carlos", Grupo Escolar no distrito de Agua Dôce do Mantena, instalou a Agência Postal Telegráfica, elevou o número de escolas municipais de vinte e uma para quarenta, várias pontes, campos de pouso e outros melhoramentos de importância para o povo. No memorável pleito de 3 de Outubro de 1950, no qual o P. S. D., enfrentando uma coligação de três partidos, U.D.N. — P.R. e P.T.B., foi eleito o Snr. José Romero Duque, o primeiro Presidente da Primeira Câmara Legislativa Municipal de Mantena. Tomando posse em 31 de Janeiro de 1951, o Prefeito José Romero Duque, iniciou sua administração, construindo em seu primeiro ano de govêrno a rodovia Mantena-Água Dôce, em um percurso de 32 quilômetros. Iniciativa de grande alcance econômico e social, em virtude das riquezas da bacia do Rio Preto, consideradas como verdadeiro celeiro agrícola do Município de Mantena.

Criou mais dez escolas municipais, e iniciou a construção da rodovia Mantena-Barra do Ariranha, em vias de conclusão.

HISTÓRICO

A cidade de Mantena, está situada na margem do Ribeirão São Francisco, na confluência dos Córregos dos Ilheus, Ribeirão do Turvo e Amargoso.

Terreno um pouco acidentado, com diversas colinas de pouca elevação. Como marco fincado pela natureza divina, dista a um quilômetro da cidade a magestosa pedra do Emiliano, com 600 metros de altitude, sustentando no seu pico uma planície de muitos metros quadrados, com acesso bem difícil. Mesmo assim, a população, lá sobem para orar e contemplar as belezas da cidade e das maravilhas da natureza em redor.

A três quilômetros, está fincada pela mão divina, a Pedra das Duas Irmãs, que, em confronto com o magestoso pontão da fortaleza, dista desta 36 quilômetros, representa um marco natural dos limites Minas-Espírito Santo, e acidente geográfico da Serra dos Aimorés ou Souza.

Foi primeiro morador do local onde se ergue a cidade de Mantena, o Sr. Emiliano Ferreira Junior, que partindo do Município de Ipanema em 1933 e atravessando o Rio Doce na pedra da Lorena, acima da cidade de Aimorés, em busca de matas para possear, subiu a Serra do Cuparaque, atravessou as águas do São José em plena mata virgem atingiu a barra do ribeirão dos Ilheus, fazendo aí a sua primeira derrubada. Eram seus companheiros, o Sr. Francisco Perigoso, Antonio Perigoso e Candido Ribeiro Gonçalves, por alcunha "Candido Ilhéu".

Emiliano Ferreira Junior, limitou na posse da barra do Córrego dos Ilheus até a confluência do Córrego do Turvo. Antonio Perigoso limitou sua posse nas margens

do ribeirão São Francisco, abaixo da posse de Emiliano Ferreira Junior. Candido Ribeiro Gonçalves, residia em Ipanema, no lugar Barra do Figueira, achando difícil trazer sua família, deixou-a em Ipanema, visitando uma vez por ano, a sua posse, introduzindo melhoramentos.

No princípio de 1934, Emiliano Ferreira Junior, perde sua primeira filha de nome Elisa, que é sepultada debaixo da mata virgem, no local que hoje se encontra a capelinha de Santo Antonio do Mantena, sendo assim a primeira pessoa falecida e sepultada no solo da cidade de Mantena.

Com êste acontecimento, Emiliano Ferreira Junior, desgostoso, vende sua posse por Cr\$ 2.000,00, a Candido Ribeiro Gonçalves, que em 1937 a doou a Santo Antônio do Mantena, para ser edificado um patrimônio.

A primeira missa foi celebrada pelo virtuoso capuchinho Frei Inocência de Comiso, na casa de Vital Valentim, situada acima da cidade três quilômetros, um dos posseiros bandeirantes, procedente do Centenário do Mutum. A população atual do perímetro urbano, atinge cerca de seis mil habitantes, com um comércio muito ativo, bancos, agência lotérica, bares, cinemas, dezenas de ônibus, caminhões, jeeps, caminhonetes, automóveis, bicicletas, etc.. A feição urbana, apresenta 1.700 casas, com vários prédios de cimento armado, e várias casas residenciais aparecendo um aspecto agradável aos visitantes.

Superfície Geográfica: — quatro mil trezentos e oitenta e sete quilômetros quadrados.

População: — Apesar do censo demográfico de Julho de 1950, ser feito o serviço da zona litigiosa por uma Delegacia Especial, não discriminando assim, as populações dos municípios situados na dita região, sabe-se que a zona litigiosa, compreendendo dois municípios mineiros, um município capixaba, e frações de três municípios mineiros

e dois capixabas, em um total de 10.753.000 quilômetros quadrados com uma população de 170.00. Mantena na sua configuração geográfica, contribui com mais de 70.000 habitantes, de origem em sua totalidade mineira.

Vias de comunicações: — Estrada de Mantena — Conselheiro, Mantena — Resplendor, Mantena — Governador Valadares, Mantena — Colatina no Estado do Espírito Santo, Mantena — Aimorés, Mantena ao distrito de Água Dôce do Mantena, Mantena a Mantelinha ou Mantênópolis, Mantena — Vila Barra do Ariranha, Mantena — a Itauninha.

Distritos: — O município compõe-se de cinco distritos judiciários e administrativos, a saber: — séde, Bom Jesus do Mantena, Itabirinha, Barra do Ariranha e Água Dôce do Mantena.

Produção: — Café, sendo o maior produtor dêste artigo no Estado de Minas Gerais. Arroz, feijão, milho, cana de açúcar com dezenas de fábricas de aguardente e rapaduras. Exporta grande quantidade de suínos e seus derivados.

Exportação de madeiras de lei, é intensa.

A pecuária, está em fase iniciante, não produzindo ainda nem para atender as necessidades locais.

Indústria: — Consiste apenas em quatro serrarias, máquinas de beneficiar arroz, fábricas de banha, selarias, sapatarias, oficinas mecânicas, cerâmicas, ferrarias, máquinas de beneficiar e rebeneficiar café, etc.

A cidade é iluminada por usina hidro-elétrica da Cachoeira de Itauna, distrito da séde, de propriedade dos Srs. Sebaostião Fernandes da Silva e José Laviola.

Movimento religioso: — Uma pequena capela do Santo Antônio do Mantena, construída em 1934, que vinha servindo para os ofícios religiosos até Dezembro de 1951,

servindo hoje de capela do cemitério Municipal. A magestosa matriz, construída pelos esforços ingentes dos virtuosos capuchinhos Frei Jorge de Módica e Frei Inocência de Cóniso, em estilo Gótico-romano, situada na praça Martins Soares, dominando de sua magnífica torre gotiça todos os recantos da cidade. No interior do município, na paróquia, existem quarenta capelas, com grande movimento. (1)

Igrejas de seitas religiosas: — Adventista, situada na praça Benedito Quintino, magestosa construção de luxo, Igreja Batista de Betania, situada à Rua José Augusto; Igreja Batista de Mantena, sita à Rua Santa Luzia; Igreja Presbiteriana, praça Martins Soares ao lado da Matriz Católica; Igreja Cristã ou Dalbista, esquina Rua Santa Luzia com a Rua João Pessoa; Igreja Metodista, sita à Rua Roosevelt Magalhães; Igreja Petencoste, sita à Rua São Francisco; Centro Espírita Estrêla do Oriente, sita à Rua João Pessoa; Centro Exotérico da Comunhão do Pensamento, sita à Rua São Francisco; Templo Maçônico, sito próximo à Praça de Sporte. Apesar de todas essas seitas a maioria é católica, não só pela formação de origem como também pelo trabalho edificante e virtuoso dos dedicados e incansáveis padres capuchinhos, Frei Inocência e Frei Jorge.

Movimento Educacional: — Grupo Escolar "Antônio Carlos", construção moderna com 862 alunos matriculados, 17 classes preenchidas por professôras competentes e dedicadas, 50 escolas municipais espalhadas pelo interior do município.

Escolas Mistas isoladas, em todas as sédes de Vilas.

(1) O Rev. Frei Jorge, atual Vigário, em menos de ano, deu vida à Liga Católica, à Congregação Mariana, ao Apostolado da Oração, à Pia União das Filhas de Maria e à Cruzada Eucarística, ativas associações paroquiais, cujo vasto programa de apostolado cristão está em marcha e será amanhã radiosa realidade. (Nota do Autor)

Instituto do Povo, orientado e custeado pela Igreja Batista de Betania.

Escola Adventista, mantida pela Igreja Adventista.

Situação Sanitária e Saúde Pública: — A cidade conta com o Posto de Higiene chefiado pelo Dr. Luiz Nanni e quatro funcionários, mantidos pelo Governo do Estado.

Casa de Saúde "Bom Jesus": — Aparelhada com equipamento de Raio "X" e outros aparelhos da Cirurgia moderna, de propriedade dos médicos Drs. Jorge Correia Ernani, Adolfo de Souza Rezende e Luiz Nanni. Um ambulatório, chefiado pelo Dr. Mário Barreto, custeado pela Igreja Batista de Betania.

Movimento Intelectual: — Quatro médicos, cinco advogados, compreendendo entre estes Dr. Juiz de Direito da Comarca e Dr. Promotor de Justiça, dois peritos contadores, diversos farmacêuticos formados e diversas normalistas.

Os dados acima descritos na sua maioria são baseados em documentações do arquivo municipal, e quanto à descoberta da região trata-se de informações prestadas pelo Sr. Candido Ribeiro Gonçalves, vulgo "Candido Ilheu", fazendeiro, residente a três quilômetros da cidade com 66 anos de idade. (2)

(Mantena, 22 de Março de 1952)

Apêndice II:

O MUNICÍPIO DE ATALÉIA

O antigo Povoado de Santa Cruz do Norte, até 31 de Dezembro de 1943, esteve sob a jurisdição do Distrito

(2) As notícias e informações publicadas neste parágrafo, que tem como título Apêndice I, vão aqui reproduzidas integralmente como as recebemos das Autoridades da cidade de Mantena.

de São Fidélis, município de Itambacurí, data em que, por força do decreto estadual n.º 1058, foi transformado em sede do novo município de Ataléia.

Foi um ato do Exmo. Sr. Governador Benedito Valadares, pois, a criação do município de Ataléia que fica na região da Serra dos Aimorés, região até hoje em litígio, teve por objetivo principal preservar os interesses do Estado de Minas nesse rumorosa questão.

O povoado de Santa Cruz do Norte é banhado pelo rio do mesmo nome, que banha graciosamente as fraldas da colina sobre a qual é edificada a nova cidade de Ataléia, estendendo-se pela margem direita desse rio grande faixa de terra plana onde está sendo edificada a nova cidade.

Sede de grandes centros agrícolas e pastoris, como as zonas da Prata e do São Mateus, para onde converge toda a produção, dista a cidade trinta quilômetros da Estação de Crispim Jacques, ex-Bias Fortes, na Estrada de Ferro Bahia e Minas e oitenta e quatro quilômetros da cidade de Teófilo Otoni, Comarca a que está subordinado o município, com a qual sempre manteve e vem mantendo grande intercâmbio comercial e para onde exporta todos os seus produtos.

Do lado ocidental da cidade, numa distância de uma légua, mais ou menos, como sentinelas dispostas a propósito, as três grandes pedras, "Avião, Mocarorô e Bananal", emprestam à topografia aspetos de rara beleza, que mais se acentuam nos dias claros, cujos picos parecem tocar a cúpula do céu azul. O município de Ataléia tem perspectivas muito interessantes, formadas por grande diversidade de pedras e outros acidentes espalhados em seu território, sendo entrecortado de rios caudalosos formando belas cachoeiras, tais como o rio São Mateus, rio da Prata, Rio do Norte, Cibrão e Peixe Branco. Dentre as pedras

mais interessantes temos, a da "Viuva", Mutum, Pedra Riscada, na divisa com o município de Itambacurí e a pedra do Oratório, que fica na Serra dos Aimorés, nas divisas com o Estado do Espírito Santo.

Constitue a maior riqueza do município, podendo se dizer que é onde reside todo o seu futuro, a grande extensão de matas virgens existentes. Só em todo o perímetro compreendido nas margens do Rio São Mateus, temos dezenas de quilômetros em matas, contendo madeiras de lei das mais variadas espécies.

No que concerne à produção agrícola, o município é dos mais ricos do nordeste, produzindo em grande escala, feijão, milho, arroz, cana de assucar, mandioca, fumo, sendo os seus terrenos muito propícios à cultura desse último produto. A pecuária, embora em período de iniciação, está muito desenvolvida, sendo o clima do Rio São Mateus francamente favorável à criação de gado, estando os criadores muito interessados na seleção dos seus rebanhos.

Existem, também, no município, várias lavras de pedras coradas e de cristais da rocha, estimando-se em trinta e quarenta o número de lavras, mais ou menos, algumas em produção, outras paralisadas, distribuídas em vários locais, donde são extraídas comumente regular quantidade de pedras, sobresaindo dentre estas as águas-marinhas, ou "pedra azul", como são chamadas pelos garimpeiros.

DADOS HISTÓRICOS

O primeiro morador do povoado de Santa Cruz do Norte, hoje Ataléia, foi o senhor Vicente Pedroso dos Santos, que para aqui chegou com sua família em Janeiro de 1928, vindo do Córrego de São Pedro, município de Teófilo Otoni, fazendo justamente onde fica localizada a cidade, as primeiras derrubadas. Construiu a sua primeira casinha, coberta de palha de coqueiro justamente nas adja-

cências da confluência do Corrego do Carí e Rio do Norte. Dois anos depois vieram os seus irmãos João, Juscelino e Altino Pedroso que o ajudaram nas primeiras aberturas.

O Povoado de Santa Cruz do Norte deve o seu desenvolvimento às lavras espalhadas nas suas adjacências, tendo sido um primitivo abarracamento de garimpeiros, cujos vestígio ainda hoje se vêem. Mesmo dentro do Povoado já existiu uma lavra, sendo que, de 1930 para cá, começaram a chegar grandes levas de garimpeiros, que se instalaram com barracas justamente no local onde está se edificando a cidade e em terrenos de propriedade de José Peixe, onde naquela ocasião foi descoberta uma lavra. Os primeiros moradores do lugar, além de Vicente Pedroso e seus irmãos João, Juscelino e Altino Pedroso, foram os senhores Antônio Lemos de Souza, Miguel Silva, Nelson Miné, José Roque, José Avelino, Manoel Rodrigues Penedo e outros, que se instalaram com negócios e fazendas no antigo Povoado.

A primeira Missa foi celebrada no Povoado em 1930 por Frei Gaspar de Módica, então Vigário de Itambacurí, tendo sido êsse zeloso e incansável sacerdote quem deu a denominação ao lugar, de SANTA CRUZ DO NORTE", erigindo seu padroeiro o Senhor Bom Jesus da Lapa. Nessa ocasião o senhor Vicente Pedroso dos Santos doou a área de três (3) alqueires de terras para formação do comércio e edificação da Igreja.

Tem, portanto, o antigo Povoado de Santa Cruz do Norte, vinte e três anos e o seu primeiro morador que ainda vive, residindo agora nas margens do São Mateus, cinquenta e três anos de idade, sendo êle pessoalmente quem nos prestou estas informações sôbre a origem histórica do povoado.

Manifestou-nos ainda, o senhor Vicente Pedroso, a sua satisfação em presenciar o antigo Povoado galgar as

honras de cidade e com lágrimas lamentou não estarem presentes os seus irmãos falecidos que o ajudaram a fazer as primeiras derrubadas.

Já fizemos referências às Pedras do "Avião", "Mocororô" e do Bananal, que se descortinam do lado ocidental da Cidade, numa distância de uma légua mais ou menos, emprestando-lhe aspectos sugestivos. Contou-nos o sr. Vicente Pedroso que, ao pé da pedra do Bananal, onde posteriormente foi descoberta uma lavra de pedras coradas, existiu um aldeamento de índios, num total de onze famílias mais ou menos, onde existiam alguns de idade avançada. Segundo supõe, esses índios, teriam fugido ha muitos annos do Itambacurí e se instalaram ao sopé dessa pedra.

Certo dia, estando êle e seus irmãos fazendo uma derrubada de matas, esteve pensando que aquêles índios poderiam vir a assaltá-los, pois sabiam que êle com seus irmãos eram os únicos moradores dali, em número inferior aos índios, e que, portanto, não poderiam oferecer resistência aos mesmos.

Ficou pensando muito todo o resto do dia e pela noite a dentro no assunto, não podendo conciliar o sono, ante a perspectiva dêsse assalto. No dia seguinte, como a sua dispensa se encontrava resumida, resolveu comunicar aos irmãos que ia até o comércio mais próximo, para abastecer-se, e, assim, poder tocar o resto da derrubada.

Na sua volta teve notícias por seus irmãos de que os índios, durante a sua ausência, aproveitaram a oportunidade quando estavam em serviço, penetrando na casa e retiraram quasi todo o resto do mantimento que ainda possuíam, deixando, porém, uma medida e um quilo de cada mantimento e provisão, na dispensa. Assim, os índios deixaram uma medida de feijão, uma medida de farinha, uma medida de arroz, metade do toucinho e do café existente, para que os seus irmãos não ficasse de tudo desprovidos.

Depois desse incidente que eles julgaram interessante, os índios retornaram várias vezes à sua casa, porém, não fizeram nenhuma depredação. Depois, até trabalharam para eles e seus irmãos.

DISTRITO DE FIDELÂNDIA

O antigo Povoado de São Fidelis foi elevado à categoria de distrito em 1939, quando pertencente do município de Itambacurí. Denomina-se hoje Fidelândia e foi desmembrado daquele município para integrar o novo município de Ataléia, criado pelo Decreto-Lei Estadual n.º 1058, de 31 de Dezembro de 1943.

Pode-se dizer que conta o lugar vinte e três a vinte e quatro anos. O primeiro morador do Povoado foi o senhor João Coelho, que ainda vive e foi quem nos forneceu estes apontamentos. Chegou justamente nas adjacências do local onde hoje é formado o comércio em 1924, vindo de Lagoa do Peixe, entre Itambacuri e Igreja Nova, e ali estabeleceu-se com uma pequena posse de terras. Começou, então, a povoação em 1928, sendo as primeiras casas edificadas por Antônio Alves, Terto Poaia, Gustavo de Tal e outros. Os primeiros negociantes foram os senhores João de Cazusa e João Branco.

A primeira missa foi celebrada em 1931, por Don Serafim Gomes Jardim, então Bispo da Diocese de Arassuaí, em visita pastoral ao Povoado, num barracão especialmente preparado por não existir Igreja.

Faltaríamos á verdade e a um dever de homenagem se deixassemos de mencionar aqui, como um justo preito de veneração, os nomes dos ardorosos e abnegados Padres Capuchinhos Frei Serafim de Gorizia e Frei Ângelo de Sassoferrato, fundadores de Itambacurí que também palmilharam estas regiões e seus continuadores Frei Gaspar

de Módica, Frei Inocência e outros evangelizadores desta região. Aliás todos os Povoados pertencentes á grande freguesia do Itambacurí devem a sua fundação e desenvolvimento a êsses ardorosos pregadores da doutrina de Cristo.

Frei Inocência de Cómiso, hoje Vigário de Mantena, até há pouco tempo visitou em descobrigo todas as localidades da freguesia de Itambacurí, á qual esteve subordinado até há pouco tempo o município de Ataléia. Muito trabalhou êsse virtuoso sacerdote pela construção da Igreja de Fidelândia, erigida sob o patrocínio de São Fidelis. O rio São Mateus banha a localidade. Sôbre esse rio foi construída uma ponte por iniciativa de Frei Gaspar, que possibilitou a travessia dêsse rio para alcançar as águas do Cibrão, empreendimento em que foi secundado por Frei Inocência e pelo povo. Esses dois virtuosos sacerdotes sempre se interessaram muito pela prosperidade da Vila.

A Vila de Fidelândia apresenta aspectos de sugestiva beleza topográfica. Junto á ponte sôbre o rio São Mateus, há uma bela cachoeira, que empresta á localidade linda paisagem, sendo ponto preferido para passeios e pique-niques.

Tem a Vila uma população calculada em 1.000 almas, mais ou menos, com duzentas casas. O local para a formação do comércio foi doado pelo bugre Justino Mestiço a Frei Gaspar de Modica, para ser levantada a Igreja, que hoje se vê, sob o patrocínio de São Fidelis.

SUPERFÍCIE

Pelo mapa do Município de Itambacurí, organizado pelo Departamento Geográfico do Estado quando ainda Ataléia estava subordinado áquele município, a superfície do nosso município é de 2.315,80 (dois mil trezentos e quinze quilômetros e oitenta metros quadrados), não existindo dados oficiais após a criação do novo município,

POPULAÇÃO

De acôrdo com a Sinopse Preliminar do Censo Demográfico, organizada pelo Serviço Nacional de Recenseamento de 1950 a população do município de Ataléia, cujo recenseamento foi feito por uma Delegacia Especial, em virtude de ser zona de contestado com o Estado do Espírito Santo, é de 12.587 habitantes, com exclusão dos dados referentes aos Distrito de Ataléia, que se encontra localizado na Serra dos Aimorés.

Com referência a êsses dados, reproduzimos da NOTA PREVIA, da referida SINOPSE, um trecho que melhor elucidará: "Entre os Estados de Minas Gerais e Espírito Santo persiste o litígio com referência à região da Serra dos Aimorés, onde o Serviço Nacional de Recenseamento manteve, a exemplo do que fêz em 1940, uma Delegacia Especial, com jurisdição sôbre a zona litigiosa. Nesta, de acôrdo com as leis territoriais das respectivas Unidades da Federação, estão localizados, da parte de Minas Gerais, o Município de Mantena, com cinco Distritos (Mantena, Água Doce do Mantena, Barra do Ariranha, Bom Jesus de Mantena e Itabirinha), bem assim o Distrito da Séde, no Município de Ataléia, e o de Alto Itaúna, no município de Nanuque; e, da parte do Espírito Santo, o Município de Barra do São Francisco, com o Distrito da Séde e o de Gabriel Emílio, o município de Ametista, com o Distrito da Séde e os de Limeira e Mantenópolis, o Município de Joeirana, com o Distrito da Séde e os de Cotaxe, Novo Horizonte e Ribeirãozinho.

A população registrada na região da Serra dos Aimorés, pelos motivos expostos, é apresentada sem referência quer á divisão territorial (Município e Distritos), quer á situação (urbana, suburbana e rural) dos domicílios. Assim, as localidades alí existentes, consideradas na divisão administrativa de Minas Gerais ou do Espírito Santo com as catego-

rias de Cidade ou de Vila, não figuram como tais nos quadros respectivos”.

VIAS DE COMUNICAÇÃO

O município é servido pela rodovia Ataléia-Teófilo Otoni, numa extensão de 84 quilômetros. Atualmente a administração municipal está empenhada na construção da rodovia Ataléia ao Distrito de Fidelândia, numa extensão de 36 quilômetros. O Município é servido também por várias estradas de tropa, ligando-o aos municípios com êle confinantes, tais como — Teófilo Otoni, Itambacurí, Carlos Chagas, Mantêna e Sarra dos Aimorés, no Espírito Santo.

Distritos — Fidelândia.

DATA DA CREAÇÃO DO MUNICÍPIO

O município foi creado pelo Decreto-Lei Estadual n.º 1058, de 31 de Dezembro de 1943, desmembrado do município de Itambacurí.

NOMES DOS PREFEITOS

O primeiro Prefeito nomeado logo após a criação do município foi o senhor Virgílio Natali, que não chegou a tomar posse do cargo em virtude de haver falecido repentinamente.

Foi nomeado, então, o senhor Farmaceutivo João Ribeiro da Silva Neves Junior, que tomou posse em Fevereiro de 1944, instalando a administração em 10 de Março daquele ano.

Ao Prefeito João Neves sucederam, no período das eleições os senhores Antônio Pimenta, Alvaro José de Souza e João Alípio de Souza.

Finalmente, eleito nas primeiras eleições em 1947 assumiu o cargo de Prefeito o sr. Alvaro de Castro Pires, sendo sucedido nas eleições de Outubro de 1950, pelo sr. Carlos Martins de Freitas, atual Prefeito.

(Informações e dados coligidos por Antônio Duarte de Oliveira, Secretário da Prefeitura), reproduzidas integralmente.

CAPÍTULO XXVIII

NOVOS TEMPOS

I. Novo Convento e Seminario Serafico — II. Campo de Pouso e Serviço Especial de Saude Publica — III. Mais Grupos Escolares — IV. Expansão da Cidade, novas ruas e loteamento, Fabricas e Bancos — V. Album de Nomes ilustres.

I — A construção do atual convento foi feliz idéia de Frei Clemente de Modica durante o periodo de sua gestão como superior de Itambacuri (1934-1938). Diante da necessidade, cada vez mais premente, de um convento no Itambacuri, centro da Missão Capuchinha no norte de Minas, e, em vista das precarias condições de estabilidade da antiga casa construida pelos Fundadores, planejou e imediatamente iniciou a construção do atual Convento. Retirando-se por motivos de saude para a Província, na Italia onde faleceu, foi interinamente substituido por Frei Manoel de Gela que continuou as obras iniciadas. O novo superior, P. Frei Dionisio de Monterosso levou a termo, durante seu governo, a construção para cujo acabamento tambem contribuiu P. Fr. Daniel de Mineo, a quem se deve a reconstrução do Santuário de N. S. dos Anjos. Tanto na construção do Convento como da Igreja prestou sua colaboração o P. Frei Boaventura de Modica.

Em 1948, sendo Custódio Provincial o P. Frei Serafim de Sortino, foi aproveitado o Convento de Itambacuri para acolher os Clérigos estudantes que naquela época se encon-

travam no Comissariado de São Paulo. Eram eles: Frei Cesar M. de Santa Teresa e Frei Estevam de Santa Teresa, Frei Raimundo de Itambacuri, Frei Henrique de S. Coração, Frei Modesto de Santa Teresa e Frei Bernardo de Piranga, tendo como Diretor P. Fr. Geraldo de Sortino e Lente Frei Vital de Santa Teresa. No ano seguinte aumentou o número dos clérigos e veio da Itália para lecionar o P. Frei Fernando de Sortino, formado pela universidade Gregoriana.

Em 1951 os seminaristas do curso ginasial passaram para o convento de Itambacuri. A direção ficou com o Padre Guardião, Frei Geraldo de Sortino, substituído por Frei Vital de Santa Teresa na direção dos Clérigos estudantes.

* * *

II — Nestes últimos anos, depois da instalação da Comarca, o progresso de Itambacuri tem acelerado sua marcha.

O Campo de Pousos se pode já considerar uma realidade.

O Governo do Estado aproveitando-se do estudo feito pela III Zona Aérea Federal, abriu concorrência para a construção de um Campo de Pousos no Itambacuri, localizado na baixada, ao longo da estrada Rio Bahia, distante apenas 10 Km. da cidade. A concorrência foi ganha pela firma de Belo Horizonte "Construtora Barão Ltd". No fim deste ano (1952) será inaugurado o Campo de Pousos de Itambacuri um dos mais amplos e seguros da região, constituindo um grande melhoramento para o nordeste de Minas.

Uma das maiores conquistas deste ano em benefício da coletividade de Itambacuri é sem dúvida sua inclusão nos planos de melhoramentos do Serviço Especial de Saúde Pública (S.E.S.P.). Merito do Dr. Antônio Firmato de Almeida, coadjuvado pelo Prefeito Dr. Vital Salvino Ottoni e pelo vereador Wilson Pinheiro, os quais venceram difi-

culdades e superaram obstáculos que, à última hora, se apresentavam intransponíveis por estar já organizado o Convênio com a exclusão de Itambacuri.

Os benefícios que o S. E. S. P. trouxe para a população são relevantes: o Posto de Higiene, sob a direção do Dr. A. Firmato de Almeida está funcionando com êxito, prestando ótimos serviços. O levantamento topográfico da cidade foi já concluído e o abastecimento da água está sendo executado.

* * *

III — O ensino tem merecido os melhores cuidados das autoridades responsáveis. Além da Escola Normal e Ginásio Santa Clara, que completa agora suas Bodas de Prata, existe o Grupo Escolar "Frei Gaspar de Modica", com a frequência de 500 crianças e um corpo docente composto de 15 professoras diplomadas. Existem ainda 25 escolas municipais e 12 estaduais. Estão sendo construídos mais dois Grupos Escolares nos Distritos de Campanário e Frei Serafim. Há também no Itambacuri, com boa frequência, uma Escola de Datilografia. O movimento comercial é importante com tendência para melhor. A cidade é servida por duas Agências Bancárias: Banco da Lavoura e Banco Ribeiro Junqueira, além de mais 5 correspondentes bancários. Foi agora instalada uma fábrica de manteiga, devidamente aparelhada para grande produção, ligada à firma C. J. Barbosa et Marques S. A. de Carangola, empenhada em desenvolver papel de relevo na indústria de laticínios no município de Itambacuri e em toda a região.

Obras sociais estão em pleno desenvolvimento sob a direção do Pároco, P. Fr. Sisto de Cassaro. Desde o dia 9 de julho de 1949 funciona o hospital São Vicente de Paulo ao qual emprestam sua assistência profissional desinteressada os Drs. Antônio Firmato de Almeida e Nagib Ganem.

A Diretoria com o apoio do povo planeja a construção do novo edifício.

Outras obras em pleno desenvolvimento, amparadas pela generosidade da população e pela dedicação de piedosas senhoras, são o Abrigo de Menores e o Dispensário.

* * *

IV — A Prefeitura de Itambacuri acaba de desapropriar vastos terrenos que asfixiavam a cidade afim de abrir novas indispensáveis ruas a favorecer a expansão da cidade. Os terrenos adquiridos pela Prefeitura estão sendo loteados e cedidos aos menos abastados para construir suas casas. Adquiriu também um trator com o qual abriu já cinco ruas e atualmente trabalha na abertura de estradas no interior do município.

Ja se acha localizada a Praça de Esporte e o terreno no coração da cidade onde surgirá a bela e grande igreja Matriz.

* * *

V — Além dos nomes dos Fundadores a história de Itambacuri não pode deixar de cultuar a memória dos homens ilustres vivos e falecidos que trabalharam e ainda trabalham pelo seu engrandecimento. Abrimos pois o Album de Homens Ilustres de Itambacuri com alguns nomes apenas. Como todo o Album, não está completo, mas fica aberto para nele serem incluídos todos aqueles que, pelas suas virtudes, patriotismo e trabalhos em prol da comunidade, fizeram jus a esta honra.

FREI VICENTE DE LICODIA, falecido em 13 de junho de 1947. Foi ele o primeiro Vigário da Paróquia de N. S. dos Anjos. Operoso e dedicado Missionario, dos primeiros

que chegaram no Itambacuri para ajudarem aos Fundadores. Consagrou sua vida ao serviço de Deus e das duas cidades mineiras: Itambacuri e Conceição do Mato Dentro, em cuja monumental Basilica do Santuário do Bom Jesus do Mato-sinhos, que ele ergueu, descansam seus restos mortais na paz do Senhor.

FREI ARCANGELO DE MODICA, falecido em 19 de março de 1948. Durante 34 anos foi um guarda fiel do Santuário de N. S. dos Anjos e das tradições dos Fundadores. Cheio de zelo pelo decôro da casa de Deus e do culto sagrado, enriqueceu de preciosas alfaias o Santuário e trabalhou com empenho e elevada compreensão pela Obra das Vocações Sacerdotais Capuchinhas, fundando diversas Bolsas de Estudo para seminaristas pobres.

Tambem os vivos tem direito a figurar no Album como uma justa merecida homenagem e um lembrete ao futuro historiador:

FREI BOAVENTURA DE MODICA, cuja vida é um luminoso exemplo de humildade e simplicidade franciscana, de escondimento em Deus, e cuja atividade multiforme, discreta e constante, constitue um padrão de glória para a Custódia do Rio de Janeiro e para a Comunidade de Itambacuri que o respeita e venera.

Celebrando seu Jubileu de Ouro Sacerdotal não lhe foi possível fugir às homenagens que o povo de Itambacuri lhe prestou, culminando na Portaria N.º 37 com a qual o Prefeito do Município de Itambacuri "CONCEDEU AO REV. MO. P. FREI BOAVENTURA DE MODICA O TÍTULO DE BENEMERITO DO MUNICÍPIO". O prefeito Sr. Lauro Lopes da Silva entregou ao homenageado em sessão solene, o honroso pergaminho, datado de 23 de dezembro de 1949.

Dr. ANTONIO FIRMATO DE ALMEIDA e JOSE VICENTE DE MENDONÇA, são dois nomes que, ainda em vida, tem direito a figurar no Album da Cidade. Ambos empenhado, com renovado espirito juvenil, no progresso da cidade, em beneficio da coletividade, fazem jus pela soma de trabalhos, à gratidão de todos. Vieram de outras paragens a convite dos Padres Capuchinhos que buscavam atrair valores para a vida social e administrativa de Itambacuri.

Naquela epoca de desconforto, quando a propria administração ensaiava os primeiros passos, entre mil dificuldades, com verdadeiro espirito de sacrificio, cada um em seu setor, foram e ainda são valiosos elementos construtivos e esteios seguros do edificio social que admiramos — a sociedade itambacureense.

CAPÍTULO XXIX

TÚMULOS GLORIOSOS

I

FREI SERAFIM DE GORIZIA

Na manhã do dia 3 de dezembro de 1918, numa pobre cela do convento de Itambacuri, piedosa e serenamente, como vivera, adormecia no Senhor, Frei Serafim de Gorizia. Contava, então, 90 anos incompletos, dos quais 45 passados nas selvas dos vales do Mucuri e Rio Doce. Sepultaram-no no adro da Matriz que êle erguera um dia em honra de Nossa Senhora dos Anjos.

O povo de Itambacuri e das vizinhanças o acompanhou, consternado, até a última morada, numa demonstração de saudade e de pesar nunca vista até então.

Sobre a campa que cobre o seu túmulo, gravaram estas palavras:

“Aqui jazem — os restos mortais — do Fundador de Itambacuri — Frei Serafim de Gorizia — que trocadas as grandezas do mundo pelo hábito franciscano — foi ardoroso Apóstolo na própria pátria e no Brasil — onde por quarenta e cinco anos — evangelizou os indígenas — Luzeiro da Religião — Benemérito da Pátria — Nonagenário descansou no Senhor — a 3-12-1918”.

Desde êsse dia — são decorridos vinte e seis anos — e o seu túmulo está ainda cercado pela veneração do povo que não se esquece do seu querido “Padre Mestre”.

Aquêlê que viveu na mais perfeita humildade, entre os seus amados índios, recebe, depois de morto, a glorificação do povo do Nordeste mineiro. Êle não fundou apenas uma cidade, mas plasmou uma população, amalgamou selvícolas e civilizados no crisol da Religião e da Pátria. Educou, amparou e defendeu os índios para os quais rasgou o amplo caminho que os levou ao convívio cristão. Suas relações com o povo não foram, pois, superficiais, mas profundas, e por isso o povo não se esquece dêle.

Frei Serafim foi um dos maiores missionários do Brasil. A obra por êle legada à civilização é monumento imperecível.

Dom Joaquim Silvêrio de Souza, que o conheceu em vida e exaltou ao calor de sua sincera admiração patriótica, declarou-o merecedor de uma estátua como os melhores vultos da história.

Alfredo Sá, prestigioso político, chamou-o de “figura quase lendária, cuja sombra e cuja memória hão de pairar como anjo tutelar sobre aquêlê sítio que êle desbravou e onde fêz nascer e germinar a vida, a civilização e o progresso” (1).

Paulo Pinheiro Chagas qualificou a Frei Serafim e a Frei Ângelo de “nobres figuras do nosso patrimônio histórico” (2)

O Sr. Alvaro de Castro Pires, ilustre Prefeito da cidade de Itambacurí, em 2 de dezembro de 1939, interpretando os sentimentos da população do município, num

(1) O Mucuri — Teófilo Otoni — 22 Dezembro 1918 — Artigo assinado por “Salfredo” pseudônimo do Dr. Alfredo Sá.

(2) Teófilo Otoni, Ministro do Povo.

nobre gesto de elevado patriotismo e de gratidão, baixou este

DECRETO

“Alvaro de Castro Pires — Prefeito substituto do Município de Itambacurí, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei;

Considerando que o dia 3 de dezembro corrente faz vinte e um anos que faleceu, nesta cidade, Frei Serafim de Gorizia;

Considerando que Frei Serafim de Gorizia foi desbravador indômito das terras do Itambacurí;

Considerando que ele com ingentes sacrifícios, trouxe a estas plagas a Palavra de Deus e da Civilização, conquistando aos gentios, com palavras de Amor, as terras onde fundou a cidade de Itambacurí;

Considerando que Frei Serafim de Gorizia viveu uma vida de abnegação e sacrifícios, toda ela dedicada ao bem do município;

RESOLVE:

Art.º 1) — Considerar Feriado Municipal, em homenagem à memória de Frei Serafim de Gorizia, o dia 3 de Dezembro corrente, aniversário vigésimo primeiro de seu falecimento.

Art.º 2) — Revogam-se as disposições em contrário.

Gabinete do Prefeito Municipal de Itambacurí,
2 de dezembro de 1939.

Alvaro de Castro Pires
Prefeito Municipal”.

Frei Serafim não pode ser esquecido enquanto Itambacurí existir.

Sua glória aí está, palpitante, escrita em caracteres indeléveis nesse monumento que se chama Itambacuri. — Cada casa, vereda ou estrada; cada capela, escola ou cemitério; cada cruzeiro que se ostenta no cimo das colinas, dominando a paisagem dos campos fecundos, como sentinelas avançadas da civilização e da fé, é um verso, uma estrofe, um hino de um poema de caridade evangélica que rivaliza com os melhores. — A biografia de Frei Serafim está gravada na sólida piedade da população de Itambacuri que êle formou e no seu assombroso progresso alcançado no curto prazo de setenta e um anos.

Acentuamos apenas nestas linhas o brilho e o perfume de algumas virtudes cristãs que formaram o maior tesouro de sua alma de escól.

O que mais encantava na vida deste apóstolo era a simplicidade, a serena firmeza de suas atitudes até nos momentos mais difíceis e o sorriso que lhe iluminava constantemente o belo rosto de figura bíblica.

Convivendo embora com índios, sepultado nas selvas, não perdeu o hábito de tratar com distinção, afabilidade e doçura, sem prejuizo da autoridade. — Os que o visitavam, vindos de longe, e os que com ele viviam, são acordes em afirmar que Frei Serafim, com seu sorriso e sua bondade conquistava as simpatias de todos.

De uma feita numerosa comitiva de políticos da vizinha cidade de Teófilo Otoni chegou ao Itambacuri — Durante a longa viagem vinham conversando. Falou-se de tudo e, talvez de todos, e até da *excomunhão*... Alguem os declarou, entre sorrisos e mofas, não acreditar e não temer a pena da Igreja. Ao chegar ao Itambacuri os excursionistas subiram a colina em visita, como era costume geral, a Frei Serafim, que os recebeu, como sempre, cordialmente. No correr dessa visita, aquele mesmo cavalheiro, espírito forte, que tinha ridicularizado a pena

da excomunhão, diante da figura veneranda de Frei Serafim, não hesitou em declarar aos companheiros admirados: “Da excomunhão deste, sim, que teria medo!”

Frei Serafim era austera consigo, condescendente e generoso com os outros. Vinha da nobreza e até aos 29 anos vivera no fausto da aristocracia, mas desde que vestiu o hábito franciscano da Ordem dos Capuchinhos, sua vida transcorreu como a do mais humilde e pobre filho de São Francisco. Durante 45 anos, que tantos foram os que passou na mata de Itambacuri, ninguém lhe ouviu alusões ao passado e à ilustre família.

Sua cela monástica era bem o espelho de sua alma simples e boa. A tosca mobília consistia no indispensável: uma modesta cama, uma mesa comum, uma cadeira e um genuflexório, (3) próximo à imagem do Crucificado. Seus livros prediletos eram o Breviário e a Sagrada Escritura.

Da abundante correspondência trocada com os Superiores, transparece em todas as linhas a virtude da obediência e da submissão.

Frei Serafim foi um homem de fé no verdadeiro sentido da palavra e a fé foi o segredo dos seus triunfos.

Seu gesto, ao tomar sobre os ombros a incumbência de catequizar os índios do Mucuri, encarado humanamente se afigura temerário. Penetrar nas selvas pavorosas, munido apenas de uma “portaria” do Governo e carregado de promessas, não era nenhuma garantia de êxito. Entretanto, desamparado de todos os recursos humanos, meteu mãos à obra com a intrepidez dos soldados de Cristo, e, em poucos anos, realizou milagres. Um momento houve em que o desânimo se apossou de sua alma. Açoitado pelo furor do tormenta sentiu, talvez, diante do egois-

(3) Esse genuflexório nunca foi aproveitado por êle serviu para os homens que em grande número o procuravam para serem ouvidos entre confissão.

mo e da ingratidão humana, a inutilidade dos seus esforços e sacrifícios, e viu o fracasso da obra iniciada. — O desalento não é incompatível com a virtude. É a hora da provação, conforme avisa o Eclesiástico: "*Quando entrares no serviço de Deus prepara a tua alma para a tentação*" (4). Aconteceu-lhe o mesmo que a Jacó, Elias e até S. Paulo, quando experimentaram o tédio de viver (5). É nessa hora que a fraqueza humana adquire a certeza de que sem a graça de Deus nada póde.

Frei Serafim provou como nunca a onda de angústia que, sem revoltas nem protestos, transbordou irreprimivelmente nesta humilde carta ao seu Superior:

Nosa Senhora dos Anjos de Itambacurí — 1
Novembro 1883

Ilmo e Revmo. Prefeito e Comissário Geral,
Padre Mestre Frei Fidelis de Avola

Neste ano de 1883 o estado de minha saúde soffreu por trabalhos e desgostos, um forte choque, e pode talvez piorar neste clima e surpreender-me a morte. Por isso permito-me de propor a V. Paternidade Revma. que se digne encarregar já da direção deste Aldeamento o meu companheiro Revmo. Frei Ângelo de Sassoferato, de pleno acordo com o Exmo. Director Geral dos Índios em Ouro Preto, ou, aliás, que mande outro Religioso de seu gosto, que melhor me substitúa. Em verdade, desejo muito me retirar longe destes barulhos em um lugar de melhor clima para mim, e muita saudade tenho de um bom convento de observância da Europa, no qual pudesse fechar meus olhos, se tal for da vontade de Deus, a

(4) Eclesiástico, II, 1.

(5) II Cor. 1 — 8 —

quem rogo de coração, para me dar a coragem de perseverar lá onde Ele quizer que fique até o fim, me custe embora muito sacrifício e abnegação de vontade.

Entretanto que aguardo sua resposta encarecidamente, rogo-lhe me queira recomendar ao Senhor “ad aram Dei” a essa religiosa Família, que venço e respeito, e me permito visitar e, ficando-lhe muitíssimo agradecido deste e dos mais favores, passo a declarar-me com todo o devido respeito, acatamento e consideração

De V. P. Revma

Humilde e submisso filho em S. F.

Frei Serafim de Gorizia”

Não conhecemos a resposta do Superior, mas sabemos que Fr. Serafim continuou na direção do Aldeiamento de Itambacurí, e recobrando a serenidade, deu prova, mais uma vez, de apurado espírito de sacrifício.

Sua vida foi sempre iluminada pelo clarão da fé e da esperança cristã que o alentava entre as lutas e traições.

Em Frei Serafim, o espírito de sacrifício não era cálculo, mas “necessidade de amor”, pois, a felicidade eterna, objeto da esperança, é “um amplexo de amor eterno” finalidade única da paciência cristã, conforme explica Santo Agostinho: “Quando se ama não se medem as canseiras ou então se amam as mesmas canseiras” (7)

Colhendo com a sua vocação, tornou-se verdadeiro pobre voluntário. — Á renúncia ao direito de propriedade e

(6) Cartas — Arq. do Convento — Rio.

(7) “In eo quod amatur, aut non laboratur, aut labor amatur” (S. Agost — Serm. 98)

ao confôrto da vida associou a virtude da penitência pela qual o pobre é sempre pobre mesmo quando cercado pela fartura. — O burel de algodão grosso era a expressão exterior do amor à seráfica pobreza. Durante os primeiros anos comeu do mesmo caldeirão que alimentava os índios, sem nenhuma diferença. Este fato levou o santo bispo D. João Antonio dos Santos, quando em visita ao Itambacurí, a exigir de Frei Serafim e do seu companheiro que melhorassem a parca e paupérrima mesa.

“Pobres sempre foram e sempre viveram — escreveu Alfredo Sá — nem mesmo os seus ordenados de Diretores da Colônia indígena recebendo, deixando-os no Rio para a Ordem a que se filiaram. Não visavam a glória, o interesse, a fortuna — eram de um tempo e de uma raça que só procuravam a felicidade alheia trabalhando pela humanidade e pela civilização” (8)

Frei Serafim educou para o trabalho com o exemplo, os indígenas, tão refratários e inconstantes nas lides dos campos. Fiel ao lema que encheu toda a sua vida: “*Ora et labora*” o seu dia era repartido entre os cuidados do ministério sacerdotal e as ocupações materiais do Aldeamento. O trabalho era para ele um dever, aliás inculcado pelo Seráfico Patriarca, quando declarou aos seus filhos:

“Eu trabalhei com minhas mãos e quero ainda trabalhar e mando firmemente que todos os meus Frades se ocupem nalgum trabalho honesto; os que não sabem trabalhar, aprendam-no, não por amor do lucro que lhês dê o trabalho, mas para o bom exemplo e para afugentar o ócio” (9)

(8) “O Mucuri” — Artigo cit.

O Dr. Alfredo Sá não estava bem informado a esse respeito, pois resulta claramente das declarações de Frei Serafim em relatórios e ofícios por nós citados, que os parcos ordenados, as esportulas das missas que os superiores do Rio lhe enviavam, foram sempre, até o fim, aplicados em benefício da Colônia.

(9) Régua e Testamento do Seráfico Padre São Francisco.

Concedeu-lhe Deus a graça da longevidade para que visse realizada a sua própria profecia e verificar com os próprios olhos a benção visível do céu. Viveu trabalhando, como podia, até o fim de sua vida, cercado pelo carinho dos co-irmãos e da população que o tinha em conceito de santo. — Ele era o conselheiro, o juiz, o pai de todos. A seu respeito floresceram lendas e episódios interessantíssimos.

Adorava-o o povo de Itambacurí, carinhoso sempre para com o “Padre Mestre” que tanto queriam e respeitavam e que já nos últimos tempos lhe aparecia envolto em uma atmosfera de veneração, que só os santos inspiram (10)

Ainda hoje o seu túmulo recebe as homenagens de afetuosa saudade do povo do Nordeste e não são poucas as graças alcançadas, junto de Deus, pela intercessão deste “Servo Fiel”.

É um túmulo glorioso.

O tempo não apagará jamais a sua memória. — Acreditamos que este nosso modesto trabalho, despertará alguma inteligência — e ha tantas no Itambacurí — cuja pena movida e inspirada pela veneração e gratidão ao Fundador, reuna os episódios, as lendas, os fatos históricos que correm pela boca de todos, muitos dos quais presenciados por pessoas ainda vivas. Seria, sem dúvida, trabalho proveitoso, salvando do olvido e da ação corrosiva do tempo tão rico colar de preciosíssimas joias de sabor genuinamente franciscano, a guiza dos “Fioretti”. Constituiria preciosa auréola da santidade de Frei Serafim de Gorizia, em cujo olhar moribundo, antes de se fechar para a terra, deve ter passado a visão que Alfredo Sá evocou do poema do “Evangelho nas Selvas:

(10) “O Mucuri”; Alfredo Sá — Art. cit.

..... Não tarda o dia
 que estes amplos sertões estes desertos
 se cobrirão de granjas e herdades
 de ferteis plantações — Um povo livre
 será senhor das terras planturosas
 onde, pobres romeiros, levantamos
 nossas precárias, miseráveis tendas,
 não importa! Lançamos, os primeiros,
 as sementes da fé por estes ermos!
 Hasteamos o labaro divino
 Sobre estes verdes montes; conquistamos
 Em nome de Jesus estes desertos
 E o deserto maior das consciências
 Desta raça feliz”...

* * *

II

FREI ANGELO DE SASSOFERRATO

Na idade de 80 anos, no dia 2 de Junho de 1926, como um justo, entregou sua alma a Deus, o venerando capuchinho Frei Ângelo de Sassoferrato, heróico missionário dos sertões do Nordeste mineiro.

A Câmara Municipal prestou-lhe especiais homenagens. A cidade inteira chorou sua morte e o cortejo fúnebre, que do Colégio Santa Clara, de onde saiu o corpo, se dirigiu para a Matriz de Nossa Senhora dos Anjos, no alto da Colina, foi uma verdadeira e comovente apoteose. Sepultaram-no ao lado do tumulo de Frei Serafim, no adro da Igreja Matriz. Companheiros inseparáveis de tantos anos, aguardam um ao lado do outro, a ressurreição final. O povo de Itambacurí chorou sinceramente sua morte, com-

parecendo milhares de pessoas ao enterro. Ao baixar à sua ultima morada, depois dos officios religiosos do ritual, o Superior da Comunidade, Revmo. Frei Gaspar de Módica, numa comovida alocação, deu ao heroico missionário o último adeus. Ao terminar — anotou o redator da “A Família” — “não eram lagrimas em silêncio, eram prantos, verdadeiros prantos, tão justos, partidos de todos sem excepção, de todos que se despediam desse venerando capuchinho, Frei Ângelo, tão bom, tão manso, tão modesto, tão virtuoso, um exemplo, um santo” (11)

A maior glória de Frei Ângelo consiste em ter sido o companheiro fidelíssimo e inseparável, o auxiliar eficaz, o irmão, e o amigo a toda prova de Frei Serafim. Narramos nas primeiras páginas o encontro providencial destes dois apóstolos, talhados para a grande obra que realizaram.

Após a morte de seu querido companheiro, Frei Ângelo viveu ainda 8 anos, aguardando com viva saudade a hora de se lhe ajuntar no céu. Horas antes de morrer, olhando para os circunstantes, exclamou:” — Não preciso mais de remedios, pois é tempo de ficar com o Padre Mestre, Frei Serafim, que me está esperando”. (12)

Na verdade tardava a hora. Cercado embora, do conforto e carinho, sentia que a sua ardua e fecunda missão estava acabada e lhe custava viver sem o amigo ao qual ele attribuia todo o merito e toda a glória do grande exito na catequese. Frei Ângelo conquistou fama de apóstolo, e como Frei Serafim dedicou a sua vida em beneficio da catequese dos aborigenes dos vales do Mucuri e do Rio Doce.

Desde o ano de 1921, ajudado pelos índios, criados e educados por êle, construiu nos terrenos próximos ao Colégio Santa Clara, um “chalézinho” onde passou a morar,

(11) “A Família” — Teofilo Otoni — 12 Junho 1926 — N.º 709.

(12) Do caderno de “Apontamentos” de Irmã Josephina do Menino Jesus, de onde extraímos as informações deste paragrafo.

dedicando-se inteiramente à assistência espiritual das Religiosas, das alunas e particularmente das pequenas indígenas. As religiosas cuidavam dele como de um pai. Ele, porém, não dava muito trabalho. — Paciente, mortificado, contente sempre com a sua consciencia e com todos, contentava-se de muito pouco. Passava longas horas na oração. As religiosas o encontravam, de manhã bem cedo, na Capela, diante do tabernáculo, em oração, rezando o breviário até a hora da santa missa. — Para que não ficassem acanhadas em chamá-lo e não o poupassem, esperava, sentado no confessional, as que dele precisassem.

Pauperrimo, como convinha a um filho de S. Francisco, vivia despréndido das coisas terrenas. Os presentes que recebia com agrado e agradecia com humildade, serviam-lhe para mimosear os seus índios que o visitavam a miúdo. Tanto o Padre Mestre, como também eles, os índios, faziam questão de declarar que eram, sim, *índios*, mas não *selvagens*.

Era o conselheiro e o protetor dos fracos e dos pobres e particularmente dos índios que o chamavam: *Ton-dóno* — *ererré*, isto é, "*o Padre Mestre é bom e bonito*".

Na verdade Frei Ângelo era *um bom* na mais larga aceção do vocabulo. A bondade transparecia no sentimento e na vontade, nos modos e nos fatos, fugindo à hipocrisia como à pura sensibilidade. Nêle a bondade era a manifestação externa de sua lma. E com a bondade conseguia tudo. Fêz sua a máxima de São Paulo: "Ninguém busque o bem próprio, senão o bem dos outros" (1 Cor. X, 24)

Sua alma boa era uma planta gentil que oferecia a todos suas flores e seus frutos — plavras e fatos.

Sua grande simplicidade a todos inspirava confiança, porque todos tinham a certeza de que no coração de Frei

Ângelo não se aninhavam pretensões ou segundos fins, mas a veracidade e a ternura.

São inúmeros os episódios que ouvimos relatar pelas pessoas que o conheceram de perto, com êles podia-se compilar um edificantíssimo florilégio.

Nunca deixou de celebrar a santa missa apesar de velhinho e jamais omitiu a pregação do Evangelho aos domingos. — Nas horas que passava recolhido no seu quarto, quem o visitasse o encontraria entretido na leitura espiritual. — Nas suas edificantes palestras referia-se a miúdo, com carinho e saudades a Frei Serafim, cujas virtudes exaltava, recordando passagens e episódios da vida missionária.

Durante toda sua vida, nunca desprezou o trabalho manual. Na organização do Aldeamento e da Colônia indígena foi ele o executor material dos projetos de Frei Serafim. — O seu recreio era o trabalho do campo. Trocava o habito por outro mais velho e, levando a sua enxada, entretinha-se na chácara a capinar, varrer e podar o pomar, por ele mesmo cultivado. Quando alguém lhe observava que a sua saúde não suportava mais essas fadigas, que a humidade ou o calor prejudicavam-lhe... Ele, agradecendo a atenção e o cuidado que tomavam pela sua saúde, respondia — “isto não é nada, estou limpando para as religiosas passearem”.

E assim foi até o fim. No dia 29 de maio, era um sábado, após o almoço, tomou Frei Ângelo a sua enxadinha e, como era seu costume, demorou-se na chácara trabalhando, quando se sentiu insólitamente mal. — Recolheu-se ao leito, do qual nunca mais se levantaria. — Compreendeu ele que a hora final estava para chegar. Acorreram médicos e amigos à sua cabeceira, mas tudo debalde. Preparou-se

serenamente para prestar suas contas a Deus. Recebeu, administrados por Frei Boaventura, os santos Sacramentos. Os sofrimentos da moléstia aumentavam, mas êle paciente e mansamente os oferecia a Jesus Crucificado.

A todos dirigiu palavras de carinho e amizade, abençoando os que o cercavam.

A Frei Gaspar recomendou com particular insistência que cuidasse sempre do Colégio Santa Clara e das filhas de índios nêle internadas.

Rodeado pelas Religiosas Clarissas Franciscanas, algumas professoras, presente o farmaceutico João Antonio da Silva Pereira, o Sr. Jovino da Silva Pereira, o fiscal do Colegio Sr. Augustinho Horta, às 23,30 horas, 2 de Junho de 1926, fechou os olhos ao sono eterno, entregando sua alma serenamente ao Creador.

A multidão de amigos e admiradores que velava rezando no pateo do Colégio, recebeu entre prantos, a notícia que se espalhou imediatamente com a rapidez do relâmpago, pela redondeza, reunindo milhares de pessoas na cidade, desejosas de prestar ao grande morto o último preito de admiração.

Sobre o seu túmulo, ainda hoje, não murcharam as flores espirituais da saudade.

Com Frei Ângelo desaparecia o companheiro do Fundador, com o qual dividiu, em vida, os trabalhos e os sofrimentos do apostolado, e, após, a morte, a admiração dos homens e a glorificação da História.

III

FREI GASPAR DE MÓDICA

Quando o bispo de Diamantina, Dom Joaquim Silvério de Sousa, em 1906, chamou de Itambacurí a Minas Novas o jovem sacerdote capuchinho, Frei Gaspar de Módica, afim de ajudá-lo nos trabalhos da visita pastoral, viu nêlo o missionário capaz de desenvolver e continuar a obra de Frei Serafim, já velho e cansado, e desde êsse momento dedicou-lhe particular benevolência e paternal amizade.

Frei Gaspar correspondeu plenamente e revelou-se, em breve, digno de zelar e enriquecer a preciosa e rica herança dos venerando Fundadores de Itambacurí.

Nasceu Frei Gaspar na cidade de Módica, no dia 20 de Novembro de 1897 e aos 16 anos de idade vestiu o hábito franciscano na Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, trocando o nome de batismo, Jorge, pelo de Frei Gaspar de Módica, conforme manda a regra franciscana.

Concluidos os estudos filosóficos e teológicos, recebeu o prestiberado em 1902, contando apenas 22 anos e seis meses. Foi dos primeiros capuchinhos enviados, pelo Padre Provincial de Siracusa, ao Itambacurí, afim de ajudar aos venerandos fundadores. Iniciou sua vida missionária guiado por Frei Serafim, a quem amou sempre com respeitosa admiração. — Por algum tempo suportou sózinho os pesados trabalhos das Capelas de Poté e Sete Posses que visitou pela primeira vez em 1905.

(13) Para compilar este paragrafo, singela homenagem ao grande Missionário tão prematuramente desaparecido, aproveitamos largamente o precioso opusculo do illustra professor J. V. de Mendonça "*Frei Gaspar de Modica*", no qual o talentoso intelectual traçou o perfil do amigo dileto que tanto amou e admirou em vida.

De Frei Gaspar guardamos preciosas recordações pessoais, que esperamos aproveitar em outra publicação.

Duas vêzes acompanhou em visita pastoral ao saudoso Dom Joaquim Silvério de Sousa, seu bispo diocesano, numa das quais, achando-se (no ano de 1908) em Santa Maria de S. Felix, oito léguas perto de Poaia, foi buscar ali os restos mortais do missionários capuchinho Frei Virgílio de Amilar, (14) que, num gesto de fraternal caridade, levou para Itambacurí.

Em 1914 acompanhou a D. Joaquim Silvério de Sousa que ia à Cidade Eterna em visita "*ad limina*" ao Santo Padre. Aproveitando essa feliz ocasião fez sua unica visita ao berço natal. Regressou no fim do ano, trazendo oito missionários que reclutou com sua palavra quente e persuasiva.

A 31 de março de 1915 recebeu a nomeação de Superior Regular da Missão dos Capuchinhos do Rio. Durante os seis anos de seu govêrno abriu novos rumos às atividades missionárias, sem entretanto, perder de vista a paróquia de Itambacurí pela qual, mesmo à distancia, trabalhava sem descanso. De acôrdo com D. Joaquim, bispo diocesano, fundou a casa de Conceição, em fevereiro de 1915 e uma residência — a Figueira, em maio do mesmo ano, para, dêste modo, tornar mais amplo o campo de ação da Missão do Rio de Janeiro. A casa de Figueira (hoje Governador Valadares) durou pouco tempo, o que lhe causava grande pesar. Reeleito Superior, por mais um trienio, em 1918, passou a residir em Santa Tereza, Estado do Espirito

(14) Frei Virgílio de Amilar, virtuoso sacerdote capuchinho fundou o Aldeamento de Poaia, que devido ao clima insalubre não prosperou. — Em 1873. Frei Virgílio escreveu a Frei Serafim de Goribia contando-lhe seus sofrimentos pelo abandono dos companheiros e pelas perseguições de uns ambiciosos moradores das vizinhanças. Morreu, segundo consta, envenenado. Outro missionário capuchinho, Frei Serafim de Fossombrone, honrando a memoria de tão benemerito sacerdote, fez vir do Rio de Janeiro, uma urna de marmore e nela depositou os ossos de Frei Virgílio, que ficaram guardados numa capulhinha até o dia em que o jovem missionário, Frei Gaspar de Módica os levou para Itambacurí, onde se acham religiosamente guardados — (Do Livro de Tombo da Missão — Rio).

Santo, onde deixou assinalada sua passagem na direção da paróquia com obras de zêlo, tanto no campo material como espiritual. Nesse tempo o excesso de trabalhos e os inevitáveis dissabores do cargo, prejudicaram-lhe sensivelmente a saúde.

“A 26 de Janeiro de 1923 foi Frei Gaspar nomeado vigário de Itambacurí, tomando posse a 11 de fevereiro e, desde essa data, não mais deixou a freguezia, entregando-se alma e corpo aos seus destinos espirituais e temporais”.

Começa então, por obra dêle, para Itambacurí, um período de excepcional progresso e de valiosas realizações. “Creado o município, surgiram dificuldades para sua organização devido à politicagem pessoal reinante na ocasião. Frei Gaspar procurou solucionar estas dificuldades, promovendo acordos de importância decisiva, sugerindo sacrifícios de ordem pessoal e material, tendo sempre em mira, o levantamento de Itambacurí.

“Podemos afirmar — escreve o Professor J. V. de Mendonça, seu dileto amigo e confidente — desafiando contestação, que se não fôra seu apoio franco e inabalável, não se teria feito a instalação do município a 18 de Maio de 1924.

Nesse dia memorável, sua satisfação transbordou no sermão vibrante que pregou na missa solene, celebrada em ação de graças!

O professor Mendonça comentou-o assim:

“Que palavras quentes de amor e entusiasmo por este pedaço da Terra de Santa Cruz, onde não nasceu, mas, onde havia plantado uma parcela do seu grande coração!”

“Instalado a Vila, procurou Frei Gaspar implantar a ação social católica dos moços, promovendo a fundação da

Liga Itambacurien~~se~~se, de existência efêmera, graças a má vontade de elementos que êle procurou aproveitar e os quais não quizeram corresponder à sua tão alta distinção”.

Deu grande incremento às Associações religiosas promovendo a conclusão do Hospital de São Vicente de Paula, cujas obras se achavam, havia muito, paralisadas por falta de recursos.

Em abril de 1925 foi nomeado Vigário da Comarca Eclesiástica de S. José, tomando posse a 17 de maio.

No mês seguinte, iniciou suas incursões no interior do município para fundação de novas Capelas filiais, visitando a 17 de junho, a famosa “Lagoa Dourada”, onde celebrou missa, mandando levantar, no local, um cruzeiro de braúna sêca e abençoando a região para que ela se povoaesse e prosperasse”. Essa visita marcou o início de uma vasta e profunda penetração no seio da mata que cobria ainda grande parte do território da paróquia completamente desconhecido.

Não esqueceu, entretanto, de se esforçar pelo progresso do município. Cindida novamente a política municipal por questões de ordem meramente pessoal, a Frei Gaspar fizeram sentir, por parte do Govêrno, que de novo acôrdo dependeria equiparação do Colégio Santa Clara. — Com efeito, havia muitos anos que a direção do Colégio pleiteava, infrutiferamente a sua equiparação. Assinado o referido acôrdo a 9 de julho, sob o seu patrocínio, embora encerrasse o mesmo cláusulas que só podiam ser aceitas pela sua grande abnegação, foi decretada pelo Govêrno a fiscalização preliminar. Indo a Belo-Horizonte no fim do mesmo ano de 1925, conseguiu com o Govêrno a nomeação do Snr. Agostinho d’Horta, como fiscal permanente, escolha que muito influiu para o triunfo da causa. Conseguiu, igualmente, na mesma ocasião a vinda de novos professôres para

o Colégio, afim de completar seu corpo docente, para o que não poupou sacrifícios.

Em fevereiro de 1927, via Frei Gaspar realizado seu ideal, com o decreto da equiparação. — Poucos dias antes, presidira a instalação do Externato São Luís de Gonzaga, fundado pelo Prof. J. Vicente de Mendonça e a instalação do Hospital de São Vicente.

Em maio de 1927, celebrou suas bodas de prata sacerdotais, sendo no mesmo dia instalada solenemente a Escola Normal. Grandes manifestações de apreço recebeu nesse dia por parte das autoridades e do povo do município.

Em julho deu início ao povoado de Nova Siracusa, no vale do Rio São Mateus do Sul, até então desconhecido, mandando derrubar a mata para a construção de uma capela dedicada a S. Jorge. Ali celebrou a primeira missa a 17 do aludido mês. — No fim do mesmo ano, assistiu, com grande satisfação à formatura da primeira turma de normalistas do Colégio Santa Clara, em comemoração da qual mandou editar um interessante folheto contendo a notícia da festa e o histórico do estabelecimento.

Estando no Rio nos primeiros meses de 1928, fêz a aquisição de um prelo, afim de dotar o Itambacurí de um jornal. A 1 de junho do mesmo ano, circulava na Vila, seu primeiro periódico de publicação quinzenal "O ITAMBACURÍ." Apesar de seu pequeno formato, sob a competente redação do Prof. J. V. de Mendonça, prestou inestimáveis serviços ao município, à paróquia e à região, cujos interesses defendeu calorosamente. Frei Clemente de Mógica, que tomou posse da paróquia em 17 de fevereiro de 1935, transformou "O ITAMBACURÍ" em publicação mensal, com o nome de: "*A VOZ DO SANTUARIO DE N. S. DOS ANJOS*".

Retirando-se este benemérito missionário para a Itália, onde pouco tempo depois, falecia, "*A VOZ DO SANTUARIO*" suspendeu lastimavelmente as publicações.

Continuou Frei Gaspar no seio da selva a fundar novos povoados e abrir novas estradas e caminhos.

Em julho do mesmo ano, visitou pela segunda vez o Ribeirão do Norte, no vale do rio São Mateus, onde estava organizando um novo povoado, que tem a denominação de Santa Cruz do Norte.

No fim do ano, fêz sua última viagem ao Rio de Janeiro, Belo-Horizonte e Araxá, não só para tratamento de sua saúde, como para consecução de mais benefícios para o seu povo e seu município. — Efetivamente, ao regressar, trouxe grande quantidade de medicamentos gratuitos para combater a opilação no seio da população pobre do interior e um auxílio do Governo do Estado para continuação da estrada de Penha do Norte.

O ano de 1931 e o início de 1932 foram para Frei Gaspar de intensos trabalhos. Não descansava.

“A ultima viagem iniciou-a a 8 de março, dirigindo-se à Capela da Baixinha de Todos os Santos. Daí, seguiu para Poté, São Miguel e outros pontos, terminando a viagem em São José do Fortuna, onde celebrou a 19 de março e fêz os ultimos batisados.

“Chegou ao Itambacurí doente, com um tumor na cabeça. Apesar disso, trabalhou durante a Semana Santa, ouvindo confissões, presidindo as cerimônias, pregando o sermão das sete palavras. Pregou pela ultima vez à missa conventual do domingo da Ressurreição, falou com grande comoção sobre a ressurreição de Jesus Cristo.

“Durante todo o mês de Abril e a primeira quinzena de maio, padeceu dores atrozes, sem alívio. Apesar dos sofrimentos, nunca perdeu a paciência, repetindo a miudo: “seja feita a vontade de Deus”. Não se descuidou, também, um instante dos interesses da paróquia e do município. Agravaram-se cada vez mais seus padecimentos nos últimos quatro dias que precederam a morte. Administra-

dos pelo Revmo. Frei Boaventura recebeu com edificante piedade os ultimos sacramentos.

Entrando em agonia, na madrugada de 16 de maio entregou sua alma o Criador às 8 horas e 30 minutos, sendo assistido pelos Padres Boaventura de Mógica, Frei Inocência de Comiso, Frei Manoel de Gela e Frei Feliciano; pelo seu irmão Antônio Zappulla e o Snr. Antônio Lopes Vieira, seus incansáveis enfermeiros. — Às 15 horas do mesmo dia chegava o Exmo. Bispo Diocesano, D. Serafim Gomes Jardim, que se achava em visita pastoral. — Que dolorosa entrada tinha desta vez o querido prelado! Diante do corpo inanimado do amigo e colaborador dos mais insignes, S. Excia. chorou!

“Os funerais foram solenes e tocantes. O Exmo. Snr. Bispo celebrou missa pontifical pela alma do amigo e após a missa pronunciou comovente oração fúnebre, salientando a grande perda que representava para diocese a morte do Revmo. Frei Gaspar, cujas qualidades de apóstolos e batalhador exaltou no mais justo e no mais sincero dos encômios. — Junto a campa falou o Prof. J. V. de Mendonça e o Dr. Dalmo Pinheiro Chagas. Ao baixar o cadáver à sepultura, a multidão não conteve as lagrimas.

Mais um túmulo para o culto da saudade do povo de Itambacuri! Frei Gaspar morreu aos 53 anos, como um herói no campo do Apostolado e no fervor das atividades, no seu querido Itambacuri pelo qual tanto lutou e tanto sofreu. — Aquêlê que em vida jamais descansou, repousa agora, como sempre desejara, na sepultura que para êle se abriu, ao lado dos túmulos dos Fundadores, à sombra do santuário de N. S. dos Anjos.

Sabe, o bom povo de Itambacuri, que com a prematura morte de Frei Gaspar de Mógica, perdeu um amigo sôbre a terra, mas ganhou um intercesor junto de Deus,

Nesse conceito se inspirou o poeta J. V. M. ao compor este soneto publicado no "Itambacuri" no dia de sua morte:

*Esse que jaz, na sepultura fria,
Não foi somente humana creatura,
Teve, a cumprir missão de alta valia,
Uma rota, a seguir, bela e segura,*

*Quer na lide cruenta, fera e dura,
Quer na santa ou justissima alegria
Era vontade sua, grande e pura,
Só lutar por Jesus e por Maria.*

*Era um servo de Deus, um homem santo,
Capaz de só fazer o bem, portanto,
Lutador incançavel e sem par*

*Seu nome está gravado, eternamente,
Nos corações. Até quem é descrente
Balbucia, chorando: — Frei Gaspar.*

Ao concluir Frei Ângelo, em janeiro de 1915, a pedido dos Superiores, o manuscrito "*Sinopse da Missão*", que nos orientou na compilação destas páginas, num belo gesto de gratidão, revendo o passado, apontou os nomes dos que mais ajudaram a fundação e desenvolvimento do Itambacuri desde o primeiro Diretor Geral, Brigadeiro Antônio Luis de M. Mosqueira, ao humilde carpinteiro João Alves Correia. Lembrou ainda outros nomes igualmente dignos de bem merecidos elogios e credores de gratidão como: Carlos Prates, Antônio Onofre, Joaquim Rodrigues da Cruz, José Pereira do Nascimento, Joaquim do Brás e tantos outros que dormem o sono da paz e que já receberam de Deus a recompensa...

E, finalmente, abrangendo num só olhar os túmulos já abertos e os que não tardariam a se abrir, humildemente escreveu:

“Os dois frades que em 1873 nos metemos pelas brenhas do Mucurí, nos achamos hoje consumidos da idade: Frei Serafim com 86 anos e eu com 68... Nunca mais voltaremos a Europa, nunca mais sorriremos ao sereno ceu da pátria bela e amada, nunca mais nossos corações pulsarão de prazer e contentamento ao doce convívio dos parentes e amigos de outrora!

Se alguma coisa temos feito no serviço e amor de Deus, para salvação das almas, para civilização dos índios e para honra de nossa Ordem Seráfica; se criamos para a Nação brasileira o Itambacurí, seja tudo isso para a glória de Deus. Sem sua divina graça, nada, absolutamente nada, teríamos produzido, como o lavrador nada recolheria se a divina Providência não mandasse às sementeiras a chuva e o calor do sol a seu tempo. — Seja tudo devido a Deus e não a nós que somos servos inúteis. E finalmente, quando estes dois velhos missionários, fomos chamados por Deus para uma vida melhor, segundo esperamos, pedimos aos nossos caros irmãos se lembrem de nós ambos “*ad aram Dei*”.

E estas páginas provam, pelo menos, a gratidão e a lembrança viva (“*ad aram Dei*” — como desejavam) no coração dos irmãos e do povo do Nordeste mineiro.

EXCERTOS DE ALGUMAS OPINIÕES SOBRE O LIVRO “NAS SELVAS DO MUCURI E DO RIO DOCE”

Um livro de valor nacional. NAS SELVAS DOS VALES DO MUCURÍ E DO RIO DOCE ou Itambacurí, a cidade fundada por Frei Serafim de Gorizia, Miss. Cápuchinho. Autor: FREI JACINTO DE PALAZZOLO, O. F. M. Cap. Apresentação do Dr. Alceu Amoroso Lima, da Academia Brasileira de Letras. 1 vol. 16x23 cm. — 340 páginas — Broch Cr\$. 66,00. Pelo correio mais o porte. Ilustrações nitidas em fotogravura sobre papel “couché”.

Esta obra é uma resposta altissonante à pergunta dos néscios: Para que servem os frades?

Ressalta de suas páginas a biografia de um humilde Filho de S. Francisco por todos os títulos notável: — Homem de Deus, — desbravador, — catequista, — civilizador, — patriota, — administrador.

Relata o autor com mão de mestre e documentação farta:

Operosidade — dedicação — sacrifícios — abnegação — generosidade — heroísmo.

Uma obra que não só interessa aos amigos da Ordem Seráfica ou ao historiador, mas a todos os brasileiros que nutrem patriotismo verdadeiro.



NAS SELVAS DO MUCURÍ E DO RIO DOCE” é uma grande e valiosa contribuição para a história da cristianização do Brasil — contribuição que constitui um dos capítulos gloriosamente Cruz”.

† José N., Bispo de Uruguaiana.



“Li-o todo de uma assentada, e devo dizer que me fez um bem imenso. Agora vou mandar que seja lido no Seminário afim de despertar e aumentar o espírito missionário entre os futuros ministros de Deus. À V. Rma. apresento os mais sinceros cumprimentos pela preciosa obra com que veio enriquecer as nossas bibliotecas e pela valiosíssima contribuição que acaba de prestar para a história eclesiástica no Brasil”.

† *José, Bispo de Caxias.*



“Nestas páginas, por certo fadadas a despertar vocações e apóstolos, vae toda a história do trabalho missionário, que incorporou à nossa civilização os povos de uma extensa parte do solo pátrio. O ideal missionário tem, neste livro, um de seus grandes expoentes. Sim, um dos seus grandes expoentes porque nele vive o testemunho de um autêntico missionário.

“Nas Selvas do Mucuri e do Rio Doce”, pertence à história e a história há de considerá-lo exemplo no gênero”.

Dom Delfim, Bispo de Leopoldina



Haveria um meio muito simples para fazer todo o mundo pegar nêsse livro: era só transcrever uma ou outra amostra das aventuras, no mato, com índios selvagens, moças que fogem, assaltos e massacres, aldeamento que surge, fome, os Pojichás, “flagelo do Mucuri”, ataque de bugres, etc., etc.

Será mesmo um livro de aventuras? Oh, não: é a documentação surpreendentemente rica do passado duma cidade florescente; da epopéia dos Capuchinhos, chamados para o Brasil por um Decreto Imperial; de índios que se transformam em população laboriosa; film, rigorosamente histórico, da vida dos missionários; recorte de franciscanismo, tudo isso e muito mais.

Frei Pedri Sinsig, O. F. M.



NAS SELVAS DO MUCURI E DO RIO DOCE” por su documentación y método revela en su autor a un histriador de garra, por su amor con que trata el argumento, aparece como un

hijo auténtico de São Francisco y de nuestra gloriosa Ordem Capuchinha”.

† Antonio M. Barberi
Arzobispo de Montevideo.



“Nas Selvas do Mucuri e do Rio Doce” enriquece a biblioteca nacional de Geografia e História porque é manancial rico em detalhes e documentos sobre um recanto esquecido do nosso Brasil, em estilo que ama a fidelidade dos fatos, acima das côres da imaginação e onde a paciência do pesquisador de fatos e do colecionador de provas faiscam aos olhos dos leitores atentos”.

Dr. F. Santos Reis
Professor da Universidade — E. N. B. A



“Nas Selvas do Mucuri e do Rio Doce” do qual acabo de fazer uma primeira leitura, muito rápida, o bastante, porém, para poder dizê-lo realmente encantador por tudo; pelo assunto, que é dos que mais aprecio, e pela forma, escrito, como está, em linguagem simples e agradável, com muito método e num estilo verdadeiramente encantador que impolga e prende o leitor da primeira página à última.

O livro “Nas Selvas do Mucuri e do Rio Doce” é mais um atestado do quanto deve a civilização do interior a esses beneméritos franciscanos, verdadeiros bandeirantes da fé e da catequese, que como Frei Serafim de Gorizia e Frei Angelo de Sassoferrato, não peizando sacrifícios, penetram as selvas ignotas e plantam no mais recondito dos seus rincões o facho da civilização”.

Salomão de Vasconcellos
do Instituto Histórico e
Geográfico de Minas Gerais



Frei Jacinto, nesse ensaio historico, revela-se escritor seguro e agradável, coisa muito de admirar no genero por ele escolhido e onde

tantas penas movimentam em narrativas que cansam e que levam, não raro o leitor ao desespero e à desistência...

É obra que a gente lê sem falar mal do autor.

*M. de Toledo Piza
Da Academia Niteroiense
de Letras*

★

Passa, nessas paginas, iluminadas pelo amor ao Cristo e aos homens, um sopro lirico de legenda e uma rajada heróica de epopéia. É uma successão de quadros admiraveis, o livro...

Frei Jacinto, escrevendo esta crônica sobre um episodio das missões capuchinhas entre nós, não só concorreu para elevar o nome e a glória da sua grande Ordem, como para revelar-nos um escritor de subidas qualidades literarias e nobilissimos intuitos. Si a História do Brasil fosse escrita, assim, com êsse cuidado de forma e êsse critério de documentação teriamos uma série de livros que facilitaria o estudo da verdadeira vida do nosso povo através dos seculos.

Do saudoso Poeta Durval de Moraes

★

.... Os fundadores de Itambacuri tiveram seu historiador, agil, claro, empolgante, entusiasta, documentado, tranquilo.

NÃO SAIREMOS MAIS DAQUI! disse Frei Serafim de Gorizia, olhando o vale do Itambacuri. E nunca mais sairá... da Historia do Brasil.

Luiz da Camara Cascudo

~~FAC. N. FILOSOFIA - BIBLIOTECA~~

FAC. EDUCAÇÃO - BIBLIOTECA

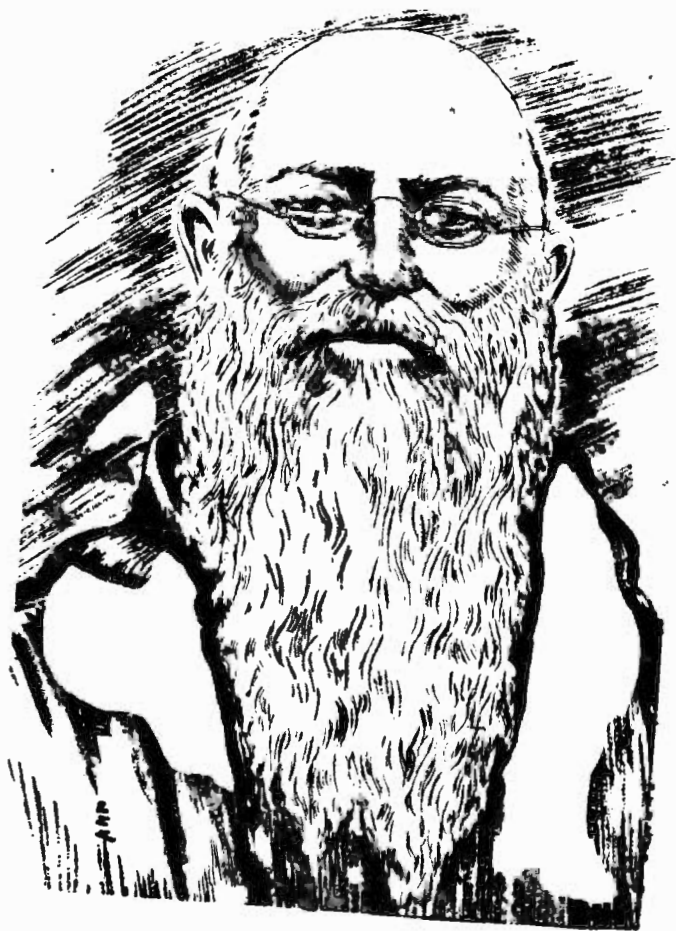
★

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS DA EMPRESA GRAFICA DA
"REVISTA DOS TRIBUNAIS" LTDA., A RUA
CONDE DE SARZEDAS, 38, SÃO PAULO,

PARA A
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO
EM 1954.

★

FAC. EDUCAÇÃO - BIBLIOTECA



*FREI SERAFIM DE GORIZIA,
o fundador de Ilambocuri.*



FLORENTINO
BARBASTEFANO

P. FREI ANGELO DE SASSOFERRATO



P. FREI GASPAR DE MODICA



Frei Serafim rodeado pelos primeiros missionários coadjutores e pelos pequenos índios, por ocasião da visita do Superior provincial, P. Frei José de Castrogiovanni



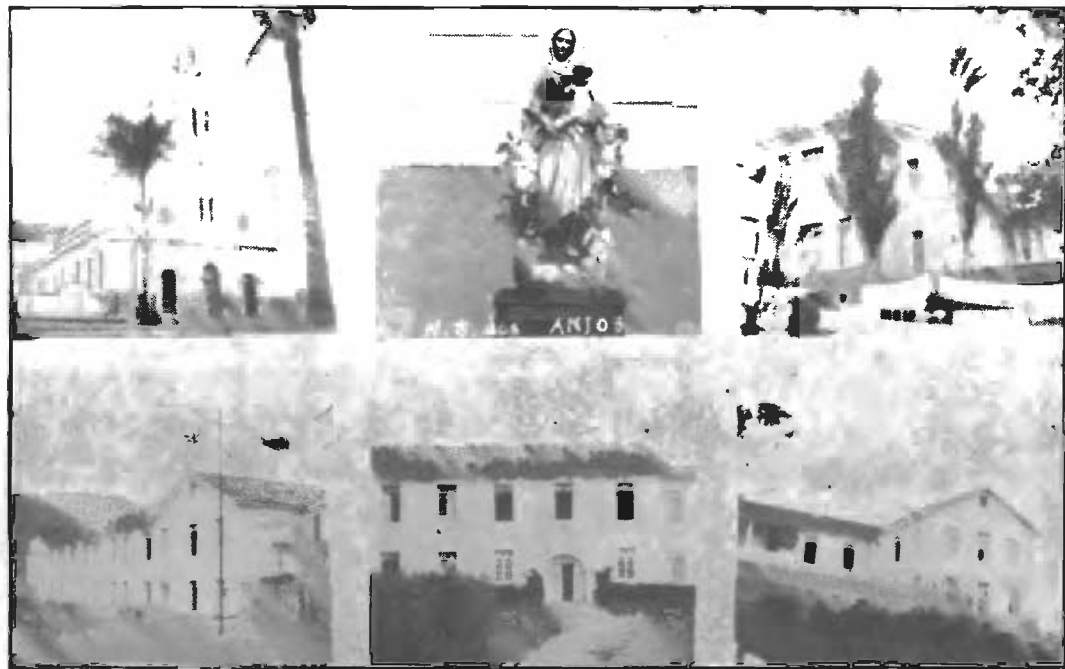
Os fundadores de Itambacuri e os primeiros auxiliares, por ocasião da visita canônica do Revo. Frei José de Castrogiovanni superior regular em 1911.



Antiga casa dos missionários construída pelos fundadores



Santuário de N. S. dos Anjos em Itambacuri

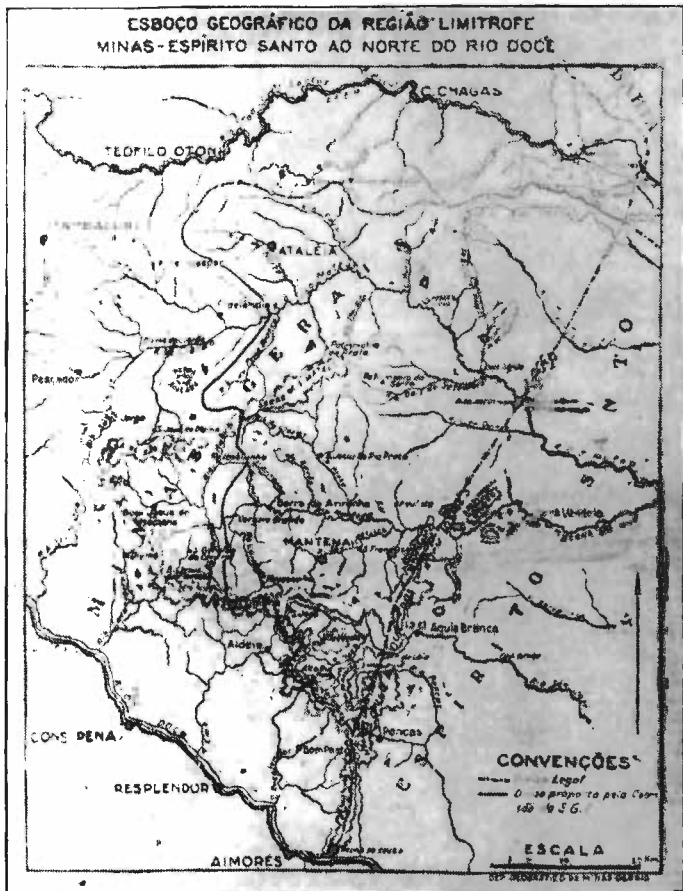


Vista do santuário e aspectos do Convento. Ao centro a artística imagem de N. S. dos Anjos padroeira de Itambacuri.



Sacerdotes presentes à festa de N. S. dos Anjos em 1920, vendo-se ao centro, Frei Angelo, um dos fundadores.

ESBOÇO GEOGRÁFICO DA REGIÃO LÍMITE DE
MINAS-ESPIRITO SANTO AO NORTE DO RIO DOCE



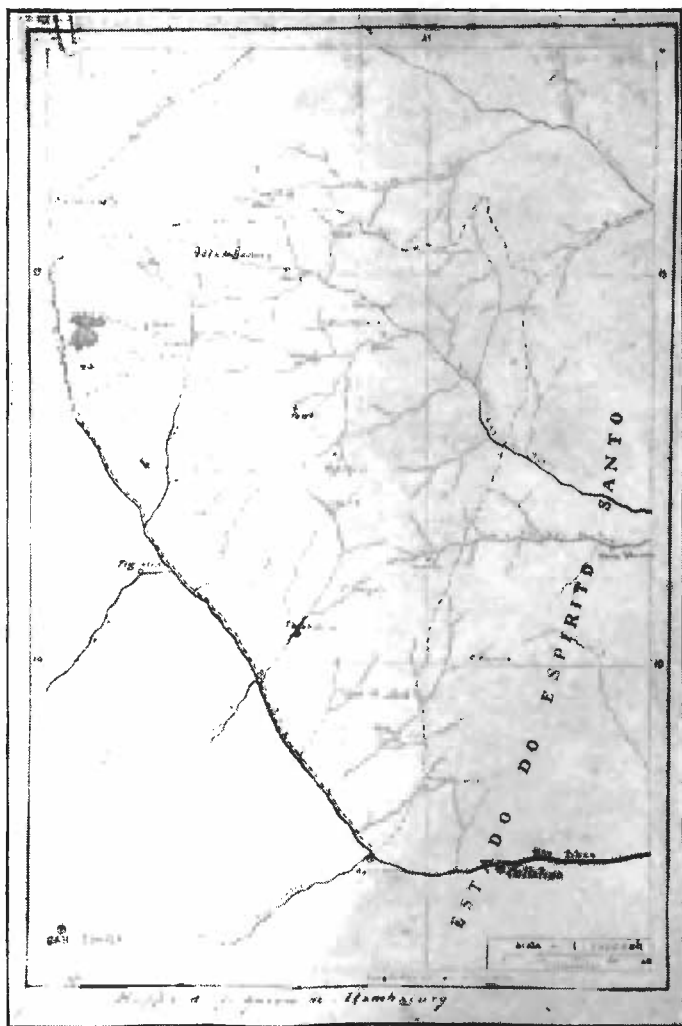
Confidencial

1874
Ex. mo S. A. Frei Serafim de Almeida,
Superior do Arcebispado de São Paulo,
Rio de Janeiro.

Ataio que nunca se ho me ate-
refado depois que os indios, engra-
didos de que se foram a 24 de Maio
de 1873, regressaram das florestas,
mas em seu retorno a seu for-
ramenta, recorrendo assim a tenta-
ta e recitiles no anno corrente.

Revelo aqui a opiniao que os
soube individuos, os quaes tem sido
até hoje os nossos inimigos e os
barras, foras e os tambem os inica-
dos e instigadores occultos da revol-
ta indigena; proim Beor novo m-
pau, com o nome de Antonio dos Sijos
e o Patricio de Francisco, a quem
estes habitantes de Sta. Jo.

O começo da carta autografada, na qual Frei Serafim comunica ao Superior os nomes dos instigadores da revolta dos indios.



Mapa da Paróquia de N. S. dos Anjos, de Itambacuri, compilado pelo Revmo. P. Frei Gaspar de Módica.



Itambacuri — no topo da colina assenta o santuário de N. S. dos Anjos e o Convento dos Padres Capuchinhos. Essa colina foi o centro dos acontecimentos que desde sua fundação, até hoje, formam a história de Itambacuri.



Na festa comemorativa do VII centenário de São Francisco, presidida pelo Exmo. Bis. Diocesano, Dom Serafim Gomes Jardim.



DR. ANTONIO FIRMATO DE ALMEIDA



*DR. VIDAL SALVINO OTONI,
Prefeito de Itambacuri.*



*P. FREI VICENTE DE LICODIA,
primeiro vigário de Itambacuri*



*P. FREI INOCENCIO DE COMISO,
desbravador das matas do Rio Doce.*



*JOSÉ FERNANDES FILHO,
chefe político em Maracá*



*JOSÉ ROMERO DUQUE,
atual Prefeito de Mantena*



*CARLOS MARTINS DE FREITAS,
Prefeito de Ataléia.*



*DR. PEDRO JOSÉ VERSIANI.
Em minucioso relatório apresentado ao Governo, após
sua visita "in loco", desmascaram os inimigos de
Itambacuri e os caluniadores dos missionários.*